

418
R672r
2004

FÁTIMA CRISTINA PESSOA ROCHA

LEI DO DIREITO AUTOR T
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

**AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NOS DOMÍNIOS DO CONTAR E FAZER
CONTAR AS NARRATIVAS POPULARES DA AMAZÔNIA PARAENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de
Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso
Orientadora: Profa. Dra. Maria Sueli de Oliveira Pires

Inv. 06

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



180660406

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2004**

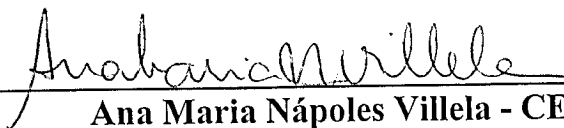
LIVRO DE CONSULTA
NÃO PODE SER EMPRESTADO

**Tese aprovada em 15/07/2004 pela Banca Examinadora constituída
pelos Professores Doutores:**

LEI DE DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/96.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



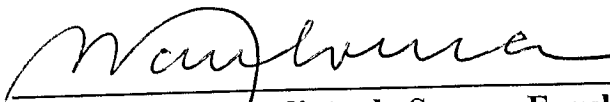
Maria Sueli de Oliveira Pires - UFMG
Orientadora



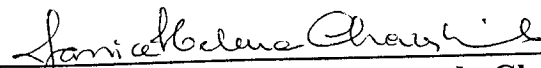
Ana Maria Nápoles Villela - CEFET/MG



Izabel Cristina Rodrigues Soares - UFPA



Wander Emediato de Souza - Faculdade Pitágoras



Janice Helena Silva de Resende Chaves Marinho - UFMG

LIVRO DE CONSULTA
NÃO PODE SER EMPRESTADO

LEIDO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

Para Beatriz

AGRADECIMENTOS

Para a realização desta pesquisa pude contar com a ajuda de familiares, amigos e colegas de trabalho, aos quais tenho muito a agradecer. A todos, o meu carinho!

Agradeço, em especial, à Profa. Dra. Sueli Pires. Em primeiro lugar, pela confiança no potencial do projeto de tese quando ainda era apenas uma proposta incipiente. Depois, pela orientação segura, coerente e estimulante com que conduziu as etapas do trabalho. Por fim, pela atenção dispensada no momento em que me encontrei longe de casa, envolta em inúmeras dificuldades.

À Profa. Dra. Socorro Simões, pelos sonhos que consegue transformar em realidade - o Projeto IFNOPAP - e aos pesquisadores e informantes do projeto, cujas vozes constituíram matéria principal desta pesquisa.

Ao Centro de Letras e Artes da UFPA, em especial ao Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas, pela concessão do tempo necessário à elaboração da tese.

Aos Professores Doutores Fábio Alves, Vera Menezes, Laura Miccoli, Maria da Graça Costa Val, Heliana Mello, que também apostaram no Programa de Doutorado Interinstitucional UFPA - UFMG e que estiveram em Belém, contribuindo para a sua realização.

Aos Professores Doutores Robert de Beaugrand e Marcel Burger, com quem tive a oportunidade de aprender mais.

Aos Professores Doutores Eddy Roulet e Laurent Filliettaz, que suscitaram reflexões e indicaram caminhos a percorrer.

Aos membros da Banca do Exame de Qualificação, Profa. Dra. Janice Marinho e Prof. Dr. Wander Emediato, pela leitura atenta e criteriosa e pelas valiosas sugestões para a finalização da pesquisa.

À Profa. Dra. Izabel Soares, pela disponibilidade em me ajudar nas traduções, na compreensão do modelo de análise modular e no entendimento das histórias fantásticas da Amazônia paraense.

À Zanja, ao Oiliam, à Giza, à Kênia, ao Rosalvo, amigos que fiz na Universidade Federal de Minas Gerais.

Ao Luís, à Girlene, à Iara, ao Norberto, à Heloísa, e tantos outros amigos que fiz na cidade de Belo Horizonte.

Ao Edmundo, ao Giba, ao Cláudio, amigos de Moçambique, que muito me incentivaram.

À Profa. Ms^a. Ana Lygia Cunha, que me socorreu nas dificuldades ao carregar consigo, de volta para Belém, o que tenho de mais precioso.

À amiga Geralda, que me acompanhou para tão longe de casa e deu o apoio necessário para que eu pudesse dedicar meu tempo à elaboração da tese.

À amiga Profa. Leila Sodré, pelo incentivo de sempre e pela cuidadosa revisão do trabalho a que se dedicou na reta final de minha trajetória.

À Profa. Ms^a. Gilda Chaves, pela ajuda fundamental na preparação de minha viagem a Belo Horizonte e pela ajuda nas traduções dos textos em inglês.

À minha mãe, ao meu pai, à minha avó, aos meus irmãos e cada um dos amigos que ficaram na torcida.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

RÉSUMÉ

ABSTRACT

Introdução..... 14

Capítulo I Definições teórico-metodológicas: o objeto de pesquisa, o referencial teórico, o percurso e o *corpus* de análise.....20

1.1 A definição do objeto de pesquisa: as relações interpessoais.....20

1.2 O referencial teórico: o modelo de análise modular do discurso.....25

1.3 O percurso de análise.....33

1.4 O *corpus*: representações do imaginário amazônico.....38

1.4.1 A identificação dos dados.....39

1.4.2 A seleção dos dados.....41

1.4.3 A transcrição dos dados.....42

1.4.4 A apresentação dos dados.....48

Capítulo II A complexidade das relações interpessoais.....50

2.1 As relações de face.....53

2.2 As relações de lugar.....58

Capítulo III Inter-ação: condições materiais e acionais do encontro social.....64

3.1 As situações de interação efetivas.....68

3.1.1 O quadro unificado.....73

3.1.2 A estrutura de encaixes.....82

3.2. As situações de interação representadas.....86

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

Capítulo IV A forma de organização operacional: ação e textualização.....99

4.1 Percurso 1: da entrevista à narração.....103

4.2 Percurso 2: a narração.....130

4.2.1 Os marcadores discursivos orientados para o ouvinte.....136

4.2.2 As marcas de escuta.....138

4.2.3 As digressões.....140

4.2.4 A forma de organização enunciativa.....142

4.3 Percurso 3: da narração à entrevista.....152

4.4 Conclusões parciais.....156

Capítulo V As entidades tópicas e a formação de redes conceituais.....160

5.1 As entidades tópicas.....162

5.2 As redes conceituais.....166

5.3. Os universos referenciais: confrontos e reconhecimentos.....175

5.4 Considerações parciais.....190

Considerações finais.....192

As relações interpessoais: relações de face e de lugar.....194

Referências bibliográficas.....205

Bibliografia complementar.....209

Anexos

LISTA DE FIGURAS

(i) Quadro de apresentação das dimensões, dos módulos e das formas de organização que compõem a versão atual de modelo de análise modular do discurso.....30

(ii) Quadro de apresentação geral de um projeto de pragmática psicossocial.....32

(iii) Quadro de composição do *corpus* de análise.....48

(iv) Quadro Interacional I: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....69

(v) Quadro Interacional II: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....74

(vi) Quadro Interacional III: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....75

(vii) Quadro Interacional IV: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....79

(viii) Quadro Interacional V: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....82

(ix) Quadro Interacional VI: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....83

(x) Quadro Interacional VII: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....88

(xi) Quadro Interacional VIII: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....91

(xii) Quadro Interacional IX: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....92

(xiii) Quadro Interacional X: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....94

(xiv) Quadro Interacional XI: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....97

(xv) Representação do processo de negociação dialógica.....101

(xvi) Representação praxeológica da atividade de entrevista.....104

(xvii) Estrutura Operacional I: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....107

(xviii) Estrutura Operacional II: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....111

(xix) Recorte da Estrutura Operacional II: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....114

(xx) Representação praxeológica do discurso narrativo.....115

(xxi) Estrutura Operacional III: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....116

(xxii) Recorte da Estrutura Operacional III: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....121

(xxiii) Estrutura Operacional IV: entrevista E03CZter231093 (anexo VII).....123

(xxiv) Estrutura Hierárquica I: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....132

(xxv) Quadro Interacional XII: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....134

(xxvi) Macroestrutura Hierárquica I: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	134
(xxvii) Estrutura praxeológica do discurso narrativo I: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	135
(xxviii) Macroestrutura Hierárquica II: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	135
(xxix) Recorte da Estrutura Hierárquica I: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	141
(xxx) Quadro Interacional XIII: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	144
(xxxi) Estrutura Hierárquica II: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	145
(xxxii) Quadro Interacional XIV: entrevista CL09Czsou180694 (anexo IV).....	148
(xxxiii) Estrutura Hierárquica III: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	154
(xxxiv) Estrutura Hierárquica IV: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	156
(xxxv) Estrutura Conceitual I: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	170
(xxxvi) Estrutura Hierárquica V: entrevista C01CZter110993 (anexo I).....	171
(xxxvii) Estrutura Conceitual II: entrevista C04CZbg131193 (anexo II).....	173
(xxxviii) Estrutura Conceitual III: entrevista CM03CZsb191093 (anexo V).....	179
(xxxix) Estrutura Conceitual IV: entrevista CM03CZsb191093 (anexo V).....	180
(xl) Quadro Interacional XV: entrevista CM03CZsb191093 (anexo V).....	180
(xli) Estrutura Hierárquica VI: entrevista CM03CZsb191093 (anexo V).....	181
(xlii) Estrutura Hierárquica VII: entrevista KK06 CL230397 (anexo X).....	187
(xliii) Estrutura Hierárquica VIII: entrevista KK06 CL230397 (anexo X).....	188
(xliv) Estrutura Hierárquica IX: entrevista KK06 CL230397 (anexo X).....	189

RESUMO

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar o modo como, na interação entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP – O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense -, os sujeitos constituem, negociam, ratificam e transformam as relações interpessoais estabelecidas durante o encontro social. A relevância dessas análises justifica-se pelo fato de os sujeitos, nas entrevistas que constituem o *corpus* da pesquisa, pertencerem a domínios de conhecimento distintos que se confrontam na interação – o universo científico e o universo da tradição oral. Essas diferenças acentuam a atenção dos interlocutores para o processo de construção e de reconhecimento das imagens pessoais e determinam a disposição dos lugares ocupados pelos sujeitos na condução da dinâmica interacional. As análises dos dados buscam comprovar que essa disposição dos lugares é objeto de negociação constante, pois os papéis assumidos pelos sujeitos e, conseqüentemente, os lugares por eles ocupados alteram-se durante a interação, e que esse processo de negociação está relacionado às condições materiais e acionais do encontro, bem como à co-construção das redes conceituais elaboradas em torno do discurso sobre a tradição lendária da região amazônica.

RÉSUMÉ

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

Ce travail a comme objectif général de décrire et d'analyser la manière dont, dans l'interaction entre chercheurs et informateurs participant du projet de recherche "O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense" - IFNOPAP - (L'imaginaire dans les récits oraux populaires de l'Amazonie 'paraense'), les sujets constituent, négocient, attestent et transforment les rapports interpersonnels entretenus au cours des interviews qui composent le corpus de cette recherche. Ces sujets appartiennent à des domaines de connaissance différents - l'univers scientifique et l'univers de la tradition orale - et c'est justement la confrontation de ces deux mondes, au moment de l'interaction, ce qui justifie l'intérêt et la pertinence des analyses ici proposées. Ces différences entraînent les interlocuteurs à porter une attention toute particulière au processus de construction et de reconnaissance des images personnelles, tout en déterminant la disposition des places occupées par les sujets dans la gestion de la dynamique sociale. Les descriptions et les analyses réalisées nous conduisent à démontrer que la disposition des places fait l'objet d'une négociation permanente entre les interlocuteurs, puisque les rôles assumés et les places occupées se succèdent en alternance pendant l'interaction et le processus de négociation se rapporte tant aux conditions matérielles et actionnelles de la rencontre quant à la co-construction des réseaux conceptuels élaborés sur le discours de la tradition légendaire de la région amazonienne.

ABSTRACT

LEIDO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

The main purpose of this work is to describe and analyse the way researchers and informants of the Research Project “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” – IFNOPAP, during interaction, establish, negotiate, ratify and change the interpersonal relations in the interviews that form the corpus of the research. The relevance of the studies is justified by the fact that those subjects belong to different domains of knowledge that are clearly opponent in the interactive process – the scientific universe and the universe of the oral tradition. These differences are responsible for a higher level of attention the interactants give to the process of construction and recognition of their personal images and establish the places they take in the management of the dynamic interaction. The data analysis tries to prove that the places occupied during the interaction by the researchers and the interactants of the IFNOPAP project depend on permanent negotiation among the subjects due to the alternation of roles and places they occupy in the interaction, and that this process of negotiation is related to the material and accional conditions of the meeting, as well as the co-construction of the conceptual nets elaborated about the discourse of the legendary tradition of the Amazon Region.

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

“A palavra contém uma idéia e uma emoção. Por isso não há prosa, nem a mais rigidamente científica, que não ressuma qualquer suco emotivo. Por isso não há exclamação, nem a mais abstratamente emotiva, que não implique, ao menos, o esboço de uma idéia.”

(Ricardo Reis)

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para a realização desta tese foi a apreciação do *corpus* do Projeto Integrado “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” – IFNOPAP, desenvolvido no Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará, cujo objetivo geral é registrar, confrontar e recuperar as narrativas orais populares da Amazônia paraense. O Projeto IFNOPAP possui, atualmente, um acervo de aproximadamente cinco mil narrativas, coletadas nas diversas regiões do Estado do Pará e registradas em fitas cassetes. É um material significativo para a observação do funcionamento discursivo e da composição do imaginário de parte da comunidade amazônica.

O acervo constitui-se de entrevistas feitas por pesquisadores da Universidade Federal do Pará com o objetivo de levar informantes, de diferentes faixas etárias, a narrar episódios relativos ao imaginário da região. Essas entrevistas seguem diferentes roteiros, apresentam extensão variada e organizam-se em torno dos mais diversos tópicos discursivos, o que constitui a sua riqueza enquanto *corpus* de análise para as áreas da lingüística e da literatura e para as demais áreas do conhecimento que se ocupam da linguagem em suas diferentes dimensões.

Esse material já permitiu que se observasse a prática da linguagem na região amazônica sob os mais diversos aspectos, por meio de trabalhos produzidos pelos pesquisadores responsáveis por subprojetos ligados ao IFNOPAP, tais como “O vocabulário popular da Amazônia paraense”, “Os marcadores discursivos nas narrativas orais populares”, “A variação e a mudança lingüística no Estado do Pará: descrição, análise e modelização numérica”, “As funções pragmáticas extrafrase e intrafrase em narrativas orais do amazônida paraense” e “Oficina de recepção e produção de textos: do oral ao escrito”.

Adotando esse material como *corpus* de análise, o objetivo principal do projeto de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais era identificar, descrever e analisar, nas entrevistas do Projeto IFNOPAP para a composição do seu acervo, os movimentos de co-construção do discurso que sinalizam a dinâmica interacional atuante

na condução do encontro social e, ao mesmo tempo, o modo como são negociadas as relações interpessoais entre sujeitos que atuam em domínios de conhecimento distintos.

Mesmo em busca de uma sincronia interacional, conceito que Kerbrat-Orecchioni (1992) mobiliza para se referir aos ajustes efetuados no decorrer da interação de modo a garantir entre os participantes uma relação equilibrada que permita a condução do encontro social, as diferenças relativas aos domínios referenciais a que pertencem esses sujeitos podem implicar conflitos no processo de co-produção discursiva que precisam ser gerenciados de forma a garantir a continuidade da interação e o alcance do objetivo maior proposto pelo Projeto IFNOPAP: recuperar e valorizar as narrativas orais populares do imaginário da Amazônia paraense.

Toda interação implica a construção de identidades e o estabelecimento de relações interpessoais reveladores do perfil dos sujeitos que interagem. A gestão dessas relações intersubjetivas é objeto de negociação constante durante a interação e exige dos interlocutores permanente atenção quanto ao reconhecimento e ratificação dos papéis que são assumidos e atribuídos, de modo complementar, aos demais participantes do encontro. As identidades definidas *a priori*, como, por exemplo, a relação complementar entrevistador/entrevistado que se estabelece entre os sujeitos no *corpus* sob análise, mobilizam um conhecimento sociohistórico, de caráter prototípico, organizado a partir da experiência interacional dos indivíduos. Esses papéis determinam as expectativas em relação às atitudes que os sujeitos deverão adotar na interação e legitimam sua participação em um encontro social determinado. No entanto, é somente a partir de um processo de negociação, instaurado com a primeira troca verbal entre os interlocutores, que são atualizadas e, portanto, confirmadas ou modificadas, as expectativas dos sujeitos em relação à situação interacional, em relação aos seus interlocutores e em relação a si mesmos. Desse modo, o processo de construção de identidades é considerado um jogo de equilíbrio instável entre posições previamente definidas e posições negociadas no momento mesmo da interação.

O objetivo maior a que se propõe o pesquisador que atua no trabalho de coleta de narrativas para a composição do acervo do Projeto Integrado IFNOPAP é registrar as narrativas orais populares que compõem o imaginário do amazônida paraense. As histórias que fazem parte da memória daqueles que vivem na região amazônica são

reproduzidas em sessões de “contação de histórias”, ainda resistentes no cotidiano de crianças, jovens e adultos, rivalizando com outras formas de entretenimento cada vez mais acessíveis. Mas as condições de interação em que essas histórias são reproduzidas e registradas para a composição do acervo do IFNOPAP não são equivalentes às situações cotidianas em que os informantes, costumeiramente, reproduzem esse saber.

Em primeiro lugar, as histórias narradas pelos moradores das diversas regiões do Estado não são apresentadas para o auditório habitual. As sessões de história que fazem parte da rotina desses moradores reúnem parentes, vizinhos ou conhecidos que pertencem ao mesmo universo de conhecimento dos contadores. As histórias são contadas para divertir, ensinar, demonstrar coragem, aterrorizar. Nas situações de interação que compõem o *corpus* deste estudo, os contadores interagem com sujeitos que reconhecidamente pertencem a outro domínio de conhecimento. O pesquisador é o representante de um saber institucional, cujo valor destaca-se em relação à experiência de vida acumulada pelos informantes. Essa diferença estabelece uma relação essencialmente assimétrica e polêmica entre os interlocutores, em que se confrontam pontos de vista distintos sobre o modo de compreender os acontecimentos narrados.

Em segundo lugar, o modo de consumo das narrativas também é diferente do usual. Em sessões de história rotineiras, as narrativas são apresentadas pelos contadores e guardadas na memória daqueles que estão atentos a ouvi-las. Em outros momentos, essas histórias, reproduzidas pelo mesmo contador ou pelos seus ouvintes, que então assumem o papel de contador diante de outros auditórios, são organizadas de modo a manter a estrutura narrativa fundamental, mas ganham contornos diversificados a depender, entre outros motivos, da *performance* do contador ou das reações do novo auditório, o que confirma o dito popular que diz: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. No trabalho de coleta de narrativas do Projeto IFNOPAP, as histórias apresentadas pelos informantes são gravadas em fitas cassetes para tratamento posterior nas análises dos pesquisadores. Tudo o que é dito é registrado, o que implica um comprometimento maior do sujeito em relação ao que diz.

Todas essas mudanças acentuam a atenção dos sujeitos voltada às imagens pessoais co-construídas na interação e confirmam que a organização discursiva é fortemente determinada pela influência que os sujeitos exercem uns sobre os outros:

Considerar, assim, o discurso como um espaço de interação talvez seja proporcionar-se, a longo prazo, o meio de abordar, de um modo que não seja meramente intuitivo, a análise das condições de existência e de exercício de *poder* no que elas têm de socialmente mais evanescente e, sem dúvida, ao mesmo tempo, de mais profundo, é tocar na formação e nas flutuações do vínculo social e político vivido. (LANDOWSKI, 1989 (1992), p. 10-11)¹.

Para sustentar uma visão processual sobre os fenômenos discursivos que são objeto de análise nesta pesquisa, adota-se um quadro teórico que recupera a complexidade e o caráter heterogêneo da atividade discursiva, ao postular que a organização do discurso corresponde à articulação de dimensões **lingüísticas, textuais e situacionais**², em um processo recursivo e heterárquico, tal qual apresentado por Roulet, Filliettaz e Grobet (2001). O modelo de análise modular do discurso desenvolvido pela escola de Genebra permite compor um quadro descritivo e explicativo acerca da constituição do discurso sobre o imaginário amazônico, em um duplo movimento que pretende considerar a complexidade dos discursos emergentes, assim como os princípios gerais sobre as possíveis formas de organização e funcionamento discursivos³.

O conjunto desta pesquisa encontra-se organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, são apresentados o problema de pesquisa, as orientações teórico-metodológicas assumidas e a composição do *corpus* de análise.

No segundo capítulo, são apresentadas as definições das categorias analíticas de **face e lugar** que compõem a **forma de organização estratégica**. A descrição e a análise dessa forma de organização é o ponto de chegada do percurso de análise definido para a realização da pesquisa, pois conjugam os resultados da descrição e da

¹ A notação aqui adotada indica que a primeira data corresponde ao ano da publicação da obra e a segunda data, entre parênteses, refere-se à edição consultada para a realização da pesquisa.

² No corpo da tese, serão destacados em negrito os termos que compõem as categorias analíticas do modelo de análise modular do discurso.

³ “Pour nous, la pierre de touche d’un modèle de l’organisation du discours réside dans la combinaison d’une capacité descriptive (prenant en compte la complexité des discours observés) et d’une capacité explicative (liée à la formulation de contraintes, comme, par exemple, les règles qui déterminent les structures hiérarchiques possibles). D’où le mouvement dialectique constant, depuis le début de nos recherches sur ce thème, en 1979, entre l’analyse de dialogues et de textes authentiques et la formulation d’hypothèses aussi contraintes que possible sur l’organisation du discours.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 41)

análise dos demais módulos e formas de organização que compõem o modelo de análise modular do discurso. Todavia, as definições das categorias analíticas próprias à **forma de organização estratégica** são apresentadas antecipadamente para assinalar, a cada etapa do percurso de análise, as relações que os dados obtidos estabelecem com o processo de co-construção e gerenciamento das relações intersubjetivas.

O terceiro capítulo é o ponto de partida para o tratamento do *corpus*. A descrição e a análise do **módulo interacional** revelam as condições materiais da interação, relativas às situações de interação efetivas e às situações de interação representadas no discurso. A reunião desses dados conduz à composição do **quadro interacional** que caracteriza o encontro entre pesquisadores e informantes. Na composição do **quadro interacional** são acrescentados também os dados de análise relativos ao **módulo referencial**, correspondentes às identidades que os interlocutores assumem na condução das atividades que se realizam no decurso da interação. A inter-relação entre esses dados referentes a módulos distintos permite compreender o processo de co-construção das identidades como a conjunção de esforços determinados pelas condições materiais e acionais do encontro.

O quarto capítulo ocupa-se da inter-relação entre os módulos **referencial** e **hierárquico**, associando as informações procedentes da descrição e da análise das **estruturas praxeológicas** às informações procedentes da descrição e da análise das **estruturas hierárquicas** para compor, enfim, as **estruturas operacionais** características das interações sob análise. As **estruturas operacionais** revelam a negociação dialógica em que os interlocutores estão envolvidos, durante a interação, para coordenar suas ações conjuntas.

O quinto capítulo ocupa-se do modo como os sujeitos introduzem os **tópicos** relativos à tradição lendária da região e gerenciam o confronto entre os pontos de vista distintos na condução do encontro. Os sujeitos que interagem pertencem a domínios referenciais distintos, que aqui denominarei de universo científico de produção do conhecimento, para o pesquisador, e universo da tradição oral de produção do conhecimento, para o informante. O distanciamento entre esses dois universos referenciais implica a negociação cuidadosa na introdução e no tratamento dos **tópicos** que compõem as redes conceituais da organização discursiva. Nesse capítulo, são

apresentadas a descrição e a análise da **forma de organização tópica**, que reúne informações procedentes do **módulo referencial**, agora relativas às **estruturas conceituais**, e informações procedentes do **módulo hierárquico**.

As considerações finais reúnem as informações obtidas com a **descrição e a análise dos módulos e formas de organização discursivas** tratados nos capítulos anteriores para compor o perfil do processo de valorização e preservação das faces e da disposição dos **lugares** ocupados pelos interlocutores durante a condução da dinâmica interacional. Os dados de análise reunidos revelam as posições dominantes e subordinadas que os sujeitos podem ocupar na gestão pontual e na gestão global da dinâmica interacional.

Os movimentos discursivos, na interação entre sujeitos que pertencem a domínios de conhecimento distintos, revelam o modo como o imaginário amazônico é apresentado por sujeitos que o constroem e recebido por sujeitos que o pretendem reconstruir em um novo formato. O Projeto Integrado IFNOPAP, por meio de publicações editoriais e CD-ROM, empenha-se na tarefa de divulgar as narrativas coletadas e os subprojetos ligados a ele empenham-se na tarefa de afirmar a relevância desse *corpus* para a preservação da memória de uma comunidade. Desse modo, compreender as condições de produção do discurso por meio do qual os sujeitos reconstroem esse universo também faz parte do processo de preservação desse conhecimento.

I. DEFINIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS: O OBJETO DE PESQUISA, O REFERENCIAL TEÓRICO, O PERCURSO E O *CORPUS* DE ANÁLISE.

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação de enunciação e por seu auditório. (BAKHTIN, 1929)

Situar a linguagem em uso como objeto de estudo nos domínios da Linguística significa legitimar o acréscimo da perspectiva discursiva à abordagem das regularidades na organização interna do sistema linguístico. Essa expansão implicou o deslocamento de uma abordagem descontextualizada dos fenômenos de linguagem para uma abordagem concreta, situada na prática social. No âmbito dessa perspectiva discursiva, inscreve-se esta pesquisa, cujo objeto são os modos como são construídas e gerenciadas as relações interpessoais entre os sujeitos envolvidos no trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP, desenvolvido pelo Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Pará.

A sistematização deste estudo parte da apresentação geral da pesquisa, delimitando, neste capítulo, o objeto de análise e as primeiras hipóteses referentes à organização e ao funcionamento discursivos das interações que compõem o *corpus*. O primeiro capítulo é também lugar da apresentação do referencial teórico e do percurso de análise adotados para o tratamento dos dados e do conjunto das transcrições que compõe o *corpus* da pesquisa.

1.1 A definição do objeto de pesquisa: as relações interpessoais

Toda troca verbal insere-se em um contexto mais amplo de ação social que integra dois ou mais sujeitos agindo conjuntamente em torno de um alvo comum. Na condução coordenada de seus atos, os sujeitos precisam estar investidos de identidades específicas que os tornem aptos a realizar satisfatoriamente suas respectivas ações. Partindo dessas premissas, no desenvolvimento deste estudo, interessa descrever e analisar o processo de construção, negociação e reconhecimento das identidades dos

sujeitos envolvidos no trabalho de coleta das narrativas orais populares da Amazônia paraense.

As primeiras leituras que contribuíram para a definição do objeto de pesquisa e para a construção de um esboço teórico necessário à compreensão inicial do problema já apontam para a complexidade do processo de co-construção de identidades.

O processo interacional, consoante Labov e Fanshel (1977), é concebido como ação que afeta as relações entre os sujeitos¹, ação que implica a construção, a manutenção e a transformação das relações sociais. Quando os sujeitos interagem, diz-se que um fala a partir de determinada posição social enquanto convoca o outro a assumir uma posição simétrica ou complementar em relação à primeira. Esse posicionamento recíproco é bastante complexo, haja vista que envolve não só a variedade de estratégias acionadas para permitir a condução da interação, as condutas coordenadas dos sujeitos e o gerenciamento dos conflitos, mas também a complexidade do próprio sujeito, uma vez que este não constitui a origem única de seu dizer.

No complexo processo de atribuição e reconhecimento de papéis sociais no decurso da interação, circula o que Vion (1992) chama de papéis institucionalizados e papéis ocasionais, que correspondem à tensão entre ações exteriores e ações interiores ao processo discursivo. Se a organização inicial de um encontro social prevê uma determinada relação entre os sujeitos em virtude do tipo de interação em que se engajam, como, por exemplo, a relação complementar médico/paciente em um consultório, essa relação mais externa, reconhecida e já interiorizada, é atualizada na situação particular de interação e confirmada ou transformada pelas próprias ações dos sujeitos. O modo como se atualiza essa relação mais externa mobiliza, no decorrer do encontro, uma série de outros papéis negociados, que faz parte das estratégias dos sujeitos para conduzir a interação.

A articulação entre os diferentes papéis sociais que circulam em um determinado encontro é hierárquica, de modo que a relação dominante é aquela que define sua organização global e caracteriza, na terminologia de Vion (1992), o quadro interativo² em que se inserem os interlocutores. As demais relações estabelecidas entre os sujeitos

¹ "We define *interaction* as action which affects (alters or maintains) the relations of the self and others in face-to-face communication." (LABOV; FANSHEL, 1977: 59)

² "Pour l'instant, il nous suffit de définir le cadre interactif comme la nature du rapport social établi d'entrée, par et dans la situation, rapport qui se maintient jusqu'au terme de l'interaction." (VION, 1992: 110)

são subordinadas à relação mais externa e correspondem a níveis de organização mais locais. É justamente essa tensão entre o global e o local no espaço interativo³ que caracteriza os movimentos discursivos⁴ atuantes na co-construção das identidades dos sujeitos e das relações interpessoais entre eles estabelecidas, sinalizando que nesse espaço a identidade de cada um não é um dado *a priori*, mas é certamente resultado de um processo de negociação, em que a identidade de um precisa ser reconhecida pelo outro para a realização das práticas sociodiscursivas. Nessa condução conjunta, os interlocutores podem adaptar-se aos papéis emergentes ou sublevar-se contra eles.

As transcrições reunidas que compõem o *corpus* desta pesquisa são entrevistas por meio das quais interagem pesquisadores da Universidade Federal do Pará e moradores de diferentes regiões do Estado, com o objetivo de se proceder à coleta de narrativas sobre o imaginário da região para a composição do acervo do Projeto Integrado IFNOPAP. A situação de entrevista é definida por Blanchet (1991), fazendo eco aos postulados de Labov e Fanshel (1977), como uma troca conversacional em que uma pessoa A extrai informações de uma pessoa B, informações que fazem parte da biografia de B⁵. Dessa forma, as entrevistas apresentam-se como encontros sociais direcionados a um fim específico e possuem uma aparência informal próxima à da conversação quando não implicam a existência prévia de um questionário.

As técnicas da entrevista devem permitir ao entrevistador conduzir a interação de forma a favorecer um discurso autêntico e espontâneo do entrevistado. Quando conduzidas de modo informal, a distribuição do domínio do percurso interacional entre os sujeitos é mais aberta à negociação, mesmo que o entrevistador, a princípio, manifeste esse domínio em virtude do seu papel social institucionalizado. A co-construção das identidades, nesse modo informal de conduzir as entrevistas, envolve o *status* social de cada participante, o domínio de um conhecimento especializado etc. Nas entrevistas selecionadas para compor o *corpus* de análise deste estudo, além da relação

³ Na abordagem modular, o termo interativo designa relações específicas entre componentes da **estrutura hierárquica**, definidas na **forma de organização relacional**. No entanto, em algumas passagens deste texto, o termo será utilizado, como fazem vários outros autores, como equivalente do termo interacional.

⁴ A expressão “movimento discursivo” faz referência às **intervenções** e aos respectivos **atos** que as compõem, formulados pelos interlocutores na co-construção das **trocas** durante a interação. Em Roulet (1986), encontra-se a definição da mesma expressão como uma **intervenção** apresentada como autônoma, independente e potencialmente constitutiva de uma **troca** no momento em que é enunciada.

⁵ “Un entretien est en effet une situation complexe, que nous avons définie comme un échange conversationnel dans lequel une personne A extrait une information d’une personne B, information incluse dans la biographie de B.” (BLANCHET, 1991: 19)

complementar entrevistador/entrevistado que caracteriza a situação inicial desse encontro, o processo interacional apresenta-se dinâmico, heterogêneo e complexo, em que se negociam, em diferentes momentos, os lugares dos sujeitos participantes.

A hipótese central que conduz a observação dos dados de análise, de modo a identificar, descrever e explicar a maneira pela qual se estabelece o posicionamento recíproco entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP, é considerar a dinâmica interacional como um “movimento de gangorra”⁶. Nesse movimento, ora as posições ocupadas pelos sujeitos encontram-se em uma relação vertical em que um dos pólos assume lugar dominante, ora, também em uma relação vertical, as posições invertem-se e inverte-se igualmente a relação dominante/dominado, ora os sujeitos negociam a nova disposição da gangorra, em um movimento que se caracteriza pela tendência a uma relação horizontal.

A construção dessa metáfora está estreitamente relacionada às condições de produção do discurso: as atividades que se desenvolvem no decurso da interação em pauta e a sua inter-relação com os domínios referenciais de cada participante do encontro. Para compreender a metáfora, é necessário observar que atividades se realizam durante os encontros sociais e o modo como se dá a passagem de uma atividade a outra. É preciso notar também quais são e como são construídos os objetos de discurso relacionados a essas atividades, bem como que identidades podem ser assumidas e reconhecidas pelos sujeitos participantes durante a condução de cada uma delas.

Para a compreensão dos movimentos interacionais que definem a dinâmica do encontro, somente modelos teóricos que privilegiem uma abordagem processual dos fenômenos de linguagem permitem considerar as constantes negociações entre os sujeitos durante a interação. Segundo Pires (1997), de acordo com a corrente dos conversacionalistas americanos, uma visão processual sobre os fenômenos de linguagem impede que a realidade social que envolve os sujeitos se constitua como um dado objetivo, pronto e acabado, levando-nos a admitir, por outro lado, que essa realidade esteja sendo constantemente construída pelos indivíduos em interação, considerados como atores sociais. A co-construção no processo interacional, segundo Pires, corresponde a três aspectos:

⁶ Brinquedo infantil que em algumas regiões é também conhecido como burrica ou zangaburrinho.

- reciprocidade interpretativa (cada participante demonstra como interpreta as atividades do seu parceiro);
- seqüencialidade nas ações dos participantes;
- negociabilidade dos objetos (abrangendo desde o sentido das palavras até as atividades a serem realizadas durante um encontro social).

A condução desses processos, que objetivam gerenciar os movimentos de intercompreensão, realiza-se por meio de movimentos interacionais que resgatam a experiência sociodiscursiva dos sujeitos em um dado ambiente sócio-histórico-cultural. Essa experiência é capaz de orientá-los nos lances discursivos que estão por vir, sem que determine completamente o desenvolvimento do percurso interacional, já que os movimentos de intercompreensão sempre instauram processos emergentes de negociação em situações de interação específicas. Adotar, portanto, uma dimensão processual na abordagem dos fenômenos de linguagem é sempre considerar a tensão entre o já constituído e o que está por se constituir a cada movimento.

Para o tratamento dos dados, minha opção foi adotar o modelo de análise modular do discurso, desenvolvido por Eddy Roulet e seus colaboradores, Laurent Filliettaz, Anne Grobet, Marcel Burger, entre outros, em virtude de esse modelo se inserir em um quadro cognitivo-interacionista, o qual se propõe a articular os dados esquemáticos e emergentes da interação, considerando que a condução da dinâmica interacional não só mobiliza conhecimentos pertencentes à experiência de cada sujeito participante, mas também, ao mesmo tempo, redefine essa experiência na organização pontual e específica da própria interação. Além disso, o modelo de análise modular do discurso se apresenta como um instrumento heurístico de análise, que busca sistematizar as regularidades da complexa organização dos discursos, ao articular as dimensões **lingüísticas, textuais e situacionais** no processo de descrição e de análise de discursos autênticos.

Nas seções seguintes, antes de se proceder ao cruzamento entre o instrumental teórico de análise e os dados que compõem o *corpus* da pesquisa, faz-se uma apresentação mais precisa do modelo de análise modular do discurso, expõe-se a definição do percurso de análise para o tratamento dos dados, bem como se descreve o conjunto formado pelas transcrições das entrevistas selecionadas para composição do

corpus, de modo que se possam sedimentar as opções teórico-metodológicas que sustentam a pesquisa.

1.2 O referencial teórico: o modelo de análise modular do discurso

O aparato teórico adotado para sustentar a análise das relações entre os sujeitos que se confrontam na interação relativa ao trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP privilegia uma visão processual da ação discursiva. O modelo de análise modular do discurso, ao se inscrever em um quadro cognitivo-interacionista, assume que, mesmo havendo uma ordem sociointeracional anterior ao encontro social, é no momento da interação entre os sujeitos que essa ordem se atualiza e se reorganiza em virtude das particularidades das condições de produção de cada discurso.

Bakhtin (1929(1997)) defende o caráter social, e conseqüentemente interacional, da ação discursiva, ao enfatizar que a tomada de consciência sobre o funcionamento da linguagem não pode estar dissociada do uso da linguagem pelos sujeitos nem da relação com a situação social imediata e o meio social mais amplo que determinam a estrutura da enunciação:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1929 (1997), p. 123)

Adotar a perspectiva interacional como eixo de análise lingüística implica, então, reconhecer que, na construção do discurso, a maneira como o material lingüístico se organiza na superfície do texto revela o modo como os sentidos se constituem no decorrer do processo discursivo, assim como o modo como se definem os sujeitos sociais que aí estão envolvidos. Essa perspectiva considera também o horizonte social de cada um que comporta conflitos, revela as relações de dominação e de resistência, os movimentos de adaptação à hierarquia, os movimentos que se realizam predominantemente pela palavra e inscrevem no discurso as marcas desse processo. Nesse sentido, o horizonte social não é de forma alguma tomado como mero pano de

fundo exercendo influência sobre os movimentos discursivos que veiculam sentidos, mas é concebido também como construção interpretativa realizada pelos sujeitos envolvidos no encontro social.

Para Filliettaz (2000), um modelo de análise do discurso que considere, em seu quadro epistemológico, a relação complexa entre a organização discursiva e a atividade interpretativa de construção dos sentidos e dos contextos situacionais que envolvem os interlocutores deve articular teorias sobre o processo interacional a teorias mais abrangentes sobre as ações conjuntas humanas, de modo que a tarefa de descrever e analisar a complexa organização do discurso possa desenvolver-se a partir de uma concepção mais ampliada sobre os fenômenos de linguagem e assim requerer instrumentais teóricos capazes de associar, aos dados relativos à linguagem, dados relativos aos processos cognitivos e sociais envolvidos nas situações de interação. Desse modo, considera-se que os sujeitos, ao participarem de determinada interação, engajam-se em um processo que conjuga dois momentos interdependentes: um modo de ação e um modo de comunicação. Correlacionar esses dois momentos é condição necessária para se examinar a organização discursiva relacionada às circunstâncias concretas de sua realização⁷.

A inserção dos constructos teóricos sobre os processos interacionais em uma perspectiva mais abrangente sobre a conduta cooperativa das ações humanas se justifica se se considerar que a emergência do pensamento consciente no indivíduo está estreitamente relacionada à prática de atividades, intermediada pela linguagem, no ambiente físico e social imediato que o envolve. A partir de um longo processo de generalização e descontextualização, essa prática possibilita a origem de operações e de categorias cada vez mais abstratas do pensamento formal, relação essa permanente no processo de desenvolvimento humano. É dessa maneira que Bronckart (1997(1999)), no quadro do interacionismo sociodiscursivo, descreve a autonomia do funcionamento psíquico elementar do indivíduo, que se transforma em um psiquismo ativo e auto-reflexivo:

⁷ “Parce que ‘participer à l’interaction’ renvoie à la fois à un mode particulier d’action dans le monde (ex: l’action conjointe) et à un mode spécifique de gestion de la communication (ex: la relation d’allocution), on se trouve confronté à la nécessité méthodologique de développer une double instrumentation pour rendre compte du phénomène dans toute sa complexité.” (FILLIETTAZ, 2000: 117)

Os trabalhos da escola vigotskiana mostram, em primeiro lugar, que as formas iniciais de conhecimento (as manifestações da *inteligência sensório-motora*) são construídas no quadro de atividades sempre inicialmente coletivas e sempre mediadas pelas interações verbais. Esses trabalhos mostram, a seguir, que a transformação dessa inteligência prática em um pensamento consciente é consecutiva à apropriação do valor arbitrário, ativo e discreto dos signos veiculados pelos textos do meio social. Mostram, enfim, que as formas de pensamento ativo assim construídas permanecem longo tempo organizadas em uma lógica *natural* (isto é, em uma lógica ao mesmo tempo acional e discursiva [langagière]), antes de se reorganizarem, por abstração e descontextualização, em operações 'puras' ou lógico-matemáticas. Na ontogênese humana, as atividades e as produções verbais do meio social desempenham, portanto, um papel primeiro, pois são elas que reorientam o desenvolvimento propriamente biológico dos organismos humanos na direção de um pensamento consciente, que é, no início, dependente dos contextos de ação e que depois se separa progressivamente deles. De um ponto de vista genético, as capacidades de representação lógica do mundo, portanto, são um **produto tardio, secundário, ou derivado** das práticas acionais e discursivas [langagières]. (BRONCKART, 1997 (1999), p. 106-107)

Na interseção entre esses três domínios de conhecimento das ciências humanas, o linguístico, o cognitivo e o social, as unidades integradoras das diferentes dimensões que caracterizam as condutas humanas são, segundo Bronckart (1997(1999)), reportando-se a Léontiev (1979), os conceitos de atividade e ação.

O conceito de atividade refere-se a representações esquemáticas socialmente construídas a partir da recuperação e da organização de experiências vividas que envolvem a conduta cooperativa verbal e não-verbal dos sujeitos e às quais eles recorrem para a validação de suas condutas e a de seus interlocutores em diferentes situações de interação.

O conceito de ação refere-se à apropriação individual das representações socialmente construídas e à realização mesma das condutas verbais e não verbais organizadas em uma situação de interação específica. Essas ações confirmam ou modificam as formas de organização social da experiência, em um movimento retroativo. Sempre há, portanto, uma mútua determinação entre as duas dimensões⁸.

⁸ "En effet, la reconnaissance d'un rapport dialectique fondamental entre les prémisses organisationnelles typifiantes et leur évaluation située revient à insister sur les processus émergents de la régulation contextuelle des interactions sociales sans pour autant nier radicalement les ressources schématisques qui les orientent. Ainsi, on peut montrer que la rationalité des conduites intentionnelles n'est réductible ni à une entité cognitive schématisque ou typifiante qui préforme l'agir ni à une signification strictement émergente, mais qu'elle procède simultanément de ce deux ordres de faits." (FILLIETTAZ, 2000: 50)

Construir um modelo analítico inserido em um quadro teórico cuja abordagem dos fenômenos de linguagem alia o componente cognitivo ao componente interacional implica assumir os seguintes princípios⁹:

- recusar uma concepção sobre a comunicação que a reduz a simples transmissão de informação;
- admitir que a função fundamental da linguagem é de ordem comunicativa e que a função referencial é de segunda ordem¹⁰;
- adotar a hipótese segundo a qual toda comunicação é uma interação, ou antes, é uma negociação permanente entre os interlocutores;
- admitir a hipótese de que a concepção de ação, e em particular a ação de linguagem, é primeira em relação à concepção de língua enquanto sistema, e que o sistema lingüístico se desenvolve progressivamente durante as negociações entre os interlocutores de um grupo social;
- adotar uma atitude metodológica descendente, ou seja, considerar que a metodologia sistemática de investigação desses fenômenos parta das unidades mais globais que compõem a organização do discurso às unidades mais pontuais de composição das proposições;
- admitir que as investigações desses fenômenos partam da observação de discursos autênticos;
- admitir que toda língua se apresenta como um sistema de subconjuntos encaixados, flexíveis e permeáveis, que não são eles mesmos senão marcas estruturais abstratas das modalidades de funcionamento do discurso;
- distinguir os aspectos esquemáticos e emergentes da interação.

⁹ Cf. Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001: 27-29.

¹⁰ “Decorre da abordagem desenvolvida que a linguagem humana se apresenta, inicialmente, como uma produção interativa associada às atividades sociais, sendo ela o instrumento pelo qual os interactantes, intencionalmente, emitem pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que essa atividade se desenvolve. A linguagem é, portanto, primariamente, uma característica da atividade social humana, cuja função maior é de ordem comunicativa ou pragmática. É só sob o efeito da confrontação do valor *illocutório* das produções dos interactantes que se estabilizam progressivamente os **signos**, como formas compartilhadas (ou convencionais) de correspondência entre representações sonoras e representações de entidades do mundo. Cada signo veiculando, desse modo, um determinado significado (conjunto de representações particulares compreendidas em um significante coletivo), a linguagem se encontra então dotada de uma outra função, que é da ordem do representativo ou do **declarativo**.” (BRONCKART, 1997(1999): 34-35)

Considerando, pois, os princípios básicos elencados acima, o modelo desenvolvido por Roulet e seus colaboradores é entendido como um conjunto de reflexões e de instrumentos heurísticos facilitadores da descoberta de diferentes módulos e formas de organização discursiva e suas inter-relações, de modo que possa integrar, nesse conjunto, as informações oriundas das dimensões **lingüística** (ligada à organização sintática e lexical das variedades de uma língua), **textual** (ligada à estrutura hierárquica do texto) e **situacional** (ligada ao universo de referência e à situação de interação), envolvidas na organização do discurso.

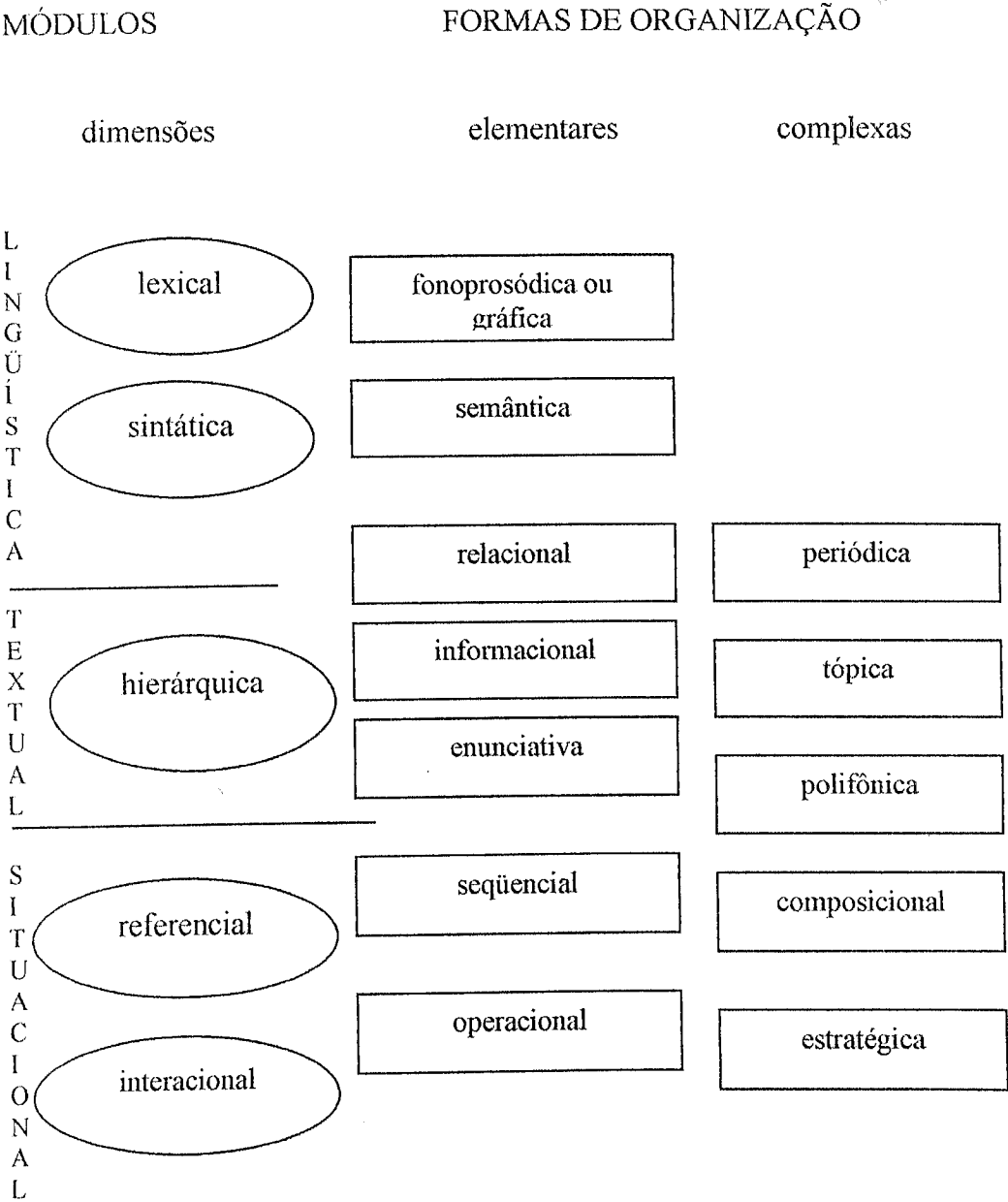
O modelo possui uma capacidade descritiva, que permite considerar a complexidade dos discursos que se propõe a observar, e uma capacidade explicativa, que permite formular regras mais gerais sobre a organização e o funcionamento dos discursos¹¹. O modelo apresenta-se como um percurso metodológico que oferece a vantagem de permitir dissociar e de seriar os problemas a considerar, sem perder de vista seu comportamento global. Adotar um dispositivo de análise modular possibilita defender a hipótese de que um objeto complexo, como o discurso, pode ser decomposto em um certo número de sistemas de informações simples e nocionalmente independentes (adequação descritiva), cuja inter-relação resulta em formas de organização cada vez mais complexas (adequação explicativa). O tratamento modular da organização discursiva implica, então, uma dupla exigência¹²:

- a decomposição da organização complexa do discurso em um número limitado de sistemas ou módulos, reduzidos a informações simples – as dimensões discursivas;
- a descrição mais precisa possível da maneira como essas informações simples podem combinar-se, a fim de recobrir as diferentes formas de organização das produções discursivas analisadas – as formas de organização discursivas.

¹¹ “D’une manière générale, le modèle proposé adopte une position intermédiaire entre une démarche inductive, illustrée en particulier par l’analyse conversationnelle anglo-saxonne, qui tend à privilégier les données empiriques et les catégories ad hoc au dépens de principes généraux, et une démarche déductive, illustrée par la théorie de la pertinence, qui tend à privilégier la formulation de principes généraux à partir de brefs exemples fabriqués au dépens de la description de la complexité des données discursives.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 41)

¹² Cf. Roulet; Pires, 2001: 65

Em um primeiro momento de análise, cada módulo deve fornecer uma descrição exaustiva, coerente, econômica e independente dos outros módulos¹³, para que em um segundo momento as informações decorrentes de cada módulo possam ser articuladas, levando-se em conta a complexidade da organização discursiva. Os diferentes módulos e as formas de organização estão assim dispostos na seguinte representação gráfica¹⁴.



(i) Quadro de apresentação das dimensões, dos módulos e das formas de organização que compõem a versão atual do modelo de análise modular do discurso

¹³ “Avec Nolke, nous postulons que ‘chaque module doit fournir une description du dispositif dont il traite qui soit exhaustive, cohérente, maximale­ment économique et notionnellement indépendante des autres modules’ (1991: 77)” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 31-32)

¹⁴ Cf. Roulet; Filliet­ta­z; Grobet, 2001: 51.

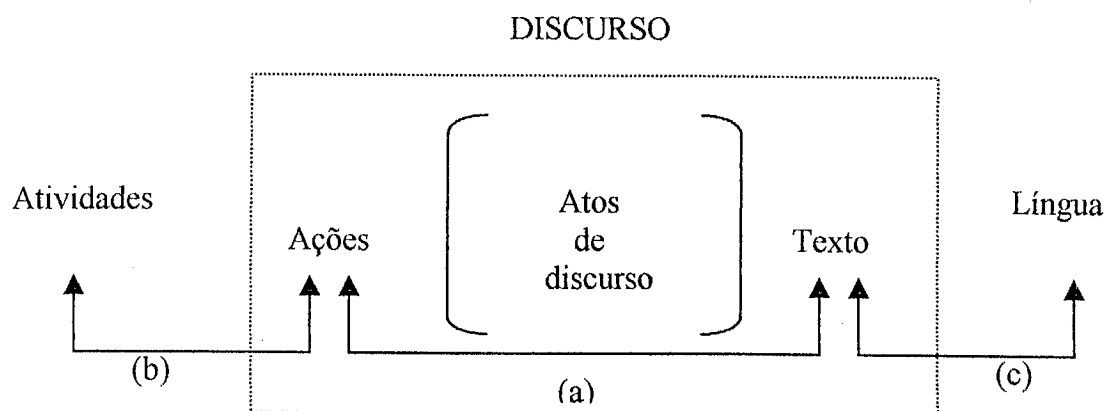
As informações procedentes dos diferentes módulos do discurso articulam-se de modo a compor as formas de organização elementares ou complexas. A arquitetura do modelo é heterárquica, o que autoriza a acoplagem¹⁵ diversa dos diferentes módulos e das diferentes formas de organização. No entanto, é atribuído, no modelo, um valor diferenciado aos módulos **sintático** (estrutura das proposições), **hierárquico** (estrutura das trocas) e **referencial** (estrutura das ações e conceitos), entendidos como estruturas de sustentação do discurso, uma vez que dão origem às estruturas recursivas do modelo, ou seja, são capazes de produzir uma infinidade de frases (**módulo sintático**), de textos (**módulo hierárquico**) e de representações do mundo (**módulo referencial**).

A arquitetura do modelo conta com cinco módulos, que dão origem a cinco tipos de informação de base e que podem ser descritos de modo independente: **lexical** e **sintático** (**dimensão lingüística**), **hierárquico** (**dimensão textual**), **referencial** e **interacional** (**dimensão situacional**). Os módulos lingüísticos dizem respeito aos fatos de língua que têm sido tradicionalmente descritos pelos lingüistas. O **módulo lexical** consiste em um dicionário no qual se reúnem as definições sobre pronúncia, ortografia, propriedades gramaticais e sentidos das palavras nocionais, dêiticos e conectores das variedades de uma língua. O **módulo sintático** apresenta um conjunto de regras que determina as categorias e construções de proposições das variedades de uma língua. O **módulo hierárquico** define as categorias e regras de articulação das **estruturas hierárquicas** dos textos, de modo análogo ao **módulo sintático** em relação às proposições. O **módulo referencial** descreve as **representações e estruturas praxeológicas** das atividades que se realizam em dada situação de interação específica, bem como as **representações e estruturas conceituais** dos seres e objetos que constituem o universo em que o discurso se inscreve e sobre o qual fala. O **módulo interacional** descreve as propriedades materiais da situação de interação do discurso e das situações de interação que o discurso representa¹⁶.

¹⁵ Do francês: "couplage".

¹⁶ Esta breve apresentação dos módulos é retomada com mais acuidade nos capítulos destinados à análise do *corpus*. Nos próximos capítulos também recebe um tratamento mais minucioso a apresentação das formas de organização que compõem o percurso de análise desta pesquisa. Em Marinho (2002) e Soares (2003) também se encontra uma apresentação dos princípios básicos e categorias de análise do modelo de análise modular, bem como possibilidades de aplicação desses princípios e categorias em pesquisas com *corpus* e percursos metodológicos diversificados.

Para finalizar uma apresentação geral dos objetivos a que se propõe o modelo de análise modular do discurso, cabe ainda reforçar a preocupação, daqueles que conceberam o modelo, com o propósito de aliar o plano textual a um repertório verbal e a uma situação de discurso por meio de uma cadeia pragmática como a que segue¹⁷.



(ii) Quadro de apresentação geral de um projeto de pragmática psicossocial

A partir dessa concepção de organização discursiva que alia as dimensões **lingüística, textual e situacional**, desenvolve-se um programa de pesquisa ambicioso, que Fillietaz (2000) denomina pragmática psicossocial, estruturado em torno de três objetivos:

- (a) considerar a dupla articulação – textual e praxeológica – das ações comunicacionais, bem como os diferentes modos possíveis de regulação textual das ações situadas;
- (b) relacionar as ações situadas com os recursos praxeológicos tipificantes e como eles se cristalizam em gêneros de atividades sociodiscursivas;
- (c) mostrar como as produções textuais podem, por meio de recursos semióticos de natureza convencional, ancorar-se em fatos da língua.

O modelo, então, dispõe de um quadro de referência e de instrumentos que, sem negligenciar a particularidade de cada discurso, permitem considerar as propriedades gerais de todo discurso. A partir daqui convém apresentar em que medida este estudo

¹⁷ Cf. Fillietaz, 2000: 311.

pode inscrever-se em um vasto programa de pesquisa e como seus resultados podem colaborar para a solidificação de uma teoria sobre a complexa organização discursiva.

1.3 O percurso de análise

O objetivo maior do encontro social entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP, como já foi dito, é a composição do acervo do projeto, que reúne as narrativas orais populares que fazem parte do imaginário da comunidade amazônica nos limites do Estado do Pará. Nesses encontros, estabelece-se entre os sujeitos uma relação mais externa, que define o tipo de atividade que os interlocutores reconhecem - a entrevista -, determinante na articulação de suas condutas. Além de identificar e descrever essa relação mais externa, pretende-se nos limites deste estudo compreender o modo como os sujeitos, ao atualizarem seus papéis de entrevistador/entrevistado, negociam ainda outras relações, construídas em virtude da própria dinâmica interacional.

Para tanto, o percurso de análise, definido nos limites da perspectiva modular, privilegia os módulos **referencial** e **interacional**, que circunscrevem situações de interação, bem como o **módulo hierárquico**, que circunscreve processos de inter-locação, considerando assim os dois domínios da interação social já citados anteriormente - o modo de ação e o modo de comunicação¹⁸.

Como toda troca verbal está inserida em um quadro mais abrangente de ação social, é justamente a partir da observação das atividades desenvolvidas no decurso das interações que se iniciam, neste estudo, a descrição e a análise das relações interpessoais. Para agir, os sujeitos devem estar investidos de identidades particulares que precisam ser reconhecidas pelo outro para a garantia de sucesso das ações coordenadas, o que implica um processo de negociação. É o **módulo referencial**, na organização modular do discurso, que se ocupa de reflexões acerca dos aspectos praxeológicos e conceituais da organização discursiva para evidenciar as relações entre as ações de cada interlocutor na condução conjunta do percurso interacional e os

¹⁸ Sem esquecer, no entanto, que não se pode deixar de observar as implicações das regularidades do sistema linguístico nos processos discursivos. Desse modo, as informações procedentes dos módulos

conceitos mobilizados na realização dessas ações¹⁹. Vinculam-se aqui dois elementos que compõem os dados situacionais de uma interação específica: as ações, que caracterizam os sujeitos e suas intenções, e os conceitos, que caracterizam os objetos do discurso e suas propriedades.

A descrição da **dimensão situacional** de um determinado encontro social se completa ao se considerar, juntamente com o **módulo referencial**, o **módulo interacional**, uma vez que a descrição das propriedades materiais da situação em que o encontro social se desenrola, bem como a descrição das propriedades materiais dos mundos representados pelo discurso em construção contribuem para a definição das relações entre sujeitos dotados de propriedades capazes de garantir a legitimidade na apropriação da linguagem, considerada como prática social.

Entre a organização das ações conjuntas e a organização da ação comunicativa há uma interdependência que pode ser assim descrita: a condução de ações conjuntas mobiliza mecanismos de intercompreensão e, reciprocamente, o funcionamento das formas semióticas torna-se significativo quando relacionado às práticas sociais em que está inserido²⁰. Se por um lado as ações verbais produzidas pelos sujeitos revelam os mecanismos de co-construção de ações conjuntas, por outro lado revelam também a maneira como se efetua a regulação dialógica no plano textual; portanto, as ações verbais são a porta de entrada para a descrição de uma **estrutura praxeológica**, relacionada à **dimensão situacional** do discurso, e de uma **estrutura hierárquica**, relacionada à **dimensão textual** do discurso.

lexical e sintático, que embora pontuais no percurso de análise aqui traçado, são também fundamentais para a compreensão global da organização e do funcionamento dos discursos sob análise.

¹⁹ “...on définira le **module référentiel** comme la composante élémentaire du modèle modulaire spécialisée dans la description des rapports que le discours entretient avec le monde dans lequel il est produit ainsi qu’avec le(s) monde(s) qu’il représente. Plus spécifiquement, le module référentiel cherche à rendre compte d’une part des actions langagières et non langagières accomplies ou designées par les locuteurs, et d’autre part des concepts impliqués dans de telles actions. Parce que ces actions et ces concepts sont partiellement régulés par des attentes typifiantes, et toujours négociés en situation, le module référentiel doit décrire non seulement les représentations schématiques (praxeologiques et conceptuelles) sous-jacentes au discours, mais encore les structures ou configurations émergentes (praxeologiques et conceptuelles) qui résultent de réalités discursives particulières.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 103)

²⁰ “En effet, comme l’ont encore récemment rappelé Clark (1996) et Vernant (1997a et b), la régulation des actions conjointes mobilise de manière prépondérante des mécanismes d’intercompréhension qui relèvent des procédés communicationnels sémiotisés. Et réciproquement, l’organisation des formes sémiotiques, qu’elles soient élémentaires (énoncé) ou complexes (texte, discours), renvoie nécessairement à une ‘situation d’action intériorisée’ (Bronckart 1997) et fonde ainsi partiellement sa signification sur l’interprétabilité des enjeux actionnels qui lui sont liés.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 201)

A construção das **estruturas praxeológicas** características do discurso sobre o imaginário amazônico expõe o conjunto das atividades que se desenvolvem durante a interação entre pesquisadores e informantes, o modo como essas atividades se articulam e a coordenação das ações individuais dos sujeitos na condução dessas atividades. A construção das **estruturas hierárquicas** características do discurso organizado na situação de interação aqui em evidência revela o processo de negociação discursiva entre os sujeitos em busca de um duplo acordo.

Toda troca verbal pressupõe um processo de negociação, cujo objetivo é a co-orientação das **intervenções** dos participantes da interação. Alcança-se essa coordenação quando entre os interlocutores se estabelece a completude dialógica e a completude monológica, ou seja, o duplo acordo. A completude dialógica refere-se a um percurso complexo que recobre a negociação entre os interlocutores e o acordo que entre eles se estabelece no espaço de uma **troca**. A completude monológica, por seu turno, refere-se à contribuição de cada interlocutor na negociação em curso, isto é, a cada **intervenção**, de modo que possa permitir um novo lance do próximo interlocutor até que se julgue a negociação satisfeita²¹.

Associando as informações procedentes da descrição dos aspectos praxeológicos do **módulo referencial** àquelas que provêm da descrição do **módulo hierárquico**, compõe-se uma das formas de organização discursiva cujo objeto é questionar as ligações que a prática das ações sociais estabelece com os recursos semióticos que a vêm intermediar: a **forma de organização operacional**. A composição da **forma de organização operacional** permite compreender os elos entre as diferentes **trocas** das **estruturas hierárquicas** que formam o conjunto da interação. Esses elos estão situados nos limites de uma **incursão**, componente da **estrutura praxeológica** da organização discursiva, tornando possível compreender como a progressão do discurso articula as diferentes atividades que se realizam no decurso daquela interação em particular e, conseqüentemente, como articula as diferentes identidades assumidas e reconhecidas pelos sujeitos durante a interação. Resumindo, a **forma de organização operacional** permite descrever e analisar o jogo dialógico em que os sujeitos estão engajados ao coordenar suas ações participativas.

²¹ O esquema representativo da negociação subjacente a toda troca será apresentado no momento em que forem apresentadas as **estruturas hierárquicas** na análise do *corpus*.

Além da articulação entre a condução das ações conjuntas realizadas pelos sujeitos e o processo de negociação dialógica que sustenta a coordenação entre essas ações, outro aspecto relevante para esboçar o perfil das relações interpessoais estabelecidas entre os interlocutores envolvidos no trabalho de coleta de narrativas é a **forma de organização tópica** do discurso. A composição dessa forma de organização associa os aspectos conceituais do **módulo referencial** também às **estruturas hierárquicas**, possibilitando considerar as funções da estrutura informacional e suas marcas na realização dos encadeamentos conceituais. Considerando os objetivos desta pesquisa, as negociações em torno das redes conceituais são de extrema importância para a definição do posicionamento recíproco entre os interactantes, visto que no processo de negociação discursiva está em jogo definir o valor do objeto do discurso, cujo *status* difere em cada um dos domínios referenciais a que pertencem os sujeitos, a saber o domínio do conhecimento científico e o domínio da tradição oral. No decurso da interação, esses sujeitos negociam o valor desse objeto, ao mesmo tempo valorizando e preservando a imagem social de cada um dos participantes da interação. Como definir esse objeto, como se posicionar diante dele, de que forma valorizá-lo são movimentos discursivos que articulam de modo bastante complexo a formação das redes conceituais ao processo de co-construção das identidades.

As informações resultantes dos diferentes módulos e formas de organização são relacionadas às categorias de análise próprias da **forma de organização estratégica**, para ponderar em que medida os dados obtidos com a descrição e a análise dos módulos **referencial**, **interacional** e **hierárquico**, bem como com a descrição e a análise das formas de organização **operacional** e **tópica** são pertinentes para o processo de valorização e preservação das **faces** e para a determinação dos **lugares** ocupados pelos sujeitos durante a interação. Desse modo, será possível tecer considerações acerca do processo de reconhecimento mútuo, fundamental para o funcionamento eficaz da troca interacional.

Ainda é preciso frisar que acompanham o desenvolvimento dessa trajetória observações pontuais a respeito da forma de organização **composicional**, quando estas se mostrarem relevantes para a descrição dos dados de análise. Por fim, as observações acerca das formas de organização **enunciativa** e **polifônica** são também pertinentes para o processo de negociação das relações interpessoais. A referência aos dados

descritivos e analíticos procedentes dessas duas formas de organização discursiva é construída com base nas conclusões a que chegou Soares (2003), no trabalho intitulado “As narrativas orais populares da Amazônia paraense: vozes múltiplas que contam as histórias do povo”. Também se apropriando do referencial teórico-metodológico da abordagem modular para identificar as vozes diversas que constituem o discurso sobre o imaginário amazônico e para analisar suas formas e funções, Soares (2003) relaciona esse concerto de vozes que ecoam nas narrativas a um compromisso com a veracidade dos fatos relacionados ao universo narrado, contribuindo para a criação de um efeito de real:

Tanto a organização enunciativa quanto a polifônica dizem respeito, portanto, aos *sujeitos* que se inscrevem em um discurso, sendo que a primeira diz respeito especificamente à subjetividade do locutor, e a segunda, a uma outra subjetividade, diferente da do locutor; o que distingue, na verdade, esses dois planos textuais é a *condição enunciativa* do autor responsável pelo discurso. As organizações enunciativa e polifônica estão em relação direta com esse jogo de subjetividades: sua análise pressupõe que se dê conta não somente daquilo que é dito e assumido pelo locutor, assim como da inserção de outros enunciadores, diferentes do locutor, como também pressupõe que se explique o tratamento dado às vozes representadas na nova enunciação, por meio do exame da maneira pela qual o discurso ou o ponto de vista expresso por essa outra voz foi escolhido, da análise da forma como é integrado no discurso do locutor, do modo como é articulado a outros constituintes lingüísticos ou discursivos do discurso do locutor e, sobretudo, da avaliação que delas se apresenta. (SOARES, 2003: 202)

Acredito que, nesse caso, os resultados alcançados nos diferentes trabalhos de pesquisa podem dialogar no sentido de compor um quadro mais abrangente acerca da organização discursiva dos dados do Projeto Integrado IFNOPAP.

O resultado desse conjunto de análises aponta as marcas do processo de co-construção discursiva e disponibiliza para os analistas, mesmo com um caráter lacunar, pistas que recuperam o caminho trilhado para a construção dos sentidos, dos contextos e dos sujeitos, afirmação já ratificada desde estudos pioneiros que se ocupam do funcionamento da ordem interacional, como Pittenger, Hockett e Danehy (1960, *apud* LABOV E FANSHEL, 1977), que postulam um princípio geral sobre a organização interacional, entre outros, a que denominam *Immanent Reference*:

Não importa sobre o que os sujeitos estejam comunicando, ou sobre o que pensam estar comunicando, eles estão sempre comunicando sobre eles mesmos, sobre um e outro e sobre o contexto imediato da comunicação. (PITTENGER; HOCKETT; DANEHY, 1960, *apud* LABOV; FANSHEL, 1977, p. 21)²²

Para a finalização deste capítulo introdutório, a seção a seguir traz a apresentação geral do *corpus* da pesquisa, com informações sobre o modo como este conjunto foi constituído, para então se desenvolverem os capítulos referentes à análise dos dados.

1.4 O *corpus*: representações do imaginário amazônico

O Projeto Integrado IFNOPAP conta hoje com um acervo de aproximadamente cinco mil narrativas, coletadas nas diferentes regiões que compõem o Estado do Pará. O material que integra esse acervo já foi objeto de inúmeros trabalhos de conclusão de curso de alunos da graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Esse material também constituiu-se como fonte de pesquisa de dissertações de mestrado e de algumas teses de doutoramento. As narrativas que compõem o acervo estão registradas em fitas cassetes e também se encontram transcritas, conforme orientação adotada pela coordenação do projeto²³. Algumas narrativas já foram publicadas em livros ou *CD-ROM*, outras servem de apoio para a elaboração de recurso pedagógico para diferentes públicos.

Golder (1999), em comunicação apresentada durante o I Encontro do Projeto Integrado IFNOPAP, assim referia-se à constituição do *corpus* do projeto:

Após três anos de existência, o que o Projeto IFNOPAP tem produzido de mais relevante, o que mais tem contribuído para seu reconhecimento e divulgação, é o próprio *corpus*, que já passou hoje (abril de 1997) das três mil narrativas. Essa observação em nada pretende diminuir o interesse das análises em andamento e dos resultados parciais já obtidos. Mas é que esse *corpus* é o ponto central

²² "Immanent Reference. '...No matter what else human beings may be communicating about, or may think they are communicating about, *they are always communicating about themselves, about one another, and about the immediate context of the communication.*' [italics added]." (LABOV; FANSHEL, 1977: 21)

²³ Mais adiante serão reproduzidas as orientações elaboradas pela coordenação do projeto para a transcrição das narrativas.

do projeto. Ele é o ponto de chegada de uma ampla pesquisa de campo visando a ter um instantâneo da atividade narrativa popular oral no Pará, mas ele é também o ponto de partida de uns quinze subprojetos cujo número tende a crescer. (GOLDER, 1999, p. 97)

A relevância de um acervo dessa natureza não pode mais ser negligenciada no conjunto das ciências que se ocupam em compreender a formação, a organização e o funcionamento dos grupos sociais:

Além de sua óbvia importância antropológica e artística, a arte verbal reveste-se de grande relevância para o processo de identificação e memória comunitária, haja vista que em suas formas encontram-se presentes inúmeros vestígios do ethos, ou da formação histórico-ideológica, pelos quais um povo aprende a se reconhecer como sujeito, ao mesmo tempo em que propicia que este povo seja reconhecido em sua alteridade, em sua relação com a exterioridade. (BORGES, 2001: 102)²⁴

1.4.1 A identificação dos dados

A organização do acervo do Projeto Integrado IFNOPAP respeita um sistema de referência, empregado na identificação das entrevistas que compõem o *corpus* desta pesquisa, tal qual reproduzido no documento abaixo:

Sistema de referência para identificação das narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP

Cada narrativa (história), ao ser transcrita, ganha uma referência, que é de grande utilidade para o posterior tratamento por computador. Lembramos, através de um exemplo, como funciona o sistema de referência.

E01CZmos160593 – I

Ou seja:

E 01 CZ mos 160593 – I

				Nº de ordem da narrativa dentro da fita (em números romanos)
			Data da gravação	
			Logradouro (bairro, distrito, comunidade, etc). 3 letras minúsculas. No caso: Mosqueiro	
			Código do município (1 ou 2 letras maiúsculas). No caso: Belém	
			Nº de ordem da fita. Esta é a primeira fita gravada sob a responsabilidade de Patricia Garcia.	
			Código do pesquisador (1 ou 2 letras maiúsculas). No caso: Patricia Garcia.	

- Não há espaço entre os elementos que constituem a referência. Só o último (número de ordem da narrativa) é precedido por um hífen.
- Com exceção do código do logradouro, todas as letras são maiúsculas.
- Não foi estabelecida uma lista dos códigos de logradouros, município por município. Por enquanto, a orientação é utilizar as primeiras três letras do lugar (tel por Telégrafo, red por Reduto, etc.) ou significativas se há risco de ambigüidade (sbr por São Braz, já que inúmeros são os logradouros cuja denominação começa por São).
- No caso de uma narrativa que começa em uma fita e continua em outra, proceder-se-á da seguinte maneira: aparecem dois números de ordem de fita, separados por uma barra (/) - 02/03; aparecem também dois números de ordem da narrativa, também separados por uma barra - XII/I, isto é, a narrativa é a 12ª da 2ª fita e a 1ª da fita seguinte. Exemplo: LG02/03 Avcen230493-XII/I.
- No caso de uma gravação começada até a meia-noite e terminada depois, só levamos em conta a data do início da gravação.

²⁴ O termo “arte verbal”, no texto de Borges (2001), é concebido como o conjunto de narrativas orais de um grupo social, tais como os mitos, as lendas, os “causos”, os contos, piadas, cantos, relatos de viagem, histórias de vida, falas cerimoniais etc.

O NÚMERO DO INFORMANTE

Depois da referência, logo na linha seguinte, à esquerda, deve aparecer o número do informante. E um número de três a quatro dígitos que o pesquisador atribui a um determinado informante a primeira vez que se transcreve uma narrativa contada por ele. Procede-se da seguinte maneira:

- Ao transcrever pela primeira vez uma narrativa do informante Fulano, o pesquisador consulta a lista de número de informantes afixada na sala de pesquisa (ou na biblioteca nos campi do interior) e escreve o nome do novo informante em frente ao primeiro número disponível.
- Para cada informante há um só número, até o fim do programa de pesquisa. Portanto é preciso verificar, antes de atribuir um número a um informante, que esse não recebeu outro número anteriormente, por já ter sido entrevistado por outro pesquisador. Nesse caso, o primeiro número atribuído continua válido.
- Ao transcrever pela primeira vez uma narrativa de determinado informante e, portanto, ao utilizar pela primeira vez o número dele, é preciso colocar um asterisco (correspondente à nota de rodapé nº 0). Exemplo: 002*. E abaixo da página, no espaço reservado às notas, depois de repetir o asterisco, dar informações básicas do informante (nome, profissão, grau de instrução, idade, etc.) e qualquer observação que o pesquisador julgar interessante sobre a pessoa, sua história, sua arte de contar, o sistema gestual, etc. Quando aparecer outra vez esse número de informante, não colocar mais asterisco nem repetir esses dados.

1.4.2 A seleção dos dados

Em virtude da extensão do acervo, foi necessário fazer um recorte que de alguma forma selecionasse o material de análise relevante para os objetivos da pesquisa. Para tanto, o ponto de partida foi o trabalho que começou a ser desenvolvido em um subprojeto intitulado “As Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense: a construção de um banco de dados para a área da lingüística”, que objetiva transcrever as narrativas, a princípio somente as coletadas em Belém, de acordo com as convenções da Análise da Conversação, resgatando dados outros que já os inicialmente registrados nas primeiras transcrições, e disponibilizar essas novas transcrições em um banco de dados para que estejam sistematizadas para futuras pesquisas. Mesmo não tendo disponibilizado nenhuma transcrição, esse projeto dispõe de fichas que retratam de

forma geral o conteúdo das fitas que compõem o acervo de narrativas coletadas em Belém, um total aproximadamente de 1.700 narrativas. As informações ali dispostas referem-se ao(s):

- a) código da narrativa;
- b) tema da narrativa;
- c) dados referentes ao narrador;
- d) dados referentes à presença de outros interlocutores durante a entrevista;
- e) dados referentes à interferência do pesquisador durante a entrevista;
- f) comentários sobre a qualidade das gravações.

O material selecionado, então, para compor o *corpus* deste trabalho consiste em 5 horas e 20 minutos de gravação, que correspondem a 13 entrevistas realizadas por 5 pesquisadores distintos e entrevistas gravadas com 15 informantes. O critério adotado para essa seleção privilegiou:

- as entrevistas completas, em que as seções de abertura e encerramento do encontro estivessem registradas (há gravações em que foram registradas apenas as narrativas, omitindo-se o contato inicial e final entre os interlocutores, bem como os diálogos que ocorriam durante a apresentação das seqüências de narrativas);
- as entrevistas em que podemos perceber a participação mais ativa do pesquisador (em alguns registros o pesquisador desligava o gravador no momento de fazer alguma intervenção);
- as seqüências de entrevistas realizadas pelo mesmo pesquisador.

1.4.3 A transcrição dos dados

Uma vez selecionadas as entrevistas, o passo seguinte foi a definição do modo como transcrevê-las.

O Projeto Integrado IFNOPAP conta com um banco de dados das narrativas não apenas transcritas, mas também publicadas em títulos como “Belém Conta...”, “Abaetetuba Conta...” e “Santarém Conta...” da série “Pará Conta...”, editados em 1995, sob a coordenação dos Profs. Drs. Maria do Socorro Simões e Christophe Golder. Além dos livros, foi também produzido o “Caleidoscópio Amazônico: uma Aventura de Imagens e Cores”, CD-ROM produzido em conjunto pela UNESCO, UNAMAZ, SIAMAZ E UFPA, em 1999. Ainda “Um portal para Bragança”, outro CD-ROM produzido com o apoio da UFPA, PNOG (Projeto Norte de Pós-Graduação) e PROINT (Projeto de Interiorização).

As orientações para as primeiras transcrições das narrativas, que possibilitaram as publicações citadas acima, foram reunidas no documento que segue:

ORIENTAÇÕES PARA A TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS

PRINCÍPIOS

1. O português já possui um sistema próprio de transcrição do oral para o escrito. É esse sistema que usaremos via de regra: escreveremos como se fosse um ditado.
2. Nosso fim principal é transcrever narrativas, isto é, discurso organizado, texto, portanto, ao transcrever, levaremos em conta a lógica textual (construção translingüística).

REGRAS

1. Não pretendemos estudar meras seqüências de sons lingüísticos, logo, descartamos a transcrição fonética. Nosso propósito não é representar as pronúncias (diferentes ou não da norma erudita local ou nacional). Desde que identificarmos uma palavra correspondendo a Tancredo, transcreveremos “Tancredo”, pois é essa a realização normal da palavra por escrito, mesmo que a realização oral seja, às vezes, [trãkedu]. Assim, os infinitivos serão grafados normalmente com *r* no final, mesmo que este não seja perceptível na pronúncia popular (consideramos que nesse caso a marca do infinitivo é *r* por escrito e consiste, oralmente, na colocação do acento tônico).

As grafias “intermediárias” entre a ortografia portuguesa e a transcrição fonética científica (tranquedu, tranquédu, etc) são excluídas por serem incoerentes a não ser que a lógica textual as requeira (por exemplo, num jogo de aliteraões: Tranquedo ficou tranqüilo trancado no tronco). Nesse caso, uma nota de rodapé comentará a transcrição escolhida.

2. Não haverá nenhuma alteração do léxico nem da sintaxe original. Toda forma lexical ou sintagmática que identificarmos será fielmente transcrita, sem consideração de gramática normativa, pois pretendemos (nesta área) transcrever e não reformular. Portanto, conservaremos formas como *a gente vamos* e palavras usadas num sentido diferente da nossa norma erudita, como *mofino*, na frase

“de tão mofino o rapaz ficou na rede”, esclarecendo, na nota de rodapé, que *mofino* é comumente utilizado, em determinada área, no sentido de *preguiçoso*.

3. A pontuação (inclusive a dos diálogos) é parte integrante do sistema linguístico escrito, portanto, pontuaremos nossas transcrições, baseando-nos nas estruturas gramaticais, entonações, inflexões, silêncios etc. As frases gramaticalmente inacabadas serão terminadas por reticências.

4. Quando não conseguirmos identificar uma forma,

- ✓ porque a gravação está ruim;
- ✓ porque a própria pronúncia não está nítida (por exemplo, o informante falou bocejando);
- ✓ porque se trata de forma desconhecida do transcritor,

transcrevemos entre colchetes, da maneira mais próxima a nossa percepção auditiva, usando o sistema gráfico do português, por exemplo, *matei um [animal] verde, perdeu minha [animoral]*.

Toda forma duvidosa, desconhecida ou não identificada deve ser, na medida do possível, objeto de um inquérito junto ao informante e à comunidade a qual ele pertence, eventualmente, será necessário procurar outras fontes. A relação sucinta e as conclusões desse inquérito devem aparecer em nota de rodapé.

5. Os silêncios, quando passarem de simples articulação linguística (a critério do transcritor), serão anotados por um trecho em branco entre colchetes, de tamanho proporcional, grosso modo, à sua duração, por exemplo, [].

Os silêncios compridos, como também outros dados mais ou menos objetivos ou quantificáveis (mudança de tom ou de ritmo, por exemplo) poderão levar o transcritor a criar parágrafos, que proporcionam inegável conforto de leitura, serão com a devida circunspeção na hora da análise dos textos.

6. As notas de rodapé servem também para:

- ✓ expor qualquer dúvida do transcritor;
- ✓ comunicar quaisquer informações (contextuais, por exemplo) que o transcritor julgar dignas de interesse, como referência a crenças populares, incidente significativo durante a performance etc.

7. Toda transcrição deve ser precedida de uma referência em que apareça:

- ✓ o código da fita original;
- ✓ o código do lugar da gravação;
- ✓ um número de ordem.

8. A digitação e paginação das transcrições será unificada por regras a serem determinadas.

9. Não é possível prever todos os casos, todas as dificuldades que os transcritores podem encontrar. Estes, baseando-se nos princípios e regras aqui expostos, deverão solucionar os problemas imprevistos por iniciativa própria (a ser comentada em nota de rodapé) quando não puderem consultar os coordenadores da pesquisa.

10. A transcrição é uma tarefa árdua, delicada e um tanto ingrata, mas de grande responsabilidade, pois fornece a matéria prima das posteriores análises. Por isso, é aconselhável que

as transcrições sejam feitas, pelo menos no início, por grupos de duas ou três pessoas (incluindo imperativamente o(s) autor(es) da gravação).

Segundo Estrada (2001), ao se referir ao Projeto Integrado IFNOPAP,

um projeto que se propõe a alcançar resultados relevantes para a preservação da memória de nossa gente e, ao mesmo tempo, a produzir material novo que enriqueça as diversas áreas que o subsidiam não poderia priorizar aspectos específicos de um determinado subprojeto com respeito à recolha do material e ao sistema de transcrição dos dados. Por esse motivo, cada pesquisador deve realizar, quando necessário, adaptações para adequar as histórias gravadas aos seus propósitos de pesquisa. (ESTRADA, 2001, p.39).

Portanto, para manipular os dados com o propósito de alcançar os objetivos traçados para esta tese, necessário se fez adotar outras orientações na transcrição do *corpus*, para recuperar integralmente o conteúdo registrado em áudio - as passagens não narrativas presentes na interação, a sequência completa de narrativas apresentadas pelo informante em uma única entrevista - e, desse modo, resgatar marcas discursivas significativas que não foram consideradas nas primeiras transcrições, como, por exemplo, as sobreposições, as repetições, as hesitações, as correções pragmáticas, as marcas de assentimento dos interlocutores no decorrer da narrativa (*back-channels*), entre outras, mesmo estando ciente de que, nessa transposição do oral para o escrito, a especificidade do oral não se resgata por completo e o resultado do processo de transcrição será sempre traspassado por um efeito caricatural²⁵:

Uma consideração basilar, de natureza consoladora e ao mesmo tempo desafiadora, respeita à constatação de que na transposição do oral para o escrito, mesmo que haja uma rígida preocupação em manter o estilo da escrita o mais próximo possível (ou factível) da expressão oral, e não importa quão sofisticado seja o sistema de transcrição, sobrevêm perdas inevitáveis, tais como as inflexões da voz, mediante as quais o narrador dramatiza a narrativa e prende o interesse da plateia; o jogo

²⁵ “Caricatura porque expomos um texto que, em sua forma escrita, encontra-se privado dos elementos característicos da oralidade, ou no qual estes foram de tal forma transfigurados que impõem efeitos de distorção sobre o texto-fonte. Porque corremos o risco de apresentar como exemplo de oralidade, um texto que claramente se transfigura e, nessa transfiguração deixar de fora, pela força do processo de transcrição, certos elementos de sua identidade oral. Porque, componente inerente da contradição de quem lida com este tipo de produto, somos forçados a construir um simulacro, dada a impossibilidade de mantermos a integridade da performance oral se a transcervermos para a forma escrita – obviamente, essa perda será menor se o meio utilizado for vídeo, cinema, cdrom.” (BORGES, 2001: 119-120)

das ênfases vocais (e mesmo gestuais) usado para realçar pontos específicos da narrativa; o estilo entre falado, cantado e falacantado; a imitação de outras vozes. (BORGES, 2001: 116)

Procurou-se recuperar, no material registrado em fita cassete, toda troca entre os sujeitos participantes até o momento em que ocorreu a interrupção da gravação. As convenções para a transcrição que serviram de base para o trabalho seguem o modelo proposto pela Análise da Conversação, reunidas a partir de diferentes publicações que se ocupam do discurso oral.

Essas orientações se organizam conforme o documento abaixo:

TABELA DE CONVENÇÕES PARA A TRANSCRIÇÃO DAS FITAS

Para realizar o trabalho de transcrição das fitas que compõem o *corpus* do Projeto Integrado IFNOPAP, a equipe envolvida no processo utilizará as convenções adotadas pela Análise da Conversação.

Os símbolos apresentados na tabela abaixo serão utilizados em nosso trabalho por serem os mais frequentes nas transcrições apresentadas em diferentes trabalhos e por servirem a nossos propósitos de análise.

A transcrição, no geral, seguirá o modelo de escrita-padrão, marcando-se evidentemente as contrações (né, pra, tava...), a eliminação de morfemas finais (vô, contá...), marcas características da modalidade de linguagem empregada (despois, tauba...) e truncamentos.

SÍMBOLO	FUNÇÃO	EXEMPLO
[[	Falas simultâneas (quando dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno)	
[	Sobreposição de vozes (quando a concomitância de falas não se dá desde o início do turno, mas somente a partir de um certo ponto)	
]	Momento final da sobreposição de vozes	
...	Pausas (para pausas mais longas, recomenda-se indicar o tempo entre parênteses)	
()	Dúvidas e suposições (quando não se entende uma parte da conversação, coloca-se entre parênteses aquilo que se acredita ter ouvido)	
(inc)	Incompreensão (quando é impossível identificar parte da conversação)	
/	Truncamentos bruscos (quando há uma interrupção brusca no turno do interlocutor)	

MAIÚSCULAS	Ênfase ou acento forte (quando uma palavra ou uma sílaba é pronunciada com ênfase ou recebe um acento mais forte que o habitual)	
::	Alongamento de vogal (segue-se imediatamente à vogal alongada)	
----	Silabação (Quando uma palavra é pronunciada silabadamente)	
↑	Entonação ascendente (corresponde mais ou menos às interrogações)	
↑↑	Entonação ascendente (corresponde mais ou menos às exclamações)	
↓	Entonação descendente (para as descidas leves ou bruscas)	
REDUPLICAÇÃO DE SÍLABA	Repetições (reduplica-se a parte repetida)	
EH, AH, AHÃ...	Hesitações ou sinais de atenção (para representar as hesitações do falante ou marcar os sinais de assentimento do interlocutor)	
/.../	Transcrição parcial ou eliminação (no início ou no final das transcrições, indica que apenas um trecho da conversação foi transcrito; no interior das transcrições, indica um corte na produção de alguém)	
- -	Digressões (Quando há uma quebra na seqüência temática do discurso)	
ITÁLICO	Citações (quando o locutor faz falar a voz do personagem: autocitação)	
SUBLINHADO	Citações (quando o locutor faz falar a voz do personagem: heterocitação)	
(())	Comentários do analista (para alguma observação pertinente no decorrer da conversação)	

OBSERVAÇÕES:

- ✓ Os nomes das pessoas que surgirem nas entrevistas serão transcritos apenas por intermédio de sua inicial maiúscula. Apenas os nomes dos informantes entrevistados serão transcritos integralmente.

1.4.4 A apresentação dos dados

As entrevistas selecionadas para análise foram elencadas no quadro abaixo, o qual apresenta a posição da transcrição na organização dos anexos, o código da entrevista, os nomes do pesquisador e do informante, o município em que a entrevista foi realizada e o tempo de sua duração.

ANEXOS	CÓDIGO	PESQUISADOR	INFORMANTE	MUNICÍPIO	TEMPO
I	C01CZter110993	Mª Luíza Lima	Raimundo Trajano	Belém	43 min.
II	C04CZbg131193	“	Doralice Tavares	Belém	12 min.
II	C04CZbg101293	“	Josenilda Tavares Francisca E. Aguiar Leilane Pimentel	Belém	20 min.
III	CL07CZcd130394	Cláudia Macedo	Lindalva Damasceno	Belém	15 min.
IV	CL09CZsou180694	“	Marlene P. Matos	Belém	45 min.
V	CM03CZsb191093	Simone Brito	Raimundo Oliveira	Belém	35 min.
VI	CM05AUcoq270494	“	Francisca Cardoso	Ananindeua	35 min.
VII	E03CZter231093	Patricia Garcia	Francisco A. Lima	Belém	27 min.
VIII	E05AQmur141194	“	Moacir de Medeiros	Vigia	58 min.
IX	KK05CL220397	Elizabeth Raiol	Zé (Dequias)	Marajó	05 min.
IX	KK05CL	“	*	Marajó	08 min.
X	KK06CL220397	“	Francisco	Marajó	07 min.
X	KK06CL230397	“	Alfredo Cunha	Marajó	09 min.

(iii) Quadro de composição do *corpus* de análise

As entrevistas com os códigos que iniciam com os registros C04, KK05 e KK06 estão gravadas, cada par, na mesma fita cassete e por isso foram reunidas na organização dos anexos. Não existem dados relativos à data da segunda entrevista registrada na fita KK05, nem dados relativos ao nome do informante, no entanto, como a gravação é de boa qualidade e o registro da entrevista corresponde aos critérios de seleção dos dados, optei por mantê-la no conjunto do *corpus*.

Os pesquisadores responsáveis pela coleta das narrativas são todos do sexo feminino. Os informantes são 7 do sexo masculino e 5 do sexo feminino²⁶. As pesquisadoras são alunas da graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, ligadas ao projeto como bolsistas ou voluntárias. As informações sobre idade, profissão, grau de escolaridade dos informantes, entre outras, são apresentadas no decorrer da entrevista de maneira assistemática.

A partir deste ponto os esforços estão concentrados no sentido de descrever e analisar os modos de co-construção discursiva na interação entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP. Os capítulos seguintes constituem um percurso de análise que possibilita observar as relações estabelecidas entre os sujeitos que se confrontam na interação: os papéis complementares que assumem e a negociação que travam para definir tais papéis, na gestão da interação. Conforme Kerbrat-Orecchioni (1992), trata-se de descrever as relações que se estabelecem não entre os constituintes do texto conversacional, mas aquelas que se estabelecem, pelo viés da troca verbal, entre os próprios interactantes²⁷.

²⁶ O dado gênero na seleção das entrevistas não foi controlado.

²⁷ "... qu'il s'agira de décrire les relations qui s'établissent non plus entre les différents constituants du texte conversationnel, mais celles qui se construisent, par le biais de l'échange verbal, entre les interactants eux-mêmes." (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 10)

II. A COMPLEXIDADE DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Toda pessoa vive em um mundo social que a leva a estabelecer contatos, face a face ou mediados, com outros indivíduos. Durante esses contatos, o indivíduo tende a exteriorizar aquilo que às vezes se chama uma *linha de conduta*, isto é, um esquema de atos verbais e não verbais que serve para que ele exprima seu ponto de vista sobre a situação, e, por conseguinte, a apreciação que ele faz sobre os participantes e, em particular, sobre ele mesmo. Que o indivíduo tenha ou não a intenção de adotar tal linha de conduta, ele sempre acaba por se dar conta de ter seguido efetivamente uma linha. E, como os outros participantes pressupõem haver sempre nele uma posição mais ou menos intencional, se ele quiser adaptar-se às suas reações, deverá levar em consideração a impressão que os outros devem ter formado sobre ele. (GOFFMAN, 1974)¹

Toda interação implica a construção de uma imagem pessoal, difusa e subordinada a uma regulação histórica, social e cultural, que ultrapassa a intencionalidade do indivíduo². A identidade é, desse modo, uma construção simbólica, efetivada no e pelo discurso, que se revela também por meio das escolhas do locutor, escolhas essas nem sempre conscientes, dentre as possibilidades dos repertórios verbais que estão a sua disposição.

Nos encontros sociais coexistem as possibilidades de múltiplas identidades, com base em referenciais diversos – como a origem territorial, a condição de gênero, a etnia, a atividade profissional etc - mas, como construção simbólica, a identidade não é decorrência automática dessas condições. Os diferentes referenciais que contribuem para a constituição das identidades funcionam como elementos prototípicos, os quais antecipam expectativas em relação aos indivíduos participantes da interação social³. No

¹ “Toute personne vit dans un monde social qui l’amène à avoir des contacts, face à face ou médiatisés, avec les autres. Lors de ces contacts, l’individu tend à extérioriser ce qu’on nomme parfois une *ligne de conduite*, c’est-à-dire un canevas d’actes verbaux et non verbaux qui lui sert à exprimer son point de vue sur la situation, et, par là, l’appréciation qu’il porte sur les participants, et en particulier sur lui-même. Qu’il ait ou non l’intention d’adopter une telle ligne, l’individu finit toujours par s’apercevoir qu’il en a effectivement suivi une. Et, comme les autres participants supposent toujours chez lui une position plus ou moins intentionnelle, il s’ensuit que, s’il veut s’adapter à leurs réactions, il lui faut prendre en considération l’impression qu’ils ont pu se former à son égard.” (GOFFMAN, 1974: 9)

² “Toute prise de parole implique la construction d’une image de soi. À cet effet, il n’est pas nécessaire que le locuteur trace son portrait, détaille ses qualités ni même qu’il parle explicitement de lui. Son style, ses compétences langagières et encyclopédiques, ses croyances implicites suffisent à donner une représentation de sa personne. Délibérément ou non, le locuteur effectue ainsi dans son discours une présentation de soi.” (AMOSSY, 1999a: 9)

³ “Le stéréotype, rappelons-le, est l’opération qui consiste à penser le réel à travers une représentation culturelle préexistante, un schème collectif figé. Un individu concret est ainsi perçu et évalué en fonction

entanto, o discurso, definido aqui como espaço de tensões, sempre reconstrói os estereótipos, ratificando-os ou modificando-os, de modo que cada encontro social passa a ser o lugar da constituição das identidades dos sujeitos que interagem. Maher (1998) deixa bem claro o que significa o processo de construção discursiva de identidades ao se referir à formação do conceito de indianidade:

Entendo que, ao falarmos de identidade, não estamos falando de 'essência' alguma. Portanto, ao pensar o que significa 'ser índio', não estarei me referindo nem a indivíduos que, cromossomáticamente, exibiriam sinais indelévels dados pela Natureza, nem a portadores exclusivos e/ou perenes de quaisquer crenças, costumes, línguas ou ornamentos: não creio que 'raça' ou cultura sejam critérios identificatórios de indianidade. O critério 'racial', dado sua inoperância, foi de há muito abandonado pela Antropologia. Cultura, por outro lado, dada sua mutabilidade, só pode, obviamente, ser vista como produto, jamais como premissa ou pressuposto. A questão da identidade indígena, o 'ser índio', remete, isto sim, a uma construção permanentemente (re)feita a depender da natureza das relações sociais que se estabelecem, ao longo do tempo, entre o índio e outros sujeitos sociais e étnicos: tal construção busca a) determinar especificidades que estabeleçam 'fronteiras identificatórias' entre ele e um outro e/ou b) obter o reconhecimento dos demais membros do grupo ao qual pertence, da legitimidade de sua pertinência a ele. É, portanto, nesta sua relação, no tempo e no espaço social, com diferentes 'outros' que o índio constrói cosmovisões específicas e 'modos de ser' particulares que terminam por constituí-lo. Isto tudo significa então que, assim como vários autores, percebo a identidade como sendo um construto sociohistórico por natureza, e por isso mesmo, um fenômeno essencialmente político, ideológico e em constante mutação. Acompanha-me neste trabalho, também, a crença de que é, sobretudo, em suas práticas discursivas que o sujeito índio emerge e é revelado: é, principalmente, no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades. É, assim, o discurso, isto é, a linguagem em uso, e não qualquer materialidade lingüística específica – como bem nos lembram Poche (1989) e Sierra (1987) – quem cria e faz circular o sentido 'ser índio'. (MAHER, 1998, p.116-117)

O raciocínio da autora sobre o conceito de "ser índio" pode ser estendido à formação das diferentes identidades, que somente se definem na relação de um sujeito com o outro. Compreender o perfil de identidades construídas em interações autênticas implica observar a construção também de relações sociais entre indivíduos, uma vez que

a identidade de um só se define no reconhecimento do outro: sem o outro não existe o eu. É justamente essa relação entre sujeitos que interessa aqui desvendar.

A questão da identidade, então, deve ser tomada como processo, possível pela relação entre sujeitos em situações autênticas de interação. Não se trata, obviamente, da definição das identidades empíricas dos sujeitos em contato, mas de uma categoria analítica definida no conjunto de uma teoria sobre a organização e o funcionamento do discurso, que não pode negligenciar os sujeitos que fazem uso da linguagem. Não pode ser também negligenciada a multiplicidade de identidades que se constituem na interação social. Falar em identidade não é, de modo algum, referir-se a um perfil homogêneo, definido de modo estável durante todo o percurso interacional. É antes um processo de co-construção, atuante durante todo o tempo em que os interlocutores permanecem em contato, demandando uma negociação permanente que visa ao reconhecimento mútuo.

No modelo de análise modular do discurso, cabe à **forma de organização estratégica** reunir os dados referentes aos módulos e formas de organização simples e complexas, no sentido de compreender o modo como a organização e o funcionamento desses diferentes planos determinam o posicionamento recíproco dos sujeitos na condução da dinâmica interacional. Justamente porque relaciona os resultados procedentes das análises dos diferentes módulos e formas de organização, a **forma de organização estratégica** é o ponto de chegada do percurso de análise desenvolvido em uma perspectiva modular. Todavia, decidi por antecipar a definição das categorias analíticas componentes dessa forma de organização com o objetivo de não perder de vista os propósitos que justificam as análises desenvolvidas nos próximos capítulos.

Conforme definido anteriormente, os capítulos seguintes ocupar-se-ão dos módulos **interacional**, **referencial** e **hierárquico** e das formas de organização **operacional** e **tópica**, uma vez que julgo relevante, para os objetivos aqui propostos, compreender os seguintes pontos: que atividades se realizam no decurso das interações que compõem o *corpus* de análise? Como os interlocutores coordenam seus comportamentos verbais de modo a garantir a condução dessas atividades? Como as atividades se articulam no conjunto da interação? Quais os conceitos co-construídos e manipulados para condução das atividades? As respostas para esses questionamentos

permitem alcançar o reconhecimento e a compreensão tanto das identidades que são construídas no e pelo discurso quanto as relações interpessoais que se estabelecem entre os sujeitos.

Antecipar a apresentação das categorias analíticas que compõem a **forma de organização estratégica** permite, a cada etapa do percurso de análise estabelecido, perceber as contribuições que cada módulo ou forma de organização pode oferecer à compreensão da organização e do funcionamento discursivos dos dados sob análise. Permite, também, equilibrar os aspectos descritivos e interpretativos do trabalho, apontando, a cada etapa de análise, para o ponto de chegada que se pretende alcançar. Ao final do percurso, reúnem-se todos os dados obtidos para a compreensão do modo complexo como os sujeitos estabelecem e gerenciam as relações interpessoais.

As seções subseqüentes ocupam-se, então, da apresentação das categorias analíticas próprias à **forma de organização estratégica**, as relações de **face** e de **lugar**, e das reflexões sobre o alcance desses instrumentos de análise para a compreensão das relações interpessoais que se estabelecem entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP.

2.1 As relações de face

A noção de **face**, conforme a organização do modelo de análise modular do discurso, corresponde a um componente das **posições de ação**, posições relativas às identidades participativas assumidas em situações de interação específicas, as quais sustentam o engajamento recíproco dos sujeitos na condução de suas ações. São, portanto, posições definidas no **módulo referencial**, referentes à **dimensão situacional** do discurso⁴. As **posições de ação** são compostas por três constituintes: o **status social**, o **papel praxeológico** e a **face**. O **status social** diz respeito aos pré-requisitos que os sujeitos devem satisfazer para legitimar sua participação em um encontro social⁵. O

⁴ Essa categoria analítica será definida com mais detalhes no capítulo 3.

⁵ “Les **statuts sociaux** constituent un sous-domaine de la position actionnelle qui renvoie aux pré-requis que doivent satisfaire les agents pour participer à l’interaction (Burger 1999: 47).” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 115). Em Burger (1999), encontra-se o termo “identidade social”.

papel praxeológico é relativo às ações participativas que os sujeitos desempenham em situações de interação particulares⁶. A **face** vincula-se à imagem que cada participante da interação procura revelar de si mesmo, na condução da dinâmica interacional⁷. É justamente este último componente o alvo da **forma de organização estratégica** na abordagem modular.

Há um crescente de instabilidade entre os três constituintes das **posições de ação**: o **status social** é uma condição permanente do sujeito, que ultrapassa os limites da interação; o **papel praxeológico** é uma condição circunscrita às atividades que se realizam durante a interação e que se esvanece com o fim do contato entre os interlocutores ou com a mudança para uma outra atividade nos limites do mesmo encontro social; a **face** é uma condição instável, constantemente monitorada durante a condução da dinâmica interacional.

O conceito de **face** corresponde a um processo de caráter dramático, por meio do qual os participantes de um encontro social constroem imagens pessoais recíprocas, conscientes ou inconscientes, verdadeiras ou manipuladas, intencionais ou não-intencionais, à medida que definem a situação de interação em que estão envolvidos⁸. Desse modo, a situação de interação torna-se espaço para um ciclo potencialmente infinito de encobrimentos, descobrimentos, revelações falsas e redescobertas, um jogo de simetrias e assimetrias entre os interlocutores, cujos comportamentos podem ser julgados espontâneos e, portanto, reveladores do verdadeiro *eu*, ou manipulados para criar a falsa espontaneidade. A complexidade no gerenciamento desses movimentos é descrita por Valério (2000):

A noção de face proposta por Goffman é bipartida. A face de um indivíduo representa por um lado a imagem do interlocutor como ser

⁶ “Par conséquent, les rôles (rôles praxéologiques) sont étroitement liés aux actions participatives; ils constituent la contre-partie identitaire de l’engagement des agents en direction d’un enjeu commun.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 115). Nas descrições de Burger (1999), encontra-se o termo “identidade comunicacional”.

⁷ “Dès lors qu’ils s’engagent dans des actions conjointes, les participants endossent des rôles praxéologiques que doivent légitimer leurs statuts sociaux, mais ils rendent également manifestes des expériences vécues subjectives qui renvoient à l’image qu’ils cherchent à donner d’eux-mêmes.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 116)

⁸ “On peut définir le terme de *face* comme étant la valeur sociale positive qu’une personne revendique effectivement à travers la ligne d’action que les autres supposent qu’elle a adoptée au cours d’un contact particulier.” (GOFFMAN, 1974: 9)

social, seu *eu*, depreendida das impressões sobre a totalidade dos eventos ocorridos em um empreendimento lingüístico, ou seja, a *face* é aqui um objeto de valor sagrado, o qual o interagente tentará, a qualquer preço, manter imaculado; por outro lado, a *face* de um interagente também é vista como participante de um jogo ritualístico que lida do modo mais conveniente com as contingências que a situação lhe impõe. Essa segunda representação da *face* parece constituir uma máscara, um papel representado dentro de um ritual que possibilita ao participante bastante liberdade de ação sem que isso afete sua *face* como auto-imagem. A dualidade da noção de *face* é crucial para a compreensão das estratégias interativas dos indivíduos já que estes podem, por exemplo, usar uma máscara depreciativa e, por intermédio do autoflagelo de sua *face* ritualística, aprimorar sua *face* objeto de valor sagrado. É a *face* ritualística do indivíduo que se aplica o conceito de trabalho de *face*, como veremos a seguir, pois é esta a porção da *face* que pode ser manipulada para causar esta ou aquela impressão. (VALÉRIO, 2000, p. 26-27)

A noção de *face*, introduzida por Goffman, foi desenvolvida por Brown e Levinson (1987) para a construção do modelo que considera os fenômenos de polidez atuantes na prática discursiva. Para Brown e Levinson (1987), a noção de *face* consiste em um conjunto de vontades satisfeito pela ação dos interlocutores e constitui-se de duas dimensões: a *face positiva*, que se refere aos desejos de apreciação e aprovação das atitudes dos interactantes; e a *face negativa*, que se refere a um território íntimo que se pretende preservar⁹. De acordo com o modelo de Brown e Levinson, alguns atos de fala são intrinsecamente ameaçadores à *face* (*FTAs* – *face-threatening acts*), ou por desqualificar a *face positiva* dos sujeitos ou por avançar sobre a *face negativa*. Para se realizarem, certos atos precisam estar acompanhados de estratégias de polidez que possam minimizar seu poder ofensivo.

Para determinar a força ofensiva de um *FTA* e, conseqüentemente, o nível de polidez que deve se inscrever na enunciação dos atos de fala, é preciso avaliar três fatores:

- a dimensão social assimétrica, que define a força que um interlocutor exerce sobre o outro;

⁹ “Central to our model is a highly abstract notion of ‘face’ which consists of two specific kinds of desires (‘face-wants’) attributed by interactants to one another: the desire to be unimpeded in one’s actions (negative face), and the desire (in some respects) to be approved of (positive face).” (BROWN; LEVINSON, 1987: 13)

- a dimensão social simétrica, que define a distância social entre os interlocutores;
- o nível de imposição envolvido em realizar um *FTA*, determinado pela ordem social estabelecida nos diferentes grupos sociais.

Mesmo afirmando sempre que o emprego e a interpretação das estratégias de polidez se definem apenas na organização discursiva localmente contextualizada, Brown e Levinson (1987) postulam também um potencial universal para o modelo, que prevê que toda comunidade lingüística compartilha de um sistema de organização relativo ao uso da linguagem, cuja função é monitorar o posicionamento recíproco entre os sujeitos na interação. Portanto, o modelo demonstra sensibilidade às características universais que estão em permanente tensão com as peculiaridades culturais de cada grupo social.

Nos dados aqui em análise, a dimensão assimétrica entre os interlocutores é considerada em termos do tipo de atividade que se realiza durante a interação e do domínio de conhecimento a que pertence cada sujeito, o que implica certa posição de autoridade na relação entre os interlocutores. Em uma relação complementar, como se caracterizam as entrevistas que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa, as posições altas e baixas inicialmente resultam das relações complexas entre os eixos poder/não poder e saber/não saber. Por um lado, a regulação histórico-social e cognitiva¹⁰ das atividades em que se engajam os sujeitos em parte determina o modo de participação desses sujeitos na condução do encontro social, ou seja, determina as limitações em relação àquilo que pode ou não pode ser feito por um dos interlocutores - as ações complementares que cabem a cada um. Por outro lado, o fato de os interlocutores pertencerem a domínios de conhecimento diferentes, que se confrontam na interação social - o pesquisador ligado ao universo científico e o informante ao

¹⁰ “Autrement dit, on doit admettre que les agents appréhendent les situations d’action avec des attentes et au moyen de **ressources typifiantes**, dont le fonctionnement obéit à la fois aux conditions de la vie sociale et aux propriétés des mécanismes psychologiques: parce que ces formes de typification constituent des produits évalués d’expériences précédentes, elles ne sont pas strictement individuelles, mais sont à considérer au contraire comme un construit collectif auquel on doit prêter une **validité sociale**; et parce que ces attentes résultent d’une intériorisation cristallisée de ces pratiques sociales évaluées, elles trouvent leur siège dans les aptitudes mentales des individus et renvoient dès lors à des **fonctions psychologiques supérieures** (Vygotsky 1972).” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 106)

universo da tradição oral -, acentua a atenção voltada aos movimentos discursivos de apresentação de si mesmo e, conseqüentemente, de consideração ao outro, em relação à atividade que se realiza e em relação à co-construção do objeto discursivo.

A dimensão simétrica na relação entre os interlocutores, embora também relevante para definir em que medida um ato é ameaçador à face de um interactante, não poderá ser controlada na análise dos dados, uma vez que não há como definir precisamente se há já estabelecida uma relação de maior ou menor intimidade entre os interlocutores. Em alguns encontros, parece haver maior intimidade entre os sujeitos. Os pesquisadores parecem entrevistar um parente, um vizinho, um conhecido, o que se evidencia em certas passagens de algumas entrevistas:

CL09CZsou180694 (anexo IV)

/.../

If. ele:: montô na bicicleta não demorô...e vai pesando de novo...aí quando ele chegô numa travessia dum garapé...pra i pra casa dele pra dentro da mata...aí ele viu que pulô um bicho dentro do mato na frente dele...aí (inc) primero pulo qu'ele deu foi no banco qu'ele disse que arrancô...arrancô e ele era crente na época...era crente...desd'aí ele se desviô...- **tu viu como era a vida dele né↑ nós morávamos aqui do lado né↑** foi só ele tocá na bebida

[
P. hum
(fico endemonhiado) -

/.../

Atos que ameaçam a face do ouvinte, por extensão, ameaçam também a face do falante, visto que os interlocutores de uma interação agem conjuntamente. Ameaçar a face de um interlocutor implica também expor sua própria face a atos potencialmente ameaçadores. Da mesma forma, utilizar estratégias que objetivem preservar a face do outro implica preservar a própria face num movimento colaborativo, que estabelece entre os interlocutores um compromisso quanto à condução da troca interacional. A escolha de determinada estratégia discursiva, com o objetivo de minimizar os efeitos de um ato, define-se pelo poder ofensivo do conteúdo deste ato e pelos fatores sociais que caracterizam a relação entre os interlocutores. O emprego dessas estratégias, portanto, é

sinal de sensibilidade quanto às formas de distribuição de poder entre os integrantes de um grupo social¹¹, o que aproxima as relações de face às relações de lugar.

2.2 As relações de lugar

A noção de **lugar** refere-se à relação hierárquica entre os sujeitos participantes da interação, constantemente ajustada durante o processo interacional. Essa noção remete ao sistema de expressão das relações interpessoais, postulado por Kerbrat-Orecchioni (1992), o qual se organiza a partir de três dimensões:

- a dimensão horizontal: o eixo da distância social X a relação de intimidade;
- a dimensão vertical: o eixo do poder;
- a interseção entre as duas dimensões acima, em que se realizam os conflitos e os acordos no processo de negociação discursiva.

O eixo horizontal refere-se ao grau de intimidade e/ou formalidade na relação entre os interlocutores e caracteriza-se pela tendência à simetria na troca interacional. O eixo vertical refere-se às relações hierárquicas que se estabelecem entre os sujeitos e caracteriza-se pela tendência à assimetria na dinâmica discursiva. O eixo vertical vincula-se à noção de **lugar**. Mesmo que propriedades externas sejam parcialmente determinantes dessa dimensão, as propriedades que emergem de uma negociação particular situada entre os interlocutores entram em combinação para instituir uma relação de poder de maneira sempre muito complexa.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (1992), toda interação particular se situa entre dois extremos: as situações totalitárias e as situações democráticas¹². Quer dizer,

¹¹ "We believe that patterns of message construction, or "ways of putting things", or simply language usage, are part of the very stuff that social relationships are made of (or, as some would prefer, crucial parts of the expressions of social relations). Discovering the principles of language usage may be largely coincident with discovering the principles out of which social relationships, in their interactional aspect, are constructed." (BROWN; LEVINSON, 1987: 55).

¹² "...chaque interaction particulière se situant quelque part entre ces deux extrêmes : les communications que l'on peut dire 'totalitaires' (un sujet, individuel ou collectif, exerce sans partage sa domination en interdisant à l'autre toute 'dissidence', tout comportement oppositionnel, et même toute affirmation d'une parole propre) et les échanges 'démocratiques' (dans lesquels il y a partage égal des initiatives, et distribution équitable des pouvoirs)" (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 121)

durante a interação, os interlocutores estão sempre negociando o perfil do encontro social em que estão engajados, bem como seus respectivos lugares, em um processo de atribuição de papéis, os quais podem ser reconhecidos ou invalidados pelo outro, de modo que os lugares ocupados ao final da interação serão, provavelmente, distintos dos lugares iniciais.

No modelo de análise modular, a noção de **lugar** é concebida como uma relação de dominação entre os interactantes, construída no desenvolvimento da interação¹³. Embora haja, na organização da estrutura social, uma relação de dominação posta institucionalmente em termos de variáveis sociais externas ao discurso, essa relação de dominação é também resultado de contestações, disputas e resistências na condução da dinâmica interacional¹⁴.

A partir dessa perspectiva, o processo de negociação entre os sujeitos, que estabelece e constantemente transforma as relações de poder por meio da prática discursiva, é uma prática política¹⁵. Fairclough (1992(2001)) assim define o discurso como prática política e ideológica:

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e a ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do

¹³ "A la différence des statuts, la place n'est pas fixe, stable, mais construite dans le déroulement même de l'interaction. Un locuteur peut ainsi occuper une place basse par rapport à son interlocuteur au début d'un entretien et prendre progressivement une place haute." (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 353)

¹⁴ "Most studies approach power and status from a macrolevel analysis, and see power as an attribute associated with institutional rank. This study shows, however, that power is not determined by institutional rank or external variables alone. Although hierarchies are created and enforced by social norms and institutional status, the data show that individuals can and do contest power and compete for leadership roles in every verbal interaction. That participants argue, disagree and compete for the role of speaker points to the fact that power is more than a property invested in individuals by society or by an institution." (DIAMOND, 1996: 11)

¹⁵ "Desse ponto de vista, o caráter político de um discurso, oral ou escrito, não poderia ater-se apenas, nem mesmo prioritariamente, ao fato de que ele 'fala de política' (critério semântico), mas depende muito mais do fato de que, ao fazê-lo, realiza certos tipos de *atos sociais transformadores das relações intersubjetivas* (critérios sintático e pragmático), estabelece sujeitos 'autorizados' (com 'direito à palavra'), instala 'deveres', cria 'expectativas', instaura a 'confiança', e assim por diante." (LANDOWSKI, (1989(1992); 10)

exercício do poder e da luta pelo poder. (FAIRCLOUGH, 1992 (2001), p.94)

Essa prática social, política e ideológica, atua em duas direções, em constante tensão: em uma dimensão macrosociológica, correspondente à relação que o discurso estabelece com as estruturas sociais historicamente constituídas, as quais exercem poderosa influência sobre a produção de sentidos nas situações de interação; e em uma dimensão microsociológica¹⁶, correspondente aos processos de negociação situados durante a condução dos encontros sociais, os quais confirmam ou modificam os sentidos historicamente legitimados pelas estruturas sociais.

A dimensão macrosociológica e a dimensão microsociológica dizem respeito, conforme Assunção (2001), ao “controle do dizer dos falantes no espaço social em que ocorre sua fala” e ao “controle do sujeito, enquanto falante que assume seu dizer e marca o lugar do outro como destinatário de sua fala” (p. 49). A análise que empreendo nos dados selecionados como *corpus* desta pesquisa, conforme as orientações teórico-metodológicas do modelo de análise modular do discurso, privilegia a dimensão microsociológica, estreitamente relacionada às questões relativas à co-construção das identidades discursivas, conforme defende Assunção (2001):

A transformação do mundo dos objetos em argumentos requer a constituição de uma representação não só do mundo de referência, como vimos acima, como também a constituição da identidade social do falante, na medida em que aquele que diz, diz de algum lugar específico. Afirmar-se, assim, o papel das representações construídas no discurso pelo falante enquanto operação de construção da legitimidade daquele que fala e também daquilo que se fala. (ASSUNÇÃO, 2001, p. 50)

Privilegiar a dimensão mais pontual de análise não significa desconsiderar as determinações históricas mais amplas que influenciam a constituição dos discursos, enfoque privilegiado na abordagem de Pêcheux, por exemplo. Na verdade, significa privilegiar uma abordagem mais situada nas práticas políticas e ideológicas implicadas

¹⁶ Os termos macrosociológico e microsociológico são encontrados em Fairclough (1992 (2001)) para referir-se à análise da prática social em relação às estruturas sociais e à análise da prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados.

na organização e no funcionamento discursivos, posição essa defendida por Fairclough (1992(2001)):

Aceito a afirmação interpretativa segundo a qual devemos tentar compreender como os membros das comunidades sociais produzem seus mundos 'ordenados' ou 'explicáveis' (...). Entretanto, argumentaria que, ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos (...). Argumentaria também que a prática dos membros tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais, dos quais outra vez eles geralmente não têm consciência. E, finalmente, argumentaria que os próprios procedimentos que os membros usam são heterogêneos e contraditórios e contestados em lutas de natureza parcialmente discursiva." (FAIRCLOUGH, 1992 (2001), p. 100-101)

Desse modo, esse nível de análise mais pontual não diz respeito unicamente à análise das situações autênticas de interação por elas mesmas, mas são análises fundamentais para compreender a atualização de determinações históricas, políticas, ideológicas maiores, uma vez que é nessa dimensão microsociológica que essas determinações se ratificam ou se modificam.

A noção de poder nessa esfera mais restrita pode ser resumida de acordo com a posição de Diamond (1996), segundo a qual a relação de poder entre os sujeitos que interagem é decorrente do consenso entre os sujeitos acerca das imagens pessoais apresentadas e ratificadas para o alcance da sincronia interacional. As noções de **face** e de **lugar** se relacionam, então, já que exercer dominação sobre os demais participantes de uma interação implica construir uma imagem de si mesmo, a qual deve necessariamente ser aceita pelos outros¹⁷. Assim, a prática política que visa a estabelecer e manter as relações de dominação na condução do encontro social visa também ao equilíbrio entre os interesses, valores e objetivos daqueles que interagem.

A hipótese central que conduz a elaboração deste trabalho prevê que o domínio da dinâmica interacional entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado

¹⁷ "Being powerful or leading a meeting are images of one's self (cf. Goffman, 1967) which are communicated to other actors; they need to be perceived by others present. In this sense, they are performances. Thus, power or leadership are actor's self images which are presented to others

IFNOPAP oscila constantemente entre os dois pólos da interação, hipótese definida no capítulo anterior como a “metáfora da gangorra”. No movimento de altos e baixos da dinâmica interacional, ora as posições dos sujeitos encontram-se em relação vertical caracterizada pela assimetria, ora as posições encontram-se em relação horizontal caracterizada pela simetria, correspondente ao momento de negociação que define o novo movimento da gangorra. As contribuições teóricas até este momento apresentadas confirmam que a relação de dominação que se estabelece em situações de interação autênticas são objeto de negociação constante entre os sujeitos que interagem. Cabe, a partir deste ponto, descrever e analisar o modo como são efetivamente gerenciadas as relações de **face** e de **lugar** entre os sujeitos nas interações que compõem o *corpus* de análise deste estudo.

Roulet (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001) defende que a descrição e a análise da **forma de organização estratégica**, no modelo de análise modular do discurso, manipulam informações procedentes principalmente dos módulos **lexical**, **sintático**, **hierárquico**, **referencial** e **interacional** e das formas de organização **relacional**, **tópica** e **polifônica**. Uma vez que acredito que a dinâmica das interações sob análise está estreitamente relacionada às diferentes fases de negociação das atividades que se desenvolvem no decurso da interação e sua inter-relação com os domínios referenciais dos participantes do encontro, o percurso de análise definido para a abordagem dos dados privilegia os módulos **interacional** e **referencial**, nos seus aspectos praxeológicos e conceituais, relativos à **dimensão situacional** do discurso, de modo a compreender as estratégias discursivas situadas em práticas sociais contextualizadas, e privilegia também o **módulo hierárquico** e as formas de organização **operacional** e **tópica**, relativos à negociação dialógica, que em parte determina e em parte é determinada pelas práticas sociais nas quais está inserida.

Os próximos capítulos ocupam-se da descrição e da análise dos módulos e formas de organização definidos no percurso de análise e as informações alcançadas em cada etapa são relacionadas às categorias de **face** e de **lugar**, próprias da **forma de organização estratégica**. O trabalho de descrição e de análise considera que:

participants, and require ratification and acknowledgment. Power is not only a commodity which can be taken by force, but also a role which needs ratification.” (DIAMOND, 1996: 14)

- o discurso não é apenas troca de informações. O discurso é, entre outras coisas, espaço de construção, manutenção e transformação de relações sociais;
- o modo como se co-constroem as relações sociais no e pelo discurso é sinalizado na superfície textual, por meio do jogo de negociação dialógica do qual o texto é instância reveladora;
- as relações sociais co-construídas e gerenciadas no processo de interação verbal são organizadas em um contínuo de maior ou menor estabilidade.

Toda elaboração teórica apresentada até aqui permite definir a prática discursiva como um processo essencialmente interacional, cujo funcionamento depende da ação articulada dos participantes da interação. O próximo capítulo ocupa-se, então, da definição das condições materiais e acionais das interações que compõem o *corpus* de análise, para a partir daí compreender os laços que se estabelecem entre os sujeitos por meio da linguagem.

III. INTER-AÇÃO: CONDIÇÕES MATERIAIS E ACIONAIS DO ENCONTRO SOCIAL

- Eu falo, falo – diz Marco -, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventuras. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido. (ÍTALO CALVINO; As cidades invisíveis)

Os fundamentos teórico-metodológicos esboçados no primeiro capítulo inserem a abordagem desta pesquisa em uma perspectiva processual dos fenômenos de linguagem, que concebe como parte integrante da atividade interpretativa, em que os interlocutores estão envolvidos durante a interação, a construção da própria situação comunicativa em que se inserem. Essa construção implica sempre a atuação conjunta dos interlocutores, considerando que a atividade interpretativa se realiza unicamente na dimensão dialógica na qual os sujeitos se confrontam e que somente nesse confronto se reconhecem. Para assegurar essa perspectiva processual na descrição e na análise da organização e do funcionamento discursivos, o referencial teórico adotado para o tratamento do *corpus*, o modelo de análise modular do discurso, reúne os aspectos esquemáticos da atividade de interpretação - a ordem sociointeracional organizada e interiorizada a partir da experiência dos indivíduos em situações autênticas de interação - aos aspectos emergentes - a ordem sociointeracional atualizada em cada situação particular de interação.

Para Bakhtin (1929(1997)), o centro organizador de toda enunciação está situado no meio social que envolve o indivíduo. Na verdade, tanto a atividade mental quanto a expressão dessa atividade são determinadas pelas relações sociais que se estabelecem em um determinado grupo, seja em relação ao recorte da situação social mais imediata, seja em relação ao meio social mais amplo. A tomada de consciência pelo indivíduo e a sua conseqüente elaboração ideológica realizam-se por meio do que ele denomina “atividade mental do nós”, que se opõe à “atividade mental do eu”. Enquanto o pólo do

“eu” aproxima a ação do homem à reação fisiológica do animal, ao reduzir seu grau de consciência, o pólo do “nós” está relacionado à orientação social:

Na verdade, qualquer que seja a enunciação considerada, mesmo que não se trate de uma informação factual (a comunicação, no sentido estrito), mas da expressão verbal de uma necessidade qualquer, por exemplo a fome, é certo que ela, na sua totalidade, é socialmente dirigida. Antes de mais nada, ela é determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou simples, a segurança ou a timidez, etc. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. (BAKHTIN, 1929 (1997), p.113-114)

Para reforçar a perspectiva interacional na abordagem dos fenômenos de linguagem, considera-se também que cada interlocutor envolvido em um encontro social é participante ativo no processo de construção de sentidos, o qual permite a progressão dos discursos. Novamente em Bakhtin (1979(2000)), encontra-se a defesa do ponto de vista de que aquele que recebe e compreende o discurso do outro adota uma “atitude responsiva ativa” diante dele:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1979 (2000), p.290)

Na realidade, a concepção interacional da linguagem é ainda mais complexa. Ainda segundo Bakhtin (1979(2000)), um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. Desse modo, os discursos produzidos nos

diferentes encontros sociais não são indiferentes uns aos outros, nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. Nessa cadeia da comunicação verbal, os enunciados estão ligados não só aos elos que os precedem, mas também aos que lhes sucedem. Os enunciados, desde o início, elaboram-se em função da eventual reação-resposta, a qual é o objetivo preciso de sua elaboração. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter.

Em algum momento dessa cadeia de comunicação verbal, no entanto, pode-se identificar o início de um encontro social determinado e quais são, a partir de então, as possibilidades de uso da linguagem à disposição dos sujeitos que interagem. Segundo Goffman (1964(1998a)), o início de uma interação face a face, considerando o processo interacional numa esfera mais restrita, será marcado pela aproximação dos participantes, que deixam suas respectivas orientações dispersas e passam a mover-se conjuntamente, dirigindo-se corporalmente uns aos outros e, em geral, utilizando-se de trocas rituais, como as saudações; o encerramento será marcado pelo afastamento físico da imediação de co-presença anterior, em geral também acompanhado de trocas rituais, como as despedidas. Tais marcos estabelecem e encerram o envolvimento articulado, oficial e aberto, ou seja, “um encontro social”. No decorrer do encontro, os participantes serão obrigados a sustentar seu envolvimento no que está sendo dito, assegurando um “estado de conversa”:

Eu definiria uma situação social como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. De acordo com esta definição, uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontrem na presença imediata um do outro e ela dura até que a penúltima pessoa saia. (GOFFMAN, 1964 (1998a), p.13-14).

Porém, à luz do modelo de análise modular do discurso, toda relação de comunicação é dialógica em seu fundamento, de modo que a co-presença dos interlocutores é considerada um modo particular de interação e não condição necessária à sua existência. A disjunção entre o lugar e o momento da produção discursiva e a realidade de sua recepção não neutraliza a influência recíproca dos sujeitos por meio do discurso. Ao contrário, a disjunção das coordenadas referenciais entre os sujeitos institui

com efeito uma relação de comunicação particular que os força a antecipar o que está em jogo na interação¹.

Todas essas considerações em torno do caráter fundamentalmente interacional da prática discursiva reforçam a existência dos laços que se estabelecem entre os sujeitos por meio da linguagem em situações autênticas de interação social. Logo, descrever e analisar as regularidades nos possíveis modos de organização discursiva significa compreender a forma como se articulam as diferentes unidades de composição do discurso, bem como compreender também as sempre complexas relações de identidade entre os interlocutores. São justamente essas relações de identidade o objeto principal desta pesquisa, que se propõe a compreender o modo como os pesquisadores e os informantes do Projeto Integrado IFNOPAP estabelecem e gerenciam as relações mútuas na condução do trabalho de coleta de narrativas para a composição do acervo do projeto.

Cada participante da interação pertence a um diferente domínio referencial de construção do conhecimento, o universo científico para o pesquisador e o universo da tradição oral para o informante, e a maneira como os participantes se apresentam um ao outro, a maneira como coordenam as ações individuais de modo a alcançar objetivos complementares, a forma pela qual negociam a progressão do discurso e a introdução e reorientação dos tópicos discursivos são reveladoras dos ajustes que visam à sincronia interacional necessária à condução eficaz do encontro social.

Na elaboração da hipótese central a ser investigada nesse estudo, a partir dos primeiros contatos com o conjunto de entrevistas que compõe o acervo do Projeto Integrado IFNOPAP, considero que o processo de negociação que rege o posicionamento recíproco entre pesquisadores e informantes funciona de modo similar ao “movimento de gangorra”. As posições assumidas pelos interlocutores dispõem-se em uma relação complementar que é instável, uma vez que cada pólo dessa relação pode, em um determinado momento da interação, ocupar uma posição dominante na

¹ “[...] le lieu et le moment de la production du discours ne sauraient coïncider strictement avec la réalité de sa réception. Mais cette disjonction manifeste ne neutralise pas pour autant l’influence réciproque du discours sur les comportements. Bien au contraire. La divergence des points d’ancrages matériels institue en effet par elle-même une relation de communication particulière, qui force les interactants à reconsidérer *in absentia* les enjeux de l’interaction. D’où l’importance du marquage textuel et du lieu d’accès au discours qui médiatisent décisivement la relation entre les interactants.” (BURGER, 1997: 15)

condução do encontro. A movimentação dessa relação complementar, por sua vez, estabelece momentos de transição que tendem para uma relação simétrica, tal qual o movimento da gangorra, até que nova disposição da relação complementar se defina.

Como já foi apresentado nos capítulos anteriores, o ponto de partida para a compreensão das relações interpessoais na interação entre pesquisadores e informantes envolvidos no trabalho de coleta de narrativas será o esboço do **módulo interacional**, cujo objeto são as condições materiais do discurso, plano inaugural do espaço interativo em que os sujeitos entram em contato e que os institui como interlocutores. As próximas seções têm por objetivo apresentar a descrição e a análise das condições materiais da interação tanto nas situações de interação efetivas quanto nas situações de interação representadas nos discursos.

3.1. As situações de interação efetivas

O **módulo interacional** ocupa-se do modo de comunicação por meio do qual o encontro social se realiza, ou seja, do suporte material que possibilita a interação entre os sujeitos e que, em parte, determina a organização do discurso, uma vez que as possibilidades de agir e retroagir são limitadas por essa materialidade, o que afeta a gestão global da interação². Segundo Kuyumcuyan (2000), a descrição do **quadro interacional** de um encontro social é considerada o grau zero da comunicação³.

São três os valores que definem a materialidade de uma interação:

- o **canal** de interação: o suporte físico utilizado pelos interlocutores;
- o **modo** de interação: a posição dos interlocutores relativa ao espaço e ao momento em que ocorre a interação;

² “[...] la plasticité de l’interaction elle-même constitue une forme de détermination. Elle fonde selon Goffman (1988) la distinction entre signification ‘sociale’ et signification ‘interactionnelle’. La première concerne un événement et ses enjeux psychosociaux, par exemple le licenciement d’un employé. La seconde est fonction du mode de communication ‘choisi’ pour l’annonce du licenciement: en face à face, par téléphone, par courrier écrit etc.” (BURGER, 1997: 17)

³ “C’est ainsi qu’on arrive à poser, comme objet d’observation (bien qu’inexistant à lui seul), ce seul fait du ‘contact’ comme une sorte de degré zéro de la communication.” (KUYUMCUYAN, 2000: 61)

- o elo⁴ da interação: o grau de reciprocidade entre os interlocutores.

O **quadro interacional** característico de um encontro social **constrói-se por** meio da combinação dos três valores definidos e apresenta-se como uma **estrutura** constituída por níveis. Cada nível comporta uma materialidade própria que **permite** caracterizar as condições de participação de cada interlocutor no conjunto da interação: sua **posição de interação**⁵. O **quadro interacional** das narrativas selecionadas para constituir o *corpus* desta pesquisa começa a se esboçar considerando-se o encontro entre os sujeitos responsáveis pela coleta das narrativas. Para ilustrar sua composição, utilizarei a entrevista E03CZter231093 (anexo VII)⁶:

(Seu Chico)	(Patrícia Garcia)
Interlocutor	Interlocutor
Oral	
Co-presença espacial e temporal	
Reciprocidade	

(iv) Quadro Interacional I: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

Neste primeiro quadro, encontram-se os valores interacionais, à exceção das informações entre parênteses, correspondentes à condição material que permite a interação entre os sujeitos. A combinação dos valores ali descritos institui um **nível de interação**, bem como as **posições de interação** que o compõem. Como a combinação dos valores define o exemplo apresentado como um encontro face a face, em que há

⁴ No original, “lien d’interaction”. Em Soares (2003), encontra-se a tradução por “tipo de relação comunicacional”.

⁵ “Une **position d’interaction** définit l’identité de chaque interactant en termes des valeurs prises par les trois paramètres du canal, du mode et du lien d’interaction.” (BURGER, 2001: 143)

⁶ Na composição do quadro, encontra-se, entre parênteses, a identidade empírica dos sujeitos, visando à clareza dos dados quando do encaixe de diferentes níveis interacionais.

plena possibilidade de participação dos sujeitos, as **posições de interação** são denominadas de “interlocutor”.

Embora a configuração do **quadro interacional** acione unicamente informações derivadas da natureza material da interação - e por isso a autonomia do **módulo interacional** na estrutura heterárquica do modelo de análise modular -, é justamente a partir da observação, também, das ações que se desenvolvem no decurso de uma interação que se pretende descrever de modo mais completo o perfil das relações de identidade estabelecidas pelos sujeitos, tendo em vista que toda troca verbal está inserida em um quadro mais abrangente de ação social. Em suas ações, os sujeitos precisam estar investidos de uma identidade particular que precisa ser reconhecida pelo outro para a garantia do sucesso das ações coordenadas. Portanto, aliadas às **posições de interação** instituídas pela materialidade do encontro social, os sujeitos assumem também **posições de ação** relativas às identidades participativas que sustentam o engajamento recíproco dos sujeitos na condução de suas ações. Relacionar as **posições de ação** às **posições de interação** na composição do **quadro interacional**, ou seja, acrescentar as informações procedentes do **módulo referencial** às informações procedentes do **módulo interacional** permite uma descrição complementar das propriedades situacionais do discurso. Então, para complementar a construção do **quadro interacional** característico do *corpus* desta pesquisa, com vistas a compreender as identidades assumidas na condução da interação, acrescentar-se-ão as informações de natureza referencial aos dados interacionais já esboçados acima.

Na condução da prática discursiva que reúne informantes e pesquisadores do Projeto Integrado IFNOPAP, duas atividades se realizam e se articulam de modo particular. É tarefa dos pesquisadores do projeto entrevistar moradores das diferentes regiões do Estado do Pará com o objetivo de obter narrativas sobre o imaginário da região. Portanto, a entrevista é conduzida de modo a incitar o informante a narrar. É justamente quando o pesquisador consegue despertar no informante a disposição em apresentar uma narrativa que se alteram as relações entre esses sujeitos, e uma nova atividade passa a se realizar, o que certamente exigirá um realinhamento dos comportamentos. Martins (1999) assim descreve sua participação no trabalho de coletas das narrativas, que num dado momento se transforma em uma sessão de histórias:

A maneira envolvente do seu contar fascina e cativa também sua mulher e seus filhos, que já ouviram centenas de vezes as mesmas histórias e ficam junto conosco, ouvindo mais uma vez e rindo tanto ou mais que o pai contador de causos. Os futuros contadores pedem ainda, ou lembram ao pai sobre outras façanhas.

- *Pai, conta aquela daqueles dois lá no mato...*

É uma cumplicidade e interação de dar inveja aos mais variados programas que concorrem, hoje, com essa prática milenar do contar.

Um detalhe: as crianças e moças da casa estavam assistindo televisão na sala. Foi a sessão de histórias começar, desligaram o aparelho e juntaram-se ao pai, para mais uma vez serem mergulhados no mar das histórias paternas, e desse mergulho emergirem banhados da experiência contadeira do caboclo. (MARTINS, 1999, p.41)

Se essa nova atitude do informante não se manifesta, não se considera a condução da entrevista bem-sucedida. O documento reproduzido abaixo, elaborado pelos coordenadores do projeto, apresenta as orientações gerais a serem seguidas pelos pesquisadores para que os objetivos do trabalho sejam alcançados:

“Achezas para técnicas e ética da coleta”

“Orientações básicas:

1- A PROPÓSITO DO ENTREVISTADOR

- A pesquisa de campo consistirá, em princípio, na coleta de narrativas tal como nos forem repassadas, espontaneamente;
- a espontaneidade estabelecer-se-á a partir das atitudes do próprio pesquisador;
- o entrevistador deve ser: discreto, habilidoso, elegante, atento. Evitar ser importuno. Deixar o informante à vontade. Evitar que o informante se desvie dos propósitos da pesquisa;
- o entrevistador é, tão somente, o coletor das narrativas, do que se conclui que deve falar o mínimo e ouvir (gravar) o máximo;
- trabalhar em grupo (2 ou 3 membros);
- “deixar a emoção na UFPa.”

OBSERVAÇÃO: Este não é um documento acabado. Há orientações básicas indispensáveis e há orientações que podem, eventualmente, ser adaptadas às circunstâncias.

2- A PROPÓSITO DO INFORMANTE

- Levantamento e ampliação da rede de informantes: começar com os conhecidos e passar aos demais através de informações colhidas com os conhecidos e autoridades (prefeito, religiosos, médicos, professores);

- não “limitar” a figura do informante: faixa etária, origem geográfica, classe social, profissão, religião;
- contato com o informante: informar sobre a proposta de trabalho com clareza, objetividade, simplicidade e humildade; referir que se trata de um trabalho de equipe, sem fins lucrativos e, se julgar necessário e oportuno, dar informações mais completas; formular as questões e responder às perguntas com clareza e honestidade, para angariar a confiança do informante; tentar ser parte do grupo, sem exageros naturalmente.

OBSERVAÇÕES

COMO AGIR ANTE ÀS SOLICITAÇÕES DOS INFORMANTES:

- Pagamento: deixar claro que se trata de estudo e não de atividades com fins lucrativos. Se o informante quiser objetos em troca das informações, o pesquisador tentará resolver a questão da maneira mais adequada;
- sugestões sentimentais: agir com recato, discrição e evitar constrangimentos...
- procurar entender o informante se se tratar de troca de informações;
- fitas (cópias).

3- A PROPÓSITO DA GRAVAÇÃO

ANTES:

- Reunir o equipamento necessário à pesquisa de campo (caneta, papel, gravador, pilhas, fitas, recarregador de pilhas, máquina fotográfica, filmes);
- examinar cuidadosamente o equipamento;
- utilizar o equipamento de modo experimental;
- assinalar nas fitas a referência.

DURANTE:

- Gravar inicialmente dados pessoais do informante, local, data, hora etc;
- verificar se o microfone está bem posicionado em relação ao informante;
- anotar em folha de papel informações que julgar interessantes e/ou perguntas para esclarecimentos posteriores. **IMPORTANTE:** não interromper a gravação. Só falar se for inquirido pelo informante;
- controlar o avanço da fita;

- virar a fita em momento de interrupção demorada: utilize esse mecanismo para trocar de fita. **IMPORTANTE:** não interromper a gravação, mesmo durante conversas e informações paralelas.

APÓS:

- Reformular as questões que ficaram pendentes durante a narrativa;
- proteger a fita imediatamente após a gravação total (narrativa(s), perguntas e respostas posteriores).

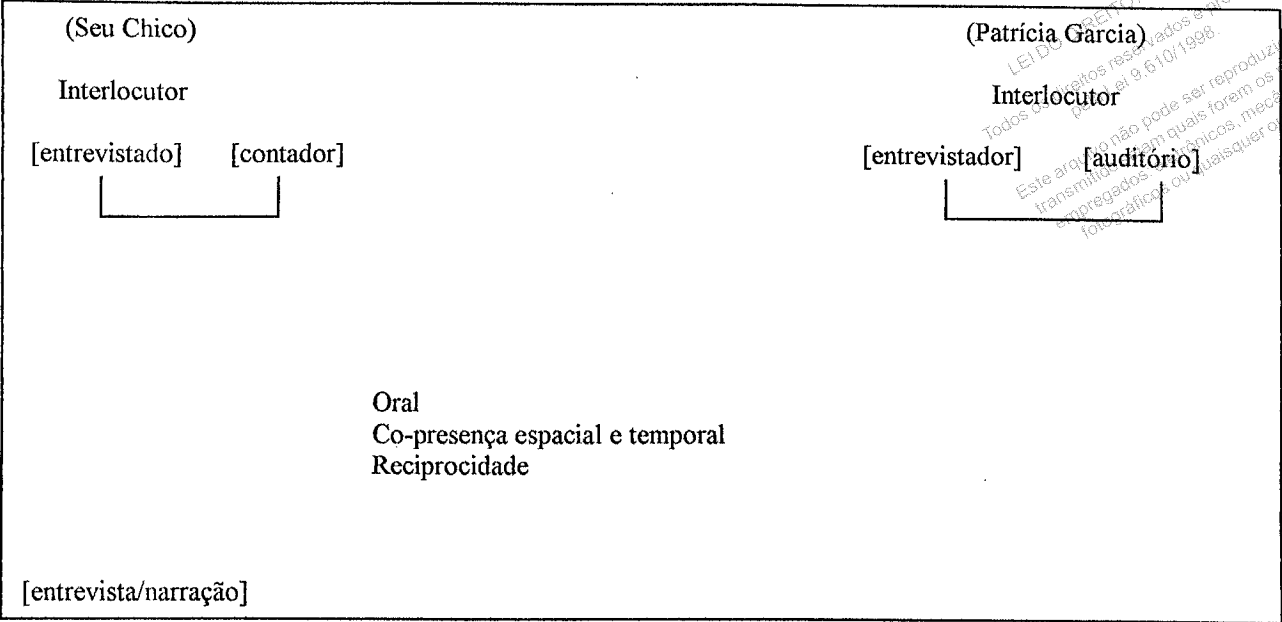
...e boa sorte!

Há de se esclarecer que, neste momento da análise, uma decisão metodológica se impõe: como indicar, na composição do **quadro interacional**, as diferentes praxeologias que se realizam na condução do encontro social? O confronto entre os dados de análise e o instrumental teórico-metodológico me permitiu elaborar duas possibilidades quanto a essa representação: descrever as diferentes praxeologias em um único **nível de interação** ou descrevê-las em uma estrutura representada em diferentes níveis.

3.1.1. O quadro unificado

A primeira possibilidade de relacionar os dados relativos ao **módulo referencial** aos valores materiais, relativos ao **módulo interacional**, é descrita conforme o quadro seguinte⁷:

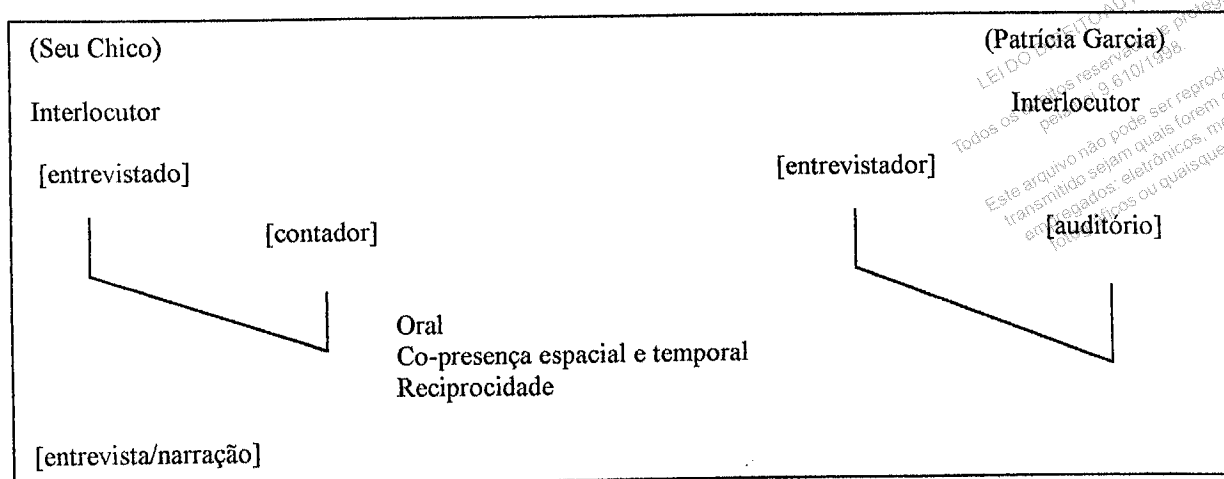
⁷ As informações de natureza referencial são apresentadas entre colchetes, conforme orientação de Burger (BURGER, 2001).



(v) Quadro Interacional II: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

Nos limites de um único **nível de interação**, realizam-se as duas atividades distintas, a saber a entrevista e a narração. Para Burger (1997), apesar da estreita relação entre os dados procedentes do **módulo interacional** e os do **módulo referencial**, os diferentes níveis do **quadro interacional** se definem exclusivamente pela forma de combinação dos valores materiais que caracterizam a interação, que são os mesmos na realização tanto de uma quanto de outra atividade.

O quadro acima representaria o grau zero da interação, como uma representação mais geral do encontro social. Nos diferentes momentos desse encontro, quando se realizam as negociações para o alcance da sincronia interacional, a depender da atividade a se realizar, uma das identidades assumidas pelo interlocutor se impõe de modo a impor também ao outro um papel complementar. Durante a condução da entrevista, o **quadro interacional** apresentaria o formato seguinte:



(vi) Quadro Interacional III: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

A dinâmica da interação entrevistador/entrevistado, segundo Kerbrat-Orecchioni (1992), constitui-se como uma interação assimétrica em que cada um dos participantes, a depender do ponto de vista, assume uma posição privilegiada⁸. Cabe a um dos participantes, o entrevistador, o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação; por outro lado, cabe ao entrevistado uma contribuição informacional significativa na co-construção do discurso. Ou seja, na condução da atividade entrevista, entrevistador e entrevistado ocupam posições privilegiadas em virtude de suas **identidades comunicacionais e identidades sociais**, entrevistador e pesquisador/entrevistado e informante respectivamente.

As **identidades comunicacionais**⁹ circunscrevem-se aos limites de tempo e espaço do encontro social e estão estreitamente relacionadas à definição das atividades que nesse espaço de interação se realizam. São elas que orientam as ações complementares dos sujeitos de modo a garantir a coordenação das ações realizadas durante a interação, coincidindo, portanto, com a definição dos **papéis praxeológicos** apresentados no quadro interacional, a saber: entrevistador/entrevistado. No entanto,

⁸ "C'est du reste ce qui se passe très généralement dans l'interview, où le statu des deux participants est complexe: si l'intervieweur est en position haute dans la mesure où il 'mène' l'interaction, oriente l'entretien et prend la plupart des initiatives, il abdique sur un autre front puisque son rôle est moins de parler que de susciter la parole d'autrui, auquel il laisse le soin de fournir l'essentiel de la matière conversationnelle, et qu'il s'emploie à mettre en vedette. Pilote effacé du dialogue, initiateur vite condamné à un silence relatif, l'intervieweur est à la fois dominant, et dominé – ces deux composantes se dosant diversement selon les interviews..." (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 109-110)

para assumir as **identidades comunicacionais** relacionadas a cada **posição de interação**, os sujeitos precisam estar investidos de uma **identidade social**, considerada como pré-requisito para legitimar sua participação naquele encontro. Na análise dos dados do Projeto Integrado IFNOPAP, as **identidades sociais** são definidas como pesquisador/informante. O pesquisador é ou um professor ligado ao projeto IFNOPAP, ou um aluno da graduação ou pós-graduação da UFPA, ligado ao projeto como bolsista ou voluntário, e uma de suas tarefas é a coleta de dados (narrativas) por meio das entrevistas, momento em que assume a **identidade comunicacional** de entrevistador. Mas, para além dessa tarefa, ele também é responsável pela organização do banco de dados do programa, pela transcrição das narrativas coletadas, pela análise dos dados conforme as orientações do subprojeto ao qual está ligado etc, tarefas em que assume outras **identidades comunicacionais**, a depender das atividades em que está envolvido. Quanto ao informante, já que não existe nenhum documento elaborado pelos coordenadores do projeto para definir o seu perfil, acredita-se que não haja nenhuma exigência mais específica para determinar sua participação, uma vez que estão registradas entrevistas de pessoas de ambos os sexos, de idades diferenciadas, moradoras da capital ou do interior, escolarizadas ou não etc. Parece que o único pré-requisito que o informante deve satisfazer é ter alguma história para contar, seja ou não legitimado pela comunidade em que vive como “contador de histórias”. O documento sobre as técnicas e sobre a ética da coleta de dados, elaborado pela coordenação do projeto, já recomenda:

- não “limitar” a figura do informante: faixa etária, origem geográfica, classe social, profissão, religião;

As duas identidades participativas tornam significativa a contribuição dos sujeitos na condução da dinâmica interacional e esboçam as condições ideais de participação de cada sujeito, construídas socialmente. Tais condições ideais de participação são, por sua vez, atualizadas em situações concretas de interação e

⁹ “Les statuts communicationnels constituent ainsi des identités qui dépendent de la temporalité d’une activité, et cessent d’être pertinentes avec la clôture de l’activité.” (BURGER, 1999: 47)

deixam-se adaptar a partir das negociações efetivamente realizadas pelos sujeitos em cada encontro social. É assim que tanto o plano das atividades, o aspecto esquemático da co-construção dos sentidos e dos contextos situacionais, quanto o plano das ações, o aspecto emergente desse processo, têm implicações significativas na construção das relações interpessoais, visto que as identidades dos sujeitos se definem na mútua determinação entre esses dois níveis. Assim como as ações sociodiscursivas que se desenvolvem em um encontro social, o modo como os sujeitos se representam no discurso tem um caráter híbrido, pois é resultado da tensão entre um perfil prototípico, construído a partir da história interacional de cada sujeito, e um perfil emergente, fruto das negociações situadas durante a interação.

Então, a partir de suas respectivas **posições de interação/posições de ação**, cada sujeito realizará ações que contribuirão para a condução da dinâmica interacional conforme as identidades assumidas. Burger (1997, 1999) distingue ações referentes ao **módulo interacional** do discurso, derivadas da **posição de interação** que os sujeitos ocupam, e ações referentes ao **módulo referencial** do discurso, derivadas da **posição de ação**. Ações do primeiro tipo dizem respeito às possibilidades de manifestação material do comportamento dos sujeitos que interagem¹⁰. No exemplo das entrevistas em análise, corresponderiam à ação de tomar o turno, já que são interações face a face, cujo canal de comunicação é oral. Ações do segundo tipo dizem respeito a um comportamento comunicacional legitimado pela **identidade comunicacional** assumida pelos sujeitos¹². Em linhas gerais, nas entrevistas sob análise, cabe ao entrevistador efetuar a identificação da fita, coletar dados sobre o informante e proceder aos modos de provocação da narrativa; enquanto ao entrevistado cabem as ações complementares de fornecer as informações solicitadas pelo entrevistador, bem como apresentar a narrativa. Um trecho da entrevista E03CZter231093 ilustra o modo como essa atividade é conduzida:

¹⁰ “Les statuts sociaux constituent ainsi des pré-requis à une activité, qui expliquent et sous-tendent une identité au plan communicationnel, et perdurent à celle-ci.” (BURGER, 1999: 49)

¹¹ “[...] une prise de position est la réalisation matérielle d’un comportement (ou action). Elle en constitue la manifestation publique, et impose (ou permet) ainsi une interprétation.” (BURGER, 1999: 46)

E03CZter231093 (anexo VII)

P. a entrevista é com:: seu chico↓ qual seu nome completo seu chico↑

If. é francisco...francisco alves (de lima)

If2¹³ [posso dizê↑

P. se:: chi:: francisco↑

If. ALVES DE LIMA

P. alves de lima↑ a sua idade↑

If.. sessenta e cinco ano

P. sessenta e cinco anos↑ e:: o senhô sempre viveu aqui na terra firme↑¹⁴

If. (inc.) trinta e lá vai coisa

P. o senhô é nascido:: em belém↑

If. so:: nascido em belém↓ mas eu já moro aqui há...trinta e pocos trinta e:: acho trinta e pocos anos

P. é:: desde o início do bairro o senhô mora aqui↑ ah não↑↑ claro que não né↑

If. [quase isso
quase isso

P. é::↑

If. é

P. e:: quando o senhô veio pra terra firme↑

If. isso eu não sei nem nem te explicá agora

If2. [olha eu vô abri a geladera cuidado
para não gravá isso aí heim↑

P. tá ((sussurra ao dirigir-se a If2))

If. a::cho que há:: há uns trinta e...uns trinta ano mais ou menos

P. uns trinta anos↑

If. é

¹² “[...] **une prise de rôle** est un comportement communicationnel légitimé par une activité. Un rôle est ratifié comme tel explicitement ou par défaut, et témoigne dès lors d’une attente en vigueur.” (BURGER, 1999: 46)

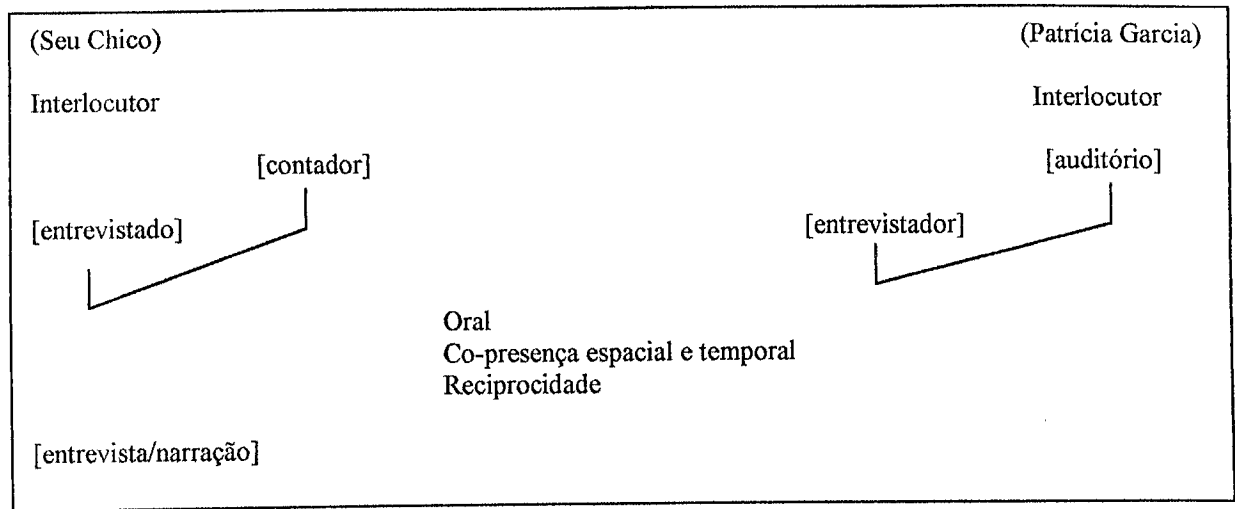
¹³ If2 refere-se a uma criança que, embora não participe efetivamente da entrevista, está sempre interferindo na condução da dinâmica interativa.

¹⁴ Neste caso, “terra firme” refere-se a um bairro da cidade de Belém. As letras maiúsculas foram suprimidas devido às convenções seguidas para transcrição.

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. e como era a:: terra firme nessa época↑...poderia dizê
pra gente↑ /.../

Complementando a primeira possibilidade de descrição do **quadro interacional**, em relação à condução da atividade narração, a posição da gangorra se altera:



(vii) Quadro Interacional IV: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

A atividade narração será considerada como o momento da interação em que, em termos quantitativos, o domínio da palavra passa a pertencer ao informante que, nos limites de uma **intervenção**, constrói uma cadeia de acontecimentos culminativos disjunta do mundo ordinário, ou seja, da situação efetiva da comunicação.

Nesse momento, modifica-se o *status* participativo dos sujeitos que interagem, mudança essa resultante de um processo de negociação, determinado pelos objetivos e interesses dos participantes. Ressalte-se que, se na atividade entrevista o domínio da dinâmica interacional pertence ao pesquisador, que então assume o **papel praxeológico** de entrevistador, a quem cabe – como já foi dito – o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação, na atividade narração, que revela um domínio de conhecimento relativo à experiência de vida do informante, cabe ao contador o direito a um turno significativamente maior na organização interacional e por isso uma posição privilegiada na condução daquela dinâmica, dois movimentos discursivos já intuídos no documento que orienta a conduta dos pesquisadores:

“- o entrevistador deve ser: discreto, habilidoso, elegante, atento. Evitar ser importuno.

Deixar o informante à vontade. Evitar que o informante se desvie dos propósitos da pesquisa;

- o entrevistador é, tão somente, o coletor das narrativas, do que se conclui que deve falar o mínimo e ouvir (gravar) o máximo;”

Um outro trecho de entrevista aqui selecionado para análise poderá ilustrar a apresentação da narrativa:

E05AQmur141194 (anexo VIII)

/.../

P. hum::...o senhô:: foi sinero aqui né↑ na vigia

If. [eu:: eh:: eu tam:: eu foi eu foi sinero vinte e três anos...da igreja...da vigia...essa igreja era uma igreja mui::to:: frequentada né↑

P. hum:: o senhô foi sinero daquela ali de pedra↑

If. também

P. dar duas↑

If. é mas (inc) o velho A falando que era o pároco...ele já não tinha:: as condição

P. [hum:: pra fazê o serviço então qu'ele me entregô to-do-o-ser-vi-ço da igreja...os momento de festa TODO mundo (inc) passá pela minha mão LIMPEZA tudo mais e com isso eu fazia limpeza na igreja né↑ e trabalhava só...era caboco de corpo novo e trabalhava só QUEM inda me ajudava era M a minha filha mais velha que já tá velhona professora...caboca pro trabalho também né↑...bom...dos que o pessoal

P. [hum:: tem medo sabe de quê↑ não sei por que mas olha eu nun::ca vi:: na::da

P. de de assombração::↑

If. hum↑

P. de assombração::↑

If. nada nada nada nada olha...eu entrava QUALQUER hora da noite naquela igreja nesse tempo não havia...luz elétrica lá...a lanterna do santíssimo era um COPO...que botava uns três dedo de areia...

P. [hum:: enchia o resto de azeite fazia um pavio do:: cabo da vassora – era uma vassora:: de piaçava né↑ - fazia um pavio pra quando en/ essa essa areia era pra segurá o pavio e acendia a ponta dele aí ficava a luz acesa pro

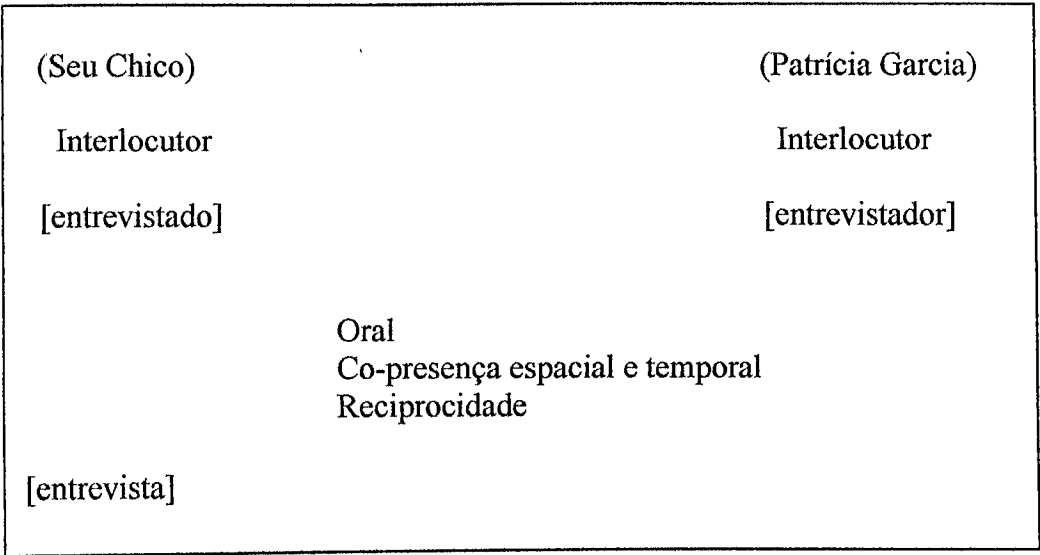
- santíssimo né↑ a noite intera acessa pro santíssimo mas havia
[
P. hum::
muito morcego...eu ia toda hora qu'eu me acordava eu ia na igreja
que às veze o morcego apagava né↑ eu ia acendê...mas morcego
[
P. hum::
tinha...muito...tinha muito que avançava em cima da gente mas eu...
eu:: fui no mato cortei um um um:: um (inc) tirei a folha e...botei a
(inc) na cabeça amarrei a cara e entrei no corredô e comecei (inc)
o morcego tudo enchi panero ((risos)) (inc) acabei c'os morcego ((risos)) mas bom...
[
P. ((risos))
mas assombração não olhe qu'eu eu morava LÁ:: na estrada...eu
vinha de lá quatro horas chegava na igreja cinco horas...às veze
chegava cedo inda deitava lá no banco (inc)...nunca me puxaram
pelo pé pelo pé nem pela mão (inc) nada nada nada nada
/.../

O trecho acima revela os movimentos complementares realizados pelos dois pólos da interação a partir do momento em que o contador inicia sua narrativa. Como a condução da entrevista nesse caso foi bem-sucedida, a participação do pesquisador, durante a narração, reduz-se significativamente em relação à sua participação no início da entrevista. Portanto, durante a condução do encontro social, apresentam-se comportamentos comunicacionais distintos, relacionados às atividades que se realizam no interior desse encontro, observados pela alteração do *status* participativo dos sujeitos em diferentes momentos.

As representações do **quadro interacional** propostas neste primeiro momento reforçam a metáfora da gangorra sobre a qual se constrói a hipótese central deste trabalho. Os movimentos discursivos na construção das identidades assemelham-se aos movimentos de uma gangorra, em que as posições ora se encontram numa relação vertical; ora, numa mesma relação vertical, as posições invertem-se; ora observa-se um movimento que se caracteriza pela tendência a uma relação horizontal, a tendência à simetria. Os dados analisados até o momento, se ainda não foram suficientes para evidenciar uma relação semelhante aos movimentos da gangorra na relação entre os dois interlocutores, ao assumirem **papéis praxeológicos** complementares na condução do encontro social, evidenciam essa relação entre os diferentes papéis que o sujeito poderá assumir nas situações efetivas de interação, a depender da atividade que se realiza no decurso do encontro social.

3.1.2. A estrutura de encaixes

A segunda possibilidade para a relação das duas praxeologias, na descrição do quadro interacional do encontro, prevê a construção de um quadro composto de dois níveis, distintos em relação ao elo de reciprocidade que se estabelece entre os dois interlocutores, a depender da atividade que se realiza. Nesse caso, o nível mais periférico seria representado da seguinte maneira:

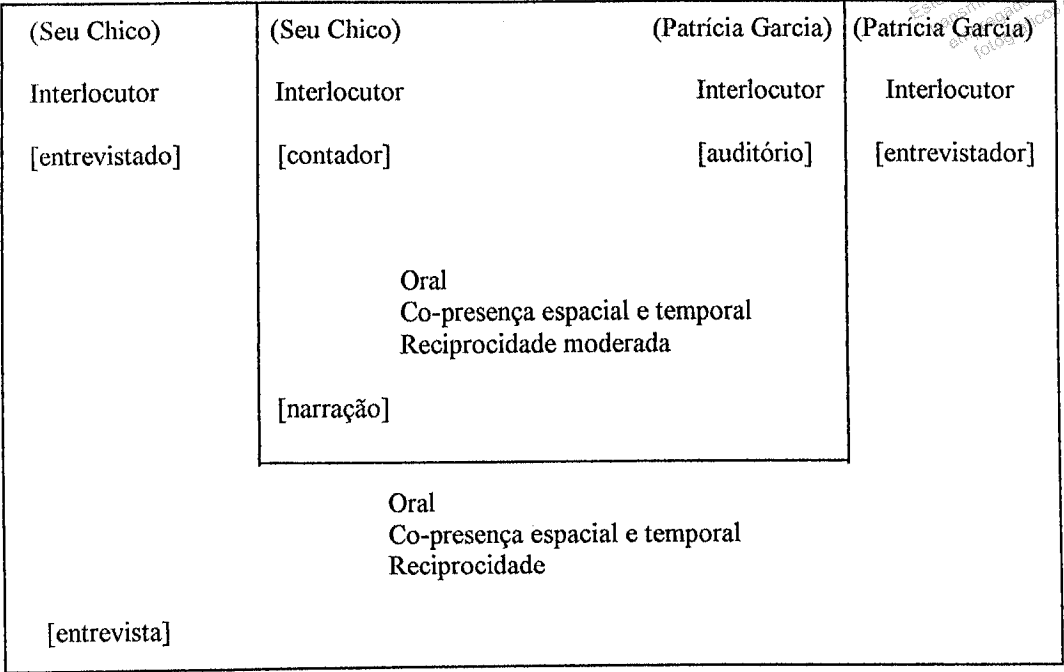


(viii) Quadro Interacional V: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

Nesse enquadre, o laço de reciprocidade que caracteriza a relação entre os sujeitos garante a participação ativa de ambos na condução da interação, de acordo com as ações que cabem a cada um dos papéis praxeológicos assumidos: coletar dados sobre o informante e proceder aos modos de provocação da narrativa, para o entrevistador; fornecer as informações solicitadas, para o entrevistado.

No entanto, conforme apresentado anteriormente, todo o percurso interacional da entrevista tem por objetivo suscitar no informante um comportamento diferenciado em relação àquele que inaugura o encontro social. Diz-se que, de acordo com o instrumental teórico-metodológico aqui utilizado para conduzir a pesquisa, embora permaneçam idênticas as identidades sociais dos interlocutores, suas identidades comunicacionais se alteram em virtude da realização de uma nova atividade. Desse

modo, altera-se, conseqüentemente, o comportamento desses interlocutores, o que inaugura o nível de interação mais central:



(ix) Quadro Interacional VI: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

Embora o canal e o modo desse novo nível de interação sejam idênticos ao nível mais externo, o elo que estabelece a relação entre as duas posições de interação é o que chamarei aqui de reciprocidade moderada, justamente porque, durante a condução das narrativas, as intervenções do auditório são constituídas por turnos mais exíguos, geralmente introduzindo sinais de assentimento, que mesmo não sendo significativos do ponto de vista da contribuição informacional são, no entanto, significativos para o desempenho do contador, uma vez que incentivam a condução da narrativa por meio de sinais que demonstram a atenção dispensada ao discurso do outro. Tais tomadas de turno do auditório durante a narração caracterizam-se também pelo não comprometimento da progressão temática do discurso do contador e não são sentidas como interrupções durante o discurso do outro; pelo contrário, são consideradas como contribuições, cujas funções podem variar de sinais de recepção do discurso ou

manifestação de apoio ao interlocutor a sinais de colaboração na condução da narrativa¹⁵.

Essa mudança de comportamento dos sujeitos em determinados momentos da interação é evidência de que o modo como esses sujeitos se percebem se altera, alterando-se também o modo como se relacionam e se ajustam na busca da sincronia interacional.

A estrutura de encaixe para representar as atividades que se realizam no decurso do encontro social é conveniente para demonstrar justamente a organização hierárquica entre as atividades: a entrevista é o enquadre que possibilita a realização da atividade mais central. A articulação entre essas duas atividades, na progressão do percurso interacional, melhor se evidencia na construção de uma **representação praxeológica** para o encontro, objeto do próximo capítulo, em que se visualiza que a atividade mais externa, a entrevista, é conduzida de modo a preparar o momento da atividade mais central, a narração.

Ademais, essa estrutura de encaixe também demonstra com bastante propriedade a mútua determinação entre as informações de natureza **referencial** e **interacional** para definir o espaço interacional que reúne dois ou mais sujeitos e os leva a agir de modo cooperativo. O **módulo referencial**, ao definir o tipo de atividade que está sendo conduzida e as ações que cabem aos participantes da ação, interfere na disposição das condições materiais do encontro social. O **módulo interacional**, por sua vez, ao estabelecer os valores materiais da interação, interfere na atualização das ações participativas dos sujeitos¹⁶. Em relação ao funcionamento discursivo característico dos dados sob análise, percebe-se essa mútua determinação quando o pesquisador não é sensível à necessidade da mudança de seu comportamento conversacional no momento da apresentação das narrativas e, desse modo, inviabiliza a consecução do objetivo

¹⁵ A análise mais detalhada das ações complementares realizadas pelos interlocutores na condução do encontro será apresentada no próximo capítulo, referente à composição da **forma de organização operacional** do discurso.

¹⁶ "Il s'agit cependant de bien garder à l'esprit le caractère dialectique de ces rapports référentiels-interactionnels. L'importance d'un événement de communication, en termes d'enjeux, se manifeste sans doute dans les caractéristiques des niveaux d'interaction. Le choix d'empêcher ou de permettre l'accès du public à la scène du débat, c'est-à-dire à la réciprocité communicationnelle avec les débattants en est un exemple: des enjeux référentiels déterminent alors les valeurs d'interaction. Mais l'inverse se vérifie dans le même temps. La possibilité ou non de participer matériellement à un échange avec des débattants

principal das entrevistas: a coleta das narrativas. É o caso da entrevista CM05AUcoq270494 (anexo VI), em que o pesquisador, apesar de ceder o turno para o informante apresentar sua narrativa, constantemente interrompe o discurso do contador com questionamentos que interferem na progressão temática da história e por isso não consegue obter do informante uma seqüência discursiva que corresponda à construção de uma cadeia de acontecimentos culminativos prototípica do discurso narrativo:

/.../

P. pode falá tudo que a senhora sobe↓

If. olha...ela era...é ela era uma pessoa desde menina notava nela uma certa...

[
P. dêxa eu (inc) pra senhora
fora do comum fora de (inc) fora de séri muito boazinha muito...muito boni/...
aliás depois ela foi crescendo tão simple aquele jeito dela muito bom
apreciava a a a música gostava de música gos

[
P. é aquela moça ali↑

If. é aquela moça qu'está'li...agora ela tava/ se estivesse viva estava com
setenta e nove anos né↑...qu'eu sô...três anos mais fes/ mais velha do que ela
né↑...de maneira qu'ela tes/ teria uns setenta e nove anos hoje né↑ se fosse
isso agora com a/ aí ela ficô moça e tudo ficô mocinha...(tu) sempre
mostrando...uma...di di diferente da das pessoas porque ela era...muito boa
muito não tinha vaidade nenhuma apesá de sê muito bonita...((surge um barulho de
batidas bem fortes)) mui::to bonita

P. ela era alta↑

If. alta magrinha...esbelta mermo um tipo de beleza...essa fotografia já é já
reproduzida né↑ ela era muito bonita...muito estudiosa muito inteligente...
ela (estudava) no colégio santo antônio cursando a terceira séri do:: curso
co/- que naquele tempo era curso comercial qu'era o comércio era o curso
de::...de de de...com'ê qu'eu digo meu deus↑...(3.0s) hoje é contabilista naquele
tempo era guarda livros – guarda livros é qu'ela estava fazendo o curso de

[
P. contabilidade
guarda livros – qu'eu sô formada em guarda livros que naquele tempo era
guarda livros agora é contabilista né↑...contabilidade técnico em con/
contabilidade...- de maneira qu'eu...aí ela começô...e tava estudan::do tudo
(e eu) sentô-se

P. quantos anos ela tinha↑

If. tinha:: ela morreu com dezesseis anos↓ ela morreu

P. ali ela tinha dezesseis anos↑

influence la nature et le déroulement des activités: c'est-à-dire l'écoute des auditeurs, tout comme les comportements des débattants ou de l'animateur. (BURGER, 1997: 24)

If. dezesseis anos

P. nem parece né↑

If. é...parece mais né↑...é mas é porque foi reproduzida né↑ tá'qui a
a olha a verdadeira...fotografia dela ((afasta-se do gravador para buscar a
fotografia))...olha

A descrição do **quadro interacional** em níveis distintos para as atividades entrevista e narração será, portanto, o caminho a ser seguido na composição dos próximos quadros na sequência da pesquisa.

3.2. As situações de interação representadas

A organização extremamente complexa dos processos identitários na interação entre dois ou mais sujeitos diz respeito, simultaneamente, a dados da organização situacional e a dados da organização enunciativa do discurso, que irão compor o quadro das relações interpessoais particular ao encontro social. Se as possibilidades descritivas apresentadas até aqui se relacionam às coordenadas da situação efetiva do discurso, a possibilidade de novos encaixes para a descrição dos dados de análise, a partir deste momento, relacionar-se-á às coordenadas disjuntas da situação efetiva de comunicação, constituídas pela narração¹⁷.

No modelo de análise modular, a análise da **forma de organização enunciativa** permite distinguir os discursos efetivamente produzidos em uma situação de interação daqueles representados no discurso primeiro, bem como definir os diferentes tipos de discursos representados e as diferentes formas em que se apresentam¹⁸. Conforme

¹⁷ “[...] seuls les paramètres de la relation effective constituent des données interactionnelles, et participent par là même à l’organisation situationnelle d’un discours. Je fais l’hypothèse que les propriétés d’interaction textuellement représentées contribuent au contraire à l’organisation énonciative du discours. Le fait de représenter la matérialité des discours qu’un texte énonce ou représente c’est en effet aussi fournir des indices sur la structure de différents plans d’énonciation.” (BURGER, 1997: 39)

¹⁸ “L’analyse de l’organisation énonciative, qui repose principalement sur le couplage d’informations d’ordres linguistique, interactionnel et référentiel, permet de distinguer les discours produits des discours représentés, autophoniques, diaphoniques et polyphoniques et de distinguer différentes formes de discours représentés: désignés, formulés et implicites. Elle permet de repérer les discours produits et représentés à différents niveaux qui constituent une intervention.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 281)

Soares (2003), trata-se de distinguir o discurso que é produzido, aquilo que se diz, daqueles que são reproduzidos, aquilo que se diz que alguém disse.

A definição do que seja um discurso representado requer a **compreensão do quadro interacional** que caracteriza a interação, pois os discursos representados correspondem a **níveis de interação** encaixados em um nível mais externo. Portanto, a depender do **nível de interação** em que se situa o olhar do analista que se debruça sobre determinado *corpus*, podem-se definir quais são os **níveis de interação** que correspondem ao discurso efetivamente produzido e quais níveis correspondem aos discursos representados. Os dois primeiros **níveis de interação** já definidos anteriormente, a saber o que corresponde à entrevista e o que corresponde à narração, são considerados situações de interação efetivas, uma vez que o *corpus* de análise selecionado aqui para a compreensão da organização e funcionamento discursivos é o registro das interações entre pesquisadores e informantes envolvidos no trabalho de coleta de narrativas. Soares (2003), em seu trabalho sobre a organização enunciativa e polifônica das narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP, adota como *corpus* de análise o conjunto de narrativas transcritas e publicadas nos livros da série Pará Conta ..., portanto, o **nível de interação** mais externo do qual parte a pesquisadora em sua análise corresponde à relação entre o editor, conjunto de documentadores que participou da coleta, seleção, transcrição e organização das narrativas que foram publicadas, e o público leitor, destinatário virtual das narrativas. Nesse nível encontra-se encaixado o **nível de interação** entre pesquisadores e informantes, tomado como situação de interação representada, diferentemente da organização proposta nesta pesquisa. Portanto, quando se fala de discurso produzido e representado, deve-se precisar em que nível do **quadro interacional** o analista se situa¹⁹.

O primeiro nível correspondente a situações discursivas representadas, nos limites deste trabalho, é aquele que representa textualmente a atividade narrativa:

(Seu Chico)	(Seu Chico)	(Seu Chico)	(Patrícia Garcia)	(Patrícia Garcia)	(Patrícia Garcia)
Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor
[entrevistado]	[contador]	[narrador]	[narratário]	[auditório]	[entrevistador]
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade moderada			
		[narração']			
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade moderada			
	[narração]				
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade			
[entrevista]					

(x) Quadro Interacional VII: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

Como o *corpus* de análise desta pesquisa é composto de narrativas orais, a disjunção entre o plano situacional e o plano textual é bem mais difícil de situar que a disjunção já muito bem desenvolvida para a organização narrativa do texto escrito, na qual a figura do narrador distingue-se da figura do autor também pela materialidade da interação: o nível autor/leitor é mediado pela escrita, materialidade às vezes distinta daquela que estabelece a relação narrador/narratário.

Na organização das narrativas orais que são objeto de análise desta pesquisa, o nível correspondente ao plano situacional da narração, o nível de interação intermediário (**quadro interacional VII**), é aquele que abriga o responsável pela ação mesmo de tomar a palavra e contar. A instância responsável pela condução/organização da narrativa é um ser de discurso, o narrador, situado no nível mais central²⁰. Nem

¹⁹ “Quand on parle de discours produit et représenté, il convient donc de bien préciser chaque fois à quel niveau on se situe dans le cadre interactionnel.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 283)
²⁰ “En d’autres termes, le narrateur et le narrataire ne sauraient être confondus ici avec les autres instances textuelles que sont les personnages du dialogue. Mais ils ne renvoient pas non plus au Narrateur et au

sempre há coincidência entre a identidade empírica do contador e a do narrador, como na narrativa aqui em destaque. Às vezes o contador atribui a outrem a responsabilidade daquilo que é narrado. Ao descrever e analisar as formas de organização **enunciativa e polifônica** das narrativas transcritas e publicadas, Soares (2003) **elenc**a algumas possibilidades de expressão do papel enunciativo de narrador:

- um narrador-personagem, cuja identidade empírica coincide com a identidade empírica do contador;
- uma pessoa merecedora de credibilidade, cuja voz parece dar legitimidade ao fato narrado;
- um narrador de contornos menos nítidos: um senhor, uma senhora, as pessoas do rio ou da cidade...;
- um narrador indeterminado pela terceira pessoa do plural, sinalizado por expressões de indefinição tais como uns dizem..., outros acreditam..., contam que..., diz que...;
- um narrador coletivo, que muitas vezes representa a voz da sabedoria comum partilhada pelo povo.

Não há como negar a pertinência das observações acerca das formas de organização **enunciativa e polifônica** relativas ao *corpus* em questão para o processo de negociação das relações interpessoais:

Nesse sentido, as narrativas – retomo deliberadamente as palavras de Bakhtin, acrescentando apenas uma especificação, as narrativas orais da Amazônia paraense, *corpus* deste trabalho – são fortemente polifônicas: o fenômeno da polifonia coloca-se inquestionavelmente nesse tipo de discurso, visto que as seqüências textuais que o constituem não são necessariamente associadas à voz de um único locutor que se responsabiliza por ele, em muitas intervenções, outras vozes, diferentes da do locutor, fazem-se ouvir, ora dialogando em harmonia, ora confrontando-se, às vezes, perceptíveis, facilmente localizáveis, outras vezes, mais escondidas nos traços (in)visíveis das palavras que dão forma a essas intervenções. (SOARES, 2003, p.15)

Todos os **níveis de interação** postulados para a descrição do *corpus* instituem a mesma **posição de interação**, uma vez que a relação entre os pares se realiza por meio de valores materiais semelhantes. No entanto, acrescidas as informações de natureza referencial, as semelhanças entre a organização dos níveis podem ser redimensionadas, uma vez que a condução das atividades em curso durante a interação irá exigir ajustes nos comportamentos dos sujeitos, inclusive relativos às condições materiais de retroagir ao enunciado do outro, o que se tem definido de reciprocidade moderada. São informações dessa natureza que distinguem os dois primeiros **níveis de interação**: entrevista/narração.

A distinção entre o terceiro **nível de interação** e os demais deve-se a informações relativas à **dimensão textual** do discurso: enquanto os dois primeiros níveis correspondem à organização situacional, referente às coordenadas da situação efetiva de comunicação, o terceiro nível é relativo às propriedades de interações representadas, por isso mesmo apresentadas no gráfico por meio de linhas traçadas. Cabe reforçar que, apesar da identidade empírica dos sujeitos, o que o **quadro interacional** se propõe a demonstrar é a representação desses sujeitos na organização interacional, que em cada nível se modifica em virtude das diferentes determinações impostas pelas diferentes dimensões que compõem o discurso.

Refinando mais ainda o esboço do **quadro interacional**, outros quadros poderão ser encaixados, à medida que o narrador apresenta suas personagens interagindo entre si²¹:

²¹ O **nível interacional** correspondente à entrevista foi suprimido apenas por uma questão de espaço.

(Seu Chico)	(Seu Chico)	(um amigo)	(grupo de amigos)	(Patrícia Garcia)	(Patrícia Garcia)
Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor
contador]	[narrador]	[caçador]	[caçadores]	[narratário]	[auditorio]
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade			
		[caçada]			
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade moderada			
	[narração']				
		Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade moderada			
arração]					

(xi) Quadro Interacional VIII: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

E03CZter231093 (anexo VII)

/.../

If. quando apareceu apareceu um negócio de um um barulho coisa...aí uns amigos que tava comigo...umas umas onze horas da noite...teve um que inda gritô ei...isso é o bicho que (risos) que vem atrás de vocês...isso que é a curupira não sei o quê...(inc)

P. era tarde da noite não↑ (inc.)

If. [era (inc.) onze horas...mais ou menos...era umas onze horas da noite

P. porque já ele disse que era curupira↑ ele ouviu algum barulho↑

If. não porque ele viu...o:: aliás tu tudo todos nós vimos...tinha um...tinha um negócio lá do...desse de...eu acho quando os camarada gritaram lá...pelo meu nome né...eh fulano tal tal...aí foi quando eu res respondi...e quando eu respondi...foi saí um bicho...de trás do...de lá dos companheiro todo que tavam lá na frente mais ou menos...aquilo saiu numa quebradera de pau ((risos)) tudo pela mata aí...ainda teve um que gritô ei dia::bo que bicho é esse↑↑ ((risos))

(6.0s) /.../

O próprio entrevistador pode também fazer referência a entrevistas anteriores para despertar o interesse do informante em narrar. Desse modo, além do **quadro interacional** global, postulado para descrever o trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP, podem-se construir outros quadros eventuais para descrever as estratégias de provocação utilizadas pelos pesquisadores na condução da entrevista, com vistas a incentivar a atitude narrativa do informante:

(Seu Chico)	(Seu A)	(Patrícia Garcia)	(Patrícia Garcia)
Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor
[entrevistado]	[entrevistado]	[entrevistador]	[entrevistador]
	Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade [entrevista']		
	Oral Co-presença espacial e temporal Reciprocidade		
[entrevista]			

(xii) Quadro Interacional IX: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

E03CZter231093 (anexo VII)

/.../
P. hum::...o seu seu A por ali que:: nos falô que sempre passava
assoviando uma:: matin::ta
[
If. ah ah isso é/
P. isso é lenda é↑ ((risos))
[
If. isso é lenda ((risos))...eu nunca vi...nunca vi
negoço asso so soviando nada aqui /.../

A contrapartida interacional da construção de um mundo textualmente representado, disjunto da situação efetiva de comunicação, além da dissociação do **quadro interacional** em diferentes níveis, é a percepção do destinatário empírico do discurso, o que se tem denominado aqui de “auditório”, à posição externa de

superdestinatário. Kuyumcuyan (2000) traduz essa complexidade por meio do conceito de “menção”, cuja definição se estabelece com base em uma regra de conexão que articula a **forma de organização enunciativa à dimensão situacional**²². O conceito de superdestinatário, postulado por Bakhtin (1979(2000)), refere-se ao sujeito que, de um modo particular, se posiciona em um discurso em relação ao qual ele não é o destinatário em primeiro nível. Ele é testemunha, espectador:

Compreender é, necessariamente, tornar-se o *terceiro* num diálogo (não no sentido literal, aritmético, pois os participantes do diálogo, além do terceiro, podem ser em número ilimitado), mas a posição dialógica deste terceiro é uma posição muito específica. O enunciado sempre tem um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva. Este destinatário é o *segundo* (mais uma vez, não no sentido aritmético). Porém, afora esse destinatário (o segundo), o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um *superdestinatário* superior (o terceiro), cuja compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo histórico afastado. (O destinatário de emergência). Em diferentes épocas, graças a uma percepção variada do mundo, este superdestinatário, com sua compreensão responsiva, idealmente correta, adquire uma identidade concreta variável (Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, a ciência, etc.). (BAKHTIN, 1979(2000), p.355-356)

É essa posição externa de superdestinatário que os interlocutores situados nos **níveis de interação** relativos ao contexto efetivo da situação de comunicação - a entrevista e a narração -, assumem em relação ao **nível de interação** mais central. O entrevistador e o auditório assumem a posição de superdestinatário em relação à interação narrador/narratário. Por sua vez, os interlocutores situados no **nível de interação** correspondente à narração, narrador e narratário, também assumem a

²² “Règle de couplage: forme d’organisation énonciative/modules situationnels – définition modulaire de la ‘mention’

➤ soit une séquence *s* constituant une énonciation *E°*,
 ➤ si cette séquence *s* est produite dans une énonciation dont les coordonnées situationnelles sont distinctes de celles de *E°* (soit une énonciation méta *E¹*), alors cette séquence *s* définit, *au plan textuel*, un ‘niveau d’interaction’ second. Les positions d’interaction des deux cadres ainsi définis sont respectivement occupées par les deux instances de parole correspondantes *E°* et *E¹* et par leur(s) destinataire(s) respectif(s).” (KUYUMCUYAN, 2000: 243)

posição de superdestinatário em relação à interação representada entre as personagens da narrativa.

A complexa articulação de níveis interacionais produz um “efeito narrativo” que Kuyumcuyan (2000) denomina “narratividade implícita”, decorrente da conjugação de dados da **dimensão interacional** e **forma de organização enunciativa**²³. Esse “efeito narrativo” transborda do nível mais central, na descrição e na análise de nossos dados, para um nível ainda mais periférico que englobará todos os demais - a produção do trabalho científico:

(Fátima Pessoa)	(Seu Chico)	(Seu Chico)	(Patrícia Garcia)	(Patrícia Garcia)	(?)
Escritor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Interlocutor	Leitores
[pesquisador]	[entrevistado]	[contador]	[auditório]	[entrevistador]	[pesquisadores]
		Oral			
		Co-presença espacial e temporal			
		Reciprocidade moderada			
		[narração]			
		Oral			
		Co-presença espacial e temporal			
		Reciprocidade			
	[entrevista]				
		Escrito			
		Distância espacial e temporal			
		Reciprocidade não-imediata			
[produção do trabalho científico]					

(xiii) Quadro Interacional X: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

O nível ainda mais externo refere-se à relação existente entre a interação que está sendo analisada, o trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP, e a interação em curso de uma análise científica, que confronta o leitor a uma situação

²³ “Je proposerai donc d’établir ces deux états de la narrativité, l’explicite et l’implicite, dans deux micro-systèmes différents du modèle, respectivement la forme d’organisation simple **séquentielle** pour la première, et la forme d’organisation complexe **compositionnelle** pour la seconde (II, 54-56). Cette diversité de localisation aurait au moins le mérite de rendre compte de la nature différent des informations qui interviennent pour la catégorisation narrative des fragments correspondants: d’ordre linguistique pour les séquences narratives explicites, situationnel (interactionnel) pour les fragments narratifs implicites, et cela sans préjuger des éléments référentiels qui viendraient dans chaque cas confirmer/renforcer cet effet narratif des textes (premier cas) ou des discours (second cas). (KUYUMCUYAN, 2000: 108)

típica de disjunção entre a interação submetida à análise e a situação da qual ele realmente participa²⁴. São, portanto, os leitores do trabalho que está sendo produzido, e no qual a interação entre pesquisadores e informantes do Projeto IFNOPAP vem mencionada, que assumirão o *status* de superdestinatário, característica própria do “efeito narrativo”, conforme concepção de Kuyumcuyan (2000)²⁵.

A descrição e a análise do primeiro módulo do funcionamento discursivo característico da interação entre pesquisadores e informantes do projeto já revelam toda a complexidade relativa ao posicionamento recíproco entre os sujeitos que interagem. A composição do **quadro interacional** em diferentes **níveis de interação**, relacionados às diferentes atividades que se realizam no decurso da interação e também relacionados à organização dos contextos situacionais e enunciativos dos discursos, demonstra o quão heterogêneo e dinâmico é o modo como os sujeitos se constituem no decorrer da interação. Para melhor compreender o perfil de cada identidade assumida, proceder-se-á, no próximo capítulo, ao exame das condutas coordenadas dos interlocutores na realização de cada uma das atividades, bem como ao exame do jogo dialógico que permite coordenar as ações e articular a passagem de uma atividade a outra. Cabe, então, observar a relação entre entrevistador/entrevistado, contador/auditório e narrador/narratário sem, no entanto, perder de vista a percepção do conjunto maior em que cada nível está inserido, mesmo porque, em virtude das particularidades do *corpus*, os processos de negociação discursiva alternam freqüentemente os diferentes planos.

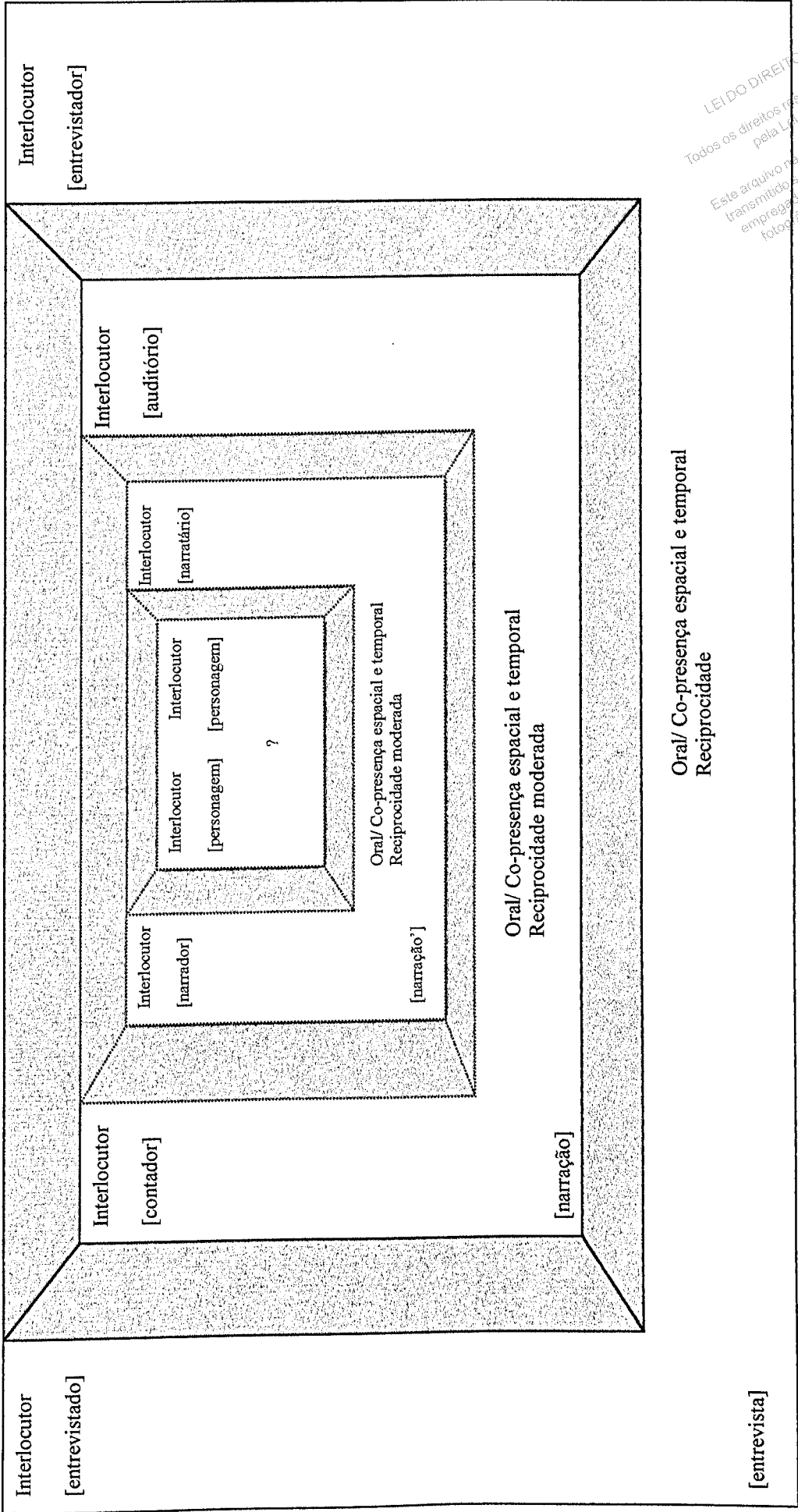
O próximo e último quadro desta seção representa esse conjunto e introduz a noção de que entre eles há espaços de transição, ou seja, os intervalos existentes entre os

²⁴ “De tels échanges ne peuvent cependant être considérés comme indépendants que dans la mesure où ils sont ‘tenus’ (Perrin 1996, 323), précisément, *et cela dans le strict intervalle où ils sont effectivement*. Mais la question qu’on peut légitimement se poser à leur égard est celle de leur statut réel dès lors qu’ils se trouvent situationnellement transplantés: du cadre quotidien où ces propos ont été effectivement ‘primo-énoncés’ au nouveau contexte analytique que leur affect inévitablement leur citation dans le cadre d’une observation ‘scientifique’, qu’il s’agisse d’une conférence ou d’un article, faut-il encore admettre qu’ils n’aient pas du tout été modifiés, et que leur transfert soit resté sans conséquence majeure sur leur nature originelle de ‘dialogue indépendant’?” (KUYUMCUYAN, 2000: 216)

²⁵ O **quadro interacional** esboçado na figura 10 apresenta-se simplificado, uma vez que para Kuyumcuyan (2000) há ainda um nível intermediário que descreve o contato do produtor do trabalho científico com o *corpus* selecionado para análise. Como o propósito de análise deste trabalho não envolve esse **nível de interação**, optou-se por não tornar ainda mais complexa a descrição desse quadro.

diferentes níveis de interação, que sinalizam a direção que tomam os interlocutores na condução da prática discursiva:

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



LEI DO DIREITO AUTURAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

A idéia de postular espaços de transição entre os **níveis de interação** responde à necessidade de compreender como esses níveis se inter-relacionam, uma vez que são simultâneos no conjunto da interação. A passagem de um nível a outro é objeto de negociação entre os interlocutores para o reconhecimento de uma nova prática no conjunto da interação. Os espaços de transição são a forma encontrada para marcar, na descrição do **quadro interacional**, os momentos da interação em que as seqüências discursivas se situam no intervalo entre dois níveis de modo a sinalizar o processo de negociação que define a condução do encontro em uma determinada direção. Relacionados à hipótese central desta pesquisa, os espaços de transição representam a disposição horizontal da gangorra, que se verifica até que um novo movimento seja definido, seja a modificação das **posições de interação/posições de ação**, seja a continuidade da relação anteriormente estabelecida.

Nos capítulos seguintes, as informações procedentes dos demais módulos e formas de organização discursivas poderão confirmar ou não a pertinência dessa proposta descritivo-analítica. As perguntas que ainda aqui ficaram sem resposta serão remetidas às etapas seguintes de análise.

IV. A FORMA DE ORGANIZAÇÃO OPERACIONAL: AÇÃO E TEXTUALIZAÇÃO

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. (BAKHTIN, 1929)

O exame das propriedades situacionais que em parte determinam a organização discursiva do trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP iniciou-se, no capítulo anterior, com a descrição e a análise das condições materiais que caracterizam a interação entre pesquisadores e informantes. A composição do **quadro interacional** prevê quatro níveis, correspondentes às atividades que se realizam durante a interação - a entrevista e a narração - e à organização enunciativa do discurso, relativa às coordenadas da situação efetiva do encontro e às coordenadas dos mundos representados no discurso. O nível mais periférico confronta entrevistador/entrevistado na relação mais externa, inaugural e institucionalizada do encontro. Em virtude da própria dinâmica da interação, essa relação inaugural possibilita o estabelecimento de relações outras: contador/auditório e narrador/narratário.

Como o objetivo principal desta pesquisa é compreender o modo como os sujeitos que interagem durante o trabalho de coleta de narrativas estabelecem e gerenciam as relações interpessoais, é necessário que se observe a condução efetiva do percurso interacional, uma vez que esse processo de negociação é derivado daquilo que os sujeitos fazem e dizem no decorrer do encontro social. Trata-se, então, de aliar as informações de ordem textual às informações relativas à organização situacional do discurso, tarefa que cabe, na abordagem modular, à **forma de organização operacional**. Se, na condução das análises até este momento, foram postuladas as **posições de interação/posições de ação**, a partir de uma observação global da organização discursiva, as **estruturas operacionais** a seguir evidenciam as ações que os interlocutores realizam ao assumirem suas posições, a partir de uma observação local da organização discursiva.

Conforme definido anteriormente, a **forma de organização operacional**, ao conjugar informações de natureza referencial e hierárquica, evidencia a inter-relação entre as ações dos interlocutores e os mecanismos de intercompreensão que garantem a coordenação dessas ações. Desse modo, enquanto o **módulo referencial** e o **módulo hierárquico** permitem a separação teórico-metodológica de aspectos de natureza distinta na análise da organização discursiva - o modo de ação e o modo de comunicação -, a **forma de organização operacional** permite a rearticulação desses aspectos, sem desconhecer a especificidade de cada uma das diferentes dimensões¹. A partir da construção das **estruturas operacionais**, reafirmo então, é possível compreender como, na progressão do discurso, articulam-se as diferentes atividades que se realizam no decurso das interações sob análise e, conseqüentemente, como se articulam as diferentes identidades assumidas e reconhecidas pelos sujeitos durante o encontro.

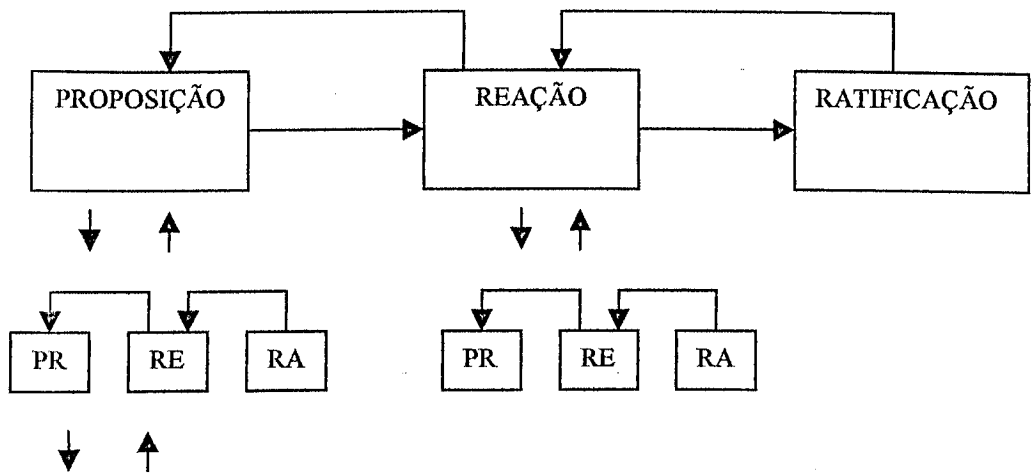
A composição das **estruturas operacionais** reúne as **estruturas praxeológicas**, que descrevem as unidades de ação e suas respectivas relações para recuperar o percurso acional do encontro, e as **estruturas hierárquicas**, que descrevem as unidades textuais e suas respectivas relações para recuperar o processo de negociação dialógica em que se engajam os interlocutores, de modo a conduzir a interação para a realização de seus objetivos.

As unidades componentes das **estruturas praxeológicas** são a **incursão**, unidade relativa à totalidade do encontro social; a **transação**, unidade relativa ao conjunto de condutas finalizadas que visam ao alcance dos objetivos pretendidos pelos interlocutores; os **episódios** e suas **fases**, unidades relativas a seqüências de ações constitutivas de uma **transação**; a **ação mínima**, relativa à menor unidade praxeológica, cuja definição exige o reconhecimento de uma intenção do locutor e a respectiva reação

¹ "Dans cette perspective, l'étude de l'organisation opérationnelle ne peut se contenter de décrire dans un rapport d'équivalence les processus praxéologiques et les mécanismes communicationnels qui les médiatisent. Au contraire, elle doit impérativement chercher à spécifier comment les ressources communicationnelles liées à l'entente s'imbriquent dans la structuration des actions, et ce sans pour autant assimiler ces domaines de faits ni les dissocier radicalement." (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 209)

do interlocutor à ação que o primeiro realiza². A definição de **ação mínima** remete ao conceito de reciprocidade interpretativa, apresentado por Pires (1997), na condução conjunta da prática discursiva e aproxima os limites do modelo de análise modular do discurso à corrente dos conversacionalistas, ao ancorar a descrição e a análise da organização e do funcionamento discursivos aos dados empíricos, observados nas reações dos interlocutores às ações discursivas de seus parceiros³.

As unidades componentes das **estruturas hierárquicas** são a **troca (T)**, a **intervenção (I)** e o **ato (A)**. O modo como essas unidades se combinam na composição da **estrutura hierárquica** particular a cada interação não é uma aplicação formal do modelo, mas uma representação do processo de negociação dialógica, subjacente a toda interação, em busca do duplo acordo: a completude dialógica e a completude monológica. Esse processo de negociação é representado por meio do seguinte esquema⁴:



(xv) Representação do processo de negociação dialógica

² “C’est donc avec prudence qu’on se risquera à définir l’**action minimale** comme la plus petite unité praxéologique guidée cognitivement par un but ou une intention, et potentiellement identifiable comme telle par le co-agent.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 121)

³ “En effet, ce qui de notre point de vue doit être considéré comme déterminant dans le repérage d’une unité praxéologique minimale reside moins dans l’existence d’une intention individuelle consciente que dans son émergence publique et son identification par l’interlocuteur.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 121)

⁴ Não é objetivo deste trabalho fazer a revisão completa dos princípios e categorias de análise do modelo de análise modular do discurso. Os princípios e categorias aqui apresentados servem ao propósito de

O conjunto das etapas do processo de negociação dialógica - proposição, reação e ratificação - corresponde a uma **T** na **estrutura hierárquica**. Quando os interlocutores julgam que a negociação se completa, o movimento de ratificação confirma o acordo entre os interlocutores sobre o fechamento da **T**. Considera-se, então, que a completude dialógica foi alcançada. Cada etapa desse processo, por sua vez, corresponde às **I** que compõem a **estrutura hierárquica**, constituídas pelas unidades textuais mínimas - os **A**. Para se alcançar a completude dialógica, cada etapa desse processo deve ser formulada de modo suficientemente claro pelo interlocutor, ou seja, deve ser formulada de modo a alcançar a completude monológica. Caso contrário, negociações secundárias/subordinadas podem ter início para o esclarecimento das **I** intermediárias, até que os interlocutores possam, então, chegar a um acordo.

Em relação à segmentação dos discurso em **A**, adoto as orientações de Marinho (2002), que faz uma apresentação bastante detalhada das elaborações teóricas que conduziram à definição dessa unidade, bem como à sua segmentação nos discursos:

Definir a unidade textual mínima mostra-se assim um trabalho bastante delicado. Para a análise que pretendo realizar neste trabalho, vou admitir que o ato – ato textual para Filliettaz (2000), ato hierárquico para Grobet (2000) e ato para Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) - é a unidade mínima e deve ser definida como ‘a menor unidade delimitada de uma parte a outra por uma passagem pela memória discursiva’ (Roulet, 1999: 145). Pela fronteira esquerda, ele se apóia sobre os conhecimentos prévios ou informações resultantes do contexto ou do cotexto, mantendo uma ‘relação de pressuposição’, no sentido clássico do termo, com essas informações. Pela fronteira direita, a enunciação de cada ato provoca a estocagem de informações que ele ativa em virtude de uma ‘regra de produção’: ‘para que $p \in M$ (memória discursiva), é preciso realizar uma enunciação de p ’ (Berrendonner, 1990:27). (MARINHO, 2002, p.58)

No percurso de análise proposto para a elaboração desta tese, a composição das **estruturas operacionais** objetivam demonstrar como cada participante atualiza a **identidade comunicacional** assumida na sua relação com o outro. A composição das **estruturas operacionais** objetiva, também, desenvolver a noção de que, entre cada **nível interacional**, há espaços de transição, que correspondem a momentos de

esclarecer questões relativas à análise dos dados. Para uma revisão mais detalhada dos princípios que regem a organização do **módulo hierárquico**, remeto a Marinho (2002).

negociação sobre o rumo que os interlocutores devem tomar na condução da prática discursiva.

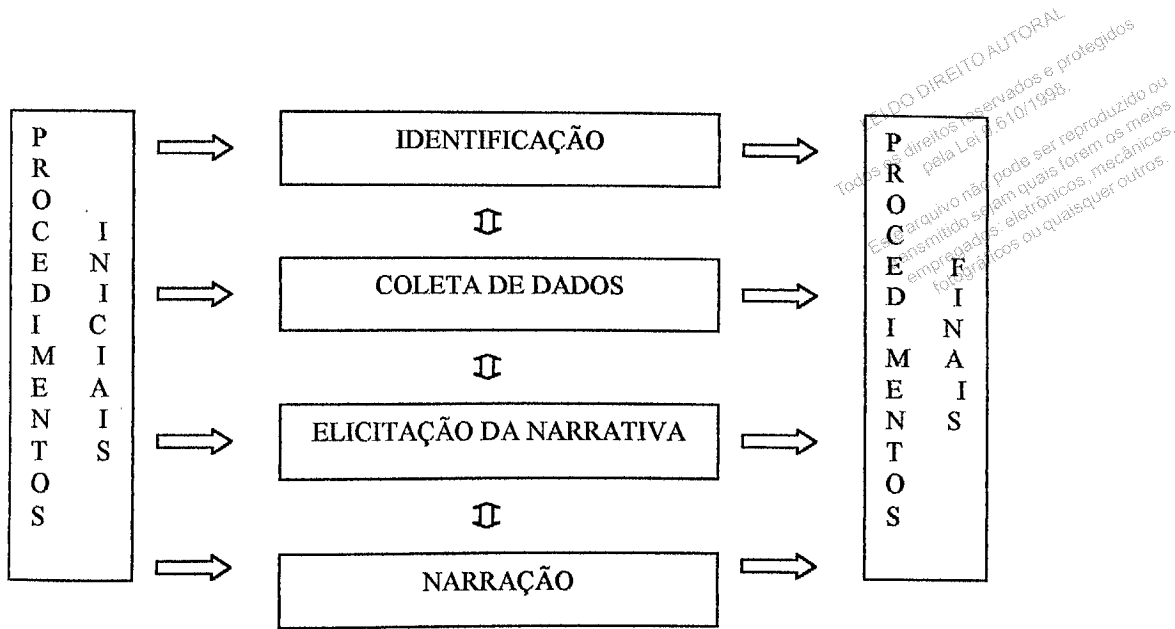
As **estruturas operacionais** apresentadas neste capítulo privilegiam a condução das atividades no decurso do encontro social. Três percursos são observados: o percurso 1 ocupa-se da condução da atividade entrevista à atividade narrativa; o percurso 2 ocupa-se da condução da atividade narração, momento da interação de maior interesse para o pesquisador; o percurso 3 ocupa-se da condução da atividade narração de volta à atividade entrevista.

4.1 Percurso 1: da entrevista à narração

Como já visto, na interação entre pesquisadores e informantes do Projeto IFNOPAP, a entrevista é a atividade mais externa, inaugural e institucionalizada, cuja finalidade é recuperar e registrar as narrativas orais populares do imaginário da Amazônia paraense. No confronto entre entrevistador e entrevistado, o domínio na condução do encontro é compartilhado entre os dois pólos da interação, uma vez que as ações realizadas pelos interlocutores são complementares: ao entrevistador cabe orientar a progressão do discurso de modo a direcionar a temática do encontro; ao entrevistado cabe fornecer o essencial da matéria conversacional.

A proposta de **representação praxeológica**⁵ para essa atividade, construída a partir do contato com o *corpus*, é a que segue:

⁵ A **representação praxeológica** é um componente do **módulo referencial**, cuja função é descrever a organização global estável de uma prática social determinada. Em parte orienta a conduta dos sujeitos durante o encontro social, uma vez que permite resgatar, da história interacional dos interlocutores, experiências anteriores responsáveis por definir em que tipo de atividade estão esses sujeitos engajados e que conduta devem eles apresentar.



(xvi) Representação praxeológica da atividade de entrevista

A condução das entrevistas corresponde ao percurso esboçado acima. Os procedimentos iniciais reúnem os primeiros contatos entre pesquisadores e informantes, os quais antecedem o próprio momento do registro do encontro. Provavelmente, nesses momentos, são realizados as apresentações e os cumprimentos, por meio das trocas confirmativas (GOFFMAN, 1974), são apresentadas para os informantes as primeiras definições sobre a natureza do Projeto Integrado IFNOPAP, são ajustadas as indicações gerais de como proceder etc. Seguem-se a esse momento inicial as demais etapas do percurso praxeológico prototípico do trabalho de coleta de narrativas, que não têm uma ocorrência sequencialmente marcada. O conjunto de setas unidirecionais à esquerda, que marca as combinações possíveis para o início da gravação, e o conjunto de setas duplas, que marca a diversidade de combinação das etapas no desenvolvimento do encontro, evidenciam as diferentes configurações possíveis a cada encontro em particular.

No momento de identificação, são registrados dados sobre a data e o local da gravação e nome do informante. Esse não é um momento propriamente de negociação entre pesquisadores e informantes, é antes o registro de informações que visa a facilitar a manipulação das fitas por outros pesquisadores quando do trabalho de análise das narrativas coletadas.

O momento de coleta de dados desdobra-se em duas direções: o entrevistador busca dados gerais sobre idade, escolaridade, naturalidade do entrevistado, bem como outras informações que sejam relevantes para caracterizar a **identidade social** do informante; ou cabe também, nessa etapa, a busca por informações sobre a **relação** entre o sujeito e o objeto de seu discurso, ou seja, o modo como o compreende, as opiniões formadas sobre esse objeto, e ainda novas informações sobre o objeto de discurso que, eventualmente, tenham escapado à produção da narrativa.

O momento da elicitación da narrativa é o momento em que o entrevistador aborda assuntos que podem despertar o interesse do entrevistado em narrar os fatos sobre o imaginário amazônico. Nesses momentos, também, o entrevistador sinaliza ao entrevistado a sua disposição em ouvir as histórias que este tem para contar.

O momento mais relevante da interação entre pesquisadores e informantes é, sem dúvida, a própria narração, objetivo central do trabalho do pesquisador. No conjunto das análises aqui em curso, é o momento em que se inaugura uma nova atividade, cuja dinâmica exige dos interlocutores um realinhamento das relações estabelecidas.

Por fim, o último momento da **representação praxeológica** proposta para a composição do perfil dos dados de análise são os procedimentos finais, que estabelecem uma simetria com o momento inicial, pois são os únicos momentos que apresentam uma seqüência definida no percurso interacional. Os procedimentos finais correspondem aos momentos do encontro que evidenciam o encerramento da situação de interação. Assim como os procedimentos iniciais, os procedimentos finais nem sempre estão registrados nas gravações realizadas durante o encontro ou não estão registrados em sua totalidade, pois, em geral, quando o pesquisador está satisfeito com o conjunto de informações coletadas, ele interrompe a gravação.

Cada etapa dessa **representação praxeológica** é apresentada, a seguir, em um eixo hierárquico e seqüencial, na composição das **estruturas operacionais**. Desse modo, objetiva-se visualizar a seqüencialidade (PIRES, 1997) nas ações dos interlocutores e cada movimento do processo de negociação para definir a direção do percurso interacional e para definir os **papéis comunicacionais** atualizados na condução desse percurso.

As duas primeiras estruturas referem-se à **transação** de coleta de dados, cujo objetivo é a construção do perfil do informante. O recorte das entrevistas utilizado na composição dessas primeiras estruturas demonstra a dinâmica de perguntas e respostas, que atualiza as posições de entrevistador e entrevistado.

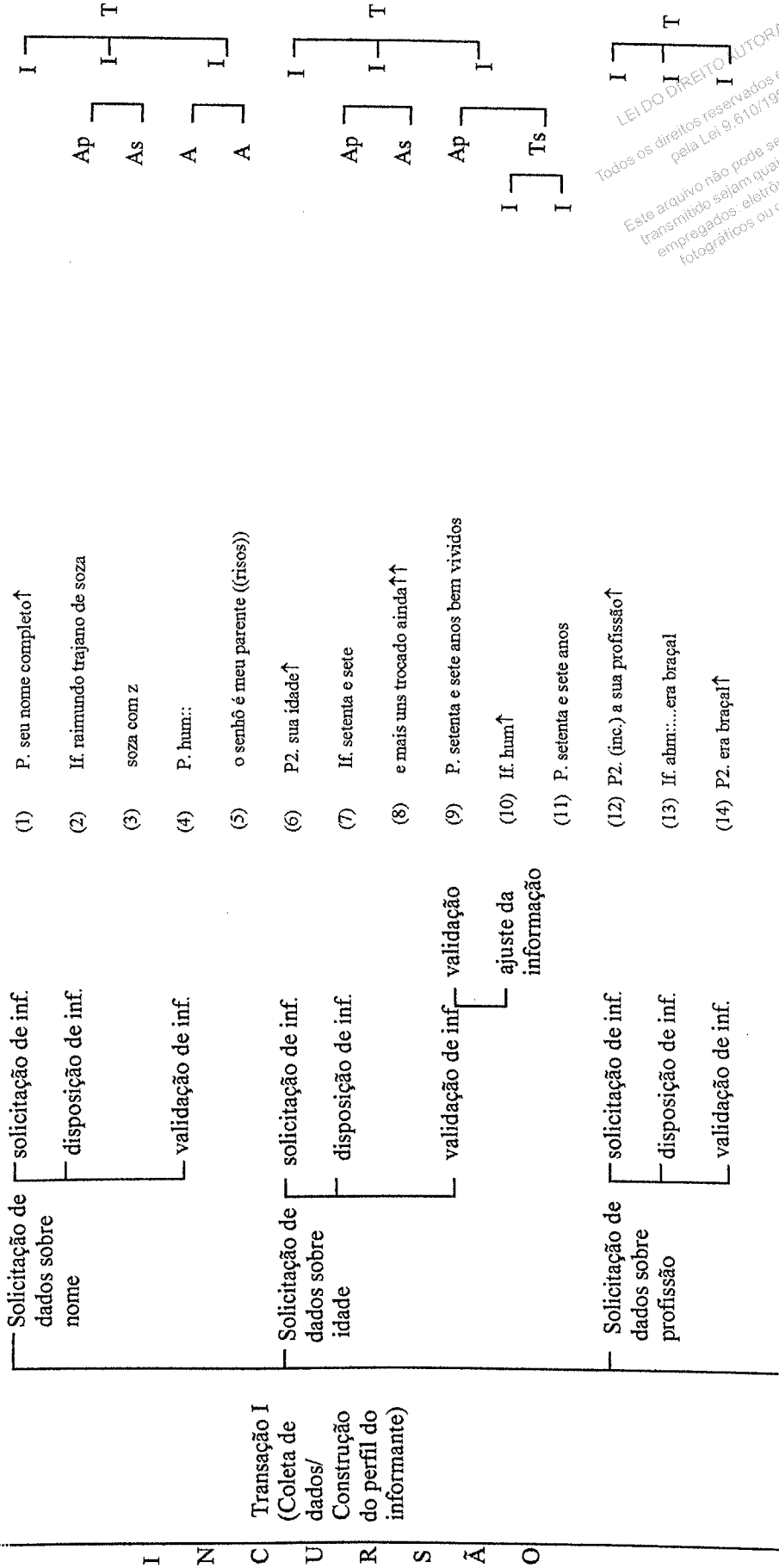
LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
para nº 9.610/1998
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

(XVII) ESTRUTURA OPERACIONAL I: ENTREVISTA C01CZter110993 (anexo I)

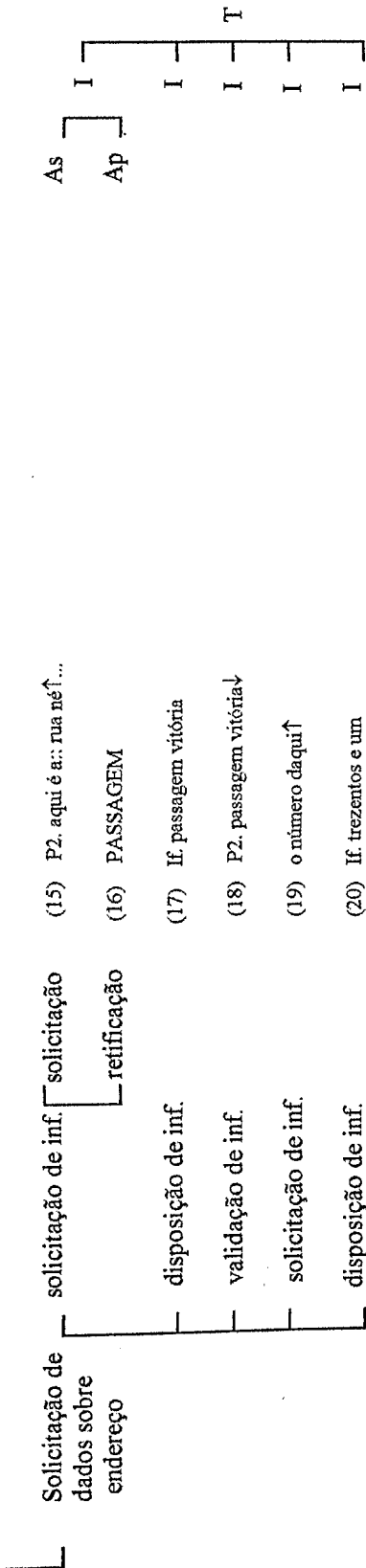
ESTRUTURA PRAXEOLÓGICA

ESTRUTURA HIERÁRQUICA

Abertura do encontro (Procedimentos Iniciais/não registrados)



LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



LEIDO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

A **estrutura operacional I** situa a condução do encontro social no **nível interacional** mais externo, que representa as condições materiais da atividade de entrevista. A **transação** de coleta de dados é composta por quatro **episódios**, nos quais o entrevistador solicita informações sobre nome, idade, profissão e endereço do entrevistado. O percurso praxeológico adotado em cada **episódio** corresponde à condução mais prototípica de uma entrevista, cabendo ao entrevistador buscar informações por meio de perguntas diretas e ao entrevistado, fornecê-las.

As **T** que compõem as **estruturas hierárquicas** ratificam a organização objetiva do percurso praxeológico, pois são compostas em geral de três **I**, sinalizando que a completude dialógica é alcançada entre os interlocutores sem maiores rodeios. Essas **T** tornam evidentes as condições de reciprocidade na condução da interação, o que demonstra a participação ativa de ambos os interlocutores na co-construção do discurso. No entanto, deve-se observar que as **I** iniciais de cada **T** são sempre de responsabilidade do entrevistador.

A única negociação secundária é a ocorrência da **troca subordinada (Ts)** (A 10 e 11) que compõe a segunda **T**, referente à solicitação de informação sobre a idade do entrevistado. A **relação interativa**⁶ que se estabelece entre o **ato principal (Ap)** (ato 9) e a **Ts** é de **clarificação**⁷: o entrevistado não compreende a **I** do entrevistador. Essa **Ts**, assim como as demais **T**, é breve, sinalizando que o duplo acordo é alcançado sem maiores exigências entre os interlocutores.

Há de se observar que mesmo as **T** simples, compostas pelo número mínimo de **I** possível, são muitas vezes compostas por mais de um **A**, o que sinaliza que interessa, na condução da dinâmica interacional, não só solicitar ou fornecer a informação desejada, visando à eficácia sócio-objetiva do encontro, mas também interessa considerar a co-construção de relações interpessoais que favoreçam a condução da interação, visando à eficácia sócio-subjetiva⁸ do encontro. Nas **T** sob análise, **I** como *"hum:: o senhô é meu parente ((risos))"* (A 5) ou *"setenta e sete e mais uns trocado ainda ↑↑"* (A 7 e 8) não

⁶ **Relações interativas** são relações funcionais que se estabelecem entre as unidades constitutivas das intervenções.

⁷ Do francês: "clarification".

⁸ De acordo com Filliettaz (2000), as finalidades sócio-objetivas dos processos acionais correspondem às condutas que focalizam principalmente, e não exclusivamente, a modificação do estado de coisas que

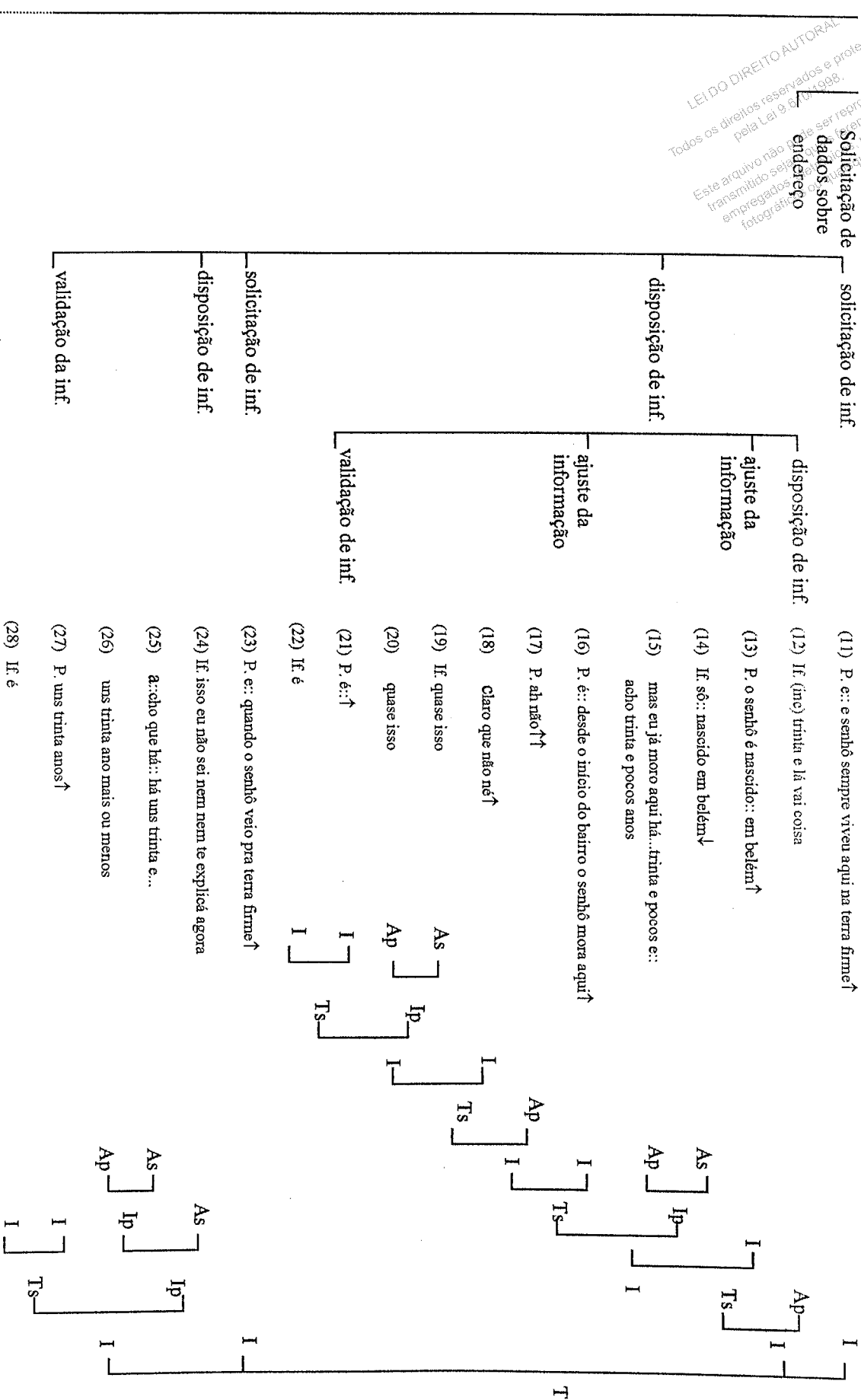
estão centradas unicamente em um conteúdo de natureza informativa. Também se voltam para a gestão das imagens que permanentemente estão sendo construídas durante a interação entre os sujeitos, buscando valorizar a face positiva de cada interlocutor.

Se o domínio da dinâmica interacional em atividades de entrevista, conforme definido anteriormente, é compartilhado entre os dois pólos da interação em virtude das ações complementares que cabem a cada participante realizar, a condução efetiva do percurso interacional confere ao entrevistador uma posição proeminente em relação ao entrevistado, em virtude da atitude iniciativa que este reivindica, evidenciada no domínio que aquele possui na abertura das T e na definição dos tópicos em torno dos quais os episódios e as T correspondentes se desenvolvem. Cabe ao entrevistado fornecer as informações solicitadas pelo entrevistador, mantendo o tópico introduzido por este último. No entanto, apesar da posição privilegiada que o entrevistador assume na condução desse momento do percurso interacional, na gestão global do encontro não é negligenciado o valor da contribuição informativa do entrevistado, o que é evidenciado pelo trabalho de face empreendido por aquele, de modo a garantir a adesão deste à condução eficaz do encontro social.

A **estrutura operacional** apresentada a seguir também refere-se à **transação** de coleta de dados. Essa nova estrutura reafirma a dinâmica de perguntas e respostas, na condução da atividade entrevista. Semelhante à **estrutura operacional I**, os episódios correspondem às informações sobre o nome, a idade e o endereço do entrevistado. No entanto, embora a **estrutura praxeológica** seja semelhante à estrutura da entrevista anterior, a **estrutura hierárquica** é bem mais complexa, demonstrando que a negociação dialógica entre os interlocutores exige um esforço maior para alcançar a completude dialógica.

compõem o mundo físico. As finalidades sócio-subjetivas correspondem às condutas que focalizam principalmente, e não exclusivamente, os ajustes nas relações interpessoais entre os interlocutores.

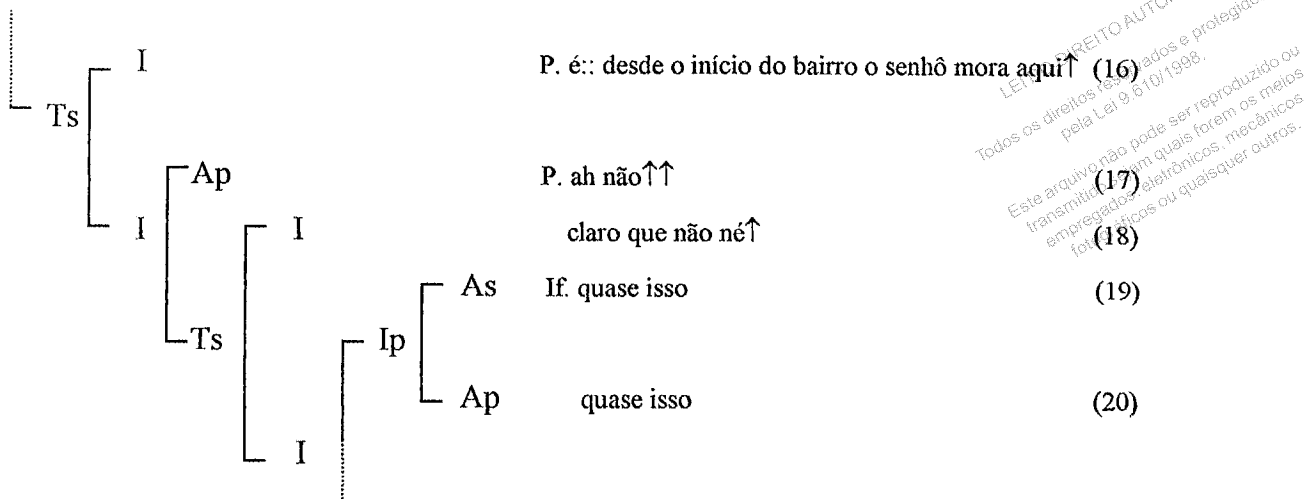
LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido seja qual for a maneira, mecânica ou
eletromagnética, por fotocópia, gravação ou
qualquer outro meio.
Lei nº 9.610 de 1998.



Antes de tudo, é preciso esclarecer que a descrição da **estrutura operacional II** privilegia apenas aquelas **T** registradas entre o pesquisador e o informante principal (If.). Na transcrição completa da entrevista, em anexo, estão registradas também as **T** que envolvem um segundo informante, que, frequentemente, interrompe o diálogo entre os dois participantes acima referidos com perguntas curiosas acerca do processo de gravação da entrevista. No entanto, não serão feitas considerações sobre essas **I** nos limites deste trabalho de pesquisa.

Os dois primeiros **episódios**, referentes a nome e idade do informante, ocorrem por meio de **T** reparadoras, compostas por três **I**, cada uma correspondendo a uma etapa do processo de negociação dialógica – proposição, reação e ratificação. Na composição interna da **Ts**, correspondente ao **episódio** que inicia a entrevista, a **I** do pesquisador é composta por dois **A** (**A** 4 e 5), articulados por uma **relação interativa** de reformulação. Essa reformulação na construção do texto revela a substituição de um tratamento mais familiar por um tratamento mais formal: “*se:: chi:: francisco ↑*”. Essa substituição parece indicar que entre entrevistador e entrevistado há uma relação de maior proximidade anterior ao encontro institucional para a coleta de narrativas, que, no entanto, não deve interferir na condução do percurso interacional próprio da atividade em curso.

A terceira **T** que compõe a **transação** de coleta de dados é a mais complexa, constituída por várias **Ts**. As duas primeiras **Ts** estabelecem, com os constituintes principais a que estão articuladas, uma relação de clarificação da informação antes apresentada. As duas últimas servem ao propósito de confirmar a informação anterior. O processo de co-construção discursiva e a posição proeminente do entrevistador na condução do percurso interacional próprio da entrevista ficam mais evidentes nessa **T** quando, na segunda **Ts** (**A** 16 a 20), o entrevistador se antepõe ao entrevistado no momento de apresentar a informação solicitada, realizando a ação complementar que caberia ao entrevistado realizar:



(xix) Recorte da Estrutura Operacional II: entrevista E03CZter231093 (anexo VII)

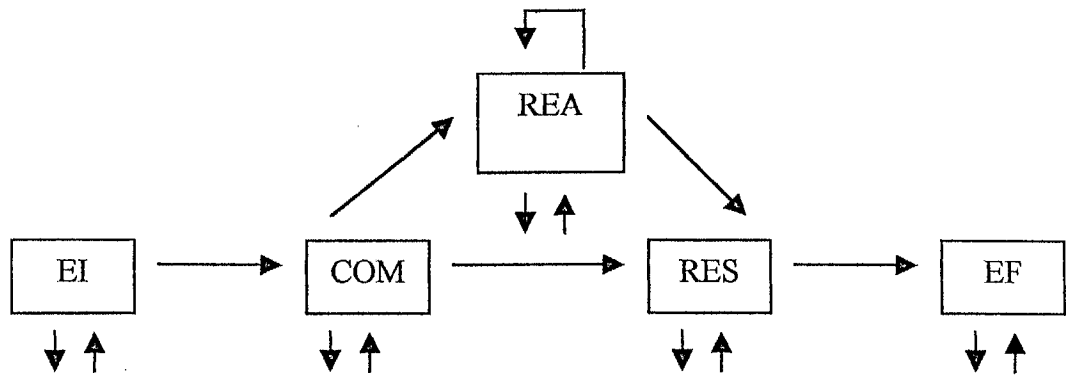
O entrevistador percebe que sua pergunta foi equivocada e antecipa a resposta negativa que seria apresentada pelo entrevistado. O entrevistado, por sua vez, confirma o equívoco cometido pelo entrevistador ao elaborar a pergunta, mas elabora sua I de modo a justificar a razão desse equívoco, preservando, dessa forma, a face positiva do entrevistador.

Por ser a T mais complexa, é justamente a partir dela que se inicia uma nova transação, a apresentação da narrativa, que corresponde ao percurso adotado pelo entrevistador para se chegar ao objetivo principal do encontro: recuperar e registrar as narrativas do imaginário amazônico paraense. Essa nova fase do percurso praxeológico se desdobra em dois episódios: a elicitación da narrativa e a narração propriamente dita.

O primeiro episódio é um espaço de transição, uma passagem da atividade entrevista para a atividade narração. É o momento em que pesquisadores e informantes negociam a alteração dos papéis praxeológicos. O segundo episódio corresponde ao momento em que o informante detém um turno de fala significativamente maior, em relação aos turnos anteriores, para a construção do discurso narrativo.

O discurso narrativo, no modelo de análise modular do discurso, define-se na articulação dos módulos hierárquico e referencial. Segundo Filliettaz (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), o discurso narrativo consiste em uma I, cuja propriedade é designar um conjunto de acontecimentos disjuntos do mundo ordinário

em que se realiza o processo de comunicação⁹. Esse conjunto apresenta-se sob a forma de uma cadeia de acontecimentos culminativos, condição mínima de emergência da narratividade¹⁰, tal qual apresentada na **representação praxeológica elaborada para esse tipo de discurso - as fases de estado inicial, complicação, reação, resolução e estado final:**



(xx) Representação praxeológica do discurso narrativo

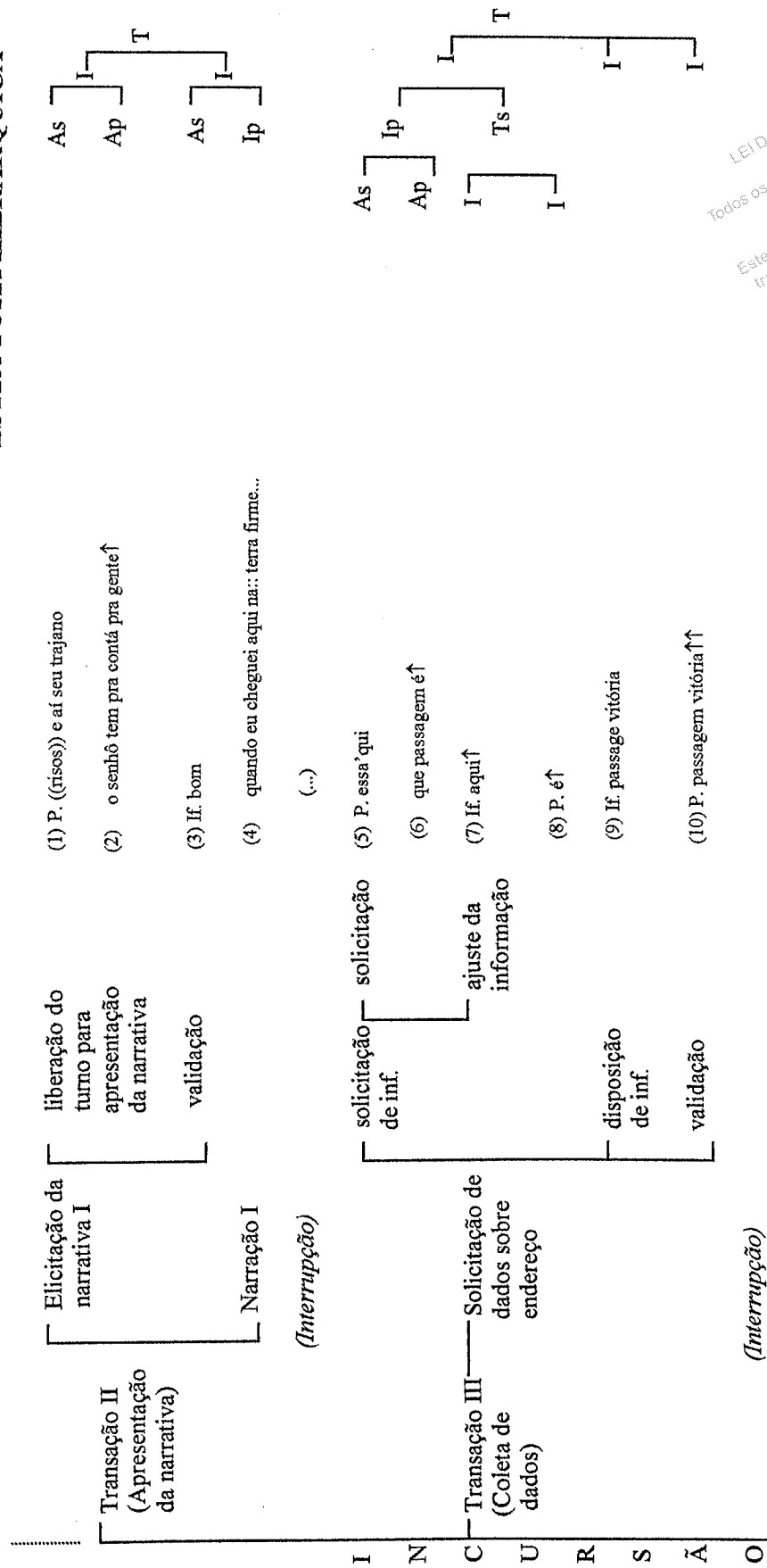
A **estrutura operacional III**, a seguir, descreve os movimentos complementares dos interlocutores que sinalizam a disposição em alterar a relação estabelecida nos primeiros momentos do encontro social. São movimentos característicos dos espaços de transição postulados na composição do **quadro interacional**, relacionados à posição horizontal do movimento da gangorra, em que ocorre a negociação para a definição de um novo movimento.

⁹ “Nous considérons pour notre part que le discours narratif coïncide avec le schéma d’une intervention textuelle ayant pour propriété de désigner une pluralité d’événements disjoints du monde ordinaire dans lequel prend place le procès de la communication.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 316)
¹⁰ “Dans une telle perspective, on aboutit ainsi à l’hypothèse selon laquelle l’évocation sémiotique d’une chaîne événementielle culminative disjoints du monde ordinaire de l’activité langagière constitue une condition minimale d’émergence de la narrativité.” (FILLIETTAZ, 1999: 284)

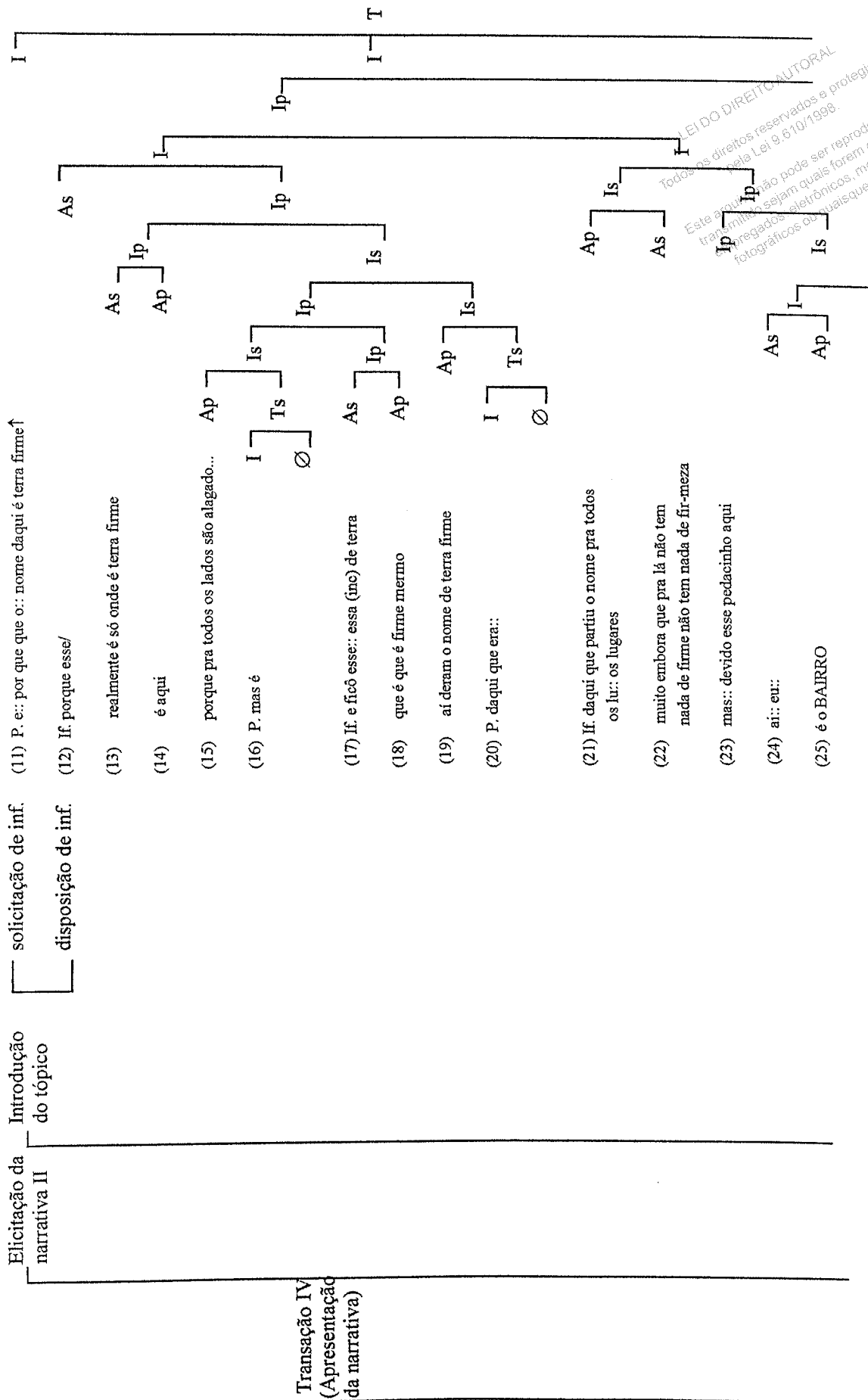
(xxi) ESTRUTURA OPERACIONAL III: ENTREVISTA C01CZter110993 (anexo I)

ESTRUTURA PRAXEOLÓGICA

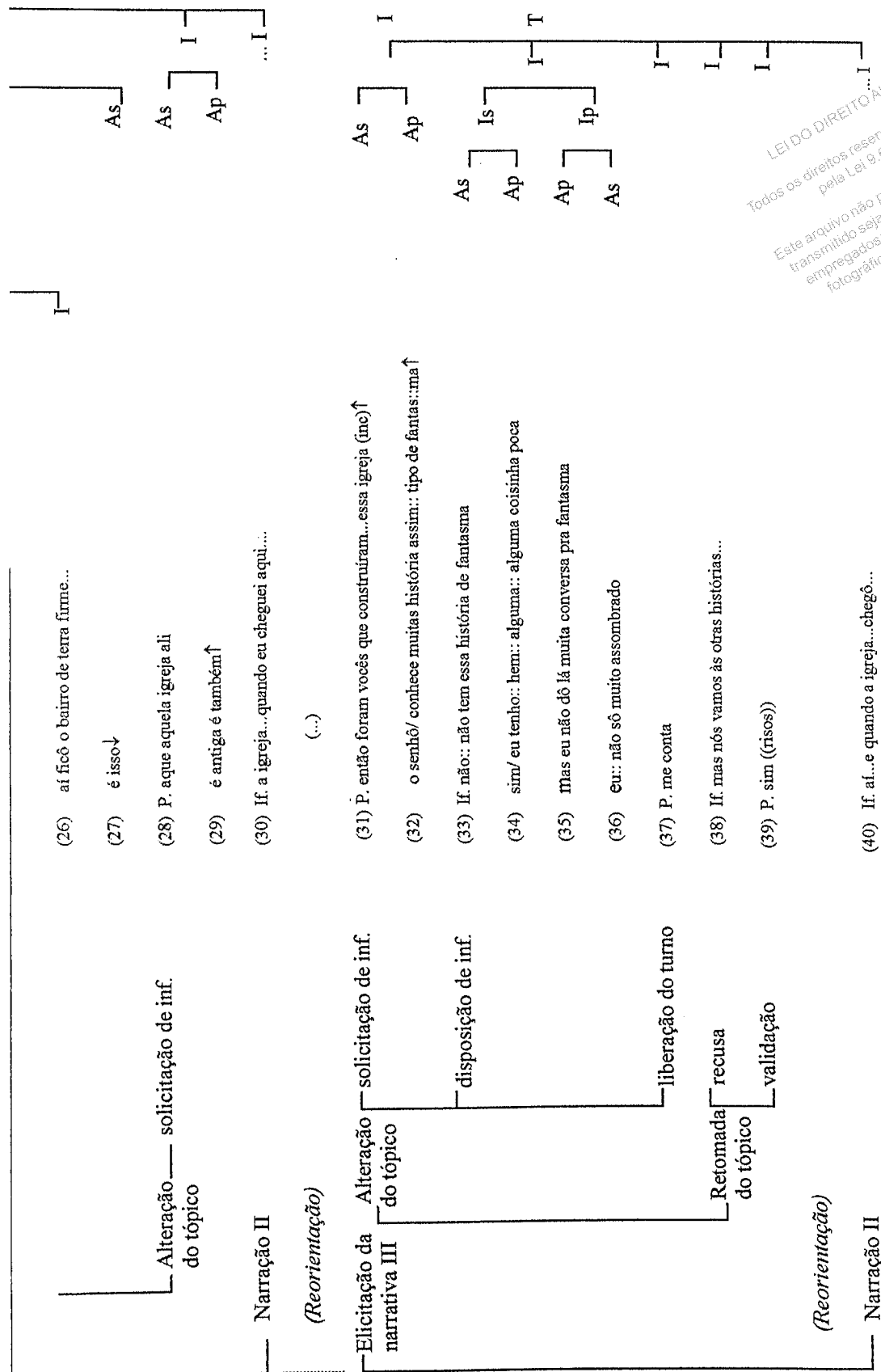
ESTRUTURA HIERÁRQUICA



LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



LEIDO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
Este documento não pode ser reproduzido ou
transmitido sem a autorização por escrito do
autor. Os direitos reservados são os meios
fotográficos, eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



Esse momento do percurso interacional da entrevista C01CZter110993 (anexo I) apresenta-se logo após à **transação** de coleta de dados, descrita na **estrutura operacional I**.

Labov e Fanshel (1977) assinalam que o ato de narrar exige que o locutor, durante a interação, detenha o turno por um tempo maior do que a construção de uma simples sentença. Desse modo, deve sinalizar ao outro que, naquele momento da interação, uma narrativa será introduzida, de modo que este possa lhe conceder o domínio da palavra e dispensar-lhe a atenção necessária¹¹. Na entrevista sob análise, em uma inversão de atribuições, não é o entrevistado que manifesta a intenção de apresentar uma narrativa. Na verdade ele é solicitado a narrar algum episódio relacionado ao imaginário da região. Portanto, cabe ao entrevistador sinalizar a liberação do turno e ao entrevistado assumir, então, o **papel praxeológico** de contador.

A negociação para a alteração dos **papéis praxeológicos** desenvolve-se por meio de uma **T** composta de duas **I**. A **I** inicial (A 1 e 2), introduzida pelo entrevistador, sinaliza de maneira explícita a liberação do turno para o entrevistado apresentar a narrativa: “((risos)) e aí seu trajano o senhô tem pra **contá** pra gente ↑”. Na segunda **I** (A 3 e 4), o entrevistado sinaliza, por meio de um **As**, que assumirá o **papel praxeológico** que lhe é solicitado e a narração é, então, apresentada na **intervenção principal (Ip)** subsequente. Sem maiores rodeios, ocorre a transição de uma atividade à outra¹². Na **I** do entrevistador que libera o turno para o entrevistado narrar (A 1 e 2), não é introduzido qualquer **tópico** para a narrativa que deve surgir na **I** seguinte. A escolha do **tópico** é de responsabilidade do entrevistado, que então passa a narrar sobre como era o bairro da Terra Firme logo quando este ali chegou.

O informante, agora assumindo o **papel praxeológico** de contador, continua, em sua **I**, apresentando o **estado inicial** da narrativa, quando então o entrevistador interrompe o percurso narrativo para retornar à **transação** de coleta de dados, a fim de

¹¹ “A narrative event is not the kind of experience that is captured easily in a single sentence, and a turn at speaking that embodies a narrative necessarily means that a speaker will hold the floor for more than one sentence. Considerable attention has been given to the techniques people use to alert the listener to this fact (Sacks, 1972b). Once the listener knows that the speaker is telling a narrative, the central rule of narrative sequencing will apply (see p. 107).” (LABOV; FANSHEL, 1977: 105)

¹² As **estruturas hierárquicas** que descrevem a organização discursiva das narrativas serão esboçadas mais adiante, quando então serão feitas considerações acerca do segundo **episódio** da **transação** denominada apresentação da narrativa.

solicitar novamente informação sobre o endereço do informante, o que inaugura uma nova T. Após a última I dessa nova T (A 10), novamente há uma **interrupção**¹³ no percurso da **transação** em jogo, também de iniciativa do entrevistador, o qual propõe o retorno à **transação** de apresentação da narrativa, iniciando, assim, uma terceira T. Todo esse movimento discursivo revela que, apesar de a transição para a atividade mais encaixada já ter ocorrido (A 1 a 4), o entrevistador ainda demonstra domínio sobre a condução da dinâmica interacional, ao interromper com sucesso o percurso narrativo já iniciado pelo contador. Mais adiante, no decurso da interação, outras tentativas do entrevistador de interromper o percurso narrativo do contador não serão bem-sucedidas, sinalizando que o pesquisador, ao assumir a posição de auditório, deve submeter-se à nova ordem estabelecida, até que o contador demonstre disposição para uma nova troca de papéis.

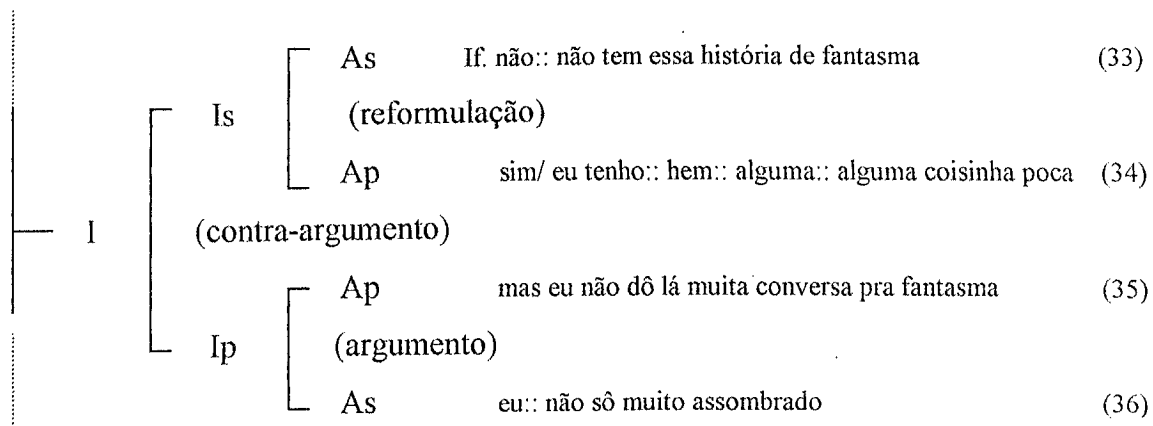
A T referente ao novo **episódio** de eliciação da narrativa, após a interrupção do entrevistador, inicia-se com a introdução de um **tópico** possível para a narração: “e:: por que que o:: nome daqui é terra firme ↑”. Na construção da segunda I (A 12 a 27), muito mais complexa que as anteriormente descritas, ocorrem duas tentativas frustradas do entrevistador de tomar o turno do entrevistado, movimento descrito por meio de duas Ts (A 16 e 20), compostas cada uma apenas de uma I incompleta. A terceira I (A 28 e 29), de responsabilidade do entrevistador, introduz um novo **tópico**, “aque aquela igreja ali é antiga é também ↑”, que conduz então à construção da segunda narrativa. A introdução desse novo **tópico** só é possível após o entrevistado sinalizar ao entrevistador, por meio de um As (ato 27) que resume o conteúdo apresentado no conjunto da segunda I, que alcançou a completude monológica. Todas essas tentativas fracassadas de assalto ao turno do entrevistado demonstram que, após ceder o turno para o entrevistado narrar, o entrevistador perde, mesmo que momentaneamente, o domínio sobre a condução da dinâmica interacional.

Durante a apresentação da segunda narrativa, cujo **tópico** é a igreja do bairro, ocorre uma tentativa de **reorientação** do percurso praxeológico para que, por meio

¹³ Os constituintes de uma **estrutura praxeológica** podem realizar três tipos de função na co-gestão dos jogos de ação: uma **etapa** (que corresponde às condições necessárias para a realização de uma intenção global), uma **reorientação** (quando as ações em curso realizam movimentos de adaptação aos parâmetros situacionais) e uma **interrupção** (o abandono momentâneo ou definitivo de um objetivo).

novamente de um modo de elicitación, o contador passe a narrar fatos relacionados à tradição lendária da região. Esse momento inaugura uma nova **T**, que se inicia com uma **I** do entrevistador: “*então foram vocês que construíram...essa igreja (inc) ↑ o senhor conhece muitas história assim:: tipo de fantasma ↑*”. O **As** (A 31), que compõe a primeira parte dessa **I**, tem a função preliminar de preparar o entrevistado para a introdução do **tópico principal** no **A** subsequente. Por meio de um segmento **diafônico**, que resume a **I** anterior do entrevistado, o entrevistador demonstra a atenção que vem dedicando ao discurso de seu interlocutor. Essa estratégia garante o sucesso na tentativa de assalto ao turno, mas não garante, como será demonstrado a seguir, o alcance do objetivo pretendido: a introdução de um novo **tópico** para a narração.

A **I** seguinte (A 33 a 36), correspondente à disposição da informação solicitada pelo entrevistador, apresenta uma estrutura recorrente em outras entrevistas no momento em que se começa a falar sobre a tradição lendária da região. É composta por uma **Is**, composta, por sua vez, por dois **A**: o **As** (A 33) introduz uma resposta negativa à pergunta do entrevistador, enquanto o **Ap** (A 34) retifica essa informação, ao introduzir uma resposta afirmativa. Essa resposta afirmativa, no entanto, é desqualificada pela **Ip** (A 35 e 36), que estabelece uma relação de contra-argumento com a **Is**:



(xxii) Recorte da Estrutura Operacional III: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

A **I** do entrevistado demonstra uma certa indecisão quanto ao modo de abordar as histórias sobre a tradição lendária da Amazônia, cuja razão pode ser o fato de os

interlocutores pertencerem a domínios de conhecimento distintos. No universo da tradição oral, fantasmas e visagens fazem parte da realidade dos informantes, que temem e respeitam as manifestações desses seres. Ao interagirem com sujeitos que representam o universo de conhecimento científico, em que tais manifestações não são consideradas reais, os informantes estão atentos à valorização das imagens pessoais que acompanham o modo de apresentação desses fatos. Portanto, reafirma-se a hipótese de que toda interação é uma negociação permanente entre os interlocutores que compreende, segundo Pires (1997), a reciprocidade interpretativa, a sequencialidade nas ações dos sujeitos e a negociabilidade dos objetos.

Ainda nessa T sob análise, o entrevistador sinaliza a disposição em ceder o turno para o entrevistado apresentar uma nova narrativa - "*me conta*" -, mas a I seguinte (A 38) sinaliza que este recusa a **reorientação** proposta pelo entrevistador e é então o entrevistado que propõe uma retomada da narrativa que estava anteriormente sendo apresentada, proposta aceita pelo entrevistador por meio de uma I (A 39) que sinaliza a ratificação. Por fim, a última I (A 40) retoma a narrativa da construção da igreja do bairro da Terra Firme.

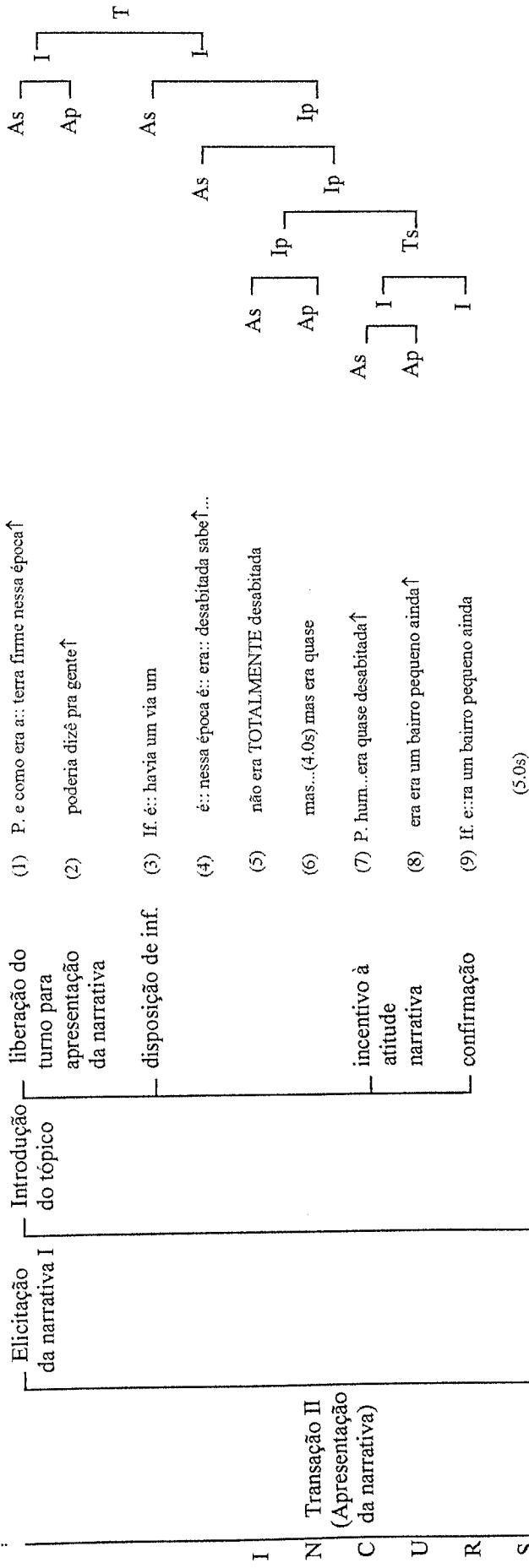
Todo esse percurso da entrevista, o momento da elicitación, evidencia que a transição entre as duas atividades - a entrevista e a narração - não é uma passagem automática de um nível a outro do **quadro interacional**. Essa transição é resultado da negociação entre os participantes do encontro para alterar o modo como conjuntamente conduzem o percurso interacional. São momentos, portanto, em que há um equilíbrio de forças entre os sujeitos - a disposição horizontal da gangorra - para definir a quem cabe conduzir o encadeamento dos novos movimentos discursivos.

A próxima **estrutura operacional** apresenta, em uma outra entrevista, um novo formato para o mesmo **episódio** de elicitación da narrativa.

(xxiii) ESTRUTURA OPERACIONAL IV: ENTREVISTA E03CZter231093 (anexo VII)

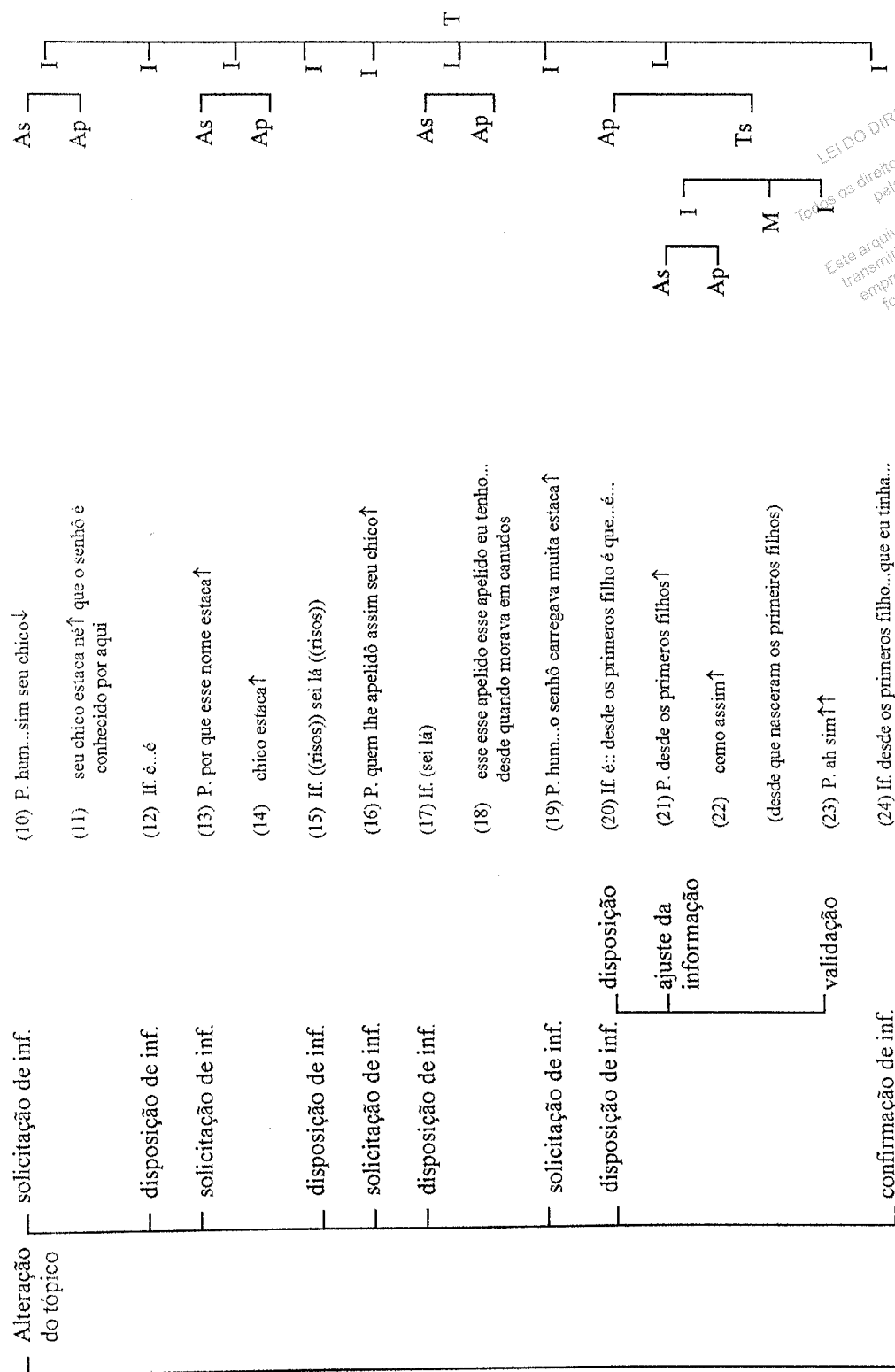
ESTRUTURA PRAXEOLÓGICA

ESTRUTURA HIERÁRQUICA



(Reorientação)

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

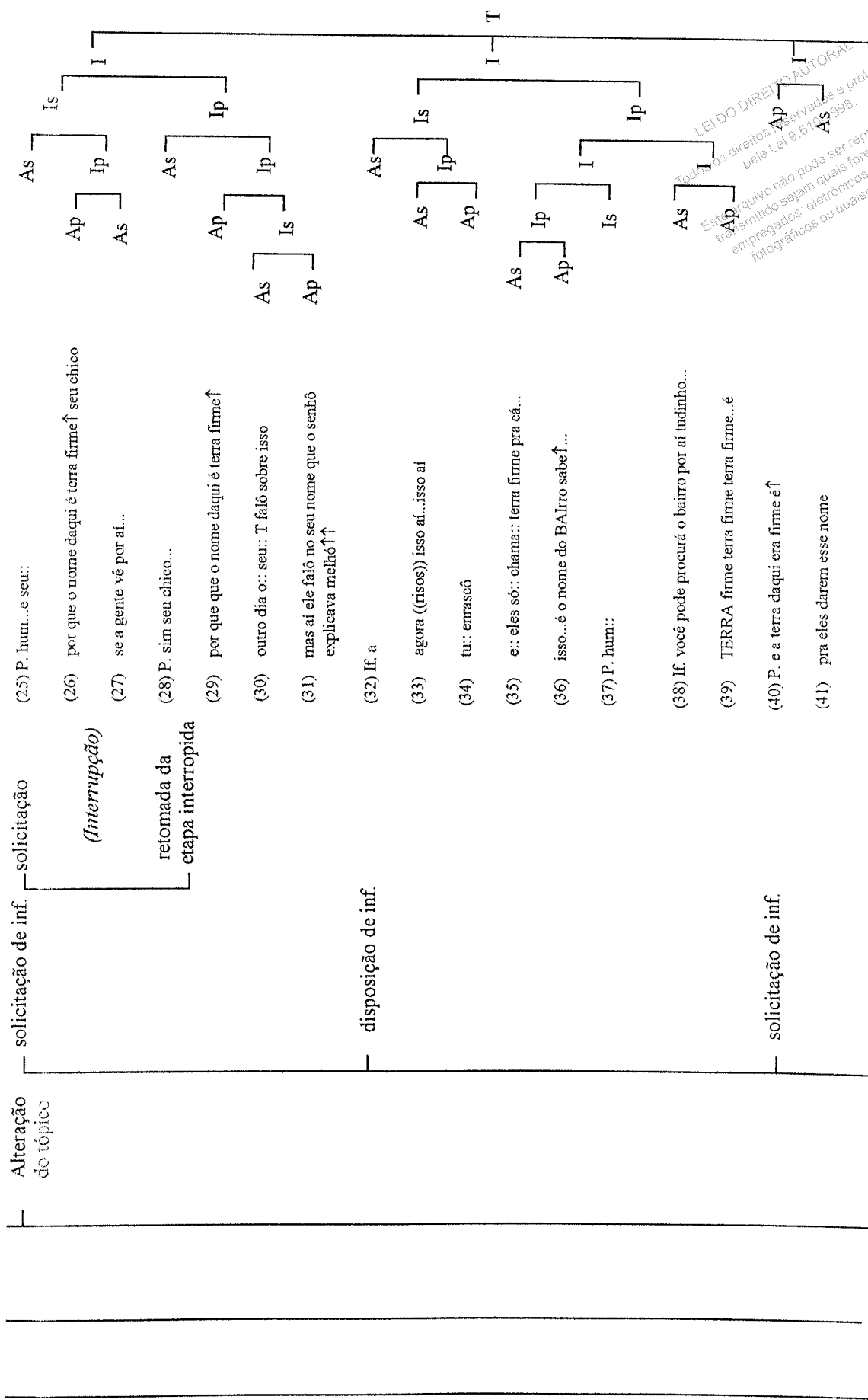


(Reorientação)

LEIDO DIREITO AUTORAL

Os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/1998.

Este arquivo não pode ser reproduzido ou transmitido sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou quaisquer outros.



126

LEI DO DIREITO AUTORAL

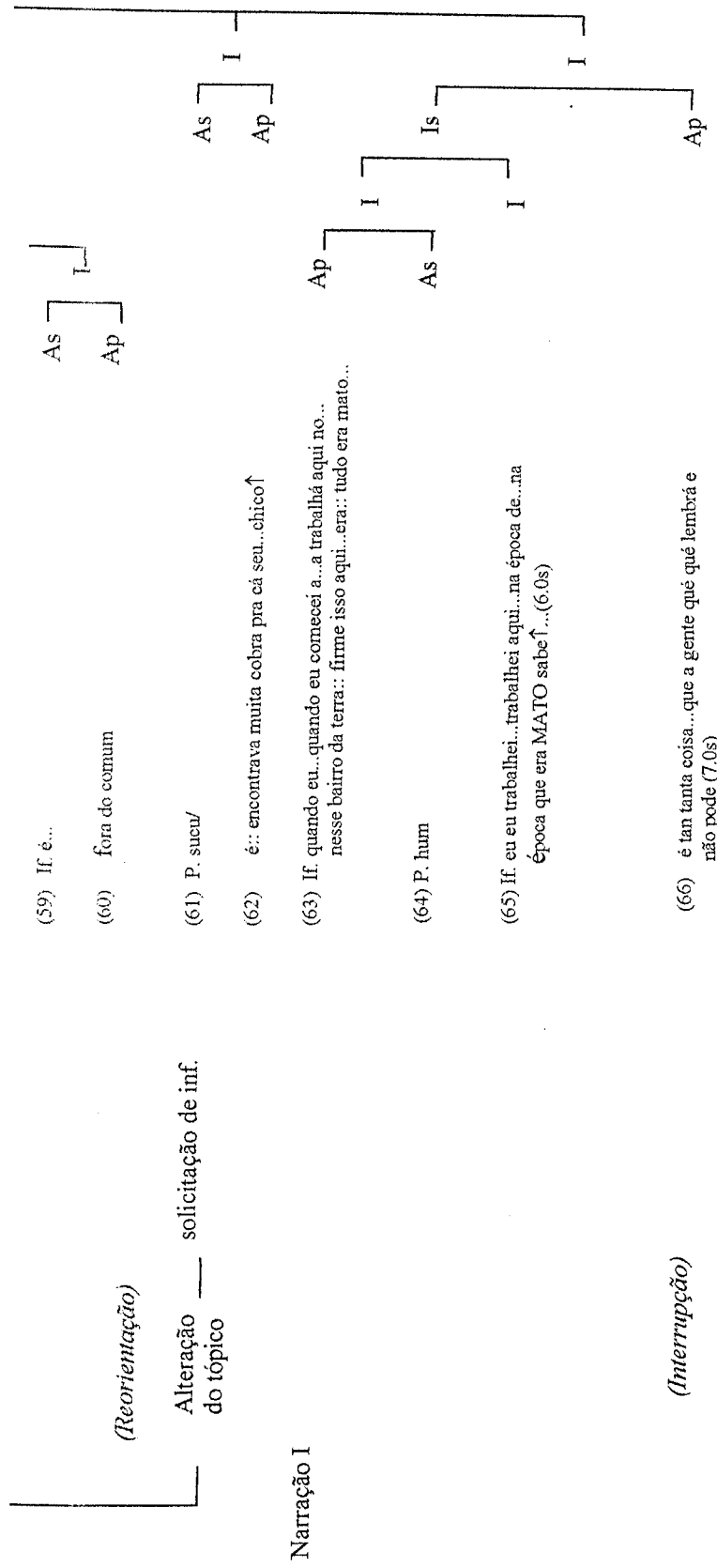
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/1998.

Este arquivo não pode ser reproduzido ou transmitido sem quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou quaisquer outros.

Ap

Ip

Ts



A **estrutura operacional IV** corresponde também à **transação** denominada de apresentação da narrativa, composta por dois **episódios**: o momento de elicitación e o momento de narração propriamente dito. O primeiro **episódio** apresenta-se, diferentemente da análise da entrevista anterior, bastante complexo, uma vez que são necessárias diversas alterações dos **tópicos** introduzidos pelo entrevistador para que o entrevistado sinalize a possibilidade de apresentar uma narrativa.

A primeira **I** (A 1 e 2) tem por objetivo liberar o turno para o entrevistado começar a narrar: “*e como era a:: terra firme nessa época ↑ poderia dizê pra gente ↑*”. A liberação do turno é acompanhada da introdução do **tópico** sobre o qual deverá versar a narrativa, pelo menos inicialmente. No entanto, a **I** seguinte (A 3 a 9) não sinaliza a intenção do entrevistado de assumir o **papel praxeológico** de contador, pois sua contribuição conversacional é sucinta e, apesar de rememorar fatos disjuntos da situação efetiva de interação, não corresponde à construção do discurso narrativo, pois não conduz à construção da cadeia de acontecimentos culminativos, condição necessária, conforme os princípios teóricos do modelo de análise modular, para a emergência da narratividade. A **I** do informante é marcada por uma pausa significativa que conduz a uma **Ts**.

A **Ts** não atende, na verdade, a uma necessidade de esclarecimento acerca de alguma informação apresentada pelo entrevistado. Antes se apresenta como uma reformulação do seu discurso, de modo a incentivar a construção do discurso narrativo que é esperado. Ainda assim, o entrevistado não reconhece o novo **papel praxeológico** a que o entrevistador o induz a assumir. A **T** principal encerra-se com uma nova pausa significativa, a partir da qual o entrevistador toma a iniciativa de uma **reorientação**, na busca de um **tópico** mais favorável à atitude narrativa do entrevistado.

O perfil da nova **T** não difere muito das **T** que compõem a primeira **transação** de coleta de dados. É evidente, pelo número de **I** de cada interlocutor, a participação ativa de ambos em uma dinâmica de perguntas e respostas. Novamente essa **T** é seguida por uma iniciativa de **reorientação**, que conduz mais uma vez à alteração do **tópico**.

Na condução da terceira **T**, ocorrem ainda dois movimentos de alteração do **tópico**, ambos de iniciativa do entrevistador, mas que, apesar de corresponderem a uma nova fase na constituição da **estrutura praxeológica**, não inauguram uma nova **T** na

constituição da **estrutura hierárquica**, pois as informações que vão compondo a organização textual é que servem de matéria para as **reorientações** propostas pelo entrevistador que, nos limites da mesma **T**, vai fazendo novas **I** com o objetivo de despertar no entrevistado a atitude narrativa. É justamente reformulando um tópico introduzido pelo entrevistado, “/.../ o que:: aparecia por aí assim era uma cobra...((barulhos)) (inc) fora do comum” (A 57), que o entrevistador o conduzirá a adotar, mesmo com uma certa indecisão, o **papel praxeológico** de contador.

Inicia-se, então, o segundo **episódio** que compõe a **transação** de apresentação da narrativa. No entanto, a narração que passa a ser apresentada pelo contador consiste apenas na apresentação de uma de suas fases: o **estado inicial**. Após uma **Is** breve (A 63 a 65), marcada por uma pausa significativa, o contador desiste de maneira explícita da narração que então começava a surgir: “/.../ é tan tanta coisa...que a gente qué qué lembrá e não pode” (A 66).

A **interrupção**, apesar de ser seguida por uma nova pausa significativa na expectativa de que o contador continue a condução da narrativa, acarretará a retomada do **episódio** anterior, na tentativa de se chegar à apresentação de algum fato. Um novo percurso praxeológico será iniciado na expectativa de levar à apresentação de uma narrativa completa.

Os dois percursos analisados, correspondentes ao **episódio** de elicitación da narrativa, ilustram o nível de esforço distinto empregado pelos entrevistadores para o cumprimento de sua tarefa, o que é um dado relevante para a construção do perfil das relações interpessoais estabelecidas pelos sujeitos em interação.

Ainda é necessário analisar quais movimentos discursivos são mobilizados no momento da narração propriamente dita para compreender o modo como os interlocutores atualizam os papéis de contador/auditório e narrador/narratário no desenrolar da atividade narração, o que será objeto das análises seguintes. Conforme os capítulos anteriores, o momento da narração inaugura, na relação entre os interlocutores, uma nova atividade, que exige um comportamento diferenciado dos sujeitos, evidente no modo como pesquisadores e informantes passam, a partir desse momento, a conduzir o percurso interacional. Essa mudança de comportamento dos interlocutores se evidencia não só em termos quantitativos, ao contador cabe o direito a turnos

significativamente maiores na organização interacional, mas também em termos qualitativos, a reciprocidade característica da interação entre pesquisadores e informantes, antes evidenciada na dinâmica de perguntas e respostas próprias à atividade entrevista, agora se efetiva na demonstração da atenção dispensada ao discurso do contador, de modo a incentivar a atitude narrativa do informante, por meio de tomadas de turno mais exíguas que não comprometem a progressão temática desse discurso.

Uma vez que este capítulo objetiva descrever e analisar o processo de negociação dialógica entre os sujeitos para a condução coordenada de suas contribuições interacionais, considerar a atualização dos **papéis praxeológicos** de contador/auditório e narrador/narratário, na organização do discurso narrativo, torna-se pertinente para compreender as relações intersubjetivas que são estabelecidas entre os sujeitos que interagem, objetivo maior desta pesquisa.

4.2 Percurso 2: a narração

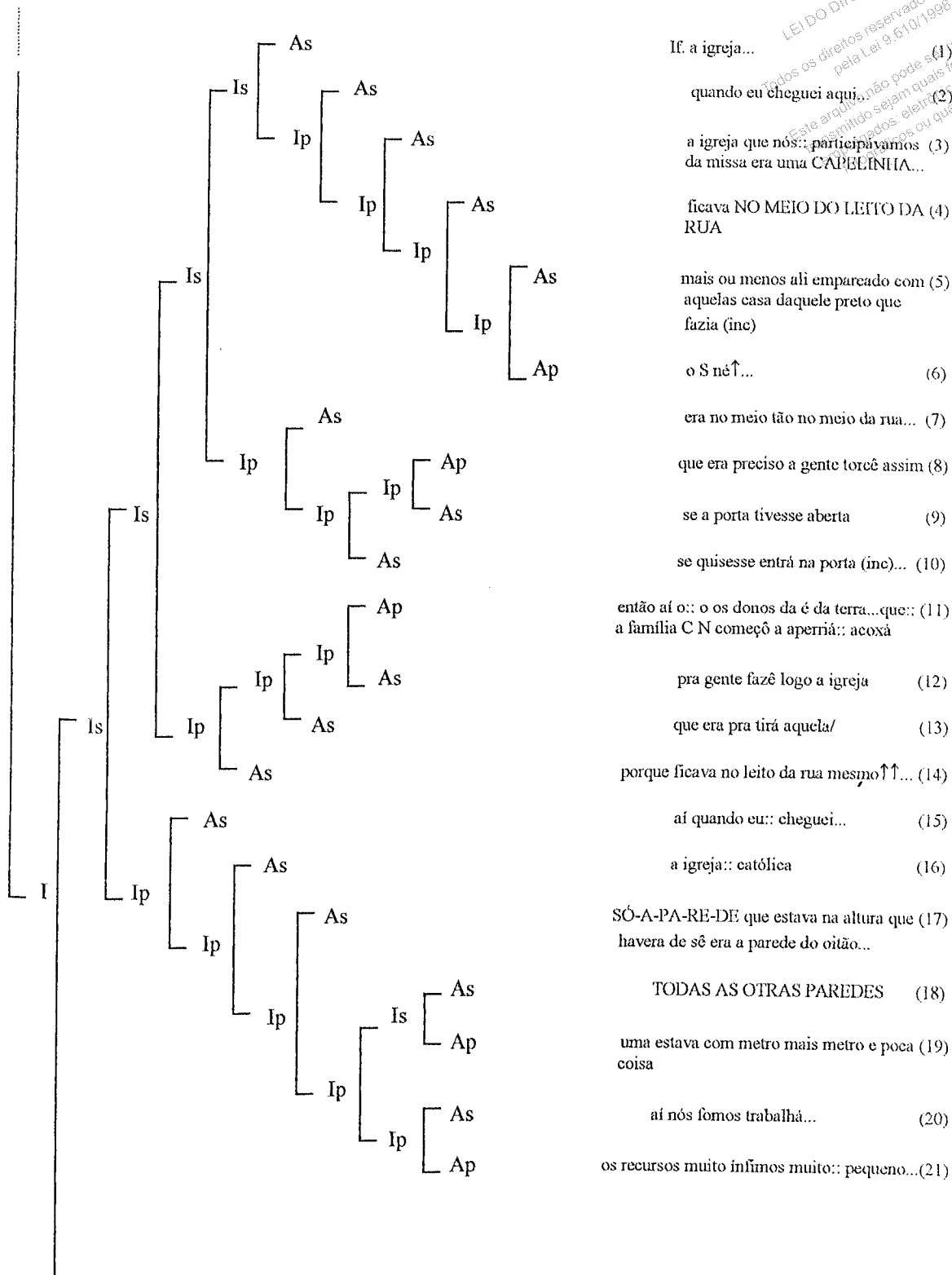
Para a descrição e a análise do **episódio** correspondente à narração, apenas a **estrutura hierárquica** das I que compõem a narrativa serão apresentadas, uma vez que as informações de ordem referencial, as fases da cadeia de acontecimentos culminativos que representam a estrutura tipológica do discurso narrativo, são representadas, conforme Filliettaz (1999), por meio de estruturas arborescentes que serão esboçadas ao final de cada **estrutura hierárquica** correspondente à narração.

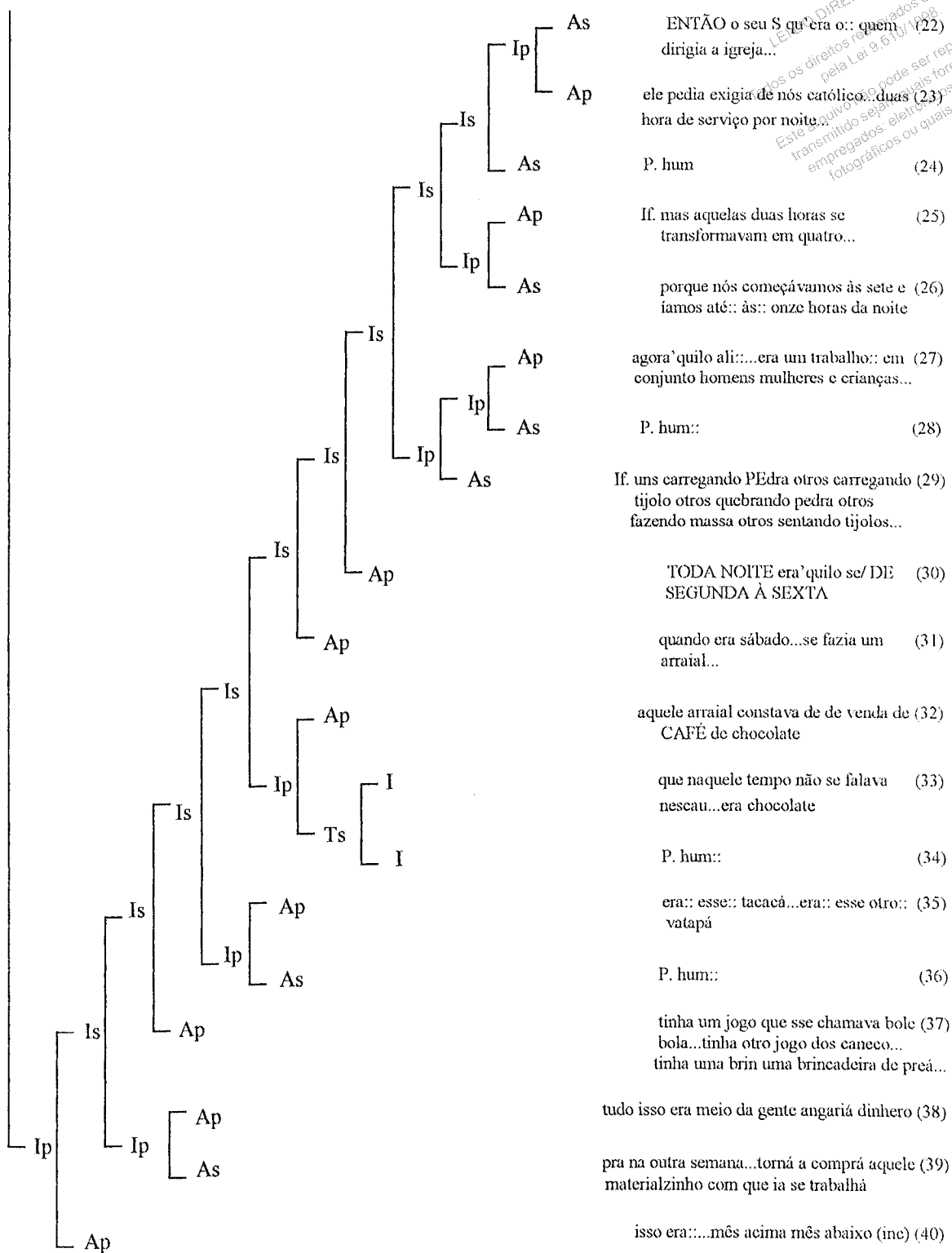
Antes de se iniciar a descrição e a análise das narrativas, convém ainda destacar que elas não serão observadas de modo isolado, mas inseridas na situação comunicativa da qual fazem parte. Isso é determinante na forma como elas se apresentam, acentuando seu caráter dialógico. Serão observados, conforme Laforest (1996), fenômenos periféricos relativos ao modo de organização do discurso narrativo, que, no entanto, são também importantes para sua caracterização.

A primeira estrutura a ser representada corresponde à narração sobre a igreja do bairro da Terra Firme, apresentada pelo informante Raimundo Trajano, na entrevista

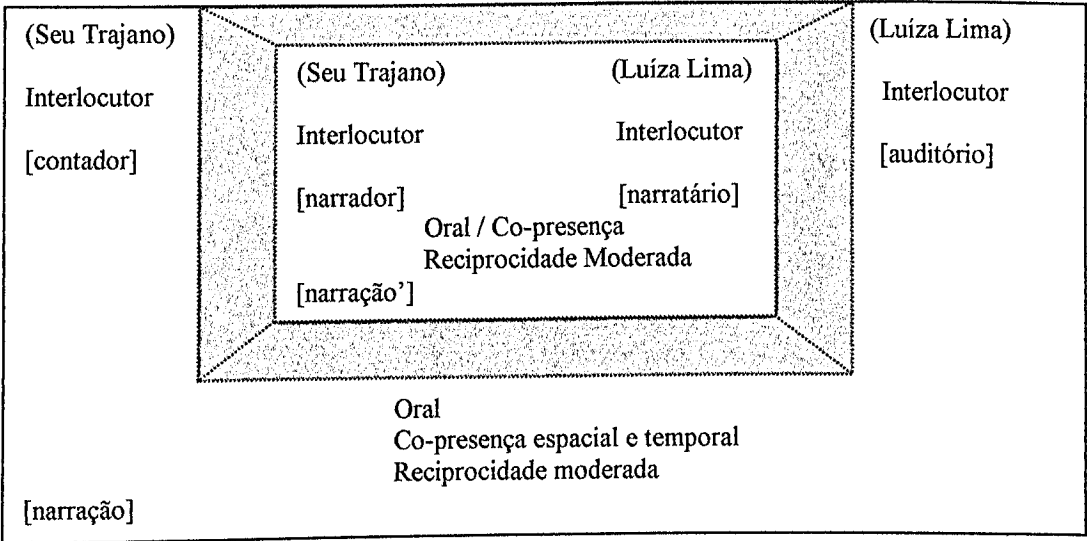
C01CZter110993 (anexo I). Essa **I** compõe a **T** já inicialmente descrita na **estrutura operacional III**. Retornando àquela estrutura, pode-se observar que a **narração** que surge nesse momento da interação é induzida pelo entrevistador, que introduz **também o tópico** sobre o qual versará a construção da narrativa: “*aque aquela igreja ali é antiga é também ↑*”.

(xxiv) ESTRUTURA HIERÁRQUICA I: C01CZter110993 (anexo I)



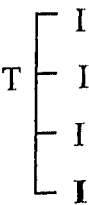


Esse novo momento da interação situa-se agora nos limites de um novo **nível interacional**. O informante assume o **papel praxeológico** de contador e, na organização enunciativa da narração, assume também o **papel praxeológico** de narrador. Por sua vez, o pesquisador é conduzido aos **papéis praxeológicos** complementares de auditório e narratário respectivamente:



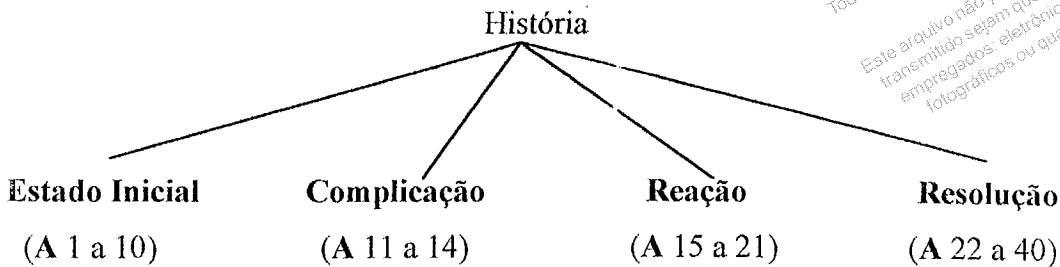
(xxv) Quadro Interacional XII: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

Considerando a macroestrutura da **T** em que esta sequência narrativa está inserida, essa sequência é denominada, na terminologia do modelo de análise modular, de **narrativa independente**, uma vez que consiste em uma **I** cuja relação estabelecida com a **I** antecedente é uma **relação ilocutória reativa**:



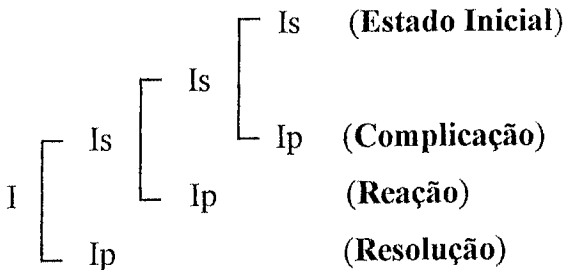
(xxvi) Macroestrutura Hierárquica I: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

A **I** apresenta-se muito complexa e é composta por diferentes constituintes da **representação praxeológica** prototípica do discurso narrativo:



(xxvii) Estrutura praxeológica do discurso narrativo I: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

A macroestrutura da **I** em questão demonstra que cada um dos constituintes do texto narrativo está subordinado ao constituinte seguinte e as **relações interativas** que se estabelecem entre eles são denominadas de **sucessão**¹⁴:



(xxviii) Macroestrutura Hierárquica II: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

Na constituição desse percurso interacional, interessa observar como os interlocutores monitoram, durante a apresentação da narrativa, a relação que estabelecem entre si. Os procedimentos empregados na estrutura sob análise são:

- os marcadores discursivos orientados para o ouvinte, que marcam a relação do contador com seu auditório, acentuando o caráter dialógico do discurso narrativo;
- as marcas de escuta emitidas pelo auditório;
- os segmentos digressivos, que visam aos ajustes nas informações compartilhadas entre informantes e pesquisadores;

¹⁴ “e) **succession** (qui recouvre pour nous seulement les relations consécutives entre les événements d’un récit; marquée par *puis*, *ensuite*, etc);” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 172)

- a organização do conjunto de vozes, evocadas a contar, a testemunhar ou a encenar os acontecimentos relatados nas seqüências narrativas.

4.2.1 Os marcadores discursivos orientados para o ouvinte

A **Is** que apresenta o **estado inicial** da narração encerra-se com um movimento discursivo que é muito comum na condução das narrativas que constituem o *corpus* da pesquisa: a utilização de marcadores discursivos orientados para o interlocutor - “a igreja...quando eu cheguei aqui...a igreja que nós: participávamos da missa era uma CAPELINHA...ficava NO MEIO DO LEITO DA RUA mais ou menos ali empareado com aquelas casa daquele preto que fazia (inc) o S né ↑/...!”.

Nos domínios da Análise da Conversação, os marcadores discursivos vêm sendo objeto de variadas análises e são diversos os princípios já postulados sobre sua estrutura e seu funcionamento. No quadro dos subprojetos que integram o Projeto Integrado IFNOPAP, há um cuja preocupação é justamente o funcionamento desses elementos de discurso na organização discursiva das narrativas coletadas. O subprojeto denomina-se “Os marcadores discursivos nas narrativas orais populares” e também já resultou em uma tese de doutorado, “Marcadores *tags* em narrativas orais paraenses”, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, em 2001, pela professora Megan Parry de Castro Duque Estrada.

Urbano (1997) faz referência a marcadores discursivos considerados marcadores de “busca de aprovação discursiva”¹⁵ (BAD), como né?, sabe? etc. Tais marcadores sinalizam a busca por dois tipos de aprovação: a busca de aprovação para o argumento que antecede o marcador e a busca de aprovação para o papel conversacional de falante do interlocutor que detém o turno. Esses elementos têm, portanto, uma função argumentativa e uma função interacional. Dessa forma, os BAD estariam estreitamente relacionados aos marcadores considerados *feed backs*, aqueles introduzidos pelo interlocutor no decurso da narrativa e que serviriam de resposta para a ocorrência dos primeiros.

¹⁵ “Recherche d’approbation discursive” (SETTEKORN, 1977, *apud* URBANO, 1997: 56)

Urbano (1997) contesta essa correlação na análise do comportamento verbal de seus informantes. No entanto, pode-se postular a hipótese de que, mesmo não havendo um comportamento verbal do interlocutor como resposta à utilização dos BAD, esse movimento discursivo pode encontrar algum retorno no comportamento de natureza não-verbal do interlocutor, que só um registro audiovisual das interações poderia confirmar. Urbano argumenta também que, em seu *corpus* de análise, há a ocorrência de marcadores *feed backs* em momentos em que o locutor não enuncia marcadores voltados para o ouvinte, o que faz pensar também que nem sempre a busca por uma confirmação se manifesta por meio de um comportamento verbal. Martins (1999) ressalta muito bem o valor que o comportamento não-verbal do contador adquire no momento de sua performance:

Nogueira é totalmente oposto à Mundoca. Para ele, contar é um fluxo contínuo. Suas histórias são longas, repletas de detalhes divertidos, não pára para lembrar ou refletir suas falas. Domina um repertório variadíssimo de temas: fantástico, realista, satírico e humorístico, principalmente. O que marca de modo exemplar seus relatos, é sua performance de uma riqueza encantadora. Um ator em cena. Conta de um modo vibrante e apaixonado. Vive e dramatiza seu texto. Vale-se de suas mãos como poderoso instrumento de fala. Inicia a história sentado, levanta, gesticula, imita vozes, embora não seja este seu ponto mais forte. Seu maior trunfo é a espontaneidade e leveza que imprime às narrativas, acompanhadas de expressões faciais e gestos abundantes. Vibra e retribui com prazer à receptividade de seus ouvintes. Nogueira é um grande sedutor. Artista da fala que nos enleva e fascina. Naquele momento ele é o poder e o saber em perfeita harmonia. (MARTINS, 1999, p. 42-43)

De acordo com Estrada (1999b), o marcador “né” é o mais recorrente dentre os marcadores *tags* encontrados nas narrativas do projeto. As funções desses marcadores variam entre destacar elementos da narrativa que terão valor significativo para a compreensão da história e atenuar o valor impositivo de certos enunciados, com o propósito de proteger a face dos interlocutores. Estrada (1999b) também faz referência a marcadores cuja função é buscar a aprovação discursiva, marcadores frequentemente encontrados em segmentos avaliativos das narrativas e ligados a enunciados que veiculam argumentos pessoais ou opiniões gerais.

O que interessa aqui assinalar é o caráter interacional de tais marcadores. Por meio desses elementos, volta-se a atenção para a organização situacional da atividade de narrar e o contador faz marcar sua relação com seu auditório, acentuando o caráter dialógico da prática interacional em que o discurso narrativo se insere. É como se, estando situado em um nível específico do **quadro interacional** que caracteriza o conjunto da interação, a organização enunciativa da atividade de narrar, houvesse também o monitoramento dos demais **níveis interacionais**¹⁶.

4.2.2 As marcas de escuta

Cabe assinalar, na estrutura da última **I** que compõe o texto narrativo, um outro movimento discursivo que também marca a flutuação, na condução do encontro, entre os **níveis interacionais**: as **I** do auditório durante a narração.

A primeira evidência da mudança de comportamento dos participantes da interação, quando da alteração da atividade entrevista para a atividade narração, é de natureza quantitativa. Se, na primeira atividade, a participação mais ativa dos dois sujeitos que interagem é evidente pela alternância dos turnos, na dinâmica de perguntas e respostas, na segunda atividade, o domínio da palavra é, seguramente, do informante, então revestido do **papel praxeológico** de contador. Tal alteração conduz, conseqüentemente, a uma mudança de comportamento do pesquisador, cuja participação se modifica com a redução significativa das tomadas de turno.

Laforest (1996) chama de marcas de escuta as reações do auditório em relação à narrativa que se apresenta. Tais marcas compreendem desde os marcadores *back-channel* até os turnos de fala mais elaborados durante a apresentação da narrativa ou imediatamente após sua conclusão, os quais constituem uma resposta a essa narrativa¹⁷.

¹⁶ “Labov est un des premiers qui, à travers le concept d’évaluation qu’il construit à partir de l’étude du récit oral, est venu troubler le cercle immanentiste des études narratives: le récit est traversé de part en part par la relation – et la tension – interactive”. (BRES, 1994: 92)

¹⁷ “Tous les récits analysés étant extraits de corpus d’entrevues sociolinguistiques, j’entendrai ici, par réaction de l’auditeur au récit, toutes les marques d’écoute, soit l’ensemble des signaux back-channel émis par l’intervieweur pendant que l’informateur raconte, ainsi que les prises de parole plus élaborées, au cours du récit ou immédiatement après sa conclusion, qui constituent une réponse à ce récit.” (LAFOREST, 1996b: 74)

Na **estrutura hierárquica I**, a ocorrência de tais sinais é descrita como **As** (A 24, 28 e 36) em uma **relação interativa** de comentário com os **A** precedentes, a exceção de uma ocorrência que faz parte de uma **Ts** (A 34) e estabelece com o **A** precedente uma **relação ilocutória reativa**, a qual será observada com mais acuidade mais adiante, quando do tratamento das digressões.

Laforest (1996b) distingue três grandes categorias de sinais *back-channel*, ao considerar sua distribuição funcional:

- sinais que indicam recepção;
- sinais que indicam apoio;
- sinais que indicam estímulo.

A classificação funcional desses sinais considera um contínuo que vai de uma relação mais frouxa a uma relação mais estreita com os segmentos de discurso que os antecedem ou os precedem. Os sinais que indicam recepção estão no extremo mais frouxo desse contínuo. São indicadores de atenção ao discurso do outro e não se articulam ao conteúdo dos segmentos de discurso que os circundam, podendo inclusive ser emitidos de maneira automática, mesmo quando não se está com a atenção completamente voltada para a interação da qual se participa. Os sinais que indicam apoio articulam-se aos segmentos de discurso precedentes e manifestam-se como sinais de aquiescência em relação ao conteúdo desses segmentos ou em relação às expectativas do contador acerca das reações que tais fatos podem provocar, como surpresa, indignação etc. Os sinais que indicam estímulo têm por função encorajar o contador a prosseguir a construção de seu discurso e articulam-se de maneira mais estreita com o segmento de discurso que os precede, demonstrando uma forte influência sobre a progressão do discurso.

A articulação desses sinais com os segmentos de discurso ao redor dos quais se apresentam está proporcionalmente relacionada à percepção de sua emissão: quanto mais estreita a relação entre esses constituintes, mais as marcas de escuta são perceptíveis para o contador.

Laforest (1996) não deixa de assinalar que a função de estímulo está estreitamente relacionada à situação de entrevista em que estão inseridas as narrativas

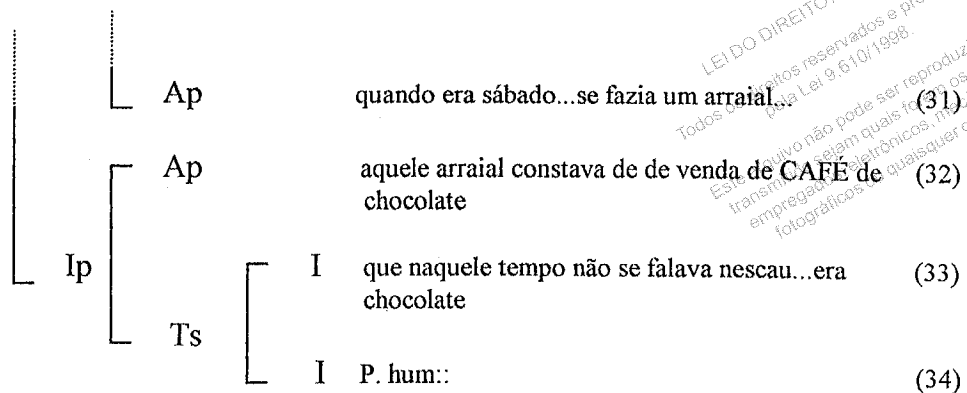
que compõem seu *corpus* de análise, pois em situações como essas um dos interlocutores tem por função suscitar a fala do outro. No *corpus* do Projeto Integrado IFNOPAP, mais especificamente, o pesquisador tem como objetivo suscitar e conservar a atitude narrativa do informante, portanto, são fundamentais as demonstrações de atenção ao discurso do seu interlocutor.

Os sinais de assentimento, no excerto narrativo em questão, são de iniciativa do auditório, ou seja, não se articulam às ocorrências verbais dos marcadores discursivos BAD mencionados anteriormente, que poderiam suscitar a ocorrência desses sinais. Também não há, na progressão do discurso, nenhuma indicação verbal de que o contador dê algum retorno ao auditório após as ocorrências. Dessa forma, as indicações acima revelam que os sinais de assentimento apresentados nesse momento da interação, pela classificação de Laforest (1996), são sinais de recepção e possuem a função de assinalar a manutenção da sincronia conversacional.

Assim como os marcadores emitidos pelo contador, os sinais de assentimento emitidos pelo auditório, durante a co-construção do discurso narrativo, são sinais de monitoramento global do encontro e, portanto, transbordam do nível interacional que está sendo atualizado naquele momento do percurso, narração', para o nível mais externo da ordem da organização situacional da narrativa, que confronta contador/auditório e entrevistado/entrevistador.

4.2.3 As digressões

Cabe, enfim, tecer considerações acerca da natureza da Ts, componente da estrutura da última I que compõe a construção do texto narrativo. Essa Ts introduz um segmento digressivo na progressão temática principal:



(xxix) Recorte da Estrutura Hierárquica I: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

De acordo com Andrade (1997), toda situação de interação é composta por elementos marginais, que podem tornar-se centrais em virtude das escolhas de qualquer um dos interlocutores participantes da interação. Há movimentos tópicos digressivos que podem estar relacionados a elementos que se situam à margem do **tópico principal** em andamento, há movimentos tópicos digressivos que podem deslocar o **tópico** em andamento para um elemento de ordem contextual e há, também, movimentos tópicos digressivos cuja natureza é metalingüística ou metaconversacional, ou seja, o **tópico principal** é suspenso pela necessidade de algum esclarecimento:

No decorrer do trabalho, pôde-se observar que a digressão deixa surgir no texto outro domínio de relevância. Ao suspender temporariamente o tópico central, cria uma cena em que o foco é direcionado para um propósito de natureza pessoal (digressão lógico-experencial), contextual (digressão interpessoal incidental e digressão interpessoal imediata) ou textual (digressão retórica didática e digressão retórica persuasiva). (ANDRADE, 1997, p. 182-183)

No caso da estrutura sob análise, a iniciativa do movimento tópico digressivo é do narrador que, por meio desse movimento, realiza um ajuste na informação compartilhada entre os interlocutores, evidenciando um movimento metadiscursivo que pretende também zelar pelo bom funcionamento da sincronia conversacional. Como já definido anteriormente, em uma relação complementar, como se caracterizam as entrevistas que compõem o *corpus* de análise, as posições altas e baixas resultam das relações complexas entre os eixos poder/não poder e saber/não saber. Em relação ao

eixo saber/não saber, o fato de os interlocutores pertencerem a domínios de conhecimento distintos, que se confrontam na interação social, em parte determina os movimentos discursivos em relação à co-construção dos objetos de discurso. A iniciativa de introduzir um segmento tópico digressivo, que visa ao ajuste das informações entre os interlocutores, revela a definição de posições, sob a ótica do informante, entre aqueles que possuem um determinado saber e aqueles que não o possuem. Portanto, a emergência dos elementos marginais a que se refere Andrade (1997) na organização do quadro discursivo se relaciona, na análise aqui em desenvolvimento, à emergência dos **níveis interacionais** marginais nos limites do nível que está sendo atualizado.

O sinal de assentimento (A 34) que segue imediatamente à I do informante tem a função reativa de ratificar a informação recebida e, conseqüentemente, ratificar a posição que o entrevistado/contador atribui ao entrevistador/auditório. Desse modo, permite que a organização discursiva retorne ao tópico principal e situe-se novamente no **nível interacional** correspondente à narração’.

4.2.4 A forma de organização enunciativa

No primeiro capítulo deste estudo, já se afirma a relevância das formas de organização **enunciativa** e **polifônica** para a compreensão das relações intersubjetivas estabelecidas entre os sujeitos em situações autênticas de interação. Soares (2003) afirma que a organização **enunciativa** e a **polifônica** dizem respeito às subjetividades que se inscrevem no discurso e que a análise dessas formas de organização pressupõe que se considere não só a presença de outros enunciadoreis na construção do discurso do locutor, mas também o tratamento que recebem as vozes representadas na nova enunciação. Em seu trabalho, Soares dedica-se a analisar justamente o concerto das vozes que são chamadas a contar, a testemunhar e a encenar as histórias sobre o imaginário da Amazônia paraense que compõem o *corpus* do Projeto Integrado IFNOPAP à luz da abordagem modular. Os resultados a que a autora chegou muito têm

esclarecido as análises empreendidas neste estudo, principalmente porque, como a autora afirma, as narrativas orais da Amazônia paraense são fortemente polifônicas.

A forma de organização enunciativa interessa ao percurso analítico desenvolvido neste trabalho porque, na conjunção das vozes inscritas na organização discursiva das narrativas orais, os locutores estão permanentemente monitorando as relações que se estabelecem nos diferentes níveis interacionais, de modo a zelar pela sincronia interacional na gestão global do encontro social. Por esse motivo que, mesmo situados em um determinado nível do quadro interacional, os interlocutores realizam movimentos discursivos que permitem a flutuação para os demais níveis, conforme as análises precedentes demonstraram na articulação entre as posições entrevistador/entrevistado, contador/auditório e narrador/narratário. Cabe agora constatar a flutuação entre os níveis interacionais no momento em que o narrador inaugura mais um nível, ao apresentar a interação entre as personagens da narrativa.

C01CZter110993 (anexo I)

/.../

ai o S compreendeu a minha jogada...ai

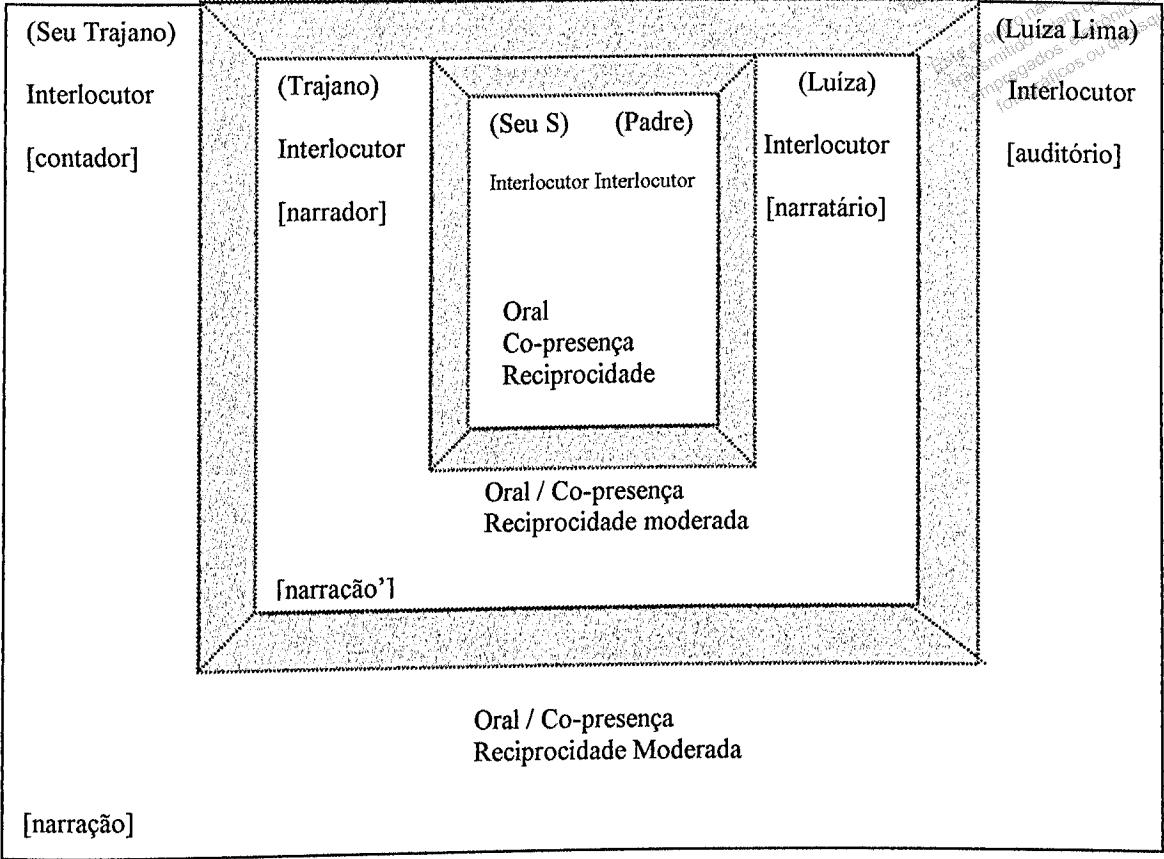
(inc.)...pediu desculpa...ai o padre amansô - a humildade sempre é contra a soberba né↑ - o padre amansô...ai foi:: disse S como é que tu queres

P. [é

trabalhá e tal...tu tens máquina↑ ele disse tenho...nos foi presenteado uma máquina ele viu a máquina achô interessante...ai foi disse tu tem filme↑...ai foi e disse eu não tenho mas tem umas casa aí...que aluga filme ai ele foi disse esses filmes que essas casa alugam...são consoante...com:: o ambiente...da igreja↑ ele disse tem pra tudo...ai deu o nome dos filme ele disse é bom...ai foi disse S...tu tem BANco↑...ele foi e disse não tem padre...eu:: tô com vontade de comprá umas duas dúzia de tábuas e um (inc.)...ai antes de passá:: a fita...eu faço uma preleção... digo pro pessoal a situação que nós estamos (inc.) pra angariá dinheiro...pra fazê fundo pras despesas que nós tamos (inc.) ai o padre foi disse S...eu tenho um bocado de banco lá...eu:: renovei os banco da igreja tão tudo novo...e tem um bocado de banco lá...tão velho...mas ainda serve tu queres↑ ele disse quero↓ tem uma coisa tu manda buscá amanhã↓ ele disse mando↓...

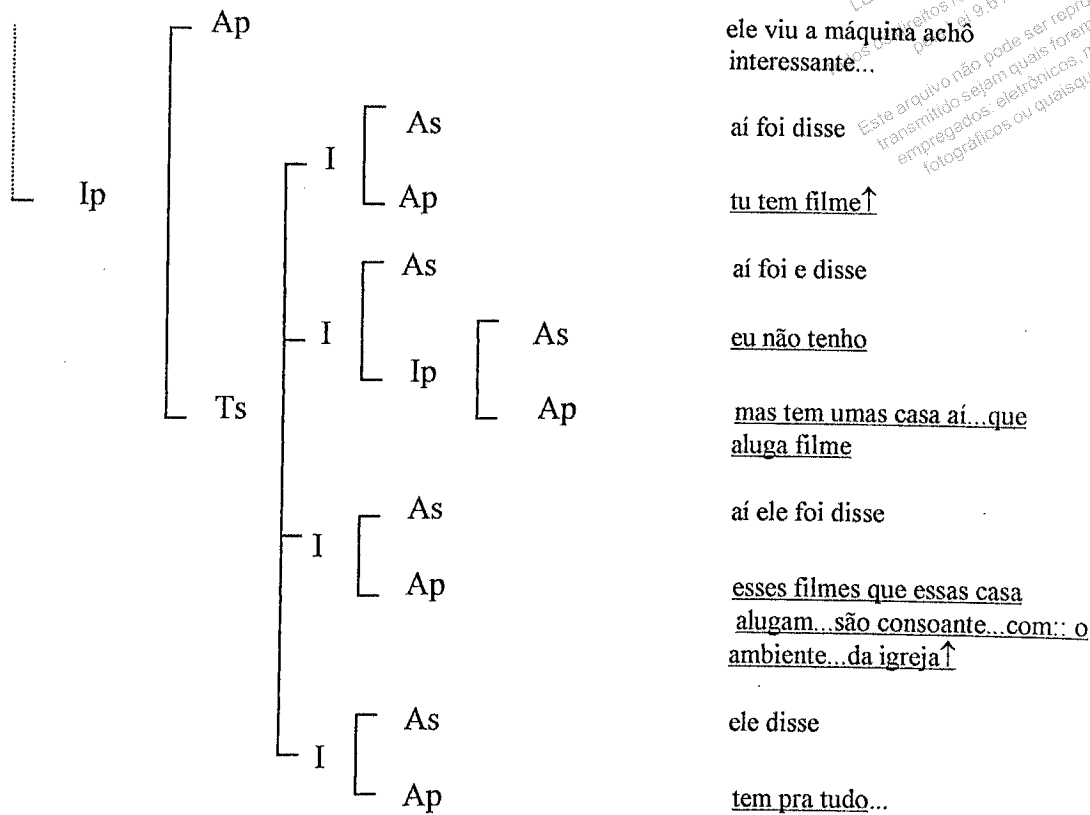
/.../

Nesse trecho da entrevista sob análise, a representação do **quadro interacional** é a seguinte:



(xxx) Quadro Interacional XIII: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

Como na relação entre os níveis mais externos do **quadro interacional**, há também, entre os dois níveis do discurso representado, uma zona de transição que representa a flutuação entre os dois planos, de modo a zelar pela sincronia conversacional sempre que necessário. Na relação do discurso reportado com o discurso reportante, essa flutuação é percebida na estrutura das **Ts** e das **I** que as compõem:



(xxxi) Estrutura Hierárquica II: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

Cada I da Ts é composta por um As em uma **relação interativa** de preparação¹⁸, cuja função é orientar o narratário na tarefa de co-construção dos sentidos do discurso, à medida que o conduz pela alternância de turnos entre as personagens. Desse modo, a organização do discurso do narrador gerencia, simultaneamente, o funcionamento do nível correspondente à condução da narrativa, narração', e o nível correspondente à interação representada, evidenciando o espaço de transição entre os dois planos.

A flutuação entre os níveis correspondentes à organização enunciativa do encontro social pode ainda ser comprovada quando de uma análise mais detalhada da maneira como o discurso reportado é assimilado pelo discurso reportante, uma vez que a opção pela representação direta ou indireta tem implicações significativas sobre a co-construção dos sentidos:

¹⁸ Do francês: "préalable".

A transmissão do discurso de outrem, é, ao mesmo tempo, uma estratégia discursiva e uma estratégia textual. Assim, ao construir um texto narrativo, por exemplo, o enunciador, além de fornecer as indicações que visam a guiar a compreensão do ouvinte, pode também pretender (e as mais das vezes pretende) atuar sobre ele (o ouvinte), no sentido de comovê-lo, persuadi-lo, dissuadi-lo ou diverti-lo. Ao reproduzir em discurso citado as palavras que atribui a outra pessoa, adaptando-as ao contexto narrativo, o enunciador promove a unidade do texto e engendra a dinâmica textual, mas também pode colorir o discurso de outrem com as suas próprias entoações, a fim de alcançar objetivos específicos. Por seu caráter acentuadamente dramático, o discurso direto, em suas diferentes modalidades, apresenta-se ao produtor do texto narrativo como um instrumento eficaz para a consecução desse duplo intento. (SÁ, 1997: 73-74)

Soares (2003), ao empreender a análise das formas de organização enunciativa e polifônica das narrativas já publicadas que compõem o acervo do Projeto Integrado IFNOPAP, defende que o jogo polifônico que se estabelece na organização e no funcionamento das narrativas faz ecoar vozes que são chamadas a encenar os fatos narrados e contribuem para a criação de um “efeito de real”:

... (i) o discurso representado de forma direta, reconstituindo uma situação de comunicação, ou recompondo uma enunciação anterior, dá a impressão de que o discurso representado, reproduzido em sua integridade, é autêntico, real;... (SOARES, 2003, p.266)

Nas narrativas em que a figura do narrador não coincide com a figura do contador, também é possível demonstrar a flutuação entre os níveis interacionais correspondentes às situações representadas e às situações efetivas de interação, como na entrevista a seguir:

CL09CZsou180694 (anexo IV)

If. minha sogra qu'ela era uma uma velha muito...corajo::sa...ela disse que vinha mesmo na por::ta da casa dela qu' é bera d'igarapé né↑...aí::...

[

P. hum hum
e ela contava às veze a gente ia pro cul::to quando chegava já onze hora da noite ela contava ela dizia N – qu'era o marido dela todos dois já falecido né↑ - ela dizia N meu bem hoje...a a sem vergonha – ela chamava assim – a sem vergonha da matinta fez sucesso aqui na porta né↑...e era coisa feia mesmo né↑↑ vezes eu tô em casa deita/ à noite já deitada quando ela vinha assim assoviava na por::ta...tu jura qu' é

alguém↑↑...no interiô tu só tem uma casa otra com distância de um quilômetro né↑ quem já é a pessoa que vai/ pra fazê visage na porta do vizinho né↑...e ela vinha ali assoviava e rápido o cachorro se:: jogava pra cima pega não pega e:: era aquele barulho horrível depois...a gente já ovia assoviando na o::tra em outra parte do do da estrada né↑...e quando foi uma noite nós tinha ido para o culto quando chegamos aí ela disse né↑ assim N↑↑ hoje à noite foi a coisa horrível↑↑ - porqu'ela quase não saía de casa qu'ela...sofreu derrame né↑...mas ela era muito corajosa ela ficava em casa sozinha ela e os cachorros - aí:: ela disse assim (contado) ela disse que uma noite...ela disse que:: tava lá deitada de repente VEIO como se vinha uma bicicleta... começô (inc) aí fez aquele aquela roda no terrero né↑ aquela bicicleta...os cachorros correram atrás...voltô pelo mesmo rastro... e::...quando foi quando o:: dia amanheceu foram olhá no terrero não tinha rastro (inc) não tinha nada né↑ otra...neta dela né↑ também mui::to corajosa né↑ uma jovem já já (vai tê muito) quarenta anos né↑... tava distante da dela da da da neta pra a d'avô...mas ela pra ela a neta pra ela não tinha hora assim pra ela i na casa d'avô nem de dia (e no final da noite) e era duas hora da manhã tinha qu'i lá ela pegava uma lanterna e ia...e ela disse que quando foi uma noite ela deparô com uma mulhé e uma bicicleta com um cabelão comprido ainda perto da casa dela né↑...aí (como nós somos) muito muito são crentes né↑ todos eles... eu também né↑ quando ela disse que aquilo passô por'ela assim qu'ela ela não viu não viu o rosto (inc) só viu a bicicleta e a mulhé na bicicleta com o cabelo cobrindo o rosto...aí ela sentiu um vento frio quando ela sentiu o vento frio aí...senhô jesus que te repreenda espírito imundo↑↑... passô quando ela chegô lá na na vó dela ela comentô ela disse ah minha filha↑↑ essa bicicleta ronda (aqui) quase toda noite...na porta da da lá da da casa da da minha...da minha sogra né↑ toda noite disque rondava...aí... foi passando os tempo foi passando passando (inc) DE NOVO a bicicleta rondando (inc) muita gente viam né↑ pessoas muita gente viam aquela bicicleta correndo via aquela pessoa em forma de uma mulhé mas o rosto mesmo...ninguém ninguém dava notícia do rosto daquela daquela daquela daquela visage né↑

/.../

Essa narração surge no início da gravação da entrevista, logo após a identificação da fita. O contador inicia, atribuindo a outrem o papel de narrador:

If. minha sogra qu'ela era uma uma velha muito...corajo::sa...**ela disse que** vinha mesmo na por::ta da casa dela qu'é bera d'igarapé né↑...aí::...

[

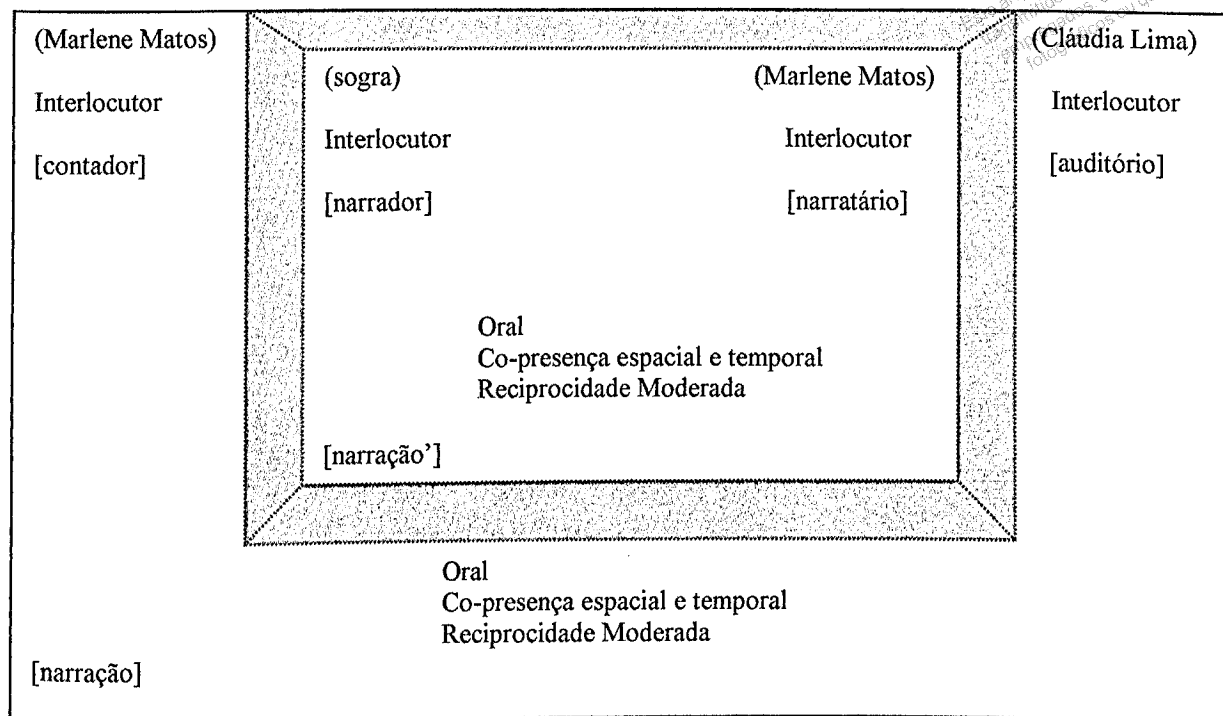
P.

hum hum

e ela contava às veze a gente ia pro cul::to quando chegava já onze hora da noite **ela contava** ela dizia N - qu'era o marido dela todos dois já falecido né↑ - ela dizia N meu bem hoje...a a sem vergonha - ela chamava assim - a sem vergonha da matinta fez sucesso aqui na porta né↑...e era coisa feia mesmo né↑↑ /.../

LEIDO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados, eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

O **quadro interacional** que descreve as condições materiais desse encontro é o seguinte:



(xxxiii) Quadro Interacional XIV: entrevista CL09CZsou180694 (anexo IV)

Soares (2003), conforme citado anteriormente, identifica algumas possibilidades de expressão do papel enunciativo de narrador, a partir da análise de seus dados. Quando a figura do narrador não se confunde com a identidade do contador, as possibilidades de expressão desse ser de discurso podem ser:

- uma pessoa merecedora de credibilidade, cuja voz parece dar legitimidade ao fato narrado;
- um narrador de contornos menos nítidos: um senhor, uma senhora, as pessoas do rio ou da cidade...;
- um narrador indeterminado pela terceira pessoa do plural, sinalizado por expressões de indefinição tais como uns dizem..., outros acreditam..., contam que..., diz que...;
- um narrador coletivo, que muitas vezes representa a voz da sabedoria comum partilhada pelo povo.

Uma vez que a identidade do narrador não se confunde com a identidade do contador, a flutuação entre os **níveis interacionais** pode ser percebida nas **I e A** cuja responsabilidade da enunciação não pode ser atribuída a outrem. É o caso dos marcadores direcionados ao ouvinte, dos movimentos tópicos digressivos que visam ao ajuste de informações entre pesquisadores e informantes e dos comentários avaliativos, cuja função interacional confronta contador e auditório na condução da organização enunciativa da narração – narração'. As ocorrências destacadas abaixo demonstram esses movimentos:

If. minha sogra qu'ela era uma uma velha muito...corajo::sa...ela disse que vinha mesmo na por::ta da casa dela **qu'ê bera d'igarapé né↑...ai::...**

P. [hum hum
e ela contava às **veze a gente ia pro cul::to quando chegava já onze hora da noite** ela contava ela dizia N – **qu'era o marido dela todos dois já falecido né↑** - ela dizia N meu bem hoje...a a sem vergonha – ela chamava assim – a sem vergonha da matinta fez sucesso aqui na porta né↑...e era coisa feia mesmo né↑↑ /.../

A ocorrência de modalizadores para qualificar o discurso do narrador é também outra maneira de sinalizar a flutuação entre os **níveis interacionais** correspondentes à situação representada e à situação efetiva da interação. O caráter interacional dos modalizadores também confirma que, a partir de um determinado nível de organização discursiva, os participantes do encontro social monitoram a organização dos demais níveis, evidenciando que estão permanentemente atentos ao gerenciamento global da interação. A ocorrência do modalizador “disque”, na seqüência narrativa abaixo, demonstra essa flutuação entre níveis:

/.../

otra...neta dela né↑ também
mui::to corajosa né↑ uma jovem já já (vai tê muito) quarenta anos né↑...
tava distante da dela da da da neta pra a d'avó...mas ela pra ela a neta
pra ela não tinha hora assim pra ela i na casa d'avó nem de dia (e no
final da noite) e era duas hora da manhã tinha qu'i lá ela pegava uma
lanterna e ia...e ela disse que quando foi uma noite ela deparô com uma
mulhé e uma bicicleta com um cabelão comprido ainda perto da casa
dela né↑...ai (como nós somos) muito muito são crentes né↑ todos eles...
eu também né↑ quando ela disse que aquilo passô por'ela assim qu'ela
ela não viu não viu o rosto (inc) só viu a bicicleta e a mulhé na bicicleta
com o cabelo cobrindo o rosto...ai ela sentiu um vento frio quando ela

sentiu o vento frio aí...senhô jesus que te repreenda espírito imundo↑↑...
passô quando ela chegô lá na na vó dela ela comentô ela disse ah minha
filha↑↑ essa bicicleta ronda (aqui) quase toda noite...na porta da da lá da da
casa da da minha...da minha sogra né↑ toda noite disque rondava /.../

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Nenhum arquivo não pode ser reproduzido ou
utilizado sem a permissão dos seus
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

Bronckart (1997(1999)) considera a modalização um dos mecanismos enunciativos da organização discursiva:

As modalizações têm como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos **comentários** ou **avaliações** formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático. Enquanto os mecanismos de textualização, que marcam a progressão e a coerência temáticas, são fundamentalmente articulados à linearidade do texto, as modalizações por sua vez, são relativamente independentes dessa linearidade e dessa progressão; as avaliações que traduzem são, ao mesmo tempo, *locais* e *discretas* (por oposição ao caráter isotópico das marcas de textualização) e podem também insinuar-se em qualquer nível da arquitetura textual. Portanto, as modalizações pertencem à dimensão *configuracional* do texto, contribuindo para o estabelecimento de sua coerência pragmática ou interativa e orientando o destinatário na *interpretação* de seu conteúdo temático. (BRONCKART, 1997(1999), p. 330)

Para Blanchet (1991), em situações de entrevista, os modalizadores fazem parte de estratégias de exposição e proteção, empregadas no discurso do entrevistado, as quais se realizam por meio de quatro modelos fundamentais:

- transparência referencial e enunciativa;
- transparência referencial e opacificação enunciativa;
- opacificação referencial e transparência enunciativa;
- opacificação referencial e enunciativa.

As estratégias de transparência e opacificação remetem a dois eixos semânticos distintos:

- deitização (D) vs. neutralização (N);
- referenciação (R) vs. modalização (M).

O processo (D) articula o enunciado ao universo de crenças do locutor; o processo (N) articula o enunciado ao universo de crenças do enunciador. O processo

(M) marca a criação de um mundo textual (subjetividade); o processo (R), pretende atribuir ao enunciado um valor de verdade (objetividade). Em relação ao primeiro eixo, o processo (N) visa à opacificação, enquanto o processo (D) visa à transparência. Quanto ao segundo eixo, temos a correlação modalização/opacificação, referência/transparência¹⁹. Em termos de engajamento ou distanciamento do sujeito em relação ao enunciado, (D) e (R) marcam o engajamento, enquanto que (N) e (M) marcam o distanciamento.

Na narrativa sob análise, o emprego do modalizador “disque” faz operar a estratégia de opacificação referencial aliada à opacificação enunciativa, uma vez que contador e narrador não se confundem: “/.../ e **ela disse que** quando foi uma noite ela deparô com uma mulhé e uma bicicleta com um cabelão comprido ainda perto da casa dela né↑ /.../”. O narrador é o enunciador dos fatos relatados, portanto, é de sua responsabilidade a afirmação da veracidade dos acontecimentos. O contador, como locutor do discurso, posiciona-se em relação à narração desses acontecimentos. Por meio do modalizador “disque”, “/.../ toda noite disque rondava /.../”, o contador revela um distanciamento relativo em relação ao discurso do narrador.

Não se considera que a ruptura com o discurso do narrador seja total porque permanece, para o contador, alguma possibilidade de o narrador estar com a razão. A posição do contador em situações assim é como estar se equilibrando em uma corda bamba: de um lado, a credibilidade daquele que enuncia os fatos, “/.../ aí (como nós somos) muito muito são crentes né↑ todos eles...eu também né↑ /.../”; de outro, o confronto com um interlocutor que, em seu universo referencial, não admite manifestações dessa natureza como reais.

Os movimentos discursivos reunidos acima, relativos à organização enunciativa da atividade narração – narração’, evidenciam a posição proeminente do informante em relação ao pesquisador na condução do percurso interacional. O episódio de elicitación da narrativa é o momento de transição em que há um equilíbrio de forças

¹⁹ “Parret (*op. cit.*) montre que: sur l’axe M...R, la modalisation constitue une tentative de destructuration de la référence et de ce fait une opacification du contexte linguistique, alors que la référentialisation constitue une tentative de structuration de la référence visant ‘l’objectivité’: l’énoncé ‘démodalisé’ constituant la norme de transparence; sur l’axe D...N, le mécanisme inverse semble se produire: la déictisation représentant le fait primitif de l’énonciation rend transparente cette énonciation et

entre os interlocutores para a definição da nova disposição da gangorra, metáfora que ilustra a construção da hipótese principal deste estudo. Se a negociação conduz à narração propriamente dita, na disposição da gangorra o informante assume uma posição favorável ao passar a conduzir a direção do percurso interacional, o que se evidencia na atitude iniciativa que passa a caracterizar, nesse momento do encontro social, sua contribuição conversacional. Após a apresentação da narrativa, novo momento de negociação se estabelece entre os sujeitos para definir um outro movimento da gangorra, que pode ser o retorno para a disposição inicial, em que o pesquisador ocupa uma posição favorável.

4.3 Percurso 3: da narração à entrevista

Se até este momento da pesquisa se tem observado um avanço dos limites mais periféricos para os limites mais centrais do **quadro interacional**, na coordenação das ações dos sujeitos que interagem, as análises empreendidas nesta seção consideram momentos de transição que assumem direção inversa, ou seja, a passagem de níveis mais centrais para níveis mais periféricos da organização discursiva.

Após a apresentação das narrativas pelos contadores/narradores, os interlocutores retornam para uma dinâmica interacional mais próxima da entrevista até que uma nova seqüência narrativa surja ou se iniciem os procedimentos finais da entrevista. Essa transição é marcada por um gradual distanciamento da atividade mais central, que implica uma aproximação gradual da atividade mais externa. Esses são momentos de negociação mais evidentes, assim como os momentos de elicitación das narrativas, em que uma nova disposição da organização discursiva se configura.

Essa transição evidencia-se na representação da **estrutura hierárquica** correspondente à organização final da narrativa apresentada na entrevista C01CZter110993. Esse momento da interação entre os interlocutores demonstra que o contador sinaliza sua disposição em abandonar a atitude narrativa que vinha adotando. Desse modo, cabe ao pesquisador assumir novamente o **papel praxeológico** de

entrevistador para, então, conduzir o percurso interacional em uma nova direção. Novamente, a gangorra posiciona-se em uma relação horizontal que visa à definição de um novo movimento.

LEI DE DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/98
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

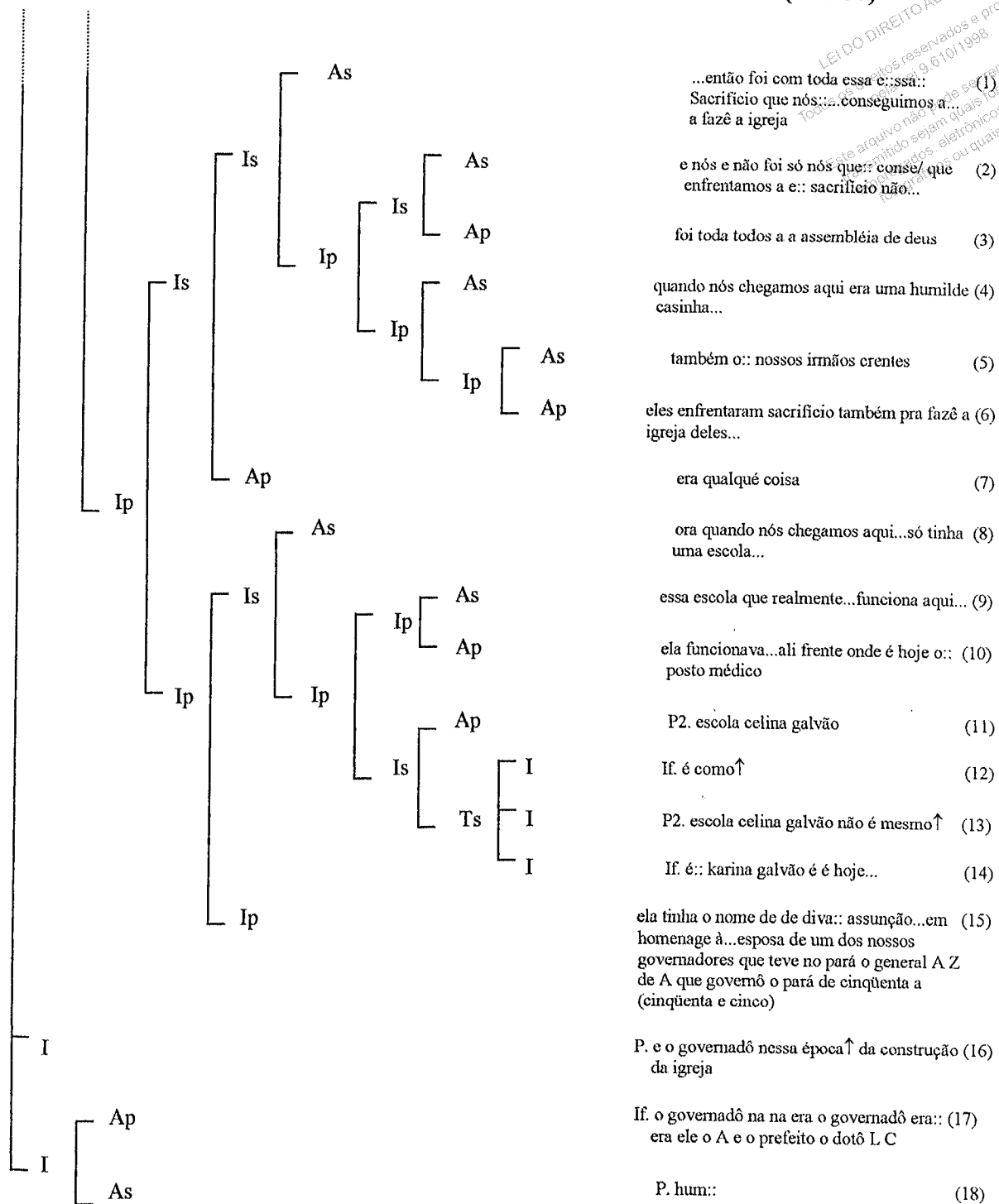
nexo I)

toda essa coisa: (1)

...conseguimos a...

nós que conse/que (2)

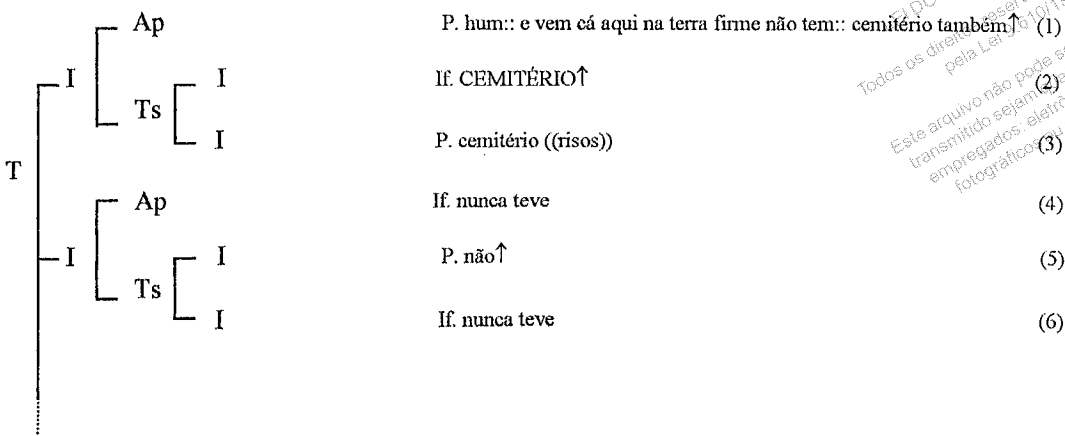
sacrifício não...



A narração que vinha se desenvolvendo sobre a construção da igreja do bairro da Terra Firme apresenta seu **estado final** com um **A** resumitivo de toda a sequência narrativa: “/.../ então foi com toda essa e::ssa:: *Sacrifício que nós::...consequimos a...a fazê a igreja /.../*” (A 1). Após esse **A**, segue-se uma **I** (A 2 a 6) que estabelece uma **relação interativa** de sucessão com o **A** anterior e que introduz de modo bastante resumido um novo **tópico**, cujo conteúdo está estreitamente relacionado ao primeiro: a construção da igreja dos protestantes também do bairro da Terra Firme. Há ainda um segundo encadeamento com um terceiro **tópico** mais abrangente, também por meio de uma **relação interativa** sucessiva, que se refere à situação do bairro no início de sua construção. Como a informação sobre esse terceiro **tópico** também se apresenta de modo resumido, ocorre uma **I** do pesquisador (A 11), que pode ser interpretada como um sinal de estímulo para que a atitude narrativa do informante continue, o que gera uma **Ts** (A 12 a 14). O que se segue a essa **Ts** é apenas a disposição de alguma informação complementar às informações que já haviam sido apresentadas antes, sinalizando a não disponibilidade do informante em continuar com a atitude narrativa. Nesse momento da dinâmica interacional, observa-se que os interlocutores negociam a gestão global da interação, para determinar os encadeamentos seguintes da progressão discursiva.

A partir de então, segue-se novamente a dinâmica de solicitação e disposição de informação que caracteriza a atividade entrevista e os interlocutores passam a atualizar os **papéis praxeológicos** de entrevistador/entrevistado. Na interação, passa-se à abertura de uma nova **T**, de iniciativa do pesquisador, que inaugura um novo **tópico**, visando com isso obter uma nova narrativa que se aproxime mais do conteúdo temático da tradição lendária:

(xxxiv) ESTRUTURA HIERÁRQUICA IV: C01CZter110993 (anexo I)



preparatórios para a realização das ações que realmente interessam aos objetivos do encontro. Essa organização, ao mesmo tempo, seqüencial e hierárquica só pode ser demonstrada pela análise pontual do encadeamento das ações verbais, análise que justifica o esforço descritivo empreendido na elaboração deste capítulo.

A observação detalhada da ordem seqüencial e hierárquica a que obedece a articulação das ações verbais, na interação entre pesquisadores e informantes, revela que a passagem de uma atividade a outra não é automática, é antes um processo de negociação com idas e vindas até que os sujeitos definam a direção a assumir. Relacionada à hipótese central que conduz as análises empreendidas neste estudo, a passagem de uma atividade a outra corresponde à disposição horizontal da gangorra, quando há um equilíbrio de forças que exige dos interlocutores o acordo quanto à nova disposição vertical da gangorra.

A realização de cada atividade corresponde a uma disposição das **posições de ação** em uma relação assimétrica, que define o domínio na condução do percurso interacional. Na atividade entrevista, a dinâmica de perguntas e respostas confere ao entrevistador uma posição proeminente nessa relação assimétrica, em virtude da sua atitude iniciativa quanto à abertura e fechamento das **T** e quanto à introdução, à reorientação e ao abandono dos **tópicos** discursivos. Na atividade narração, o contador assume a posição proeminente, uma vez que, ao assumir o domínio da palavra, responsabiliza-se pelos encadeamentos das seqüências discursivas e pela definição dos **tópicos** discursivos em torno dos quais serão construídas as narrativas.

A observação detalhada da ordem seqüencial e hierárquica por meio da qual se articulam as ações realizadas pelos interlocutores revela também que, mesmo na condução de uma atividade mais central, os interlocutores preocupam-se em monitorar a condução da atividade mais externa, de modo a zelar pela sincronia interacional. O mesmo fato ocorre com a organização enunciativa das situações de interação efetivas e das situações de interação representadas. Mesmo situando-se em um determinado nível do **quadro interacional**, os interlocutores estão permanentemente monitorando os demais níveis, por meio de movimentos discursivos que alcançam os níveis mais externos.

O processo de negociação para a condução do encadeamento sequencial e hierárquico das ações discursivas e o gerenciamento pontual e, ao mesmo tempo, global da sincronia conversacional confirmam a hipótese de que entre os níveis que compõem o **quadro interacional** característico da interação entre pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP há espaços de transição, nos quais se situam os interlocutores para definir a condução do percurso interacional. Cada vez que os movimentos discursivos se situam nesses espaços de transição, os interlocutores negociam a possibilidade de manutenção ou de alteração do **nível interacional** que está sendo atualizado na organização discursiva. Ao negociar a condução da dinâmica discursiva, os interlocutores negociam também os **papéis praxeológicos** que assumem a cada momento da interação e negociam, conseqüentemente, as relações intersubjetivas que entre eles se estabelecem.

A descrição e a análise inicial das **posições de ação**, definidas no terceiro capítulo, mobilizam um conhecimento sociohistórico de caráter prototípico, organizado a partir da experiência social e interacional dos indivíduos, e expressam as expectativas que se criam em relação aos comportamentos e às atitudes que os sujeitos deverão adotar na interação, em virtude mesmo das **identidades sociais** e **identidades comunicacionais** que assumem em uma ordem socialmente definida. A inserção dos sujeitos em uma ordem sociointeracional e a adoção de um dos papéis que nela se admite legitimam sua participação na interação. No entanto, o processo de co-construção de identidades é um jogo de equilíbrio instável entre posições previamente definidas e posições negociadas no momento mesmo da interação e, desse modo, esse quadro inaugural do encontro procura sua legitimação na e pela prática discursiva. Ou seja, há sempre uma tensão entre o aspecto esquemático e o aspecto emergente das situações de interação²⁰.

²⁰ “Cependant, la construction de l’image de soi dans le discours a, en retour, la capacité de modifier les représentations préalables, de contribuer à la mise en place d’images nouvelles et de transformer des équilibres en contribuant à la dynamique du champ. La scène de l’énonciation construite par le discours n’est pas purement imaginaire. La profération du discours ou la mise en circulation du texte confèrent une certaine réalité à la distribution des rôles et aux images de l’orateur qu’elles autorisent. Les faisant exister aux yeux de l’auditoire, le discours travaille à leur donner une légitimité qui n’est pas toujours assurée au départ. En d’autres termes, l’autorité du locuteur ne provient pas seulement de son statut extérieur et des modalités de l’échange symbolique auquel il participe. Elle est aussi produite par le discours dans un échange verbal qui vise à produire et à faire reconnaître sa légitimité.” (AMOSSY, 1999b: 149)

Por meio da descrição e da análise da **forma de organização operacional**, é possível considerar o eixo poder/não poder que em parte determina as relações interpessoais que se estabelecem entre os sujeitos participantes do trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP. Esse eixo, conforme definido anteriormente, corresponde à regulação histórico-social e cognitiva das atividades, em que se engajam os sujeitos, que em parte determina o modo de participação desses sujeitos na condução do encontro social, ou seja, determina as limitações em relação àquilo que pode ou não pode ser feito por um dos interlocutores - as ações complementares que cabem a cada um.

No capítulo seguinte, que se ocupa da **forma de organização tópica**, será possível considerar o eixo saber/não saber, que também determina o modo como se estabelecem as relações interpessoais. O fato de os interlocutores pertencerem a domínios de conhecimento diferentes, que se confrontam na interação social - o pesquisador ligado ao universo científico e o informante ao universo da tradição oral - acentua a atenção voltada aos movimentos discursivos de apresentação de si mesmo e, conseqüentemente, de consideração ao outro, em relação à co-construção do objeto discursivo.

V. AS ENTIDADES TÓPICAS E A FORMAÇÃO DE REDES CONCEITUAIS

Quando Socorro Cuimã, contadora de histórias do município de Moju, diz, com convicção serena, “Os cientistas dizem que a pororoca é um fenômeno, professora, mas não é não; é a briga de três meninos encantados, isso é que é...”, só está contrapondo, sem inquietação pelas diferenças, essas duas visões diferentes de representar o mundo. (SOARES, 2003)

O percurso de análise que vem se desenvolvendo nesta pesquisa permite não só identificar as **posições de interação/posições de ação** assumidas pelos sujeitos envolvidos no trabalho de coleta de narrativas para a composição do acervo do Projeto Integrado IFNOPAP, mas também descrever e analisar o modo como os sujeitos, na condução do percurso interacional, atualizam essas posições. A análise dos módulos **interacional, referencial e hierárquico**, bem como a análise da **forma de organização operacional** revelam-se, desse modo, pertinentes para a compreensão do complexo processo de posicionamento recíproco entre os sujeitos que interagem.

As análises realizadas até agora vêm confirmando a hipótese de que, nas interações sob análise, as posições complementares que os sujeitos ocupam na condução do percurso interacional são resultado de um processo de negociação constante durante o encontro social. As **identidades comunicacionais** que os sujeitos assumem na interação não são determinadas unicamente pela atividade institucional na qual os sujeitos se engajam – as entrevistas do Projeto Integrado IFNOPAP. Essas identidades são também determinadas pela própria dinâmica interacional, que, em virtude de suas particularidades, conduz à realização de uma outra atividade ligada ao cotidiano dos informantes – a narração. Na articulação entre essas atividades, os interlocutores estão constantemente coordenando suas contribuições conversacionais, de modo que a adoção de um certo comportamento interacional só é possível se houver o reconhecimento dos demais participantes da interação.

De acordo com as análises apresentadas no capítulo precedente, o processo de negociação, que visa à definição dos **lugares** a serem ocupados na condução da dinâmica interacional, está associado ao eixo poder/não poder, que diz respeito à regulação histórico-social e cognitiva das atividades, que em parte determina as

limitações em relação àquilo que pode ou não pode ser feito por um dos interlocutores - as ações complementares que cabem a cada um. Para a comprovação da hipótese central desta pesquisa, que denomino de metáfora da gangorra, cabe ainda observar o modo como os sujeitos co-constroem os objetos de discurso recorrentes nas narrativas sobre a tradição lendária da região, pois são justamente o ponto central do confronto entre pesquisadores e informantes envolvidos no trabalho de coleta de narrativas. O fato de esses objetos possuírem valores distintos no universo de conhecimento a que pertence cada interlocutor, a saber o universo do conhecimento científico e o universo da tradição oral, acentua a atenção dos sujeitos para os movimentos relacionados à **face** e à definição dos **lugares** que serão ocupados durante a interação. Soares (2003) já intuía essa diferença nos domínios de conhecimento dos sujeitos como significativa para a compreensão dos fenômenos de polifonia, que marcam a organização discursiva das narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP:

A título de conclusão, talvez seja significativo lembrar que o encontro entre pesquisador e informante coloca em cena dois sujeitos que procedem de dois mundos diferentes ou, pelo menos, dois mundos em que os fenômenos da realidade se explicam de modo diferente: o locutor-pesquisador simboliza o mundo da academia – aquele em que se prega a crença absoluta na ciência, aquele em que triunfa o princípio da realidade, em que se procuram afastar ‘os erros’ e ‘as superstições’ associadas ao mito, às crenças ou às noções que não se fundamentam na razão ou no conhecimento, e que acabam levando o homem a temer coisas inóxias ou a desconfiar e desacreditar de fatos absurdos, sem qualquer explicação racional ou lógica; o locutor-informante representa o mundo governado pelo senso comum, em que os conhecimentos não se assentam necessariamente em formulações metódicas e racionais, mas em impressões dos sentidos e em experiências de vida. (SOARES, 2003, p.272-273)

O objetivo deste capítulo é descrever e analisar, com base nos instrumentais teóricos postulados no **módulo referencial**, relacionados ao aspecto conceitual, e na **forma de organização tópica**, o modo como os sujeitos introduzem os objetos de discurso relacionados à tradição lendária da região, definem suas propriedades e os avaliam. Esses novos dados de análise complementam os resultados obtidos com as análises anteriores, pois associam ao eixo poder/não poder o eixo saber/não saber, também relevante no gerenciamento das relações intersubjetivas que se estabelecem na

interação. Conforme defendido no primeiro capítulo, o modo como os sujeitos definem os objeto de discurso, como se posicionam diante dele, de que forma o valorizam são movimentos que articulam, de modo bastante complexo, a apresentação dos tópicos discursivos ao gerenciamento das relações interpessoais.

5.1 As entidades tópicas

Conforme apresentado anteriormente, cabe ao **módulo referencial**, no modelo de análise modular do discurso, ocupar-se das relações que o discurso estabelece com o mundo ordinário em que se realiza a interação, bem como ocupar-se das relações que o discurso estabelece com os mundos nele representados, de modo que a organização verbal dos discursos seja considerada a partir das práticas sociais contextualizadas.

Assim como para o aspecto praxeológico, considerado nos capítulos 3 e 4, postulam-se para o aspecto conceitual dois planos de organização: um, relativo a uma ordem sociohistórica construída coletivamente a partir das experiências interacionais internalizadas pelos sujeitos em situações de comunicação diversas, as **representações conceituais**; outro, relativo a uma atualização dessa mesma ordem em uma situação de interação particular, o que implica a manutenção ou a modificação da ordem primeira, as **estruturas conceituais**.

As **representações conceituais** dizem respeito a uma competência conceitual que se compõe de representações mentais sobre os objetos, os seres e os acontecimentos, construídas coletivamente e fortemente ancoradas nos enquadres acionais dos quais fazem parte¹. Tal competência conceitual opera a partir de formações esquemáticas que reúnem as propriedades típicas dos objetos, seres e acontecimentos introduzidos nos discursos. As **estruturas conceituais** dizem respeito à atualização, à

¹ “Parce qu’elle réarticule les catégories conceptuelles avec les activités dans lesquelles elles sont sollicitées, la notion phénoménologique de ‘typicalité’ ne se confond pas avec la ‘prototypie’ des modèles cognitivistes. C’est pourquoi nous considérons en dernier lieu que les propriétés typiques qu’il est possible d’affecter à une entité conceptuelle ne découlent pas d’une entité centrale universelle, mais résultent plutôt d’une médiation sélective opérée par les activités sociales.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 130-131)

negociação e à rearticulação das propriedades de tais representações em situações particulares de interação, ou seja, as propriedades emergentes dos objetos de discurso.

À semelhança da **representação praxeológica**, esboçada no capítulo anterior, a **representação conceitual** definida para a temática da tradição lendária recorrente nas narrativas do Projeto IFNOPAP também foi construída a partir da manipulação dos dados de análise que compõem o *corpus* deste estudo. A análise revela, em primeiro lugar, que essa temática pode ser introduzida com maior ou menor precisão ora pelo entrevistador, ora pelo entrevistado. Pode-se dizer, então, que nas entrevistas há um contínuo na definição das entidades tópicas², que varia de uma identificação específica, como o boto, a matintaperera, a cobra grande, o lobisomem, o curupira, a boiúna, até uma identificação mais vaga, como o bicho, a visagem, a alma, a coisa, o monstro, o negócio, o espírito imundo, o troço. A definição da entidade tópica sobre a qual se constrói o discurso narrativo conduz à formação de redes conceituais que se elaboram durante a apresentação dos acontecimentos, nas **seqüências narrativas**, e durante a avaliação desses acontecimentos, nas **seqüências deliberativas**.

Durante a apresentação dos acontecimentos, nas **seqüências narrativas**, as **estruturas conceituais** sublinham propriedades dessas entidades tópicas, tais como o lugar onde costumam aparecer, a aparência dos seres e a transformação que sofrem, as ações que costumam realizar, o momento em que costumam ser vistas, as formas de percepção dessas entidades referenciais e os traços deixados após sua aparição. Nas **seqüências deliberativas**, confrontam-se os pontos de vista distintos sobre o modo como os sujeitos compreendem esse tipo de acontecimento, com vistas a julgar seu valor de verdade. Nesse confronto, o informante pode afirmar o valor de verdade dessa ordem sobrenatural, pode negá-la ou pode ainda manter um relativo distanciamento, sem negar ou afirmar categoricamente a veracidade desses fatos.

Na condução da dinâmica interacional, o modo como essas **representações conceituais** são atualizadas mantém uma estreita relação com o modo como os sujeitos gerenciam as relações interpessoais estabelecidas, justamente porque as representações

² “La notion d’entité topique renvoie, chez Brown & Yule (1983: 137), au personnage/ objet/ idée principale d’un segment discursif. Dans la structure conceptuelle, l’entité topique peut être définie comme la représentation mentale d’un référent activé par le discours (ou la situation), à partir de laquelle d’autres informations sont dérivées.” (GROBET, 2000: 343)

dos grupos a que pertence cada sujeito não são coincidentes. Uma vez que a representação dos fenômenos sociais não é transparente, tampouco inteiramente determinada por regras sociohistóricas que controlam as possibilidades do dizer, é somente no confronto entre pontos de vistas diversos que emergem as significações, ratificando ou modificando as significações já existentes:

Noutros termos, só há embates acerca dos sentidos, portanto, uma negociação, porque existem regras definindo as suas possibilidades de ocorrência. A indeterminação total pressupõe ausência de sentido, pressupondo um jogo em que vale tudo, negando os saberes que a comunidade de fala acumulou e as contribuições das gerações de falantes que deixaram suas marcas nas possibilidades do dizer. Essa indeterminação completa inviabiliza o jogo interativo e, conseqüentemente, o processo de negociação. Afinal, não faz sentido falar em negociação, se não há sentidos que se põem ou se opõem durante o processo de interação. (ASSUNÇÃO, 2001, p. 37-38)

Para descrever e analisar o modo como se conduz a atualização das **representações conceituais** no *corpus* desta pesquisa e, conseqüentemente, descrever e analisar os movimentos discursivos relacionados à co-construção das imagens dos interlocutores e à definição dos **lugares** que ocupam durante a troca interacional, a composição da **forma de organização tópica** conduz à identificação dos elementos que compõem as **estruturas conceituais** e à análise do seu funcionamento.

Na estrutura do modelo de análise modular do discurso, são duas as formas de organização que consideram os processos de continuidade e de progressão temáticas: as formas de organização **informacional** e **tópica**.

A **forma de organização informacional** ocupa-se, em um nível de análise pontual, dos processos de encadeamento das informações ativadas em cada A componente da **estrutura hierárquica** do discurso. Esse plano de organização identifica, em cada A, uma informação, o **propósito**³, que se articula sobre ao menos uma informação situada em memória discursiva, o **tópico**.

O **tópico** se define como uma informação identificável e presente na consciência dos interlocutores, que constitui, para cada A, o ponto de ancoragem mais imediatamente pertinente e que mantém uma relação de a-propósito (*aboutness*) com a

informação ativada por esse **A**⁴. O **propósito** se define como a proposição ativada por um **A**, cujo conhecimento pode ser considerado como sendo o resultado da compreensão desse **A**, a partir de informações cotextuais ou contextuais⁵.

A **forma de organização tópica** visa desenvolver a análise das marcas e funções dos modos de manutenção e progressão temáticas, obtidas com a composição da **forma de organização informacional**. Para tanto, as informações derivadas da primeira etapa de análise são confrontadas com os dados de análise da **dimensão textual** (o **módulo hierárquico** e a **forma de organização relacional**), da **dimensão lingüística** (os **módulos lexical e sintático**) e da **dimensão situacional** (o **módulo referencial**). Desse modo, a **forma de organização tópica** articula, em um nível de análise mais global, a descrição e a análise da estrutura informacional às demais dimensões da organização do discurso, evidenciando o caráter interacional da organização dos tópicos discursivos⁶.

A composição da **forma de organização tópica** permite descrever e analisar a formação de redes conceituais nas narrativas sobre a tradição lendária da região, uma vez que essas redes são formadas pelos referentes que atuam como pontos de ancoragem imediatos, os **tópicos**, ou pontos de ancoragem *d'arrière fond*⁷. Ou seja, os dados de análise procedentes do **módulo referencial**, relacionados ao aspecto conceitual, e os dados de análise procedentes da **forma de organização tópica** estabelecem um vínculo entre a **dimensão situacional** e a **dimensão textual** da organização discursiva. Toda essa construção teórica reforça a concepção, defendida no

³ Do francês: "propos". A tradução é de Marinho (2002).

⁴ "Le topique se définit comme une information identifiable et présente à la conscience des interlocuteurs, qui constitue, pour chaque acte, le point d'ancrage le plus immédiatement pertinent entretenant un lien d'aboutness" (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 255).

⁵ "Le propos se définit comme la proposition activée par un acte et dont la connaissance peut être considérée comme étant le résultat de la compréhension de l'acte. La nouveauté de cette proposition résulte de sa relation avec les informations données par le contexte." (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 256).

⁶ Como nos capítulos anteriores, as informações teórico-metodológicas a respeito da **forma de organização informacional** e da **forma de organização tópica** serão apresentadas à medida que se fizerem necessárias para a compreensão da análise dos dados. Para uma revisão mais completa dessas formas de organização, remeto a Marinho (2002).

⁷ Os pontos de ancoragem *d'arrière fond* correspondem aos referentes acessíveis na memória discursiva dos interlocutores que, no entanto, não atuam diretamente no encadeamento das informações ativadas em cada ato.

primeiro capítulo deste estudo, de que as ações verbais são a porta de entrada para a descrição das negociações em torno das ações e dos conceitos implicados no discurso.

Para os objetivos desta pesquisa, são as relações entre as dimensões **situacional** e **textual** da organização discursiva que podem comprovar a hipótese central construída para a compreensão do modo como os sujeitos gerenciam o posicionamento recíproco. De acordo com essa hipótese, pesquisadores e informantes do Projeto Integrado IFNOPAP alternam as posições altas e baixas que podem ocupar na condução do percurso interacional do encontro social que os reúne. A alteração dessas posições se realiza por meio do movimento da gangorra, em que se estabelece uma relação vertical que favorece um dos pólos dessa relação, e a cada mudança dessa disposição vertical se estabelece uma relação horizontal, marcada pela tensão entre os pólos para que se defina o novo movimento da gangorra. Descrita dessa forma, a hipótese central desta pesquisa afirma que a organização da ordem contextual das situações de interação efetivas é resultado de negociações dialógicas estabelecidas entre os interlocutores, o que reforça os elos entre as dimensões que compõem a organização discursiva, as dimensões **lingüística, textual e situacional**.

No capítulo anterior, as relações entre as dimensões **situacional** e **textual** da organização discursiva foram descritas e analisadas em seu aspecto acional. Neste capítulo, as análises a seguir privilegiam o aspecto conceitual dessa relação entre as duas dimensões para comprovar que o universo referencial de cada sujeito participante da interação é também determinante na definição dos **lugares** a serem ocupados durante a interação.

5.2 As redes conceituais

São sempre diversas as redes conceituais que se estabelecem na organização discursiva. Há as redes conceituais principais, que se formam em torno da entidade tópica central do discurso, e também as redes conceituais paralelas, como, por exemplo, as redes conceituais acerca de elementos da situação comunicativa.

O que interessa, nos limites deste estudo, são as redes conceituais que se estabelecem em torno das entidades tópicas recorrentes nas histórias sobre a tradição lendária da região, justamente porque possuem valores diferenciados nos universos de conhecimento a que pertencem os sujeitos envolvidos no trabalho de coleta das narrativas. Portanto, são descritas e analisadas as redes conceituais relativas aos mundos representados no discurso.

Os **tópicos** discursivos dessa natureza podem ser introduzidos pelo entrevistador no momento do percurso praxeológico correspondente à elicitación da narrativa:

C01CZter110993 (anexo I)

/.../

P. então foram vocês que construíram...essa igreja (inc.)↑ o senhô/
conhece muitas história assim:: tipo de fantas::ma↑

If. não:: não tem essa história de fantasma sim / eu tenho:: hem::

P. [aqui↑
alguma:: alguma coisinha poca mas eu não dô lá muita conversa

P2 me conta [P. sim
pra fantasma eu:: não sô muito assombrado mas nós
vamos às otras histórias...

P. [sim ((risos))

/.../

O segmento de discurso acima, já examinado na análise da **estrutura operacional III**, no capítulo anterior, é a primeira tentativa do entrevistador, na entrevista C01CZter10993, de introduzir um **tópico** que conduza a uma narrativa sobre a tradição lendária da região. A **I** do entrevistador, composta por dois **A**, articula-se ao **tópico** que vinha se desenvolvendo a respeito da construção da igreja do bairro para introduzir, com a ajuda de um modalizador, o **tópico** que mais lhe interessa: “/.../ o senhô/ conhece muitas história *assim:: tipo de fantas::ma*↑”.

Essa relação de preparação que se estabelece entre o **As** e o **Ap** revela a atualização de uma **representação conceitual** que prevê os lugares mais prováveis para a aparição desses seres sobrenaturais, como igrejas, cemitérios, beira de rios etc. Na organização informacional dessa sequência discursiva, o referente “igreja” funciona, ao mesmo tempo, como ponto de ancoragem imediato que garante a continuidade temática

na articulação entre as **I** do entrevistado e do entrevistador (a propósito dessa igreja, o senhor conhece muitas histórias assim tipo de fantasma?), e como entidade tópica situada à margem da entidade tópica principal que interessa aos objetivos do trabalho do pesquisador: as histórias de fantasmas.

A **I** do entrevistado, conforme a análise precedente, é elaborada de modo a não afirmar nem negar categoricamente a existência dessas histórias e o **A** final dessa **I** expressa a sua recusa, em relação à proposta do entrevistador, em alterar o **tópico** que vem desenvolvendo: “/.../ vamos às outras histórias.../.../”.

Uma nova tentativa do entrevistador de introduzir o **tópico** sobre a tradição lendária é apresentada mais adiante, na mesma entrevista, quando o contador finaliza sua narrativa sobre a construção da igreja do bairro:

/.../

P. hum:: e vem cá aqui na terra firme não tem:: cemitério também↑

If. CEMITÉRIO↑

P. cemitério ((risos))

If. nunca teve

P. não↑

If. nunca teve

/.../

A **I** do entrevistador, que introduz o referente “cemitério” de modo a favorecer o surgimento de uma narrativa sobre “fantasmas”, é composta por dois **A**, sendo que o primeiro, “hum:: e vem cá.../.../”, estabelece uma **relação interativa** de preparação com o **Ap**, revelando um trabalho de face para sinalizar uma aproximação, uma cumplicidade entre os interlocutores, de forma que o **tópico** seja bem aceito e, desse modo, a co-construção do percurso interacional conduza ao objetivo pretendido pelo pesquisador: o registro de narrativas sobre a tradição lendária da região. No entanto, mais uma vez a **I** reativa do entrevistado não permite que a dinâmica interacional se desenvolva nesse sentido e, então, o entrevistado passa a apresentar informações sobre como era o bairro da Terra Firme logo quando mudou para lá.

Após a apresentação das informações sobre o bairro, o entrevistado então toma a iniciativa de introduzir o **tópico** que interessa ao entrevistador:

/.../

If. QUANTO ao que você falô de de fantasma...eu sô um cara meio desassombrado...eu:: uma vez eu vi por duas vezes...eu vi uma novidadezinha aí...CERTA OCASIÃO... eu acordo do sono da noite e vejo a a cachorra (inc.) do vizinho latindo muito apressada e os dois qu'eu tinha'qui e um:: do do vizinho que tem ali↓ eu acordei eu:: saí na janela... vi um:: negoço num no meio da da rua...NÃO PODIA sê um cachorro porque era muito grande pra sê um cachorro...NÃO ERA um jumento porque era muito pequeno pra sê um jumento...parecia uma raposa mas era muito grande

[
P. ((risos))
pra sê uma raposa...e a cachorra do vizinho vinha perto...o bicho a cara era a cara do cachorro...mas muito grande os dente era alvo como coco...quando ele arreganhava os dente ((arreganhando a boca)) a cachorra coitada corria (inc.)...aí eu fui disse o:: já sabia que é isso...peguei um torrão joguei aí:: aí um andarzão muito mole veio aqui pra frente de casa *agora não...eu solto meus dois cachorros tu solta o do seu B* e pulo assim por cima da cabeça e pulô lá dentro do mato (inc.) era:: essa::...onde é esse grupo hoje em dia...caiu pra lá e pra trás e eu não soltei os cachorros

If. o::

[[

P. o senhô viu o senhô viu da de frente da:: casa↑

If. é em frente da da minha janela...não não sei que bicho era aquele

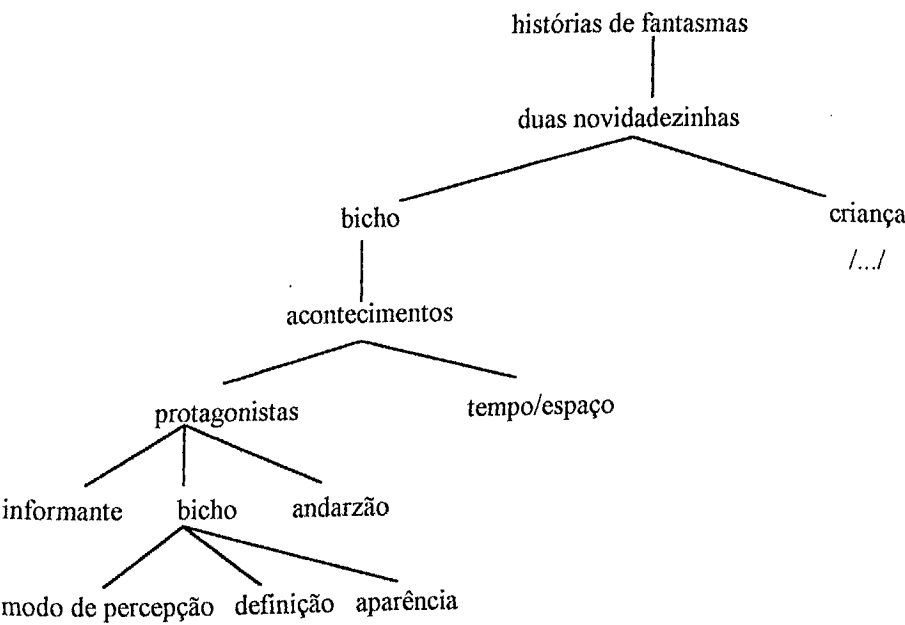
/.../

A introdução do **tópico** se estabelece por meio de um **encadeamento a distância**⁸, articulando a primeira I do entrevistado à I apresentada anteriormente pelo entrevistador: “*então foram vocês que construíram...essa igreja (inc.)↑ o senhô/ conhece muitas história assim:: tipo de fantas::ma↑*”. A forma marcada por um segmento diafônico para a reintrodução desse **tópico**, “/.../ QUANTO ao que você falô de de fantasma.../.../”, deixa bem claro que agora o entrevistado se dispõe a falar sobre um assunto que é de interesse do entrevistador e marca a posição favorável daquele em relação a este. A partir de então o informante assume o **papel praxeológico** de contador e passa a narrar sobre dois episódios em que ele viu uma “novidadezinha”.

⁸ Conforme o modelo de análise modular do discurso, os principais tipos de progressão informacional são a **progressão linear**, quando o **tópico** de um A corresponde ao **propósito** do A precedente; a **progressão com tópico constante**, quando o **tópico** de um A corresponde ao **tópico** do A precedente; o **encadeamento a distância**, quando o **tópico** de um A não corresponde a nenhuma informação do A precedente.

A forma que o entrevistado emprega para se referir à entidade tópica central das narrativas que se seguem denota a pouca importância atribuída ao tema, o que confirma o argumento apresentado em um segmento discursivo anterior: *“não:: não tem essa história de fantasma sim / eu tenho:: hem:: alguma:: alguma coisinha pouca mas eu não dô lá muita conversa pra fantasma eu:: não sô muito assombrado /.../”*. Esse movimento discursivo pode ser interpretado como uma estratégia de preservação da face do informante, que desse modo marca sua aproximação ao universo de conhecimento do pesquisador, sem, no entanto, afastar-se totalmente do universo da tradição oral.

A **estrutura conceitual** que representa a relação entre as entidades tópicas apresentadas nas narrativas que o contador passa a apresentar pode ser assim esboçada:

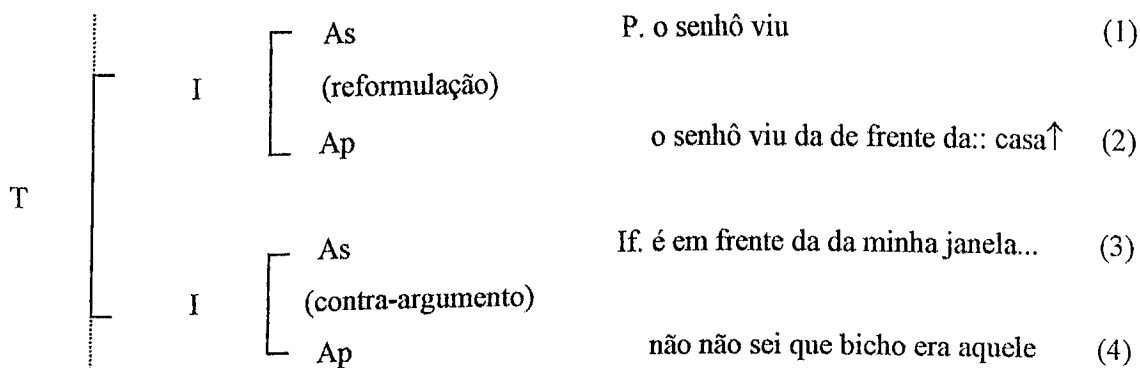


(xxxv) Estrutura Conceitual I: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

São dois acontecimentos que ocorreram em frente à sua casa: a história da aparição de um bicho e a história de uma criança que desaparece misteriosamente. A **estrutura conceitual** referente à primeira história se constrói em torno dos protagonistas da ação (o próprio informante, um bicho e alguém que naquele momento passou naquele lugar) e do tempo/espço dos acontecimentos (*/.../ eu acordo do sono da noite /.../, /.../ vi um:: negócio num no meio da da rua.../.../*). Dentre as entidades tópicas

que fazem parte dessa estrutura, a que aparece em primeiro plano é a que se refere ao “bicho” que aparece em frente à casa do Seu Trajano, uma vez que é a entidade tópica que mais funciona como ponto de ancoragem para a articulação das informações ativadas em cada A da **estrutura hierárquica** na organização informacional do discurso. A partir da introdução dessa entidade tópica, são derivados três aspectos conceituais: o modo de percepção desse animal, a sua definição e a sua aparência.

Quanto ao primeiro aspecto, é significativa a importância conferida pelos pesquisadores ao modo como os informantes ou as testemunhas evocadas por eles estabeleceram contato com esses seres: se o viram, ouviram algum ruído ou pressentiram de algum modo a sua presença. O modo de percepção tem a ver com o grau de precisão com o qual se consegue definir esses referentes, em geral, definidos de maneira bastante imprecisa. Apesar de o informante, no segmento de discurso sob análise, dizer ter visto o bicho, ele não consegue defini-lo com precisão: “/.../ *NÃO PODIA sê um cachorro porque era muito grande pra sê um cachorro...NÃO ERA um jumento porque era muito pequeno pra sê um jumento...parecia uma raposa mas era muito grande pra sê uma raposa.../.../*”. É justamente esse modo de percepção que é questionado pelo entrevistador ao final da narrativa, em virtude da definição imprecisa apresentada pelo contador:



(xxxvi) Estrutura Hierárquica V: entrevista C01CZter110993 (anexo I)

A I reativa do entrevistado em relação ao questionamento do entrevistador apresenta dois A, que estabelecem entre si uma **relação interativa** de contra-

argumento, confirmando a imprecisão de suas informações. Essa relação de contra-argumento não é marcada, entretanto pode ser identificada pela possibilidade de inserção do conector “mas”⁹ na organização textual da seqüência discursiva: “eu vi em frente da minha janela, mas não sei que bicho era aquele”.

Na entrevista C04CZbg131193, o informante introduz com mais precisão, no início da entrevista, a entidade tópica em torno da qual constrói a **seqüência narrativa**:

C04CZbg131193 (anexo II)

P. doralice vai falá treze sábado↓

If. pois é...o:: o:: no interior...lá em curuça...parece um lobisome...que ele diz que come ele come SÓ...cachorro...gato...mas come só a a::...o corpo...a cabeça ele dexe

P. porque↑

If. e:: eu num sei porque mas parece-me que/ eu tenho um terreno...meu terreno fica...do lado da casa do seu B...desse terreno onde eu comprei...do meu terreno sai um:: um:: bicho de lá...e o seu B diz que é um bicho grande parece um cavalo...ele faz muito barulho ele já...já ouviu o barulho mas ainda não viu já ouviu...então ele diz que ele...que ele passô que ele...por trás da casa do seu B tipo assim um cavalo quando se solta e vem fazendo barulho trazendo na corda mato arrastando mato passa bem na cozinha da casa/ da casa do seu B seu B tinha um cachorro BONITO o cachorro do seu B...ele era capado...BEM GORDO o cachorro...ele COMEU...esse bicho ele viu o barulho...desse bicho quando foi uma quarta fêra à noite de madru/ assim umas hora da noite...ele viu o barulho e o cachorro latiu...o cachorro do seu B latiu e:: falô depois...ele disse é↓ ele foi embora↓ alguma coisa algum cavalo que se soltou e:: - que era interior né↑ - se soltou↓...ai ele pegô...num ligô quando foi de manhã só tava o::...a cabeça do cachorro...o corpo ele tinha comido...ele foi no ninho duma gata...a gatinha tinha tido o:: gatinho assim...atrás da casa por debaixo do mato lá...e ele foi lá...o dito bicho tinha comido...o corpo da gata...dexô a cabeça e comeu TODO O GATINHO só dexô as cabeça tudinho no ninho...a cabeça dos gatinho...comeu todinho o corpo dos bichinho e dexô a cabeça lá...mas:: isso é o lobisome que falam que que aparece lá mermo no interior...que aparece lá↓...já em otras casa lá...o:: o pessoal falu que ele também já fez a merma coisa...dia de quarta fêra que some cachorro aparece só...a cabeça dos cachorro...o cachorro late pra ele mas se cala...ai ele pega o cachorro só aparece a cabeça...nesse lugá...só aparece a cabeça TODO MUNDO FALA que é lobisome porque aparece tipo um cavalo...e de manhã eles vão vê...tá aquele rasto horrível parece assim...o rasto dum cavalo mas é muito grande aquele rasto...no chão

⁹ “Quant aux relations interactives, elles peuvent le plus souvent être identifiées par la présence ou, à défaut, la possibilité d’insertion, d’un connecteur: soit un marqueur dénominatif, comme *par exemple* ou *en conclusion*, soit un marqueur conventionnel, comme *donc*, *mais*, *car* ou *après tout* ou *puis*, qui donnent des instructions permettant de repérer les informations en mémoire discursive sur lesquelles enchaîne le constituant.” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001: 170)

P. a senhora já:...conhece alguém que tenha visto↑

If. eu conheço seu B

P. ele viu↑

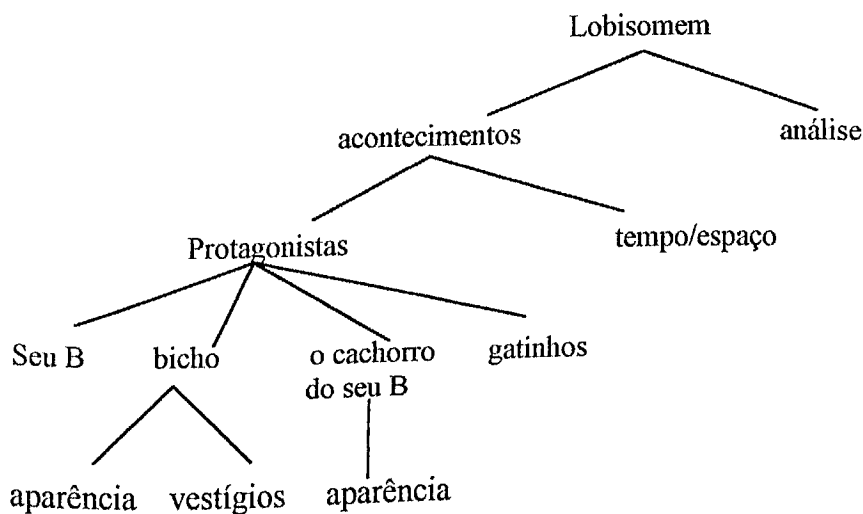
If. viu...ele viu ele num enxergô bem o bicho mas ele disse qu'ele abriu a porta...quando ele abriu a porta da cozinha ele num teve corage o bicho era um mo/ assim...muito grande aquele barulho muito grande aí ele correu...fechô a co/ a porta da cozinha...e num esperô bem pra ele vê de perto qu'ele ficô cum medo

((desliga o gravador)) ((03 min.))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

A entidade tópica central dessa **T** é o lobisomem. O contador inicia sua **I**, introduzindo um hábito característico desse referente: “/.../ parece (aparecer) um lobisome...que ele diz que come ele come **SÓ**...cachorro...gato...mas come só a a::...o corpo...a cabeça ele dexe”. A **I** seguinte do auditório questiona a razão desse costume e o contador parece tentar responder a esse questionamento. No entanto, esse primeiro percurso praxeológico é interrompido e o contador passa a narrar sobre a aparição do bicho.

A **estrutura conceitual** que representa essa entidade tópica pode ser esboçada como segue:



(xxxvii) Estrutura Conceitual II: entrevista C04CZbg131193 (anexo II)

Se, na introdução do **tópico**, o contador foi bem preciso ao definir a entidade tópica principal de sua narrativa, essa entidade tópica, durante a apresentação dos

acontecimentos, é retomada com menor precisão: “um bicho grande parece um cavalo”. Além dessa entidade tópica principal, são introduzidas também, durante a apresentação da narrativa, outras informações relacionadas a esse referente: os demais protagonistas da narração e o lugar e o momento em que se desenrolaram os acontecimentos.

A **estrutura conceitual** esboçada para o segmento discursivo sob análise recobre ainda a **seqüência deliberativa** que se segue à apresentação da narrativa, marcando a posição do entrevistado em relação ao universo de crenças e valores do mundo representado:

*“/.../ mas:: isso é o lobisome que falam que que aparece lá merma no interior...que aparece lá↓...já em outras casa lá...o:: o pessoal falu que ele também já fez a merma coisa..dia de quarta fêra que some cachorro aparece só...a cabeça dos cachorro...o cachorro late pra ele mas se cala...aí ele pega o cachorro só aparece a cabeça...nesse lugá...só aparece a cabeça **TODO MUNDO FALA** que é lobisome porque aparece tipo um cavalo...e de manhã eles vão vê...tá aquele rasto horrível parece assim...o rasto dum cavalo mas é muito grande aquele rasto...no chão”*

Assim como acontece durante a apresentação dos acontecimentos, o modo como o informante, nessa passagem, define o bicho que aparece e come a cabeça dos cachorros e gatos também difere da forma mais precisa que inaugura a T com o pesquisador. Nessa seqüência, o contador faz falar as vozes daqueles que pertencem ao universo da tradição oral de construção do conhecimento, ao qual o informante se filia. Soares (2003) afirma que os segmentos polifônicos das narrativas orais, relativos a vozes que são chamadas a testemunhar ou contar sobre os casos de encantamento ou assombração da região amazônica, reivindicam o verdadeiro, comprometendo-se com a verdade do universo relatado. A posição assumida pelo contador em relação a essas vozes varia entre a adesão categórica a esse universo representado, a negação desse universo ou ainda um relativo distanciamento, que nem afirma nem nega esse universo. Seja qual for a posição assumida pelo contador, as **seqüências deliberativas** que se seguem à apresentação dos acontecimentos marcam o confronto de pontos de vista

diversos. A adesão a um desses pontos de vista implica o trabalho de face que visa ao gerenciamento das relações interpessoais.

A introdução da **seqüência deliberativa**, na entrevista C04CZbg131193 (anexo II), ocorre por meio do conector “mas”, que marca a representação antecipada de uma possível **I** do auditório sobre o valor de verdade dos acontecimentos, o que na composição da **forma de organização enunciativa** é denominado de **discurso representado potencial**: “(isso parece mentira) *mas:: isso é o lobisome que falam que que aparece lá mermo no interior.../.../*”.

A evocação de uma voz coletiva que testemunha a verdade do universo representado no discurso do contador é uma estratégia de proteção de sua face positiva, que permite a este manter, no confronto entre pontos de vista, um relativo distanciamento desse universo sem comprometer-se com a sua verdade ou falsidade. Em sessões de histórias ordinárias no cotidiano das comunidades a que pertencem os informantes, estes possuem um repertório que serve para “enunciar seus sonhos e realidade, sua verdade e sua utopia ou, mais completamente, quem são, o que pensam e como vêem e apreendem o seu ‘mundus vivendi’.” (Simões, 1999: 117). No entanto, em situações de interação em que os informantes são levados a contar por motivos diversos daqueles que costumeiramente despertam a atitude narrativa dos sujeitos, eles não perdem de vista o modo de consumo diferenciado a que suas histórias serão submetidas, o registro em fitas cassetes no caso das entrevistas do Projeto Integrado IFNOPAP, e a consequência dessas alterações nas condições de produção do discurso pode ser a adoção de um modo mais descomprometido de contar.

5.3 Os universos referenciais: confrontos e reconhecimentos

A co-construção das redes conceituais correspondentes à temática da tradição lendária da Amazônia paraense, durante as entrevistas do Projeto Integrado IFNOPAP, é objeto de negociação entre pesquisadores e informantes, uma vez que os participantes da interação pertencem a domínios de conhecimento distintos. Esse confronto entre os diferentes universos referenciais pode ser sinalizado nas **I** dos informantes, por meio de

um movimento de antecipação da posição do pesquisador em relação aos acontecimentos pertencentes ao universo referencial representado no discurso e em relação aos sujeitos que aderem a esse universo. Esse confronto pode ainda ser sinalizado nas I dos pesquisadores, por meio de questionamentos sobre o valor de verdade desses acontecimentos. A partir desse jogo de imagens, o informante pode reafirmar, em seu discurso, esse universo da tradição oral, pode marcar sua adesão ao universo referencial do pesquisador, ao desqualificar o universo da tradição oral, ou pode apresentar-se indeciso diante do confronto entre os diferentes pontos de vista. Seja qual for a posição assumida pelo informante, ela é sempre resultado de um processo de negociação que gerencia a construção das imagens dos interlocutores – o trabalho de face – e que em parte determina os lugares assumidos pelos sujeitos na condução da dinâmica interacional.

A descrição e a análise de um segmento da entrevista CL09CZsou180694 evidencia esse confronto entre pontos de vista distintos em relação à temática sobre a tradição lendária da região:

CL09CZsou180694 (anexo IV)

/.../

If. eu morei no trinta lá no quilômetro trinta né↑ no centro...os filho da R inda eram todos pequeno né↑ e era eu e meu sogro...viemos pr'um culto...e era...do/ e era um quilômetro...aí na volta quando nós ia descendo assim uma baixada que dava acesso pr'um igarapé...aí o meu sogro diz assim nós ia/ todos nós ia fazendo barulho conversando era eu era os os neto dele né↑ ia fazendo barulho na descida do igarapé quando o meu sogro disse pára pára pára cala a boca aí olha olha olha olha pra cima quando eu olhei era um em forma de um um morcego tão grande aquilo voando por cima da gente...ele ia baxo assim só que a noite tava escura...mas ela ele/ dava bem pra vê sob o clarão das estrelas - que interiô...mesmo que:: não não tenha o luá mas...a noite tando escura mas as as estrelas as estrelas ela clarea né↑ -

[hum hum

P. quando:: nós vimos sob o clarão das estrelas aquele...bicho passô por cima em forma de morcego mas ele era grande sabe↑...aí o:: quando aquilo passô voando né↑ e o meu sogro (disse) olha a matinta↓...mas eu vi nessa noite eu vi mesmo aquilo né↑ aí não demorô ela ela ela sentô lá no terrero de casa...aí ela gritô de lá... quando nós chegamos em casa a velha dizia assim mermo (inc) a matinta já teve aqui no terrero (inc) o cachorro botava pra corrê...era assim...mas (deus) diz que existe...eu se não ti/ se não na época eu não tivesse morando lá no interiô eu também não acreditava né↑ que existia essa coisa...qu'e:: a gente:: na cidade quando alguém ove contá diz assim que↑↑ isso é história isso é papo furado né↑...não existe essas coisa isso é lenda mas eu...eu vi.../.../

A narrativa se constrói em torno do aparecimento da matintaperera e após a **seqüência narrativa** segue a **seqüência deliberativa** que, nesse caso, se propõe a defender o valor de verdade dos acontecimentos. Nessa passagem, o contador marca com bastante clareza a diferença entre os universos referenciais dos interlocutores, o que ele traduz na oposição espacial entre cidade X interior. Outros informantes traduzem esse confronto em uma oposição temporal entre passado X presente:

KK05220397 (anexo IX)

/.../

- ...é só o qu'eu tenho de contá da cobra...o o mais velho
- [
- P. hum hum
- contavam e tinham...aqui no gurupá tinha muito...tinha...agora::...
por...d'um certos anos pra cá depois que cresceu essa juventude
que não acredita em nada...aí sumiu tudo...é...mas que existia
- [
- P. ((risos))

A análise da entrevista CM03CZsb191093 revela, na condução da dinâmica interacional, uma constante instabilidade entre a negação, o relativo distanciamento e o engajamento total em relação ao conjunto de valores e crenças próprio da tradição lendária da região:

CM03CZsb191093 (anexo V)

/.../

- esse seu M aqui...qu'era dono
dessa:: mercearia aí – tu conhecesse ele né↑...tu conheceu – ele contava pra nós
aqui...contava pra mim e pra todo mundo aí...que tinha:: aparecia disque às quinta-
fera...aparecia disque um cavalo correndo de lá pra cá...cavalo BRANCO...vinha com
o diabo↑↑ (inc)...aí um dia ele disse assim rapaz eu vô vê que diabo desse cavalo é
esse...ele abriu a janela quando viu o cavalo branco ((imita o barulho que o animal
fazia)) nisso quando o bicho passô...na janela qu'ele tava pra lá...pareceu um gato
deste tamanho (inc) ah↑↑ disque ele passô ((imita um outro barulho))...nunca mais foi
vê...satanás né↑ tá doido↑↑ (inc)...foi:: ele contô isso pra gente...todo tempo ele
- [
- P. hum ((risos))
- contava isso pra gente...qu'ê dizê eu não sei se foi verdade mas ele contava isso pra
gente...agora essa qu'eu tô contando é (qu'ê assim)...o cemitério↑↑ isso foi verdade
mermo...e otra coisa...na ocasião – já contei o negócio do cachorro↑ não né↑ - eu
gostava de uma de uma moça lá em são bernado lá na bera do rio lá:: em são
bernado...e...(a gente ia) na casa dela até::...umas:: dez hora onze hora da noite né↑
batendo papo lá – sabe que naquele tempo a rapaziada...achava a menina pra gente

conversá e batia papo e tal sabe naquele tempo não tinha negócio de AGARRAMENTO não não tinha – bom... aí eu quando foi assim umas onze hora mais ô meno ia dá meia-noite vô m'embora... aí eu vi quand'eu cheguei perto de casa... tinha um cercado muito grande aqui agora pra cá era só mato... mato fechado mermo... eu vim andando tá quando aquele negócio fazendo na minha costa ((imita o som de algo ou alguém ofegante)) (inc)... tornei andá ((imita novamente o mesmo som)) minha costa de novo... (inc) que diabo será isso né↑ tornei... tornei andá que... qu'eu olho pra trás olha o cachorrão↑↑... (inc) olhando pra minha cara aqui ah↑↑... você sabe que me deu um medo tão desgraçado do cacho UM CACHORRO↑↑ um cachorro... mas eu... eu tava armado bati a ar/ a faca... bati pra cima dele ((imita sons de batidas)) tudo qu'eu fazia pra cima dele ele fazia pra cima de mim... não me mordeu não rosnô não fez nada só bateu (inc)... aí eu já tava cansado... aí uma hora eu disse assim *desgraçado (da próxima vez) eu vô te matá* quando eu disse isso... meti a faca no bicho assim ele... ele rolô pra dentro do mato... eu fui m'embora... quando eu cheguei em casa qu'eu abri a porta... e me deitei aí me deu um medo tão grande (impressão) que aquele cachorro tava lá na porta me olhando... medo foi tanto qu'eu tremia mas eu tremia assim (inc) parecia qu'eu tava com uma febre... olha... essas coisa qu'eu já vi... e outra vez... lá tinha um:... uns camarada ((risos))... tinha um camarada que:... (inc) também foi medo... morava no santo eugênio – uma vilazinha o santo eugênio – aí (teve lá) até uma meia-noite mais ô meno e veio... época de inverno escuro... quando chegô perto já de casa tinha uma passaginha d'água assim... escuro chovendo... aí ele

P.

[
(inc)

If. hum↑

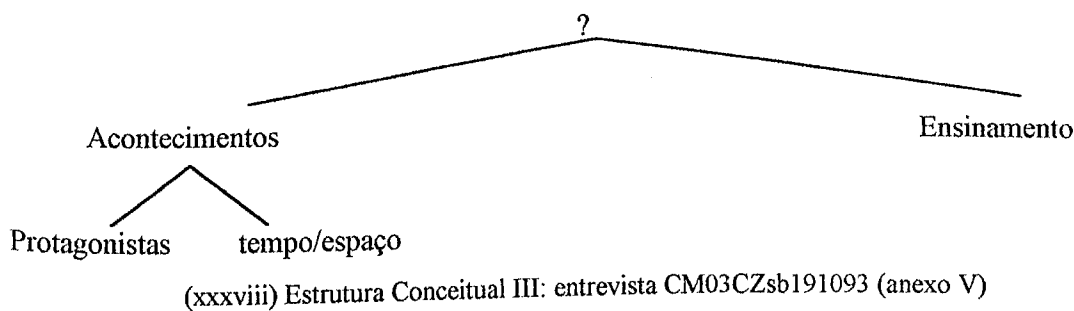
P. (inc)

If. eu não sei tinha um riacho assim d'água assim ele tinha a arregaça a calça pra podê atravessá... tinha lá dois pau d'água muito grande – pau que tem lá... chama pau d'água – aí qu'ele – disque lá apareceu um camarada com (carnero) que dava pancada na gente – quando ele chegô na passaginha d'água pr'atravessá... (inc) ...aí disque égua↑↑ parô eh danô-se... danô-se aí... medo desgraçado pra voltá era muito longe... pra segui (já era) perto de casa aí... (inc)... disse o home tá me chamando vai me matá – rapa o qu'ê medo medo – até que resolveu disse bom eu vô enfrentá (inc)... chegô lá sabe o que era↑ era um cavalo o bichinho tava (inc) dos dos pés... o cara ba/ dava nele assim ele batia com o rabo assim ele im impressão qu'era uma pessoa que chama/ ele assim mentira↑↑ era o cavalo coitado ((risos)) rapaz o medo (inc) é sério o medo é uma desgraça... você não queira sabê o qu'ê um medo... é... medo... a gente as vez fica com medo corre... por bestera... até... olha a bananera... é uma planta qu'ela... assim à noite (inc) quem vê diz qu'ê uma pessoa que tá que nada↑↑ é bananera não vô atrás disso é bananera é bestera é bestera mermo... o medo (a gente faz do tamanho que qué)... é sim... porque... agora eu já vi um negócio... qu'eu... lá tinha um:... (inc)... lá tinha umas árvore muito alta... lá disque aparecia um:: um uma pessoa que dava pancada na pessoa assim... sô você vendo... e o finado do (A) (mexia) com um cavalo tocando uma carga... umas... sete hora da noite... aquele negócio dava um bocado de pancada nele... aí quando foi um dia... a gente ia pr'uma festa – era eu tava rapazinho já (inc) na casa qu'eu morava – aí quando chegamo lá na... (na frente do pau)... aí nós dissemo (inc) *vem dá pancada na gente aqui ó sem vergonha*... aí pegamo... sabe d'uma coisa↑ minha filha... daqui a pouco eu vi um (inc)... eu vi aquele negócio fazendo tipo macaco aquelas (inc) de macaco... (rapaz) nós ficamo parado (nós era) nós ficamo parado ali... e aquele negócio parece que... que ia vinha embaxo aquilo caindo em cima ((imita o som da batida)) fazia um estoro desgraçado... e lá vem no nosso lombo olha↑↑... mas passô só aquele

vento FORTE assim...aí ficamo calado...quando aquele negócio parô aí nós (dissemos)
um um pelo otro e ((imita o som da corrida que os personagens deram)) até
chegá...numas casa aí que nós fomo falá (inc) olha↑↑...num se dexa...nunca a gente
deve fazê aquilo que não deve fazê porque nós fechamo o caminho...a estrada pra
vim por'aqui...por quê↑...pra mexê com quem está quieto↑...quando nós voltamo
veio mais por'ali uma droga veio por'otra estrada nunca mais passei por lá...(inc)
aparece muita visage muita coisa...qu'ê dizê é:: mas é:: é:: é medo da pessoa sei lá...a
pessoa muito medroso a gente fica:: sei lá (com'ê)...não sei...eu...eu acredito eu
acreditava que acontecia merma coisa...(inc) tem mais gente do que...do que visage
((interrupção da gravação))

O registro da entrevista CM03CZsb191093 (anexo V) inicia-se com uma **I** do entrevistador já sinalizando ao entrevistado a cessão do turno para a apresentação da narrativa: “*tudo que o senhô...pudé...*”. Essa **I** indica que os momentos iniciais da negociação entre os interlocutores para a definição do **tópico** central não foram registrados. A **I** seguinte do contador apresenta, então, uma seqüência de sete narrativas.

As três primeiras narrativas¹⁰ constroem-se em torno de fatos que aconteceram em cemitérios e podem ser descritas pela mesma **estrutura conceitual**:



Para cada narrativa apresentada, segue-se uma **seqüência deliberativa**, que formula uma lição tirada dos acontecimentos:

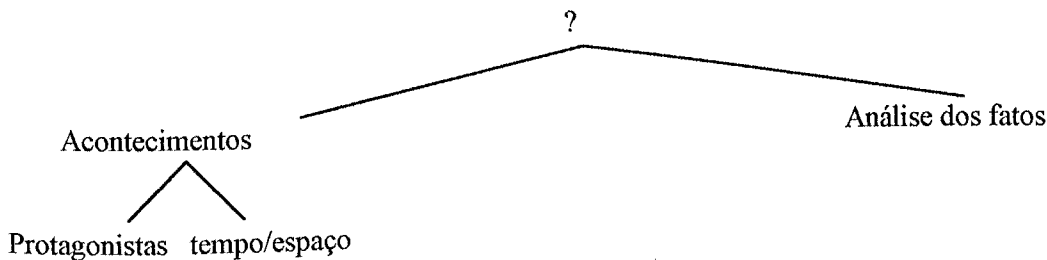
“/.../ olha cemitério é uma coisa santa num se num se deve abusá de cemitério...num se deve abusá porque cemitério é uma coisa SANTA.../.../”

“/.../ t'á não se abuse de cemitério...olha eu res eu respeito cemitério eu respeito...eu durmo dentro d'um cemitério e não durmo dentro d'uma igreja...nem na porta da igreja eu chego...tô falando...cemitério é uma casa santa minha filha tô te falando...você pode chegá qualque hora da noite entrá dentro do cemitério se deitá...e dormi à vontade não lhe pega NADA...nada nada

¹⁰ As três primeiras narrativas da seqüência apresentada pelo informante Raimundo Oliveira não aparecem no conjunto transcrito no corpo do trabalho porque a análise dos fatos relatados proposta pelo informante surge somente após o relato das demais narrativas da seqüência. A transcrição integral da entrevista encontra-se nos anexos.

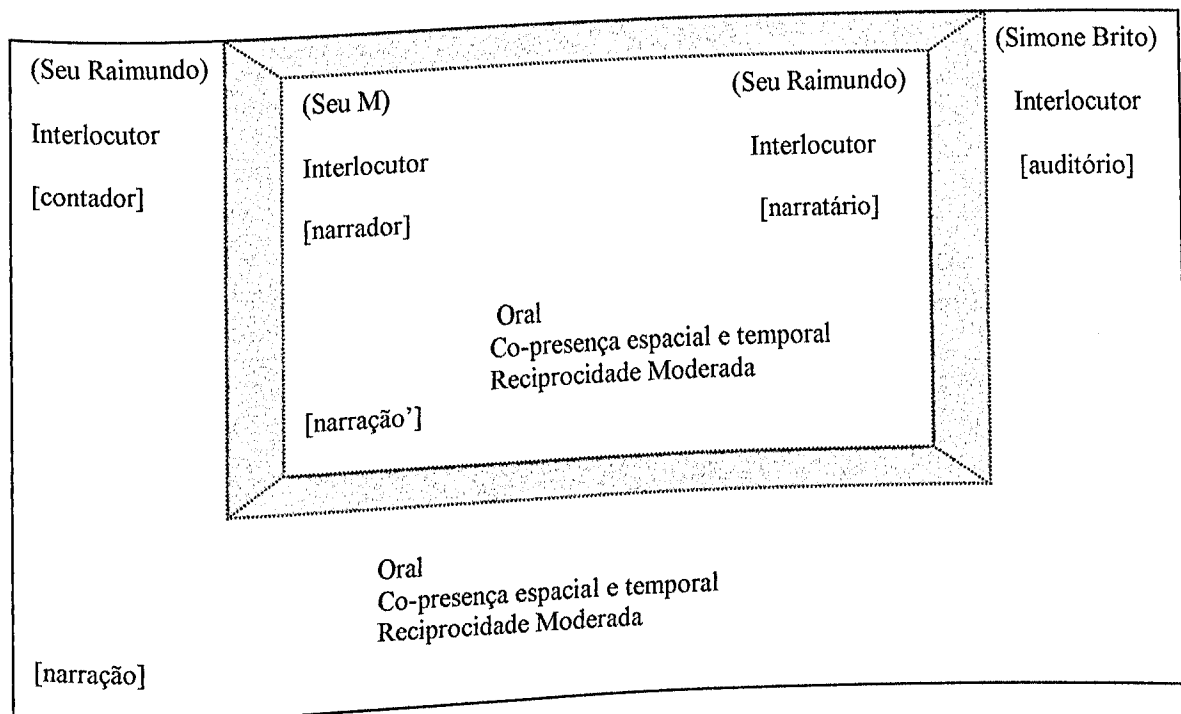
**a santa, mesmo ela é
he: faz nada.../...!”**

As demais narrativas apresentam uma **estrutura conceitual** diferente:



(xxxix) Estrutura Conceitual IV: entrevista CM03CZsb191093 (anexo V)

Na sequência de narrativas apresentada pelo contador, o narrador da quarta história, que narra a aparição de um “cavalo branco” todas as quintas-feiras, é “Seu M”. Na organização discursiva dessa narrativa ocorre, portanto, a disjunção entre as figuras do contador e do narrador:

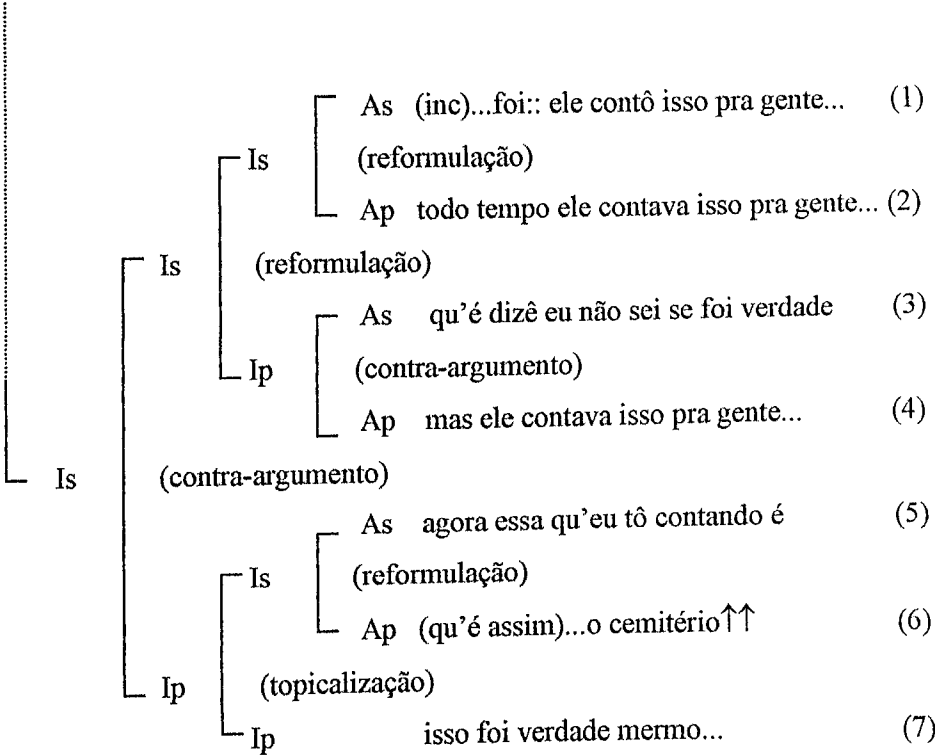


(xl) Quadro Interacional XV: entrevista CM03CZsb191093 (anexo V)

Durante a apresentação dos acontecimentos, o contador já marca seu relativo distanciamento do discurso do narrador por meio do modalizador “disque” (/.../ *ele contava pra nós aqui...contava pra mim e pra todo mundo aí...que tinha:: aparecia disque às quinta-fera...aparecia disque um cavalo correndo de lá pra cá.../.../*). A sequência deliberativa que segue a apresentação dos acontecimentos confirma esse relativo distanciamento:

“/.../ (inc)...foi:: ele contô isso pra gente...todo tempo ele contava isso pra gente...qu’ê dizê eu não sei se foi verdade mas ele contava isso pra gente.../.../”

Antes de iniciar a narrativa seguinte, o contador estabelece explicitamente o confronto entre a narrativa que acabara de contar e as narrativas anteriores sobre o cemitério:



(xli) Estrutura Hierárquica VI: entrevista CM03CZsb191093 (anexo V)

Os A um a quatro referem-se à narrativa que acaba de ser apresentada pelo contador. A responsabilidade pela verdade dos fatos apresentados é atribuída a “Seu M”. O A cinco reintroduz as narrativas anteriores sobre os fatos que ocorreram em cemitérios, por meio de um **encadeamento a distância** marcado pelo conector “agora” e o traço de ponto de ancoragem “essa”, reformulado no A seguinte pela expressão nominal “o cemitério”. Enquanto a primeira avaliação dos acontecimentos revela um distanciamento relativo do contador em relação ao discurso do narrador, a segunda avaliação afirma o engajamento do contador com a verdade do universo representado.

Essa diferença no modo de apresentação das narrativas também se revela na escolha das estratégias de exposição e proteção postuladas por Blanchet (1991), já apresentadas no capítulo anterior. As primeiras narrativas que relatam os acontecimentos ocorridos nos cemitérios e que defendem o argumento de que cemitério é um lugar santo operam com as estratégias de transparência referencial e enunciativa. A história narrada por “Seu M” opera com as estratégias de opacificação referencial e enunciativa.

Em relação ao confronto entre as duas posições, pode-se ainda afirmar que a posição dominante que o contador assume, na organização local desse segmento discursivo, é o seu engajamento em relação ao universo representado, em virtude da relação de contra-argumento estabelecida entre as duas I superordenantes. O relativo distanciamento que o contador marca em relação ao discurso narrado por “Seu M” pode ser em virtude da pouca credibilidade atribuída à figura do narrador.

A narrativa seguinte na mesma seqüência é assumida pelo próprio contador (estratégia da transparência enunciativa), o qual narra a história de um cachorro nada comum que o atacou. Antes de iniciar a próxima narrativa, uma breve **seqüência deliberativa** confirma a veracidade dos fatos e o engajamento do informante com o universo representado: “/.../ olha...*essas coisa qu’eu já vi...e outra vez...lá tinha um::...uns camarada ((risos)).../.../*”.

A sexta narrativa conta a história de um “camarada” que, ao atravessar uma “passaginha d’água”, teria que enfrentar outro “camarada com um carneiro que dava pancada na gente”. A introdução dessa entidade tópica já é marcada pelo distanciamento relativo do informante: “/.../ *ai qu’ele – disque lá apareceu um camarada com (carnero)*

que dava pancada na gente – /.../”. O desfecho da narrativa mostra que, na verdade, a impressão que a personagem tinha de alguém a estar chamando, o que ela atribuiu ao “camarada com o carneiro”, “/.../ o home tá me chamando vai me matá /.../”, era na verdade a visão de um cavalo que, ao balançar o rabo, dava a impressão de ser alguém a chamá-la. A **seqüência deliberativa** que segue a **seqüência narrativa** passa, então, a defender a idéia de que, na verdade, o medo é capaz de fazer ver o que não existe:

“/.../ rapaz o medo (inc) é sério o medo é uma desgraça...você não queira sabê o qu’ê um medo...é...medo...a gente as vez fica com medo corre...por bestera...até...olha a bananera...é uma planta qu’ela...assim à noite (inc) quem vê diz qu’ê uma pessoa que tá que nada ↑↑ é bananera não vô atrás disso é bananera é bestera é bestera mermo...o medo (a gente faz do tamanho que qué)...é sim...porque.../.../”.

Diferentemente do posicionamento que vinha assumindo em relação ao universo representado, o informante agora nega esse universo, atribuindo ao medo a pseudo-ocorrência desses fatos sobrenaturais. A pouca importância atribuída a fatos dessa ordem ou a apresentação de uma explicação racional que os justifique marcam a adesão do informante ao universo referencial representado pelo pesquisador e indicam um modo de valorizar a **face positiva** daquele, ao apresentar, diante de seu interlocutor, uma atitude racional em relação à compreensão dos acontecimentos ao seu redor.

Por fim, o contador apresenta uma última narrativa, no segmento discursivo sob análise, cuja entidade tópica central é definida recorrentemente como “aquele negócio”. O contador assume o papel de narrador, operando, portanto, com a estratégia de transparência enunciativa, mas ocorre a presença de um modalizador, “/.../ lá **disque** aparecia um:: um uma pessoa que dava pancada na pessoa assim.../.../”, configurando a opacificação referencial. A **seqüência deliberativa** que segue a apresentação dos acontecimentos confirma essa hesitação no modo de apresentá-los. Logo após a **seqüência narrativa**, o contador formula uma lição que se pode aprender a partir dos fatos:

“/.../ olha ↑↑...num se dexa...nunca a gente deve fazê aquilo que não deve fazê porque nós fechamo o caminho...a estrada pra vim por'aqui...por quê ↑...pra mexê com quem está quieto ↑...quando nós voltamo veio mais por'ali uma droga veio por'otra estrada nunca mais passei por lá...(inc) /.../”.

Em seguida, o contador introduz uma avaliação sobre os acontecimentos que questiona o valor de verdade de tudo que narrou, por meio de uma I bastante complexa, elaborada com muitas reformulações e sem revelar um posicionamento preciso:

“/.../ aparece muita visage muita coisa...qu'ê dizê é:: mas é:: é:: é medo da pessoa sei lá...a pessoa muito medroso a gente fica:: sei lá (com'ê)...não sei...eu...eu acredito eu acreditava que acontecia mermo coisa...(inc) tem mais gente do que...do que visage /.../”.

Em resumo, na seqüência das sete narrativas, o contador oscila entre as três possibilidades de se posicionar diante do universo relatado. O que parece destacar-se no conjunto é a posição intermediária que revela a indecisão do informante em marcar sua adesão a um ou outro universo de conhecimento, resultado do enquadre institucional em que está inserida a construção das narrativas - as entrevistas comandadas por pesquisadores da Universidade Federal do Pará. Kleiman (1998) atesta situação semelhante na interação entre outros grupos, em que também se estabelece uma relação assimétrica:

Quando consideramos a interação de grupos muitos diferenciados quanto aos seus valores, crenças e atitudes, em que há marcada assimetria entre os participantes em relação ao poder e às normas institucionalmente determinadas, o conflito é a norma e não a exceção (ver Kleiman, 1992, 1993a, 1994a, 1994b, 1995, a sair; Signorini, 1995a, 1995b, 1996). Daí mantermos que o conflito é constitutivo na interação quando os participantes pertencerem a grupos sociais muito diferentes, que têm relações de poder muito diferentes. Esse é o caso da interação na aula de alfabetização de adultos, em que os participantes são adultos com pouca ou nenhuma escolaridade, por um lado, e uma professora alfabetizadora, por outro.

O estudo da interação nesse contexto nos mostra que uma noção relevante para descrever as construções sociais em situação de conflito (não de cooperação como tem se assumido como a norma na grande maioria de trabalhos sobre interação) é a de contradição. Os sujeitos

participantes reagem dinamicamente uns aos outros, e ora negam ora reafirmam os valores do seu grupo segundo direções que a interação em curso determina, mesmo sob o risco de caírem em contradição. (KLEIMAN, 1998, p. 279)

As redes conceituais referentes à tradição lendária da região da Amazônia paraense podem ainda ser co-construídas a partir da colaboração mais efetiva do entrevistador:

KK06CL230397 (anexo X)

If. foi no...no porto santo né↑ município de de ponta de pedras...eu saía...das oito das oito pras nove horas da noite...(pr'arredá) e aí quando...eu já tinha dado (bem redada)...e quando eu...fui olhá pro lado de cima aí eu pressenti aquela luz que vinha dentro d'água né↑...aí...eu peguei virei o casco pra bera e cismeiquei devia sê a cobra...fui pra bera...foi na hora qu'ela me atacô aí eu remei remei quando eu cheguei na...ia chegando na bera o casco ia dando de encontrado na pedra aí eu peguei...desviei e saltei na hora qu'eu saltei aí ela chegô...próximo da bera...aí eu...eu peguei...fiquei olhando pra ela aí focava a lanterna na...na (face) dela e apagava e aí duas vezes...aí eu peguei resolvi saí pra terra peguei saí pra terra correndo...cheguei lá...na casa dum rapaz lá...aí eu fui na casa do meu primo ele não tava...aí eu a fim de pegá uma arma né↑ pra mim dispará um tiro nela por causa que...a minha intenção era matá ela mas só que aí num...num tinha aquele aquele meio pra mim matá ela peguei vim quando eu eu a a menina

chegô a me dá...a S chegô a me dá a arma e aí eu eu destrocei quando eu cheguei na bera ela já tinha sentado

P. e como ela é↑ assim o tama::nho↑ o senhô pode dizê assim mais ô menos↑

If. olha ela (regolava) a minha grossura no pescoço agora...agora...eu eu tenho a certeza que...no meio ela deve tê (regularmente) da grossura do miritizero

P. assim mais ô menos quantos palmos assim↑ não sabe dizê↑

If. não isso daí a gente fica difícil de acertá por causa que não a gente não vai vê um bicho desse assim seco né↑

P. hum hum...mas ela era grande↑

If. é grande a cobra

P. e o que o senhô viu primero foi os olhos↑

If. foi ela dá o olho (na natureza) sem sê preciso luz

P. hum hum...e como era assim mais ô menos o tamanho desses olhos dela↑

If. olha parece sê igual um vagalume

P. mas era gran::de↑

If. não não é muito grande não é bem pequenino os olho dela de noite aparece na escuridão

/.../

P2 ela faz algum ruído↑

If. ruído↑

P2 é ela faz algum tipo de barulho quando aparece↑

If. não...ela vem em silêncio

P2 hum

/.../

P. e assim deu pro senhô vê assim a a o rosto dela assim como e::ra↑...assim s'ela tinha presa alguma coisa↑

If. não isso daí não dava pra diferença porque era de noite...e além de tudo a a lanterna qu'eu tinha era de dois elemento não tava uma pilha forte

P. mas o senhô tem certeza qu'era a cobra↑

If. era a cobra...não era brincadeira não porque...é verdadeira não é mentira...e eu peço

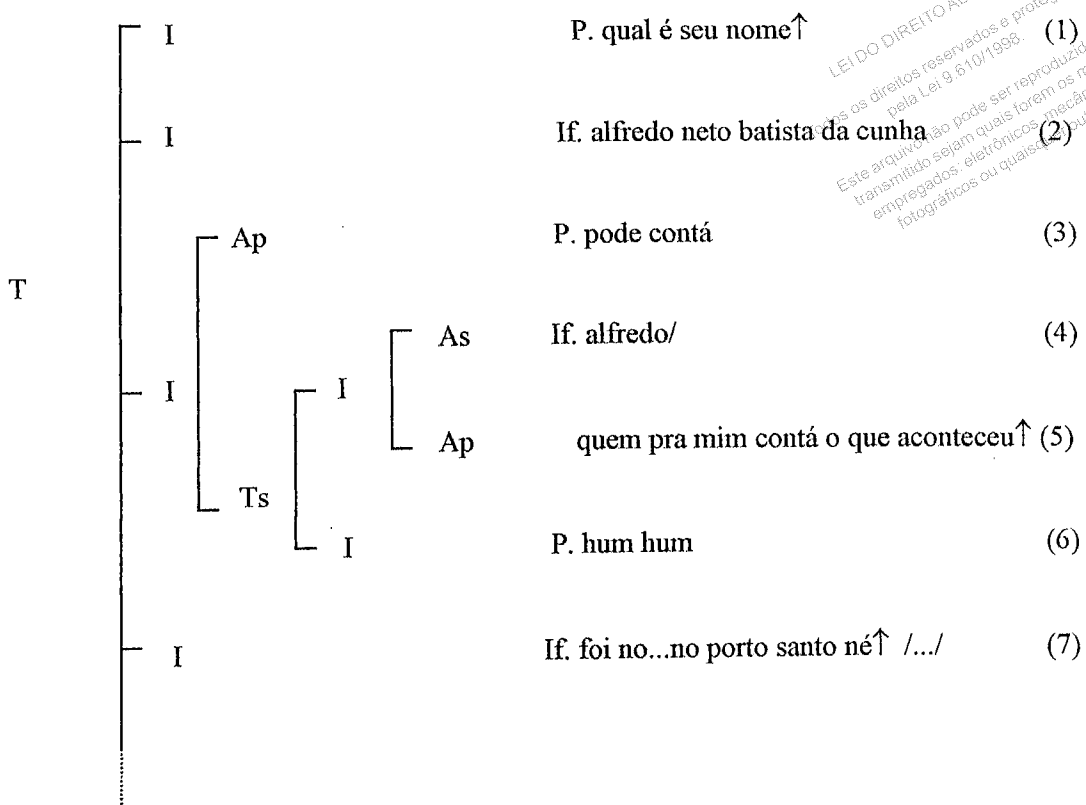
If2 [verdadeira mermo

pras pessoa que...andam pela bera do arari que mariscam de noite que prestem atenção que...s'eu estô vivo é porque deus é bom

/.../

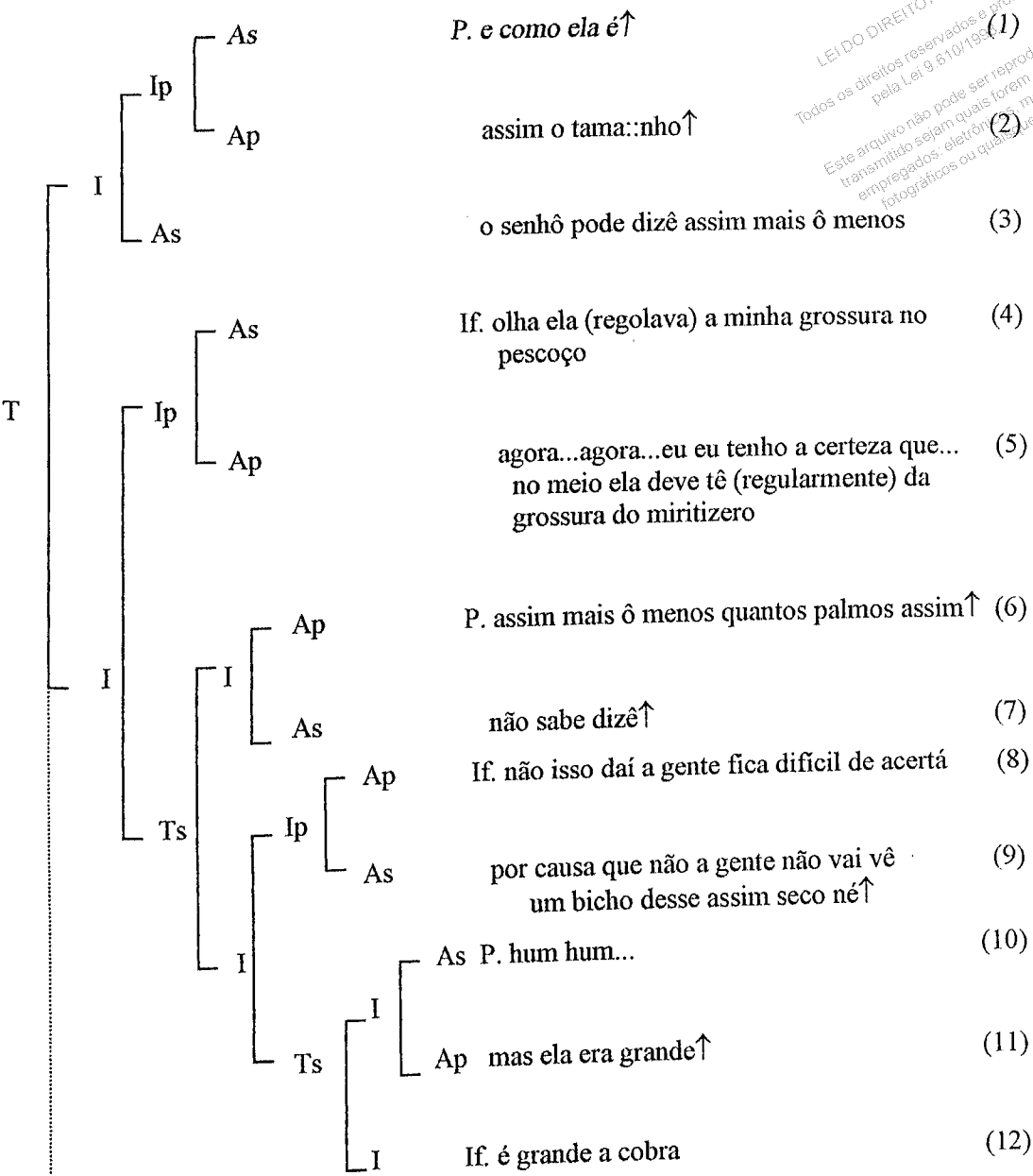
Novamente, o registro da entrevista já inicia com a liberação do turno para o entrevistado narrar. A Ts que ocorre antes de o contador iniciar a apresentação da narrativa sinaliza que, antes do início da gravação, foi definido entre os interlocutores o tópico sobre o qual o informante deveria narrar:

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



(xlii) Estrutura Hierárquica VII: entrevista KK06CL230397 (anexo X)

Como a I do contador, durante a **seqüência narrativa**, concentra-se na seqüência dos acontecimentos, desde o pressentimento da presença da cobra grande, no momento em que ele estava pescando no rio, até a tentativa de conseguir uma arma para matar a cobra, as I seguintes do entrevistador se concentram na coleta de dados sobre algumas características da entidade tópica, como a dimensão, a aparência, o espaço e o tempo em que ela costuma aparecer. Na **representação praxeológica** postulada para a condução das entrevistas, esse momento da interação é um novo momento de coleta de dados, conduzido por meio de uma dinâmica de perguntas e respostas característica da atividade de entrevista, sendo que os questionamentos são elaborados a respeito da entidade tópica central da **seqüência narrativa**, inclusive questionamentos a respeito do valor de verdade dos acontecimentos. Os questionamentos do entrevistador buscam definições precisas sobre a entidade tópica central do discurso. As respostas do entrevistado se limitam a fornecer as informações solicitadas pelo entrevistador:

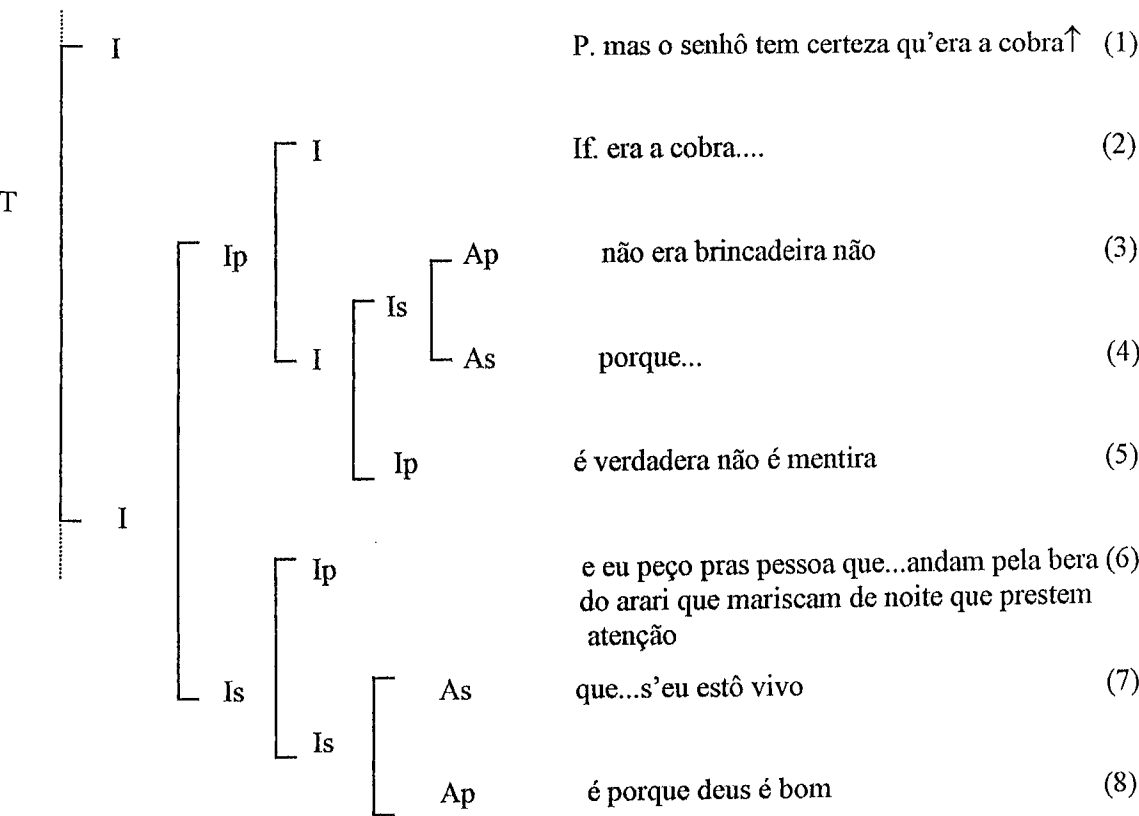


(xliii) Estrutura Hierárquica VIII: entrevista KK06CL230397 (anexo X)

A busca por informações precisas que caracterizam a entidade tópica em torno da qual se construiu o discurso narrativo exige do entrevistador e do entrevistado toda a atenção quanto ao trabalho de face. Por isso as I do entrevistador são elaboradas de modo a atenuar o valor impositivo dos seus questionamentos (A 3 e 7) e as I do entrevistado são elaboradas de modo a buscar a aprovação dos argumentos apresentados (A 9). Se a primeira Ts ocorre em virtude da busca pela precisão quanto à dimensão da

cobra, que é reconhecida pelo seu tamanho assustador, a segunda Ts acaba por revelar a concordância do entrevistador com o argumento do entrevistado sobre a impossibilidade de avaliar, com precisão, a dimensão do animal. O entrevistador acaba por aceitar como suficiente a informação de ordem mais geral.

Nesse segmento de discurso, o confronto entre os universos referenciais distintos é revelado a partir de um questionamento do entrevistador:



referencial próprio da tradição oral. É interessante observar que na **I** do entrevistado há dois segmentos polifônicos que marcam o confronto entre o universo de conhecimento da tradição oral e o universo de conhecimento científico: “/.../ *era a cobra... não era brincadeira não porque... é verdadeira não é mentira.../.../*”

5.4 Considerações parciais

A descrição e a análise das redes conceituais co-construídas, durante a interação, por pesquisadores e informantes do Projeto IFNOPAP confirmam que, em relação ao eixo saber/não saber, estabelece-se também, entre os interlocutores, uma relação assimétrica, em virtude dos valores diferenciados que os participantes da interação atribuem aos domínios de conhecimento a que pertencem. Os saberes pertencentes ao domínio da tradição oral baseiam-se na autoridade daqueles que transmitem esse saber. É o domínio das impressões, que se cristalizam nos discursos reproduzidos nas comunidades. Os saberes pertencentes ao domínio do universo científico, por seu turno, assentam-se em provas documentais. É o domínio da razão, em que o conhecimento deve ser comprovado pelos fatos ou pelo raciocínio lógico. No jogo de imagens que se estabelece entre os participantes da interação, pesquisadores e informantes reconhecem a legitimidade dos saberes pertencentes ao domínio de conhecimento do seu interlocutor, mas não deixam de situar os valores de seu próprio saber em relação ao saber do outro. Por essa razão é que se estabelece o confronto entre os pontos de vista distintos, que determina o processo interpretativo.

Nesse confronto entre pontos de vista distintos, o informante pode reafirmar a legitimidade do saber ligado à tradição oral, pode negar o valor desse conhecimento e pode ainda situar-se em uma posição intermediária, que não reconhece nem desconhece completamente a legitimidade do saber de sua comunidade. A adoção de qualquer uma dessas posições implica um trabalho de face que visa à valorização da **face positiva** e à preservação da **face negativa** dos interlocutores. A adoção de qualquer uma dessas posições implica, igualmente, o estabelecimento de uma disposição vertical da gangorra.

A descrição e a análise da **forma de organização estratégica**, o ponto de chegada de todo este percurso analítico, ocupa-se em correlacionar o resultado das análises acerca do aspecto acional e conceitual do **módulo referencial**, apresentadas nos capítulos 3, 4 e 5, de modo a comprovar a hipótese central que conduziu o trabalho de pesquisa: o processo de negociação para o estabelecimento das relações intersubjetivas entre pesquisadores e informantes do Projeto IFNOPAP está relacionado à realização das atividades que se desenvolvem no intercurso da interação em pauta e sua inter-relação com os domínios referenciais de cada participante. Uma vez que a descrição e a análise da **forma de organização estratégica** reúnem o conjunto dos dados obtido até esta etapa da pesquisa, a composição dessa forma de organização ocupa o espaço reservado às considerações finais deste estudo. A seção que segue apresenta, então, as conclusões alcançadas com a análise do *corpus*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os mecanismos de produção de sentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos. (ORLANDI, 1998)

O objetivo principal que norteou a elaboração desta tese foi a descrição e a análise do modo como os sujeitos envolvidos no trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP estabelecem e gerenciam as relações intersubjetivas na condução da dinâmica interacional. Toda interação pressupõe um posicionamento recíproco entre os sujeitos que interagem, posicionamento que se baseia na construção e no reconhecimento das imagens pessoais assumidas pelos interlocutores durante a interação. Desse modo, o gerenciamento das relações intersubjetivas implica a construção da própria subjetividade daqueles que interagem.

A hipótese central que conduziu o percurso de análise deste estudo fundamenta-se no caráter dinâmico desse posicionamento recíproco entre os sujeitos. A elaboração da metáfora da gangorra permitiu a formulação de dois postulados: (i) o primeiro, segundo o qual se afirma que o domínio na condução da dinâmica interacional oscila entre um pólo e outro da interação; (ii) o segundo, pelo qual se afirma que esse movimento se deve às condições de produção do discurso: as ações que se desenvolvem no decurso da interação e o domínio referencial a que pertence cada participante do encontro.

O estabelecimento das relações interpessoais, de acordo com o modelo de análise modular do discurso, reúne as **posições de interação**, definidas no **módulo interacional**, e as **posições de ação**, definidas no **módulo referencial**, que correspondem, respectivamente, às coordenadas da situação efetiva do encontro e às coordenadas dos mundos representados no discurso. Conforme apresentado ao longo da tese, as **posições de interação** são categorias de análise derivadas das condições materiais do encontro, seja da situação efetiva de interação, seja das interações representadas, resultado da reunião dos valores materiais de um encontro particular. As **posições de ação** são categorias de análise relacionadas à definição do perfil acional do encontro. A conjunção desses dois níveis de informação constitui uma primeira

aproximação para o entendimento da construção da intersubjetividade nas interações ora analisadas.

Como o instrumental teórico utilizado para a análise reúne os dados esquemáticos e os dados emergentes relativos à organização e ao funcionamento discursivos, a compreensão efetiva da intersubjetividade somente se completa com a observação da atualização dessas posições na atividade discursiva. Com o propósito de comprovar a hipótese inicial, focalizaram-se as negociações dialógicas que permitem a coordenação das ações complementares dos sujeitos envolvidos na interação e a co-construção das redes conceituais relacionadas à realização das atividades durante o encontro social.

Assim descrita, a constituição da intersubjetividade no modelo circunscreve-se ao espaço interacional que confronta sujeitos em uma situação particular de interação. Possenti (2002) defende o valor das análises pontuais de situações autênticas de interação, na esfera das teorias sobre o discurso, que objetivam resgatar tanto a historicidade dos sujeitos determinada pelas “estruturas sociais”, quanto a ação dos sujeitos em processos de negociação discursiva:

Mais especificamente, o que proponho é que a teoria do discurso deveria incluir a história que se dá na própria instância do discurso, e não apenas a história que explica a instância do discurso. Daria conta, assim, do efetivo processo discursivo, seu objetivo declarado. (POSSENTI, 2002, p. 78)

Conforme antecipei no segundo capítulo, no modelo de análise modular proposto por Roulet e seus colaboradores, as questões relativas à co-construção das relações intersubjetivas no espaço interativo são objeto da **forma de organização estratégica**, que é preferencialmente descrita pela combinação de informações de origem sintática, lexical, interacional, referencial, hierárquica, relacional, topical e polifônica¹. Como já se explicitou no percurso de análise percorrido até aqui, todas essas informações são pertinentes para a descrição e a análise das negociações em torno das relações de **face** e de **lugar** nas interações de que participam pesquisadores e

¹ “Nous postulons donc que l’organisation stratégique traite de la gestion des rapports de faces et de places entre les interactants, et qu’on peut la décrire en combinant des informations d’origines

informantes envolvidos no trabalho de coleta de narrativas do Projeto Integrado IFNOPAP. Agora, neste estágio final do trabalho, as informações obtidas com base nas análises dos módulos e formas de organização, em cada etapa do percurso descritivo-analítico, são reunidas de modo a construir uma interpretação de como os interlocutores estabelecem e gerenciam as relações interpessoais.

As relações interpessoais: relações de face e de lugar

Nas interações sob análise, a atividade institucional é a entrevista. Nesse **nível interacional**, o entrevistador adota uma atitude iniciativa, pois a ele cabe a tarefa de iniciar a interação e de determinar a abertura de **tópicos** em torno dos quais serão desenvolvidas as T, o que lhe garante uma posição dominante em relação ao seu interlocutor, na condução da dinâmica interacional. Considerando, desse modo, o eixo poder/não poder que diz respeito à regulação histórico-social e cognitiva da atividade entrevista, a posição vertical da gangorra favorece o pesquisador. No entanto, essa posição privilegiada não exime o entrevistador de cuidar das relações de **face**; ao contrário, as análises mostraram que ele zela para que se estabeleça, entre os interlocutores, uma relação de intimidade e confiança que favoreça a condução da atividade entrevista, de modo a obter do entrevistado o conteúdo informativo que é de seu interesse.

As análises revelaram também que as entrevistas que compõem o acervo do Projeto Integrado IFNOPAP conduzem a um segundo tipo de atividade – a narração – que, ao se realizar, inaugura um novo **nível interacional**, pois se alteram o comportamento material e acional dos interlocutores. Para alcançar seu objetivo maior, os pesquisadores do projeto de algum modo procuram incentivar o informante a narrar. Quando atingem esse objetivo, os **papéis praxeológicos** alteram-se e alteram-se também as ações complementares que cabem a cada um dos interactantes: ao informante, cabe adotar uma atitude narrativa e construir um universo referencial disjunto do universo em que se realiza a interação; ao pesquisador, estar atento à

principalement syntaxique, lexicale, interactionnelle, référentielle, hiérarchique, relationnelle, topicale et

construção desse universo referencial de modo a manter a atitude narrativa do informante e julgar a completude e a relevância das informações para a composição do acervo do projeto. Quanto à condução da dinâmica interacional, ainda relacionada ao eixo poder/não poder, a nova disposição da gangorra favorece a posição do informante, que, nesse momento da interação, assume uma atitude iniciativa. Cabe ao informante definir o encadeamento dos tópicos na progressão discursiva e monitorar o funcionamento dos diferentes níveis interacionais.

Para a passagem de uma atividade à outra, os interlocutores negociam a mudança de papéis praxeológicos e as ações complementares que cabem a cada um. Essa negociação pode ser iniciada pelo pesquisador ou pelo informante, em momentos compreendidos como espaços de transição entre os níveis interacionais. Esses espaços de transição estão relacionados aos momentos de negociação que visam à definição de um novo posicionamento entre os sujeitos ou mesmo à manutenção das relações de lugar em curso em um dado momento do encontro. Ressalte-se que a identificação desses espaços de transição contribui muito para a confirmação da hipótese anunciada por meio da metáfora da gangorra: se há um momento particular na interação em que se negocia a mudança de papéis praxeológicos, é porque há oscilação no domínio da condução da dinâmica interacional, de acordo as condições de produção do discurso em construção.

Os espaços de transição também correspondem, como revelaram as análises realizadas, aos momentos da interação em que os interlocutores monitoram a sincronia interacional local ou global do encontro. A análise das estruturas operacionais, que descrevem o percurso praxeológico efetivo dos sujeitos na condução da dinâmica interacional, demonstrou que a atenção dos interlocutores está voltada ao mesmo tempo para a gestão pontual e a gestão global do encontro. O fato de os interlocutores atualizarem um determinado nível interacional mais central não significa que negligenciem o monitoramento dos demais níveis para a condução eficaz do encontro, uma vez que a função de certos movimentos discursivos transbordam de um nível a outro. Isso se confirma quando se analisa o papel dos marcadores discursivos que são emitidos durante a narração. Orientados para o ouvinte, tais marcadores contribuem

para acentuar o caráter dialógico do discurso narrativo, uma vez que monitoram a relação do contador com seu auditório. Do mesmo modo funcionam as marcas de escuta emitidas pelo auditório, que também servem para monitorar a relação contador/auditório, ao indicar a recepção do discurso do contador, o apoio aos argumentos apresentados no discurso narrativo ou o estímulo para a manutenção da atitude narrativa do informante. Os segmentos digressivos, que visam aos ajustes nas informações compartilhadas entre contador e auditório, assim como a organização do conjunto de vozes que são evocadas a contar, a testemunhar ou a encenar os acontecimentos relatados nos discursos narrativos (estabelecendo a disjunção entre os níveis relacionados à situação de interação efetiva e à representação textual da atividade narração) também sinalizam a flutuação entre os **níveis interacionais**.

Outra conclusão a que se chegou diz respeito à tensão entre a organização pontual e a organização global do encontro que, em alguns momentos, revela relações de **lugar** complexas, em que o informante ou o pesquisador, mesmo ocupando uma posição desfavorável na condução local da dinâmica discursiva, destaca-se em uma posição privilegiada na gestão global do encontro. Essa complexidade pode ser observada quando o pesquisador, ao assumir o **papel praxeológico** de auditório, cede para seu interlocutor o domínio na condução local do encadeamento discursivo e o informante, por sua vez, passa a assumir uma atitude iniciativa mais evidente. No entanto, considerando-se a dinâmica da entrevista, o pesquisador mantém o domínio da gestão global do encontro porque consegue conduzir o informante a adotar a atitude narrativa esperada. Do mesmo modo, o informante, ao se recusar a assumir o **papel praxeológico** de contador, recusa-se da mesma forma a assumir uma atitude iniciativa na gestão pontual do encontro, que permanece sob a responsabilidade do pesquisador, mas em relação ao conjunto da interação esse informante inviabiliza a consecução do objetivo principal das entrevistas, o que marca sua posição privilegiada em relação a seu interlocutor.

O contrário também é possível: o pesquisador ou o informante pode assumir uma posição favorável na condução local da dinâmica discursiva, mas, em relação à organização global do encontro, ocupam uma posição desfavorável. Isso ocorre quando o pesquisador não é sensível à necessidade da mudança de seu comportamento

conversacional no momento da apresentação das narrativas. Em casos assim, o pesquisador também inviabiliza a consecução do objetivo principal das entrevistas, uma vez que em momento algum do percurso interacional consegue ceder o domínio da organização local da interação a seu interlocutor.

A realização da atividade encaixada é mais complexa no que concerne às relações de **face** e de **lugar**, uma vez que no decorrer da atividade narração confrontam-se universos referenciais distintos. Considerando-se o eixo poder/não poder, o domínio na condução da dinâmica interacional, na atividade narração, é exercido pelo informante, que assume o **papel praxeológico** de contador/narrador ou ainda assume o **papel praxeológico** de contador, introduzindo uma outra voz para assumir o **papel praxeológico** de narrador. No entanto, o informante não perde de vista a atividade institucional mais global em que a atividade narração se insere e, desse modo, a condução da dinâmica interacional da atividade encaixada submete-se às determinações da atividade periférica.

Conforme insisti ao longo da tese, a definição das relações de **lugar**, estabelecidas entre os sujeitos que interagem, está estreitamente relacionada às diferentes fases de negociação das atividades que se desenvolvem no decurso da interação e sua inter-relação com os domínios referenciais de cada participante do encontro social. O posicionamento recíproco entre os interlocutores estabelece-se não só considerando-se a regulação histórico-social e cognitiva das atividades que se realizam durante a interação, mas também considerando-se o confronto entre os universos de conhecimento a que pertencem pesquisadores e informantes. Cruzam-se, então, para a definição das relações de **lugar**, os eixos poder/não poder e saber/não saber. Desse modo, a atividade entrevista, além de conduzir à realização da atividade mais central, determina a forma como essa última se desenvolve. Confirmando a epígrafe apresentada no início do segundo capítulo, pode-se reafirmar, de acordo com Ítalo Calvino, que quem comanda a narração é o ouvido.

A ação de contar histórias ainda é comum no cotidiano das comunidades a que pertencem os informantes, mesmo que atualmente essa prática concorra com outros meios de entretenimento cada vez mais acessíveis. O conhecimento que circula em situações de interação dessa natureza fica gravado na memória daqueles que ouvem e é

reproduzido em outras situações de interação a cada vez de modo diferente. A situação de interação que se define no trabalho de coleta de narrativas do Projeto IFNOPAP modifica o modo de consumo das histórias que são contadas, ao introduzir a possibilidade do registro de tudo o que é dito pelo contador. Essa diferença no consumo das narrativas é também determinante na escolha das estratégias de exposição e proteção de face que o informante opera, quando da apresentação e da análise dos acontecimentos narrados. O informante não perde de vista que o conteúdo das histórias narradas será avaliado por indivíduos que não pertencem à mesma comunidade, portanto, em relação a esses indivíduos ele se posiciona. Realizam-se, então, na condução da atividade narração, processos de negociação em diferentes níveis: a negociação pontual que define a condução das ações coordenadas na realização dessa atividade e a negociação em torno da legitimidade do saber que nesse momento é apresentado.

A narração das histórias sobre a tradição lendária da região amazônica no encontro entre pesquisadores e informantes do projeto é, em geral, seguida de **seqüências deliberativas** que instauram um espaço essencialmente polêmico, em que se confrontam modos distintos de compreender os acontecimentos narrados: o ponto de vista da comunidade que o informante representa, relativo ao universo da tradição oral de produção do conhecimento, e o ponto de vista da comunidade que o pesquisador representa, relativo ao universo científico de produção do conhecimento. Nesse confronto, são três as posições assumidas pelos informantes em relação ao universo referencial próprio da tradição lendária da Amazônia paraense, verificadas nos dados sob análise:

- a afirmação desse universo referencial;
- a negação desse universo referencial;
- um relativo distanciamento em relação a esse universo referencial.

A primeira posição marca o reconhecimento da legitimidade do saber próprio da tradição oral face ao saber institucional. Ao se posicionar dessa forma, o informante, no que concerne ao eixo saber/não saber, impõe ao pesquisador uma posição exterior em relação ao universo referencial ao qual aquele pertence. Na relação entre duas posições

assimétricas, o informante assume a posição privilegiada na condução da dinâmica interacional relativa à atividade encaixada, uma vez que o pesquisador, no papel de auditório/narratário, aceita a posição que lhe é indicada pelo outro e se dispõe a aprender o que não sabe sobre o universo referencial do seu interlocutor. Em relação à determinação dos **lugares**, o informante assume a posição dominante daquele que detém o saber e atribui ao pesquisador a posição subordinada daquele que não sabe sobre os fenômenos que a ciência não consegue explicar. É desse modo que se estabelece o posicionamento recíproco entre pesquisador e informante na entrevista CL07CZcd130394 (anexo III):

P. bairro de canudos...belém pará...treze de março de mil novecentos e noventa e quatro...informante lindalva (inc.)

If. **sim a história dela...olha eu vou contá mais ou menos assim...não tem era uma vez porque é...é fato real né↑**

P. **certo**

P. **sim lindalva**

If. **TODAS FÉRIAS...a gente se reunia uma turma uma turma assim...a gente fazia ran::cho...é:: uma comprava uma comprava frango outra comprava arroz e geralmente comprava mais enlatado porque em FÉRIAS você tem que levá mais enlatado mesmo pra aguentá lá o:: a broca né↑ porque é uma broca desgraçada ((risos)) e tá né↑ e:: a gente sempre ia pra algo doal todo mundo junto**

(...)

mas...DELA FOI VERDADE porque ela mora bem aqui na na na::...na juvenal e eles se mudaram faz pouco tempo agora e FOI VERDADE mesmo...de dessa menina FOI verdade qu'eu ASSISTI...acompanhei de perto assim a HISTÓRIA DELA...da S...cabô↓ ((risos))

Para a apresentação da narrativa, o informante opera com as estratégias de transparência referencial e de transparência enunciativa, que sinalizam o engajamento do contador em relação aos acontecimentos que narra. Na **seqüência deliberativa** que segue a apresentação da narrativa, o informante reafirma o valor de verdade dos acontecimentos, que já havia sido declarado na **I** que antecede a narração.

A segunda posição, por sua vez, desqualifica o domínio de conhecimento da tradição oral e marca o reconhecimento da legitimidade do saber institucional e a adesão do informante ao universo referencial que o pesquisador representa. A adesão ao

universo referencial do pesquisador é uma estratégia do informante de valorização de sua **face positiva**, que assim apresenta ao seu interlocutor uma atitude racional no modo de compreender os acontecimentos ao seu redor face à atitude não racional dos demais integrantes de sua comunidade.

Em relação à disposição dos **lugares**, essa segunda posição estabelece uma relação complexa quanto ao posicionamento recíproco na gestão da dinâmica interacional. Na gestão pontual do encontro, quanto ao eixo poder/não poder, o informante assume uma posição proeminente na condução da dinâmica interacional, no entanto, na gestão global do encontro, o informante atribui ao pesquisador a posição proeminente, uma vez que, em relação ao eixo saber/não saber, a posição assumida pelo informante privilegia o domínio de conhecimento do pesquisador face ao domínio de conhecimento da comunidade a que pertence. Ainda em relação ao eixo poder/não poder, esse segundo posicionamento não inviabiliza a atitude narrativa do informante na condução da dinâmica interacional, que passa a apresentar narrativas sobre as lembranças de sua história de vida, o que também favorece a consecução dos objetivos do pesquisador. Essa é a maneira como se estabelece o posicionamento recíproco entre o pesquisador e o informante na entrevista E05AQmur141194 (anexo VIII):

/.../

bom...dos que o pessoal

[
P. hum::

tem medo sabe de quê↑ não sei porque mas olha eu nunca vi:: nada

P. de de assombração::↑

If. hum↑

P. de assombração::↑

If. nada nada nada nada olha...eu entrava QUALQUER hora da noite
naquela igreja nesse tempo não havia...luz elétrica lá...a lanterna
do santíssimo era um COPO...que botava uns três dedo de areia...

[
P. hum::

enchia o resto de azeite fazia um pavio do:: cabo da vassora – era uma
vassora:: de piaçava né↑ - fazia um pavio pra quando en/ essa essa areia era pra
segurar o pavio e acendia a ponta dele aí ficava a luz acesa pro
santíssimo né↑ a noite inteira acesa pro santíssimo mas havia

[
P. hum::

- muito morcego...eu ia toda hora qu'eu me acordava eu ia na igreja
que às veze o morcego apagava né↑ eu ia acendê...mas morcego
[
P. hum::
tinha...muito...tinha muito que avançava em cima da gente mas eu...
eu:: fui no mato cortei um um um:: um (inc) tirei a folha e...botei a
(inc) na cabeça amarrei a cara e entrei no corredô e comecei (inc)
o morcego tudo enchi panero ((risos)) (inc) acabei c'os morcego ((risos)) mas bom...
[
P. ((risos))
mas assombração não olhe qu'eu eu morava LÁ:: na estrada...eu
vinha de lá quatro horas chegava na igreja cinco horas...às veze
chegava cedo inda deitava lá no banco (inc)...nunca me puxaram
pelo pé pelo pé nem pela mão (inc) nada nada nada nada
[
P. é dizem que disque na igreja de noite...que dá mais
alma
[
(inc) mas...nun::ca:: vi::...nada que assombra::sse
essa coisa não pelo contrário eu chegava na porta
da igreja dava muita corage...nunca vi...vi::...a a
visage qu'eu vi justamente...foi o os morcegos que...
faziam visage no tempo do monsenhor F quando o
[
P. à noite ((risos)) If2 bom dia
mon F o monsenhor F veio que não tinha casa pra ele::
morá...ele mandô qu'eu fizesse um quarto pra ele lá na
[
P. hum
sacri/ lá nos no salão em cima né↑...eu fiz um quarto pra
[
P. hum
ele aliás dois pro colega dele quando viesse né↑...bom...
e...quando foi...é...
(...)
If. aí ele::...um dia ele ele se assombrô né↑ veio se queixá pra mim...
mas seu seu Moacir não dá pra dormi tem muita visage jogam
pedra lá pra dentro...digo:: o senhô o senhô qué sabê de uma coisa...
a visage que faz é o morcego o senhô qué vê↑ venha cá...quando é
seis horas da tarde
(...)
mostrei pra ela pra ele...digo olha tá num (inc) olha eles trazem
piquiá a fruta dos mato devem roê a (inc) e botam o caroço no assoalho ((risos))
é a predada que o senhô vê ((risos)) boa tirei o medo dele né↑
[
P. ((risos))
/.../

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

Nesse caso, o informante não admite como reais as manifestações de seres
sobrenaturais, narradas por pessoas de sua comunidade. Para essas manifestações, o

informante tem uma explicação racional: são os morcegos que assustam aqueles que ouvem barulhos estranhos na igreja do lugar.

A terceira posição revela a indecisão do informante em marcar sua adesão a um ou outro universo de conhecimento que se confrontam na interação. Por um lado, o informante pertence ao universo referencial da tradição oral e tem histórias para contar sobre acontecimentos dos quais participou ou sobre os quais sempre ouviu contar. Por outro lado, o informante interage com um interlocutor que pertence a um universo de conhecimento em que esses acontecimentos não têm o valor de verdade que é compartilhado por seus pares. No confronto entre os dois modos de compreender o mundo, o informante hesita entre afirmar a legitimidade do seu domínio de conhecimento ou aderir ao universo referencial do pesquisador. Nesse impasse, utiliza estratégias de proteção de sua **face positiva**, como, por exemplo, atribuir a outrem a responsabilidade daquilo que é narrado – a opacificação enunciativa – e/ou modalizar seu discurso durante a apresentação dos acontecimentos – a opacificação referencial. A indecisão do informante revela a tensão entre os dois domínios de conhecimento. Reconhecer a legitimidade de um dos domínios implicaria subtrair o poder explicativo do outro domínio acerca dos acontecimentos relativos à tradição lendária da Amazônia paraense. Na entrevista KK05CL (anexo IX), é esse tipo de relação que se estabelece:

/.../

If. bom esse esse encanto com certeza vorta...porque s'ele encantô com mir'ano... vai dobrá agora mir'ano ele tem que aparecê...aqui no no marajó nós temo a fazenda guajará...qu' é encantada...lá minha mãe morô lá:: era::...morô lá na na fortaleza ela foi empregada muitos ano na fortaleza e fica próximo do guajará... e lá **ela contava** que lá:: (tu vê) tudo...tudo tudo vê mermo - via nessa época né↑... agora não vê mais...mas nessa época via - lá **disque** é uma fazenda uma grande fazenda encantada...quem descobri essa fazenda vai ficá rico mas é lá lá tem otra fazenda qu' e dum fazendero hoje em dia né↑...é do do senhô L...e:: então esse guajará é muito famoso...existe esse negócio **disque** foi...uma vez lá::...apareceu... uma uma moça né↑ pediu pro cara prum vaquero...desencantá ela...aí ele contô qu'ela ia...era um um garrote qu'era o pai dela a vaca qu'era a mãe dela e ela qu'era pra só pra ele (estocá) com a vara de ferrão...nela...ele ficava subido... numa árvore...e quando foi na numa certa hora qu' eles venham...(inc) ele não teve corage de...de fazê...aí passô aí ela disse qu' ele tinha dobrado os encanto dela não sei com quantos...ano...e até aqui não apareceu mais né↑...então isso aí se:: se

[
hum

P. existe vai aparecê daqui pra frente...é com certeza quando dobrá o::...o século...aí deve aparecê... então é:: só né↑ **isso quem contava era minha mãe e eu acho que::... ela não mentia pra gente né↑** /.../

Nessa passagem, o informante se reconhece entre duas figuras de autoridade: o pesquisador, representante do saber da ciência, e sua própria mãe, representante do saber relativo à tradição oral.

Kuyumcuyan (2000) afirma que os discursos são compreendidos diferentemente, a depender da **posição de interação/posição de ação** que os sujeitos assumem em uma situação de interação particular. Segundo a autora, os sentidos dos enunciados estão relacionados aos contextos interacional e acional em que se realizam. Inseridos em contextos diversos, os sentidos dos enunciados também são constituídos de modo diverso². Os resultados alcançados neste estudo confirmam que os discursos são também constituídos diferentemente, a depender do **quadro interacional** e do **quadro acional** que definem as situações de interação em que os sujeitos estão envolvidos.

O posicionamento recíproco que se estabelece entre os sujeitos que interagem é também determinante para a constituição de sentidos particulares nos contextos específicos em que os discursos circulam. O jogo de imagens que se estabelece em situações de interação cotidianas confronta os saberes e os valores a eles atribuídos na ordem social em que estão inseridos os interlocutores. Esse confronto não é, necessariamente, revelado de maneira explícita por aqueles que interagem. Ao contrário, pode-se revelar nos movimentos discursivos de valorização e proteção da *face*. Os sentidos co-construídos em situações de interação resultam, então, da negociação em torno do reconhecimento da legitimidade desses saberes.

O jogo de imagens atuante durante o encontro social estabelece-se, também, considerando-se as posições assumidas pelos sujeitos que interagem em um dado contexto acional. A atividade por meio da qual são coletadas as narrativas do imaginário amazônico institui uma prática que não faz parte das práticas habituais da comunidade a

² “L'énoncé ne prend véritablement sens que par rapport à ce contexte, que l'approche modulaire redéfinit, on l'a vu ci-dessus, en un certain nombre de paramètres, spatio-temporels à l'évidence, mais aussi interactionnels et actionnels. C'est à l'intérieur de ces variables, qu'il contribue du reste aussi à mettre en relation, que l'énoncé prend toute sa valeur d'acte, illocutoire notamment. Sorti de ce contexte, privé de la perspective qui lui donnait un certain sens, l'énoncé ne perd pourtant pas du tout sa propriété de signifier, qui lui est consubstantielle, mais il signifie désormais tout autre chose, voilà tout; il a acquis un nouveau sens qui tient cette fois au cadre différent dans lequel il a été inséré. Bakhtine privilégiait bien entendu dans cette modification sa dimension dialogique, qui tient à la rencontre de 'deux consciences, de deux sujets' déterminant la 'vie du texte, son être authentique'. Cet aspect 'psychologique' est hors de doute mais ne doit pas conduire à négliger non plus l'influence du cadre (inter)actionnel sur l'énoncé: le même sujet, prenant connaissance du même texte, le perçoit différemment selon la position interactionnelle et le rôle actionnel qu'il occupe dans l'échange.” (KUYUMCUYAN, 2002: 73)

que pertencem os informantes. Desse modo, não é o pesquisador que reconhece e se insere nas práticas cotidianas da comunidade em que realiza seu trabalho de pesquisa. É o informante que reconhece e se insere em uma atividade institucional, a saber as entrevistas para coleta dos dados. Os sentidos co-construídos em situações de interação dessa natureza resultam, também, da negociação em torno do reconhecimento da legitimidade dessas posições.

Em relação aos discursos sobre a tradição lendária do imaginário amazônico paraense, o Projeto Integrado IFNOPAP propõe-se a ser mais um reduto de resistência, ao assumir como objetivos principais o resgate e o registro das narrativas orais populares da Amazônia paraense. Para alcançar esse objetivo, os pesquisadores envolvidos na coleta, na reprodução e na análise dessas narrativas devem estar cientes das determinações que a **dimensão situacional** das interações imprime à reconstrução desse universo, de modo a compreender que os sentidos resistem ou se transformam no confronto entre os discursos daqueles que mantêm a tradição lendária da Amazônia paraense e os discursos daqueles que pretendem reproduzir essa tradição em um novo formato.

Referências bibliográficas

- AMOSSY, Ruth. La notion d'ethos de la rhétorique à l'analyse de discours. In: AMOSSY, Ruth. *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne, Switzerland; Paris: Delachaux et Niestlé S. A., 1999a.
- _____. L'ethos au carrefour des disciplines: rhétorique, pragmatique, sociologie des champs. In: AMOSSY, Ruth. *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne, Switzerland; Paris: Delachaux et Niestlé S. A., 1999b.
- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira. Digressão: uma estratégia na condução do jogo textual-interativo. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal, RN: EDUFRN, 1997.
- ASSUNÇÃO, Antônio Luiz. *O poder do discurso e o discurso do poder: a construção do consenso nas falas do presidente Fernando Henrique Cardoso*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2001.
- BAKHTIN, M (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8ª ed., São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. (1979). *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BLANCHET, Alain. *Dire et faire dire: l'entretien*. Paris: Armand Colin, 1991.
- BORGES, Luiz Carlos. Oralidade: imaginário e discurso – entre o mito e a história. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Cultura e biodiversidade: entre o rio e a floresta*. Belém: UFPa, 2001.
- BRES, Jacques. *La narrativité*. Duculot, 1994.
- BRONCKART, J.-P. (1997). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.
- BROWN, Penélope; LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge University Press, 1987.
- BURGER, Marcel. (Dé)construction de l'identité dans l'interaction verbale: aspects de la réussite énonciative de l'identité. *Cahiers de linguistique française* 15, 1994.
- _____. L'identité négociée: rapports de place(s) dans un entretien télédiffusé. *Cahiers de linguistique française* 17, 1995.
- _____. Positions d'interaction: une approche modulaire. *Cahiers de linguistique française* 19, 1997.

- _____. Identités de statut, identités de rôle. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999.
- _____. La dimension interactionnelle. In: ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurent; GROBET, Anne. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt/M., New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2001.
- DIAMOND, Julie. *Status and power in verbal interaction: study of discourse in a close-knit social network*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.
- ESTRADA, Megan Parry de Castro Duque. Narrativas orais e uso de marcadores tags. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *A cultura amazônica em suas multivozes*. Belém: UFPa, 1999.
- _____. *Marcadores tags em narrativas orais paraenses*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Faculdade de Letras, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman (1992). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FILLIETTAZ, Laurent. Une approche modulaire de l'hétérogénéité compositionnelle du discours: le cas des récits oraux. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999.
- _____. *Actions, activités et discours*. Tese (doutorado) – Université de Genève, Faculté des Lettres, 2000.
- GOFFMAN, Erving. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Anchor Press, 1967.
- _____. *Les rites d'interaction*. Paris: Minuit, 1974.
- _____. (1964). A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998a.
- GOLDER, Christophe. Narrativa popular oral: dum corpus a um conceito. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Narrativa oral e imaginário amazônico*. Belém: UFPa, 1999a.
- GROBET, Anne. *L'identification des topiques dans les dialogues*. Tese (doutorado) – Université de Genève, Faculté des Lettres, 2000.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Les interactions verbales* (tome II). Paris: Armand Colin Éditeur, 1992.

- KLEIMAN, Angela B. A construção de identidade em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- KUYUMCUYAN, Annie. *L'hétérogénéité du discours narratif: le discours et la mention*. Tese (doutorado). Université de Genève. Faculté des Lettres, 2000.
- LABOV, William; FANSHEL, David. *Therapeutic discourse: psychotherapy as conversation*. New York, San Francisco, London: Academic Press, 1977.
- LAFOREST, Marty. De la manière d'écouter les histoires: la part du narrataire. In: LAFOREST, Marty (éd.). *Autour de la narration*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1996.
- LANDOWSKI, Eric (1989). *A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- MAHER, Tereza Machado. Sendo índio em português... In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- MARINHO, Janice Helena Chaves. *O funcionamento discursivo do item onde: uma abordagem modular*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2002.
- MARTINS, Bene. O Tecer das estórias amazônicas. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org.). *A cultura amazônica em suas multivozes*. Belém: UFPa, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- PIRES, Maria Sueli de Oliveira. *Estratégias discursivas na adolescência*. São Paulo: Arte & Ciência/ UNIP, 1997.
- POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Criar Edições: Curitiba/PR, 2002.
- ROULET, Eddy. Complétude interactive et mouvements discursifs. *Cahiers de linguistique française* 7, 1986.
- _____. *La description de l'organisation du discours*. Paris: Didier, 1999.
- ROULET, Eddy; PIRES, Sueli. Uma visão modular da complexidade discursiva. In: MARI, Hugo et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFGM, 2001.

- ROULET, Eddy; FILLIETTAZ, Laurent; GROBET, Anne. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Bern, Berlin, Bruxelles, Frankfurt/M., New York, Oxford, Wien: Peter Lang, 2001.
- SÁ, Maria da Piedade Moreira de. O discurso reportado no contexto narrativo. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal, RN: EDUFRN, 1997.
- SIMÕES, Maria do Socorro. Vozes do Mito. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *A cultura amazônica em suas multivozes*. Belém: UFPa, 1999.
- SOARES, Izabel Cristina Rodrigues. *As narrativas orais populares da Amazônia paraense: vozes múltiplas que contam as histórias do povo*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2003.
- URBANO, Hudinilson. Revisitando os marcadores discursivos: os fáticos retroalimentadores. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal, RN: EDUFRN, 1997.
- VALÉRIO, Kátia Modesto. *Dinâmicas interativas no discurso da mulher: o papel da inserção social*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2000.
- VION, Robert. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris: Hachette, 1992.
- _____. La gestion pluridimensionnelle du dialogue. *Cahiers de linguistique française* 17, 1995.

Bibliografia complementar

- ALVES, Fábio. D. Speber & D. Wilson, E.-A. Gutt e F. Alves: a teoria de relevância aplicada aos estudos da tradução. In: VIEIRA, Else Ribeiro Pires (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Curso de Pós-Graduação em Estudos linguísticos da FALE/UFGM, 1996.
- AMOSSY, Ruth (Org.). *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne, Switzerland; Paris: Delachaux et Niestlé S. A., 1999.
- BANGE, P. *Analyse conversationnelle et théorie de l'action*. Paris: Hatier-Didier, 1992.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- BATESON, Gregory (1972). Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- BEAUGRANDE, Robert de. *New Foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of Access to knowledge and society*. Arab Emirates University, s/d.
- BERTHOUD, A.-C.; MONDADA, L. Traitement du topic, processus énonciatifs et sequences conversationnelles. *Cahiers de linguistique française* 17, 1995.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.
- _____. Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado vol. III*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1993.
- _____. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo: Contexto, 1988.

- CHARAUDEAU, Patrick (1984). Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFGM, 2001.
- CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s) – linguagem(ns) – identidade(s) – movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- COSNIER, J.; KERBRAT-ORECCHIONI, C. (éds.). *Décrire la conversation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1987.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras* (v. 2). São Paulo: Cortez, 2000.
- EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélicien, conviction et pragmatique moderne. In: AMOSSY, Ruth. *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne, Switzerland; Paris: Delachaux et Niestlé S. A., 1999.
- ERICKSON, Frederick; SHULTZ, Jeffrey (1981). “O quando” de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- ESTRADA, Megan Duque. Narrativas orais: foco de interesse da análise da conversação. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Narrativa oral e imaginário amazônico*. Belém: UFPa, 1999a.
- FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Fapesp, 2001.
- FÁVERO, Leonor Lopes; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. Textualização de produções orais formais – o caso da entrevista. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs.). *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal, RN: EDUFRN, 1997.
- FILLIETTAZ, Laurent. Vers une approche interactionniste de la dimension référentielle du discours. *Cahiers de linguistique française* 18, 1996.
- _____. Des enjeux actionnels dans les interactions verbales: une définition de la dimension référentielle du discours. *Cahiers de linguistique française* 19, 1997.
- _____. La structure actionnelle et la structure textuelle des interactions verbales. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999.

_____. Formes narratives et enjeux praxéologiques. Quelques remarques sur les fonctions du *raconter* em contexte transactionnel. In: VINCENT, D.; BRES, J. (éds.). *Revue québécoise de linguistique: Le récit oral*, 2000.

FILLIETTAZ, Laurent; GROBET, Anne. L'hétérogénéité compositionnelle du discours: quelques remarques préliminaires. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Linguagem e ideologia*. 5ª ed., São Paulo: Ática, 1997.

GHIGLIONE, Rodolphe. *L'homme communicant*. Paris: Armand Colin, 1986.

GOFFMAN, Erving (1959). *A representação do eu na vida cotidiana*. 8ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. (1979). Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998b.

GOODWIN, Charles. *Conversational organization: interaction between speakers and hearers*. New York: Academic Press, 1981.

GRICE, Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Vol. IV, Campinas, SP: UNICAMP, 1982.

GROBET, Anne. Phénomènes de continuité: anaphoriques et traces de points d'ancrage. *Cahiers de linguistique française* 18, 1996.

_____. La ponctuation prosodique dans l'ensemble dimensionnelle et informationnelle du discours. *Cahiers de linguistique française* 19, 1997.

_____. L'organisation topicale de la narration: les interrelations de l'organisation topicale et des organisations séquentielle et compositionnelle. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999a.

_____. La continuité topicale dans des dialogues radiophoniques: quelques relations de discours. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999b.

GUIMARÃES, Eduardo. O sujeito e os estudos da significação na década de 70 no Brasil. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.

GUMPERZ, John J. *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

- JUBRAN, Clélia Cândida A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado vol. III*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1993.
- _____. Para uma descrição textual-interativa das funções da parentização. In: KATO, Mary A. (Org.). *Gramática do português falado vol. V*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996.
- KATO, Mary A. (Org.). *Gramática do português falado vol. V*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1996.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales* (tome I). Paris: Colin, 1990.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- _____; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Orgs). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal, RN: EDUFRRN, 1997.
- KOSTULSKI, Kátia; TROGNON, Alain. L'explicitation logique des aspects cognitifs de la conversation: existe-t-il une isomorphie entre le domaine cognitif et l'architecture d'une conversation?. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999.
- KUYUMCUYAN, Annie. Prolégomènes à une définition du discours narratif. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999.
- LAFOREST, Marty (éd.). *Autour de la narration*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1996.
- _____; VINCENT, Diane. Du récit littéraire à la narration quotidienne. In: *Autour de la narration*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1996.
- LANDOWSKI, Eric. *Présences de l'autre*. Paris: PUF, 1997.
- LEVINSON, Stephen. *Pragmatics*. Cambridge University Press, 1983.
- MACHADO, I. L. (Org.). *Análises de discursos: sedução e persuasão*. Belo Horizonte: Napq/FALE/UFGM, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, scénographie, incorporation. In: AMOSSY, Ruth. *Images de soi dans le discours: la construction de l'ethos*. Lausanne, Switzerland; Paris: Delachaux et Niestlé S. A., 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 3ª ed., São Paulo: Ática, 1997.
- _____. Coerência e cognição contingenciada. In: BARROS, Kazue Saito Monteiro de (Org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal, RN: EDUFRRN, 1999.

- MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso – FALE/UFMG, 2001.
- MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- MOESCHLER, J. *Théorie pragmatique et pragmatique conversationnelle*. Paris: Seuil, 1996.
- _____; REBOUL, A. *Dictionnaire Encyclopédique de pragmatique*. Seuil, 1994.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras* (v. 2). São Paulo: Cortez, 2000.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- PINHEIRO, Odette de Gody (1997). Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- PIRES, Maria Sueli. As diferentes vozes em narrativas orais: superposição e transposição discursivas. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Cultura e biodiversidade: entre o rio e a floresta*. Belém: UFPa, 2001.
- PRETI, D. (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.
- REBOUL, A.; MOESCHLER, J. Le dialogue n'est pas une catégorie naturelle scientifiquement pertinente. *Cahiers de linguistique française* 17, 1995.
- ROSA, Margaret de Miranda. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.

ROULET, E. Vers une approche modulaire de l'analyse du discours. *Cahiers de linguistique française* 12, 1991.

_____. Etude des plans d'organisation syntaxique, hiérarchique et référentiel du dialogue: autonomie et interrelations modulaires. *Cahiers de linguistique française* 17, 1995a.

_____. *Une approche modulaire de l'enseignement-apprentissage de la compétence discursive*. 4º Encontro sobre o Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior em Portugal. Universidade do Porto, 1995b.

_____. Une description modulaire de l'organisation topicale d'un fragment d'entretien. *Cahiers de linguistique française* 18, 1996.

_____. A modular approach to discourse structures. *Pragmatics* 7, 1997.

_____. Enoncé, tour de parole et projection discursive. In: BERTHOUD, A-C; MONDADA, L. (éds). *Modèles du discours en confrontation*. Berne, Lang, 2000.

_____. *Une approche modulaire de la problématique des relations de discours*. Simpósio Discurso, Ação, Sociedade, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SACKS, H; SCHEGLOFF, E.E.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization turn-taking for conversation. *Language*, 50, 1974.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

_____. (Des) Construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998a.

_____. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998b.

SILVA, Anna Christina Bentes da. *A arte de narrar: da constituição das histórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). *Narrativa oral e imaginário amazônico*. Belém: UFPa, 1999a.

- _____. *A cultura amazônica em suas multiyozes*. Belém: UFPa, 1999b.
- _____. *Memória e comunidade: entre o rio e a floresta*. Belém: UFPa, 2000.
- _____. *Cultura e biodiversidade: entre o rio e a floresta*. Belém: UFPa, 2001.
- _____. *Marajó: um arquipélago sob a ótica da cultura e da biodiversidade*. Belém: UFPa, 2002.
- SPINK, Mary Jane (Org.) (1997). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2 ed., São Paulo: Cortez, 2002.
- TANNEN, Deborah (Ed.). *Framing in discourse*. New York: Oxford University Press, 1993a
- _____. (Org.). *Gender and conversational interaction*. Oxford: Oxford University Press, 1993b.
- _____.; WALLAT, Cynthia (1987). Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- TROGNON, A; BRASSAC, C. L'enchaînement conversationnel. *Cahiers de linguistique française* 13, 1992.
- URBANO, Hudinilson; FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. Perguntas e respostas na conversação. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado vol. III*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP, 1993.
- VIGOTSKI, L. S. (1934). *Pensamento e linguagem*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WETZEL-KRANZ, Bettina. Ressemblances et differences dans différents types d'entretien. *Cahiers de linguistique française* 21, 1999.

LEIDO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXOS

As páginas seguintes reúnem as entrevistas que foram transcritas para compor o *corpus* de análise deste trabalho. São 5 horas e 20 minutos de gravação, que correspondem a 13 entrevistas. As entrevistas foram realizadas por 5 pesquisadores e contaram com a participação de 15 informantes.

O quadro abaixo resume algumas informações sobre esse conjunto, que indicam:

- a posição da transcrição na organização dos anexos;
- o código de identificação;
- os nomes do pesquisador e do informante;
- o município em que a entrevista foi realizada;
- o tempo de duração da entrevista.

ANEXOS	CÓDIGO	PESQUISADOR	INFORMANTE	MUNICÍPIO	TEMPO
I	C01CZter110993	Mª Luíza Lima	Raimundo Trajano	Belém	43 min.
II	C04CZbg131193	“	Doralice Tavares	Belém	12 min.
II	C04CZbg101293	“	Josenilda Tavares Francisca E. Aguiar Leilane Pimentel	Belém	20 min.
III	CL07CZcd130394	Cláudia Macedo	Lindalva Damasceno	Belém	15 min.
IV	CL09CZsou180694	“	Marlene P. Matos	Belém	45 min.
V	CM03CZsb191093	Simone Brito	Raimundo Oliveira	Belém	35 min.
VI	CM05AUcoq27049 4	“	Francisca Cardoso	Ananindeua	35 min.
VII	E03CZter231093	Patrícia Garcia	Francisco A. Lima	Belém	27 min.
VIII	E05AQmur141194	“	Moacir de Medeiros	Vigia	58 min.
IX	KK05CL220397	Elizabeth Raiol	Zé (Dequias)	Marajó	05 min.
IX	KK05CL	“	*	Marajó	08 min.
X	KK06CL220397	“	Francisco	Marajó	07 min.
X	KK06CL230397	“	Alfredo Cunha	Marajó	09 min.

ANEXO I

FITA C01CZter110993

(tempo de gravação: 43 min.)

P. seu nome completo↑

If. raimundo trajano de soza...soza com z

P. hum:: o senhô é meu parente ((risos))

P2¹. sua idade↑

If. setenta e sete...e mais uns trocado ainda↑↑

P2. ((risos))

P. setenta e sete anos bem vividos

If. hum↑

P. setenta e sete anos...segura aqui (inc.) ((dirigindo-se à outra pesquisadora))

P2 [(inc.) a sua profissão↑

If. ahm::...era braçal

P2. era braçal↑

(10 s.)

P2. aqui é a:: rua né↑...PASSAGEM

If. [passagem vitória

P2. passagem vitória↓ o número daqui↑

If. [trezentos e um

(10 s.)

P2. dezesseis e trinta

(28 s.) ((há um diálogo entre as pesquisadoras que não está audível))

P. seu trajano

P. o imaginário nas forma narrativas orais populares da amazônia
paraen::se:: sá::bado...dia onze de setembro de noventa e três

P2. dezesseis e trinta

P. dezesseis e trinta...(4 s.)(risos) e aí seu trajano o senhô tem pra contá pra gente↑

If. [bom

If. quando eu cheguei aqui na:: terra firme...foi em DEZEMBRO
de cinquenta e sete...esse nosso bairro...era muito atrasado...
mas...atrasado tanto no no na::...comércio...como também no
tamanho...naquele tempo...só a rua...que já::...se via
alguma coisa...era celso malché MESMO ASSIM ela não chegava::
ainda na eletronorte...ela chega::va ali mais ô menos por'ondeP. [hum::
é hoje a casa do preto por' aí assim...aí terminava...AQUELAS
TRAVERSAS...MORAES aquilo pr'acolá não tinha...LIGAÇÃO não tinha...
tinha passagem comissário↑↑...tinha são domingo↑↑...mas só io...
até na:: na passagem caritas

¹ A entrevista é conduzida por duas pesquisadoras. Identifico como P a pesquisadora mais ativa na condução da entrevista e identifico como P2 aquela pesquisadora que menos se manifesta durante a gravação.

P. essa'qui que passagem é↑

If. aqui↑

P. é↑

If. passage vitória

P. passagem vitória↑↑você anotou↑ ((dirigindo-se provavelmente à outra pesquisadora))

If. passage vitória...existia a dois de junho...existia a são pedro...mas também eram curtas não eram o tanto que tem hoje em dia...aquela casa de (inc.) não existia...e foi coisa que nasceu depois...aquela:...lambaris também não existia a tico-tico não existia (inc.) ((barulho de ônibus)) então:: só existia::... aqui esse:: bolinho

P. e:: por que que o:: nome daqui é terra firme↑

If. [porque esse/
realmente é só onde é terra firme é aqui
porque pra todos os lados são alagado...e ficou esse::

P. [mas é
essa (inc.) de terra que é que é firme mermo aí
deram o nome de terra firme daqui que partiu

P. [daqui que era::
o nome pra todos os lu:: os lugares muito embora que
pra lá não tem nada de firme não tem nada de fir-meza

P. [((risos))
mas:: devido esse pedacinho aqui aí::eu:: é o BAIRRO aí
ficô o bairro de terra firme...é isso↓

P. [aque aquela igreja ali é antiga
é também↑

If. a igreja...quando eu cheguei aqui...a igreja que nós::
participávamos da missa era uma CAPELINHA...
ficava NO MEIO DO LEITO DA RUA mais ô meno ali
emparcado com aquelas casa daquele preto que
fazia (inc.) o S né↑...era no meio tão
no meio da rua...que se a porta tivesse aberta era
preciso a gente torcê assim se quisesse entrá na
porta (inc.)...então aí o:: o os donos da é da terra...
que:: a família C N começô a aperriá::
acoxá pra gente fazê logo a igreja que era pra tirá
aquela/ porque ficava no leito da rua mesmo↑↑...aí
quando eu:: cheguei...a igreja:: católica SÓ-A-
PA-RE-DE que estava na altura que haveria de sê era a
parede do oitão...TODAS AS OTRAS PAREDES
uma estava com metro mais metro e poca coisa...aí nós
fomos trabalhá...os recursos muito ínfimos muito::
pequeno...ENTÃO o seu S qu'era o:: quem dirigia
a igreja...ele pedia exigia de nós católico...duas hora de
serviço por noite...mas aquelas duas horas se

P. [hum
transformavam em quatro...porque nós começávamos
às sete e íamos até:: às:: onze horas da noite agora'quilo
ali::...era um trabalho:: em conjunto homens mulheres

P. [hum::
e crianças...uns carregando PEdra otros carregando tijolo
otros quebrando pedra otros fazendo massa otros sentando
tijolos ...TODA NOITE era'quilo se/ DE SEGUNDA À SEXTA
quando era sábado...se fazia um arraial...aquele arraial constava de de venda
de CAFÊ de chocolate que naquele tempo não se falava nescau...era
chocolate era:: esse:: tacacá...era:: esse otro:: vatapá

P. [hum:: [hum::

tinha um jogo que se chamava bole bola...tinha otro jogo dos caneco...tinha uma brin uma brincadeira de preá...tudo isso era meio da gente angariá dinheiro pra na otra semana...torná a comprá aquele materialzinho com que in se trabalhá isso era::...mês acima mês abaixo (inc.)

P. então foram vocês que construíram...essa igreja (inc.)↑ o senhô/ conhece muitas história assim:: tipo de fantas::ma↑

If. não:: não tem essa história de fantasma sim / eu tenho:: hem::

P. [daqui↑
alguma:: alguma coisinha poca mas eu não dô lá muita conversa
[me conta P. sim
pra fantasma eu:: não sô muito assombrado mas nós vamos às otras histórias...aí...e quando a igreja...chegô

P. [sim ((risos))
no ponto que havera de sê...faltô material faltô madeira pra atracação...e nós recurso não tínhamos de jeito nenhum - eu era o:: te tesorero...da igreja - naquele:: tempo apareceu por'aqui um:: deputado...apesar de não tê nada de católico...mas com os fitos de:: distribui simpatia... ele:: s'ofereceu pra dá uma ajuda...aí lá entre os pares dele...ele adquiriu quarenta mil cruzeros - ora quarenta mil cruzeros naquele tempo era uma fortuna - com aqueles quarenta mil cruzeros nós fomos na:: na tavares...compramo TODA MADE MADERA maderame do arco TODINHO todinho e linha PERna manca ripa tudo tudo compramo tudo ficamos devendo sete mil e duzentos cruzeros...no total tudo aquilo deu quarenta e sete e duzentos... aqueles duzentos aqueles sete mil e duzentos nós fomos fazendo aqueles arranjos aquelas aquelas festinhas à noite:: SÁbado e tal conclusão que::...pagamos...aí ficô aí:: a a igreja atracada...mas sem telhas...ficô descoberto...aí o seu S trabalhava ao velho I proprietário do guaraná (inc.) - guaraná muito gostoso que tinha naquele tempo -

P/P2 ahã ahã
E ELE ENTÃO...e ele está:: ele mandava buscá telha pra cobri um::...uma grande:: vila de casa que ele tava fazendo E OFERTÔ (inc.) mas nós também não fomo dizê que não queríamos...aí pedimos oito mil telhas...com aquelas oito mil telhas nós cobrimo a casa sobramos quarenta e cinco telhas...de oito mil...só sobraram quarenta e cinco...mas ficô sem porta...a primera missa que foi celebrada aqui foi pelo bispo de soures - foi uma pena...tê me passado isso pela lembrança e eu não tê tomado nota do nome do bispo e o dia a data da da:: da:: da primera missa - mas ele fez um sermão muito bonito...aonde ele disse que parece que em cada palmo quadrado daquelas paredes ele estava:: vendo o retrato das mãos calosas daqueles homens...que com tão boa vontade tinham construído aquela igreja...NAQUELA MISSA pontificô o prefeito do da cidade...que era o dotor L A C...e o secretário dele...aí fizeram o a oferta...o:: prefeito deu cinco mil cruzeros...o secretário deu:: mil e quinhentos a renda...da coleta...rendeu dois mil e duzentos...o bispo não levou nada...dexô tudo pra igreja...com todo aquele arranjo nós compramos as as:: as tábuas...réguas e seu:: M S...e seu O...engendraram as porta...foi com toda essa dificuldade para nós conseguirmos a igreja da terra firme↓

P. a igreja da terra firme

If. é...foi com toda essa dificuldade MAS...faltava acabamento...aquilo só só era:: parte:: terra...mas bem...e os acabamento↑ ninguém tinha recursos aí continuamos sempre... naquele:: trabalho...aí nisso...saiu:: tinha um padre...que tinha sido de queluz...estava em:: santa terezinha no jurunas...aí nos presenteô... com a máquina:: cinematográfica...(4 s.) mas nós não tínhamos lu lu lugá pra trabalhá com ela...aí fomos fazê::...um:: salão...(5 s.) atrás da igreja... coberto de palha...acontece que nós:: passamos pelo um lapso... ninguém pediu ordi...ao padre de queluz que a igreja era era subjugada lá...fomos fazê de nossa própria cabeça...aí o:: o padre de lá sóbe...aí veio aqui zangado...o seu S...apelô para ingnorância...ele discutiu com o padre...MAS eu...compreendi eh::

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

o negócio ti tirei a:: razão...nossa entreguei pro para o padre eu disse *é seu S...realmente nós pe/ nós nós pecamo...nós erramo...mão mão à pal palmatória quem é o vigário da igreja é o padre F...tão::* o direito todo era dele ele devia sabê ele era quem devia orientá co como era pra fazê...ai o S compreendeu a minha jogada...ai (inc.)...pediu desculpa...ai o padre amansô - a humildade sempre é contra a soberba né↑ - o padre amansô...ai foi:: disse S como é que tu queres

P. [6
trabalhá e tal...tu tens máquina↑ ele disse tenho...nos foi presenteado uma máquina ele viu a máquina achô interessante...ai foi disse tu tem filme↑...ai foi e disse eu não tenho mas tem umas casa aí...que aluga filme ai ele foi disse esses filmes que essas casa alugam...são consoante...com:: o ambiente...da igreja↑ ele disse tem pra tudo...ai deu o nome dos filme ele disse é bom...ai foi disse S...tu tem BANco↑...ele foi e disse não tem padre...eu:: tô com vontade de comprá umas duas dúzia de tábuas e um (inc.)...ai antes de passá:: a fita...eu faço uma preleção... digo pro pessoal a situação que nós estamos (inc.) pra angariá dinheiro...pra fazê fundo pras despesas que nós tamos (inc.) ai o padre foi disse S...eu tenho um bocado de banco lá...eu:: renovei os banco da igreja tão tudo novo...e tem um bocado de banco lá...tão velho...mas ainda serve tu queres↑ ele disse quero↓ tem uma coisa tu manda buscá amanhã↓ ele disse mando↓...ai tinha um moreno pra'colá mandaram chamá ele ele foi disse passo lá onze horas...ai eu disse eu vô ajudá a embarcá os banco ele pegô e disse não precisa...eu tenho um rapaz lá do lado trabalhando quando o carro chegá eu mando embarcá dentro de duas horas dentro de meia hora tá'qui... ai veio os banco↓ esses banco...perduraram até um tempo desse...daí foram pra (inc.) andô se dando uns por lá um dia desses o pessoal da escola eles mandaram o último que tinha lá na:: na (inc.) então foi com toda essa e::ssa:: SAcrifício que nós::...conseguimos a...a fazê a igreja e nós e não foi só nós que:: conse/ que enfrentamos a e:: sacrificio não...foi toda todos a a assembléia de deus quando nós chegamos aqui era uma humilde casinha...também o:: nossos irmãos crentes eles enfrentaram sacrificio também pra fazê a igreja deles...era qualque coisa ora quando nós chegamos aqui...só tinha uma escola...essa escola que realmente...funciona aqui...ela funcionava...ali frente onde é hoje o:: posto médico

P2 escola celina galvão

If. é como↑

P2 escola celina galvão não é mesmo↑

If. é:: karina galvão é é hoje...ela tinha o nome de de diva:: assunção...em homenagem à...esposa de um dos nossos governadores que teve no pará o general A Z de A que governô o pará de 50 a (55)

P. e o governadô nessa época↑ da construção da igreja

If. [o governadô na na era o governadô era:: era ele o A e o prefeito o dotô I. C

P. [hum::

P. hum:: e vem cá aqui na terra firme não tem:: cemitério também↑

If. CEMITÉRIO↑

P. cemitério ((risos))

If. nunca teve

P. não↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. nunca teve

P. [aqui só:: só a igreja né↑

If. só a igreja

P. [a praça

If. igreja escola

P. hum::

If. não existia supermercado

P. hum::

If. o estabelecimento comercial...que tinha sempre foi bonzinho
pois era do seu A...é...e tinha o do G...é...mas não tinha
supermercado...nunca teve banco...nunca teve um cinema...só o
que funcionô na igreja é é é funcionô na igreja é é

P. [cinema da igreja ((risos))

If. [é:: cinema da igreja
era esse que que o padre

P. ah:: sei

If. então:: era era

P. [cineminha né↑

If. [só só passava...filmes...decentes filmes

P. [bíblicos

If. bíblicos é:: era::

P. [tinha nome esse cineminha↑ ou era::

If. [era são do:: era:: era:: o::...cinema são
domingo de gusmão

P. hum::...cinema

If. [e a igreja também

P. [cinema olímpia também logo surgiu o olímpia

If. como↑

P. logo que surgiu o cinema olímpia

If. [ah já existia

P. já tinha o olímpia↑

If. já existi:: já tinha o olímpia

P. [hum::

e já tinha aquele:: ANTIGO que deu o nome até a rua o::
independência...é o independência↑↑...aquilo era o:: já tamo o::
fugindo pra otros bairros né↑

P. é ((risos))

If. é é pois é tem otros otros otros

P. [só um parênteses ((risos))

If. é tem o iracema...é é:: mas isso já é lá pra fora aqui nós nunca
tivemo cinema...nunca tivemo:: banco...nunca:: tivemo/ casa

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

lotérica veio aparecê um tempinho desse é:: não existia

P. [hum::
farmácia naquele tempo não existia essas coisa...a...a celso
malché...nas'á nas'águas grande na hora de maré ia até
o:: o meio da pema da gente a água... (inc.)

P2. [(inc.) águas águas grandes por
quê↑

If. porque em mês de março...sempre o pessoal (inc.) das'águas grande
que é quando o o o:: inverno...é o mês que a:: chove mais aí acoxa
quê dizê que as'águas cresce aí com a força da maré aí:: transborda
aí vem:: é:: aí vem invadi aqui:: é::

P2. [invade

P2. então aqui é praticamente uma ilha né↑

If. [é uma ilha sim...ALI...naquela rua que
chamo::... (inc.) VILHENA ali era um
igarapé...ali era um igarapé...ali mataram
a:: uma sucuriçu bem no meio da da
rua com:: TRINTA E DOIS palmo de TRINTA E
DOIS pé...de de comprimento...bem da da
onde é hoje/ NÃO TINHA essa estrada dali...
também mas tinha uma um:: caminho...que
dividia a terra do agrônômico cau a terra aqui
dos A e era uma::...caminho de estrada
até largo...que graças a intrepidez do:: de A
N foi a primera vez que entrô carro aqui
na terra firme foi por aque aquela estrada A
N troxe aque↓

P. [A N↑ quem é↑

If. [sim aquele que chamavam
(safaru)...era um político antigo
que teve aqui já morreu

P. era prefei::to↑ que ele era↑ era

If. [não ele era um político

P. [hum::
(inc) assim:: vereadô:: essas coisa

P. alguma coisa assim

If. [é mas nunca foi:: não era daqui mesmo...é outra coisa...um
atraso...da terra firme...eu creio...que é isso que a terra firme
não de-sen-vol-ve porque é um lugá é/ um bairro ex-plo-ra-do
pelos políticos de fora...políticos que passa ano dois anos não
vem na terra firme...mas quando avizinha-se um pleito eleitoral...
aí invade a terra firme...na cata de voto...atrás de voto e depois...
que se elege a adeus terra firme só venho quando se avizinha

P. [nas próximas eleições

então eu gostaria muito - ainda hoje eu estive falando com a
professora - PORQUE não se faz uma força PORQUE não se
faz não se vai com os juízes...porque não não se cria o:: o negócio de
voto distrital...porque é uma coisa de muita necessidade CADA
BAIRRO se mantesse ELEGESSE seus candidatos de acordo com
o voto (inc.) não era o camarada vi buscá os votos aqui e depois
esquecê de de de quem os elegeu (inc.) QUANTO ao que
você falô de de fantasma...eu só um cara meio desassombrado...eu::
uma vez eu vi por duas vezes...eu vi uma novidadezinha aí...CERTA
OCASIÃO...eu acordo do sono da noite e vejo a a cachorra (inc.) do
vizinho latindo muito apressada e os dois qu'eu tinha'qui e um:: do do
vizinho que tem ali↓ eu acordei eu:: saí na janela...vi um:: negócio num no
meio da da rua...NÃO PODIA sê um cachorro porque era muito grande

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

pra sê um cachorro...NÃO ERA um jumento porque era muito pequeno
pra sê um jumento...parecia uma raposa mas era muito grande

- P. [(risos)
pra sê uma raposa...e a cachorra do vizinho vinha perto...o bicho
a cara era a cara do cachorro...mas muito grande os dente
era alvo como coco...quando ele arreganhava os dente ((arreganhando a
boca)) a cachorra coitada corria (inc.)...aí eu fui disse o:: já sabia que é
isso...peguei um torção joguei aí:: aí um andarção muito mole veio aqui pra
frente de casa *agora não...eu solto meus dois cachorros tu solta o do seu B e
nós vamos fazê uma força* mas quando eu puxei a trave da porta ele deu um
pulo assim por cima da cabeça e pulô lá dentro do mato (inc.) era::
essa::...onde é esse grupo hoje em dia...caiu pra lá e pra trás e eu não soltei os
cachorros

If. o::

[I]

- P. o senhô viu o senhô viu da de frente da:: casa↑

If. é em frente da da minha janela...não não sei que bicho era aquele OUTRA VEZ

- P. [hum::
isso faz pocos dia...os menino dexaru o carro aqui e eu com medo de robarem
despenarem o carro eu disse eu vô dá guarda...e tive aqui até/ mais da meia-noite...
quando foi umas uma meia-noite...passô um camarada ou uma camarada
não sei que era empurrando um carrinho de mão...eu vi o carro de mão
mas não vi quem ia empurrando o carrinho ((imita o som do carrinho))
passô aí por debaixo da...eu eu vi o carro de mão vi bem que era um carro de
mão de madeira mas não vi quem ia empurrando...depois que aquela
novidade passô aí passô um garotinho assim aparentando dois pra três anos...
aí eu foi disse não pode uma criança dessa...uma hora dessa...uma meia-noite
aproximadamente meia-noite SOzinho por'aquí eu digo vô pegá essa criança...vô levá
no posto...que quando eu destranco a porta que saio...pensando (inc.) o garoto sumiu-
se...desapareceu misTERIOSamente

- P. desapareceu pra lá↑

If. desapareceu

- P. ele tava vestido como↑ o senhô lembra↑

- If. vestidinho (inc.) desapareceu...tão foi as duas coisas qu'eu ti::ve::
(inc.) às vezes eu saio GRAÇAS A DEUS...há uma visage que disse que
ataca muita gente boa aí marginal essa gente graças a deus eu nunca fui
atacado por ninguém graças a deus já fui...camarada:: meteu a a mão no
meu bolso lá na na feira mas DE DIA...se eu tivesse u::ma arma é a
desgraça dele mesmo mas eh::...eu não tinha arma...o camarada pegô
dinheiro do meu bolso lá na na/ mas di dizê que eu já vi u::ma VISAGE
uma ALMA estô com SETENTA E SETE ANOS...nunca vi uma alma
não sei de que jeito é

- P. tá ótimo

- If. agora pode:: se vocês ainda tiverem alguma dúvida pode perguntá SE aqui::...
da são pedro até acolá na dois de junho isso aí já teve um alto TÃO grande...
que só quem pode informá mermo é eu é o C E é o se seu G
era um alto TÃO grande

- [
P2. (inc.) alto↑

If. sim

- P2 é terra terra↑

- If. SIM que daqui a gente não avistava as casa do otro lado aí vieru tirá::
piçarra aí...fizeru uma vala que o carro não dava (inc.) ficô que era coisa
pra gente andá era um sacrificio...(inc.) escorregava (inc.) hoje é é desse jeito

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

fizeru casa C comprô terreno mas era um alto uma coisa desconforme...
tanto é que inda hoje chamu pico da pi da piçarrera...é::

P. [pico da piçarrera
[agora é terra firme
né↑
[(inc.)
[
P. conheço ouvi lá

If. é:: é:: ali era a piçarrera...mas alguma coisa↑

P. sim mais alguma coisa↑ ((risos))

P2 é o senhô falô em torrão que significa isso↑

If. torrão↑...bem torrão é o o::...torrão deve se se considerá...o lugá...aonde se está o
lugá onde se vive...o lugá onde se nasce meu torrão:: sa/

P. [meu torrão natal
meu torrão natal...é:: esse aqui ENTÃO terra firme...lucrô esse nome por
causa deste torrãozinho enxuto...no mais pra trás tudo é alagado tudo é
alagado

P. por isso qu'eu não entendia ((risos)) porque que era terra firme

If. [é:: [é pois é TUDO é alagado pra
lá OLHE não existia eletronorte...existia uma rua que ia pro
acolá...que se chamava...a rua da castanhera...nascia do canto
do terra firme sport clube...daquela:: rua penetrava até lá dentro
era uma aquarelazinha enxuta...é tinha umas bananera tinha
umas casinha umas duas o três casa...chamava-se rua da
castanhera porque tinha uma castanhera AQUELA castanhera
foi:: foi:: distroçada pelo um curisco...raio...caiu nela e partiu de
meio a meio ficou uma banda prum lado e outra pra outro...quebrô
os galho e a partiu a castanhola castanhera não era castanhola
não CASTAnhera daquela mesmo que dá castanha pra gente
comê...pá partiu a castanhera mesmo ficou uma banda pru lado
outra pra outro o C sabe disso...(inc.) aí com o serviço da
eletronorte...aí acho que cortaru:: o pedaço da castanhera (inc.)
deru:: um:: um:: outro outro lugá pras pessoa que moravu lá aonde
na entrada lá morava aquele finado A deru um terreno uma casa
pra ele aqui na na...na são são na são sebastião

P2 [na são sebastião
é e tiraru de lá (inc.) mas a a eletronorte/ menina eu queria que você
visse onde está hoje essa beleza magnífica luz aí (inc.) tudo
mais...mas se soubessem quanto aquilo custô...ali tinha é LAGO mas
lago que tinha cobra enorme↓...uma vez

P. [sucuriju↓
uma/ sucu surucucu não sucuriju...eu fui uma vez levantá uma casa
de uma senhora...procurando um lugarzinho enxuto pr'ali e pr'acolá e
não achava...achei um:: bejuzinho assim...enterrei os esteio...aí um
rapaz foro fizeru a casa com pocos tempo a casa começô querê se
sumi...o padre F foi lá...teve muita compaixão aí foi aqui na são pedro
aqui...era o fim da são pedro arrumô um terreno aí aí por intermédio
dele a rapaziada fizeru outra casa e tiraru ela de lá...aí chegô o ser
serviço da eletronorte...veio um rapaz aqui que era nosso conhecido ele
disse que trabalhava se-ssen-ta ca-çam-ba...dia e noite

((A fita precisa ser trocada. Provavelmente, perde-se alguma parte da entrevista))

If. se quisé fazê uma pesquisa dentro da da eletronorte...você chega encontra uma
beleza...coisa...gente é:: gente bem educada...eh::

P. [lá/ eh:: lá que tinha muita cobra↑

If. ti::nha:: lago que tinha cobra tinha...de lá pra cá tinha outro lago ali...(inc.) da::...
dessa rui barbosa...qu'eu comparava chamavu la lago verde eu chamava era o

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

mar morto...é porque:: ia água vinha água desde a são luis passava'qui...nessa VALA qu'essa vala fui eu quem fiz↓...vocêis tão vendo essa valazinha aí...mas custô meu serviço não foi prefeito↓ que o prefeito da da da da minha casa sô eu... nunca pedi a prefeito pra vi fazê nada pra mim...ca:: cavei essa vala até acolá ela continua na baixa...aí pega a baixa e vai embora e vai despejá lá e ia despejá lá na ne nesse tal de lago verde...LÁ era como o mar morto não tinha para onde corrê... toda água ah:: ficava ali só vendo...(evaporação) lá também disque tinha cobra grande

P2 seu trajano uma pergunta o senhô nasceu aqui na terra firme↑

If. NÃO:: EU NASCI EM IGARAPÉ-AÇU no dia vinte e cinco de junho de mil e novecentos e dezesseis

P2 hum e o senhô chegô aqui já existia pessoas↑

If. ih:: como existia↑↑

P. ((risos))

P2 já tinha pessoas↑

If. ti::nha:: tinha a dona M B que morava bem ali...tinha o seu M com a família dele que morava lá de junto da igreja que era o

P2 sim
sogro do S↓...é o pai daquele:: senhô que morava eh::...qu'ê crente também↓ que mora::...já já na são do:: já na celso malché↓...chamu pai velho↓...tem otro:: que mora aqui:: no::...aqui no:: o:: eh:: o pai daquele:: senhô que daquele garoto que morreu afogado...o A...A

P2 o A
também era era genro dele...e a cunhada desse...mora lá era a família do seu:: do seu/ existia a dona T...aquela eh:: dona T do seu R do seu R...já existia aqui...existia com' é↑ o seu J mas inda morava pr'acolá↓...depois ele comprô o terreno ali/ bem ali...existia seu R N acolá↓ existia seu G↓...bem aqui é::...seu seu G é velho nesse lugá também...é um:: que pode dá muitas explicações também...é:: o seu R N↓ o seu R↓ a dona T apesá da dona T sê muito surda...ela só:: só atende se ocê falá com ela...frente a frente por trás você cê pode gritá que ela...é:: pois é quem é seu A↓...já existia:: a aqui aquela família do comprade B a P↓ os homi já morreu tudo é tudo aqui são gente velho eh:: moravu:: (inc) tudo isso era moradô que tinha então tinha muito moradô aqui↓ tô dizendo quando eu cheguei já o seu seu

P2 hum::
A já era comerciante é:: ali...o O já era comerciante...é::...a o o a casa do O chamava chuva de prata...é::...existia:: ah:: algum:: alguma civilização aqui

P. ((risos)) alguma civilização↑↑

agora...que a existia mui::to e não existe hoje era açaiçal também...é...

P. hum:: tinha muito açaiçal na terra firme↑

If. ti::nha muito açai tinha

P2 tinha muito açai aqui↑

If. tinha muito

P. hoje em dia não (inc)

If. é:: não tem porque o pesoal foram fazendo casa foram::

P. cortaram né↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. é foram cortando tudo

P. mas eles viviam do açai antigamente↑

If. não↑↑ não vivia do açai mas pelo me pelo menos tinha açai pra
tomá qu'era uma beleza

P2 ma/

[[

P. tinha açai no quintal↑ ((risos))

If. é::

P2. é tem poco né↑

If. é tem poco

[

P. nem tem mais ((risos))

If. mais

P. então...e tu...alguma questão↑ ((dirigindo-se a P2))

P2. é a formação...qual a formação seu trajano↑

[

P. o senhô é aposentado↑

If. aposentado por invalidez

P. ah::

[[

P2. o senhô estudô até::...primero grau que escolaridade↑

[

If. não:: eu eu...eu só:: só sô só
arfa arfabetizado

P2. qué dizê antigamente chamava até quinta séri né↑

[

If. é:: sim

P2. colegial↓ era colegial↑

If. que nada eu eu aprendi lá dentro daquelas capocera...(inc)

[

P2. não::

[

sei::

P. (o senhô) chegô a trabalhá↑ sim né↑↑ o senhô trabalhô

[

If. trabalhei

ali naquele

[

If. trabalhei no (seu B) bem uns cinco anos

[

P2. mas o senhô sabe escrevê
assim o seu no::me↑

[

If. sei escrevê e contá sei as quatro
operação fundamental fração com

[

P/P2. ((risos))
tudo quanto é coisa

P2. legal↑↑

[[

P. o senhô trabalhô no↑

If. sobral irmão

P. sobral↑

If. irmão

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. qu'ê que o senhô fazia lá↑

If. fazia serviço de de armazém...e também fazia serviço na usina de arroz

P. e aí↑ ((dirige-se a P2)) tudo certinho né↑ brigada seu:: trajano

If. olha:: quando vocês precisarem de qualquer coisa... por'aqui a gente está sabe↑

P. tá bom

If. o que vocês precisarem...a gente está por'aqui enquanto deus não chamá né↑... sim como eu ia dizendo pra vocês eu nasci...em igarapé-açu na colônia de igarapé-açu OITO quilômetros da cidade lá MAS eu não conheço meu torrãozinho natal porque me tiraram de lá com um ano de idade me levaram

P. (inc) pra nova timboteua me criei nas colônia de nova timboteua conclusão é

P. ah eu conheço↑↑ conclusão qu'eu NUNCA fui lá no terreno qu'eu nasci...nunca fui

P. e o senhô viu muitas histórias assim lendas amazônicas↑ da matinta perêra↑ por esses interiores

If. é:: histórias da amazônia existe muito...pelo meno::...história triste... aquela:: histórias daquele negócio do Z J do jari...aquilo ali são histórias triste...(inc) cê sabe:: o qu'ê um pobre...se dirigi do ama/

P. (inc) do do do nordeste...lá dos estados do nordeste compreende a paraíba o:: pernambuco ceará rio grande do norte parte do piauí...e aqueles pobre...(inc) a amazônia em busca de dias melhores em busca de um ganhozinho (inc)...quando a fê ia buscá era a morte...trabalhá anos anos e quando acabá morrê pelo qu'ê seu...como foi o caso de um meu parente...é...(inc) do amazona dexô o milho encostado o o pai dele... e era um homê sabido...chegô lá trabalhô...teve bom saldo...ele lia os jornais sabia de tudo...aí fez as conta todo...quantos dias ele gastava de de de:: rio a a aqui quantos dias ele gastava de::...navio pra fortaleza quantos dias ele gastava lá:: pra chegá na paraíba aí...na carta dizia falta tantos dias pra nós nos abraçarmos e bucado de coisa e outra e esse dia tão almejado tão suspirado não chegô...esperaru esperaru a mãe dele com um peruzão cevado...esperando o filho e esse dia TÃO:: almejado... não chegô ((sussurra))...com muitos tempos um filho dele veio a fortaleza e contando a história disseram que tinha uma casa qu'ê lá os pertences das pessoas...ele foi lá encontrô uma ropa de trabalho do pai... rapaz no no no::...nos hotel (inc)...por'isso hoje o povo diz assim ah↑↑ fim de mun::do...é o fim de mundo...é justiça que tá'vendo...os marginais os... não é de hoje...não é de hoje não...isso vem de lon::gos tempos vem dos primórdios...(inc)...essa sujera vem de longe...o camarada...esse Z J do jari um desgraçado - deus deus que me perdão↑↑ deus que te dê o perdão↑↑... qu'ê qu'ê ele não teja sofrendo não vá sofrê eternamente - é um sujeito sai do ceará rico como jó rico como jó e se colocá acolá...naquele - agora vô:: o:: ocupá:: um um lugá novamente - vão aquele to torrão infernal...e ali i chupá o suô o sangue a vida dos irmão e se torná:: um um nábabo u::ma:: riqueza in:: incommensurável à custa da do suô e da vida dos otro isso é doido né↑... é doido...se a gente fosse contá as história de de Z J do jari era uma uma uma coisa terrível...tinha ele tinha o cunhado:: qu'era mais ruim de que ele um tal de D e tinha o o:: bandido F qu'era o:: o o encarregado de matá as pessoa o pobre:: é trabalhava lá quando chega lá ia prestá conta...chamavam ele de senadô...senadô eu quero i embora pois não ((imita um outro tipo de voz)) - que dizem qu'era fanhoso esse cabra danado - mandavam fazê a conta do PAGAVAM a pessoa davam dinheiro o camarada coitado saia tão satisfeito quando chegava lá na frente...o bandido tava por trás de um de um de um pau mandava bala matava pegava o dinheiro e...era...

P. como ele inda tem muitos hoje

If. e era...e é longe↑ e é longe de nós↑

P. não é

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. tanto pió que não

If. é...olha ali em capanema...a capanema tem um:: um pedaço de estrada...

P. hum
que chamam o o o ramal da morte...(inc) não tinha pra lá não tem casa assim...no meio do terreno assim naquele ramal pra lá...mas (inc) (vira comida de) urubu vão pra lá corpos dos...é...(inc) tem tem capanga pra isso...pobre vai passando...pega...obriga levá pra lá mata ô mata dentro do carro quando chega lá joga por lá traz o carro é (inc) o que que tem que fazê com o carro é assim...(inc)

P. hum...tá bom então né↑ ((sussurra)) brigada seu trajano

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO II

FITA C04CZbg131193

(tempo de gravação: 32 min.)¹

P. sábado dia treze de novembro de mil novecentos e noventa e três
quem vai falá é a doralice↓

If. esse:: esse:: lá lá:: no interiô tem um senhô que o nome dele é B...esse
sobrado ele:: mora bem perto do rio...e ele falô que tem uma senhora
conhecida dele que gostava muito de i pra praia cum ele...e pegá negoço
de peixe essas coisa quando foi um dia ela foi menstruada...af ela falô
que queria i...que queria tomá banho no na praia na bera da praia af ela foi tomá
banho...na bera da praia mas ela tava::...sabe↑...menstruada af quando
ela veio de lá...ela falô que::...ela foi/ ah↑↑ ela ficô foi muito alegre que ela
já tá boa no no mar ela tava boa...af pronto ficô ficô dias na praia quando ela
veio de lá af ela falô quando foi de noite ela dormiu nessa noite mermo que...ela se se
ela sentiu já BOA af quando foi de noite ela sentiu...que do lado dela...
deitava um home...e ela falô...ela olhô ah↑↑ mas só tem o senhô só tá o
senhô af↑ e a outra colega dela deitada de lá e como tem esse home...af
ela olhô na cara do home a pele do home limpa limpa limpa o rosto dele
bonito ela em vez de...gritá ela já gostô...porque ela a achô o home muito
bonito

P. ((risos))

If. af ela veio de lá né↑... ((alguém se dirige à informante))

If. tá

((interrupção da gravação))

If. e af ele ele ela ele af essa moça essa mo essa senhora essa moça...af ela
ficô continuô:: a dormi com ele...e na noite seguinte de novo...quando ela
veio da praia...era uma noite...ela chegô na casa dela af ela viu...o rapaz
de noite chegô ela deitô:: ((inc)) falô que era pescadô... ficô pra lá af ela veio
pra casa dela...quando chegô na casa dela de noite ela sentiu o rapaz do
lado dela de novo af ela falô ele falô ah ele veio atrás de você↓ mas não
falô como...af ela ficô...passô passô quando foi um dia...ela...ela ela...
sentia a barriga dela i crescendo ela falô ah↑↑ mas ela tá gestante↑ mas
como↑...af falô ah↑↑ é da daquele rapaz↓ esperô um dia af ele disse pra ela
ela falô pra ele que tava gestante numa noite qu'ele apareceu...af ela ele
falô tá bom↓ quando af passô-se passô-se a barriga dela cresceu fez nove
meses...af ela fa/ ele falô pra ela olha↓...quando você::...quando dé dor pra
você ter o neném você vai pra bera do rio↓ você vai pra bera do rio...
af ela disse porquê↑ porque ele lá tá/ ele está lá e faz o seu parto↓...
af ela foi lá quando sentiu a dor ela foi pra bera do rio ter o neném...
e::...chegô lá na bera do rio...cum dor...af ela deitô já lá no MATO assim
na bera do rio cum muita dor quando ela viu apareceu ele...todo de branco
com uma saco/ uma pasta assim na mão...uma sacolinha branca com muito
material dentro na sacola...af ela falô pra ele que:: ela falô...ele falô pra ela
que...ele ia fazê o parto dela como ele fez o parto dela só que quando ele
tirô...ele tirô:: o neném...era um::...um boto...era um boto mermo O BOTO
MERMO ainda num tava nem...formado tipo ele como aparecia tipo rapaz...
ele apareceu tipo mermo um peixe um boto...e::...af ela...ficô cum muito
medo ele fez um sinal qu'ele ia levá que ele era um boto...ele ela ele falô
pra ela que eu que o pai era um boto...e ele ia levá o filho dele pro fundo
do mar...af pegô o o o boto enrolô cum pano qu'ela tinha...e sentô no rio...
sentô no rio...af quando foi af ela veio pra casa chorando desesperada -
af meu deus↑↑ até me espantei C...((risos)) acendê a luz↓ ((refere-se a
alguém que aparece naquele lugar)) - e a ((risos)) e af...ela desesperada...
ela ela desesperada ((risos)) ela desesperada e:: e::...chorando quando foi
uma noite...ela chorando tava chorava demais af ela se ela ovio o chero o::
como o choro do neném...o neném chorô de noite o boto chorô de noite...
e:: quando ela ele chorô ela ah:: ↑↑ meu filho voltô↓ af ela foi na porta se
levantô foi na porta...tava ele tava virado uma criança um bebezinho...tava

¹ Na fita há duas entrevistas realizadas em datas diferentes. Como após cada narrativa o pesquisador interrompe a gravação, optei por também registrar o tempo de cada narrativa ao final da transcrição de cada uma delas.

assim na porta da casa dela aí ela pegô botô no braço...e ele apareceu e falô
ele troxe ele só pra conformá você...que ela chorava muito né↑ e ele troxe
 o bebê pra conformá ela...aí tá ele ela agradô agradô:: bejô o neném ele tirô
 de novo do colo dela e levô...sentô de novo no rio...quando foi um belo dia...
 ela ela...estava trabalhando no roçado aí ela viu...chamare ela...aí só que o
 neném já tava grande já tava assim um...uns três anos...chamô por ela
mãe↑↑ mãe↑↑ ela olhô...era ele...tava o garoto...aí ele falô ah mãe↑↑ ela ele
sente muita saudade sua...você tem que des que:: que::...desencantá-lo...
 ela falô como↑ ele disse você papai ensina...aí desapareceu...aí apareceu
 já o pai...aí o pai falô pra ela que...que ele dava o neném pra ela...mas que ela fosse
 desencantá ele que ela fosse fizesse...um:: um:: um:: um negoço dum
 espeto (inc) quando o neném aparecesse NA ÁGUA...o boto bem
 pequeninho aparecesse ela procurasse...furá...saísse sangue...e quando
 saísse sangue ele:: desencantava...aí foi qu'ela fez e:: apareceu né↑...
 tinha três anos quando ela desencantô o filho dela

P. e viveu com ela↑

((interrupção da gravação)) ((06 min.))

P. doralice vai falá treze sábado↓

If. pois é...o:: o:: no interior...lá em curuça...parece um lobisome...que
 ele diz que come ele come SÓ...cachorro...gato...mas come só a a::...
 o corpo...a cabeça ele dexe

P. porque↑

If. e:: eu num sei porque mas parece-me que/ eu tenho um terreno...meu
 terreno fica...do lado da casa do seu B...desse terreno onde eu comprei...do meu
 terreno sai um:: um:: bicho de lá...e o seu B diz que é um bicho grande
 parece um cavalo...ele faz muito barulho ele já...já ouviu o barulho mas
 ainda não viu já ouviu...então ele diz que ele...que ele passô que ele...por
 trás da casa do seu B tipo assim um cavalo quando se solta e vem fazendo
 barulho trazendo na corda mato arrastando mato passa bem na cozinha
 da casa/ da casa do seu B seu B tinha um cachorro BONITO o cachorro
 do seu B...ele era capado...BEM GORDO o cachorro...ele COMEU...esse
 bicho ele viu o barulho...desse bicho quando foi uma quarta fêra à noite
 de madru/ assim umas hora da noite...ele viu o barulho e o cachorro latiu...
 o cachorro do seu B latiu e:: falô depois...ele disse é↓ ele foi embora...alguma
coisa algum cavalo que se soltou e:: - que era interior né↑ - se soltou...aí
 ele pegô...num ligô quando foi de manhã só tava o::...a cabeça do cachorro...
 o corpo ele tinha comido...ele foi no ninho duma gata...a gatinha tinha tido
 o:: gatinho assim...atrás da casa por debaixo do mato lá...e ele foi lá...o dito
 bicho tinha comido...o corpo da gata...dexô a cabeça e comeu TODO O
 GATINHO só dexô as cabeça tudinho no ninho...a cabeça dos gatinho...
 comeu todinho o corpo dos bichinho e dexô a cabeça lá...mas:: isso é o
 lobisome que falam que que aparece lá mermo no interior...que aparece lá↓...
 já em otras casa lá...o:: o pessoal falu que ele também já fez a merma coisa...
 dia de quarta fêra que some cachorro aparece só...a cabeça dos cachorro...o
 cachorro late pra ele mas se cala...aí ele pega o cachorro só aparece a cabeça...
 nesse lugá...só aparece a cabeça TODO MUNDO FALA que é lobisome
 porque aparece tipo um cavalo...e de manhã eles vão vê...tá aquele rasto
 horrível parece assim...o rasto dum cavalo mas é muito grande aquele rasto...
 no chão

P. a senhora já::...conhece alguém que tenha visto↑

If. eu conheço seu B

P. ele viu↑

If. viu...ele viu ele num enxergô bem o bicho mas ele disse qu'ele abriu a
 porta...quando ele abriu a porta da cozinha ele num teve corage o bicho
 era um mo/ assim...muito grande aquele barulho muito grande aí ele
 correu...fechô a co/ a porta da cozinha...e num esperô bem pra ele vê
 de perto qu'ele ficô cum medo

((interrupção da gravação)) ((03 min.))

LEI DO DIREITO AUTORAL
 Todos os direitos reservados e protegidos
 pela Lei 9.610/1998.
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou
 transmitido sejam quais forem os meios
 empregados: eletrônicos, mecânicos,
 fotográficos ou quaisquer outros.

P. continuando dona doralice↓

If. era uma vez um rapaz por nome/ um senhô por nome G...esse senhô...
 ele:...foi numa festa e teve lá uma encrenca lá cum e/ cum esse rapaz
 e matô o rapaz...quando chegava assim à noite alta hora da noite depois
 qu'ele matô o rapaz só qu'ele fugiu num foi preso...depois ele voltô pra
 casa dele:: e:: num pegô mais nada cum ele...e aí ele mas só que ele num
 dormia à noite...ele:: ovía aquela voz chamá ele...e falá pra ele está na hora↓...
 e a mulher dele...já...primera vez que a que aconteceu isso ela num ligô
 porque ela pensô que fosse algum amigo dele que tivesse...tá convidando ele
 pra i pr'algum lugá:: de noite...aí já era a primera...a segunda a terceira vez...
 ele ela notô qu'ele já tava ficando pá::lido...devido:: ele:: aí ela falô
mas mas três vezes já qu'essa voz te chama de noite tu te levanta↓ esse home
te chama de noite tu te levanta↓ e e:: te some já dias↓ tu demora a voltá↓...e::
e:: quando tu chega suado cum mau chero↓ ele fala ah↑↑ ele é colega dele que
vem chamá ele pra i pescá e ele vai pescá↓...mas não ele ia carregá o:: o::
 corpo...aquilo era o rapaz qu'ele matô...que vinha chamá ele pra levá e:: ele
 de LÁ...no ombro até no cemitério de curuça...e aí quando foi um dia o vizinho
 lá...falô assim ah↑↑ mas:: passa aqui um passa aqui um barulho...de um home
descalço que parece tá levando peso↓...e ficô olhando pela brechinha da porta...
 aí quando ele viu ele disse ah↑↑ o G vai levando um home no ombro↓...aí ele
 pegô olhô...quando ele olhô...ele passô na porta de casa assim ele passô assim...
 sabe↑ fungando assim de tanto PESO que o home ia...só qu'ele botô a a cabeça
 a a perna do home aqui assim...a cabeça pra cá o pescoço pra a cabe/a perna
 pra frente segurando...e ele falô que a cabeça do home mexia...sacudia de tanto
 ele...dele caminhá assim cum ele de gelo suado...aí diz que quando passô
 aquilo ele foi olhá atrás quando ele olhô atrás o home ia mermo andando G ia
 andando cum ele no no:: corpo...no colo...né no ombro né↑...e aí::...ele falô
 quando foi um dia...a mulher dele disse mas agora ele vai vê quem tá chamando
ele↑↑...quem tá chamando ele↑↑ aí...ele pegô...falô ela falô assim vô vê como é↓
 aí diz que quando foi um dia chamaram...chamaram ele aí ele...ele...ela se
 levantô e foi vê...aí ele pegô...quando ela ela ela...viu era um rapaz...ela::
 disse (inc) mas tá tem um chero mau desse home↑↑...aí ela pe/ entrô quando
 ela entrô...ela viu...ele já saindo assim aí ela saiu assim entrô...depois ela
 depois qu'ele saiu ela saiu devagarinho atrás dele foi olhá ele já ia carregando o
 home...ele já ia carregando o home aí esse rapaz ficô pálido pálido pálido...
 e:: até morreu...ele num pode mais andá ele morreu

((03 min.))

((aqui inicia outra entrevista registrada no outro lado da fita/ C04CZbg101293))

P. sexta fêra dia dez de dezembro de noventa e três↓ quem vai falá é a↑

If. Josenilda²

P. tá↓

If. era uma...terça fêra aí tava eu a S...a G e a A aí gente vinha andando
 pelo mato do do::...do parque...do emaus...aí a gente viemu pelum
 caminho lá pra bera da cerca...quando nós...quando chegô eu - ia na
 frente - quando chegô...perto do:: garapé aí eu disse qu'eu não ia
 mais qu'eu já tava cum medo aí a S falô não eu vô umbora↓ aí a
 gente fomo quando nós...olha...quando a gente dá uns quatro passo
 mais ou menos a gente viu umas ropa assim no chão cheia de sangue
 aí a gente bora embora↓ bora embora↓ aí não não↓ aí a S...procurando
 procurando alguma coisa e até que a gente fazemo um bilhete assim
 dizendo...eu vô te pegá de novo↓ aí a gente viemo embora...aí a gente
 ve/ tava cum muito medo a gente viemo embora correndo aí quando
 chegô bem ali nós:: falamu assim mermo não bora voltá de novo
pra nós vê se tem alguém lá↓ aí a gente fomo... aí quando chegô lá
 de novo aí...quando nós ia chegando perto aí a gente até se assustemo
 qu'era um velho que tava lá ajudando ajuntando a ropa e ele falava/
 a gente se escondemo assim no mato ele falava bem baixinho...é vô
escondê logo essa ropa antes que...antes que eles me pegue e eu danço
 aí a gente aí a gente fiquemo cum medo a gente viemo embora...aí

² Esta entrevista é feita com um grupo de pessoas. Considero como informante principal aquela que a cada momento da entrevista toma a palavra para apresentar sua narrativa.

quando nós chegamos aqui...na diretoria a gente disse pro E...aí o E pegô uma espingarda do:...vigia e troxe pra cá pro lado e quando nós chegamos lá já não tinha mais nada nem um pano...só tinha sangue no chão aí o E falô que não era mais pra nós andá pra cá...porque pra cá era muito perigoso aí por isso que eles capinaram tudinho aqui tiraram os mato a maioria dos mato...aí quebraram aí...pra ninguém não andá mais pra cá pr'essas banda...aí acabô ((risos))

((interrupção de gravação)) ((02 min))

P. sexta fêra dia dez de dezembro de noventa e três quem vai falá é a ↑

If. Josenilda...era um acampamento (inc) lá do bairro aqui do bairro do bengui aí a gente ia pra:...pra americano...aí quando nós chegamos lá...aí nós passamos o primeiro dia...armamos as barraca...passamos o segundo o terceiro quando foi no quarto...aí a gente fomo brincá de noite numa roda a gente fazia foguera no meio...do acampamento e uma roda grandona a gente começava a brincá...aí...o meu irmão mais velho falô assim eu vô deitá qu'eu tô muito cansado ↓ vocês ficam aí brincando depois vocês vão ↓ aí a gente fiquemos lá e nisso duas menina antes dele i deitá duas menina falaram que iam pra barraca qu'elas iam dormi qu'elas tavam cansada também aí elas começaram a conversá conversá e nós lá na...bera da foguera brincando aí lá vem um:...um ta/ u::ma MATINTA PERERA aí ela vai pega u::ma...uma lata de:: salsicha e leva correndo aí depois a minhas colega nem vejam lá de dentro da barraca aí elas ficam lá só conversando aí depois ele já vai/ a matinta perera já passa pra outra barraca...quando ela chega na outra barraca só tá o meu irmão lá dormindo aí eu OLHO assim aí eu vejo só ela lá olhando sério pra dentro da barraca assim brechando aí:: eu gritei *CUIDADO J tem gente dentro da/ tem gente te olhando por fora da barraca*...aí ele só levanta com tudo aí ela nisso ela:: a unha dela eu acho que era grande ela só dá uma agatanhada assim no na:: na lona da barraca...aí fica certinho as marca da unha dela lá aí eh:: aí nisso vem outras pessoa d'outro clube...vinham andando pelo outro caminho (inc) brincá com nós aí:: era só um:: rapaz que vinha na frente...aí ele vem...rapidinho qu'ele tava cum medo ele vinha nem cum lanterna aí a matinta perera corre cum medo lá de nós aí da d'encontro cum ele dá-lhe de cabeça bem no estômago dele...aí ele fica lá deitado de/ até:: num querê mais aí ela vai embora aí ele fica lá gemendo gemendo aí quando foi de manhã nós fomo fazê física aí...nós...perguntamos *cadê ele* ↑ *cadê ele* ↑ ninguém num achava ele...aí...o pessoal foram olhá lá no caminho ele tava lá deitado já tava se/ levantando assim aí ele falô pra nós que alguém tinha batido nele e ele não sabia o que era mas aí...o pessoal falaram que era matinta perera...(inc) porque sempre aparecia pra lá ↓

P. com'é que ela era ↑

If. ela era assim de cabelo grande unha grande toda pintada...e:: usava ropa:: branca ma/ camisa branca e/ e::...saia preta ↓

P. era nova ô velha ↑

If. num sei acho que ela era meio velha porque ela ia correndo assim desesperada

[quem ↑

If3 hum hum pensei qu'ela desaparecia

If [NÃO

If2 ((tosse)) [cigarro ↑

If cigarro ↑ NÃO ela não pedia

If2 [ela não te pedia cigarro ↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. NÃOO

[
If2 conheço uma história

[
If3 tabaco↑ eu conheço também uma história que ela...pedia tabaco

[
If. tabaco↑ [não BEBIA↓ não sabia se ela bebia também

If2 ela pedia tabaco↑

If não sei

[
If2 me conta outra agora (inc)

((interrupção da gravação)) ((04 min.))

P. sexta fêra dia dez de dezembro de noventa e três continuando↓

If. Josenilda↓...era:: no pantanal numa invasão aí tava eu...eh:: eu fui dormi pra casa da minha irmã porque o marido dela ia trabalhá ele era vigia e ia trabalhá ela não queria dormi só...aí a gente tava dormindo de madrugada assim aí:: ela acorda pra:: bebê água aí acho que a matinta perera tava olhando pra ela aí ela deitô de novo aí...quando ela já ia se embrulhá a matinta perera bate lá assim na parede ((imita o barulho e ao mesmo tempo bate palmas)) aí ela diz quem é que t'á↑at:: (inc) não fala nada aí depois...bate de novo aí ela fica preocupada que me acorda...aí digo o que foi↑o que foi↑ aí ela diz assim mermo olha tem alguém batendo na porta↓ aí bate de novo ei...vende taba::co↑ não:: mas vocês tenhu↑ não:: tem cigarro↑ não num sei aí ela foi s'embora assim depois ela volta de novo...ei...vocês tenhu::...é aquilo:: cachaça↑ não:: a gente num bebe aí ela foi embora lá pra bera do campo quando a gente chegô lá tinha um:: monte de cachaça...é aquilo:: tabaco tudo lá no chão...e ela tava é:: aquilo::...se ajoelhando aí ela suspendia a mão aí ela baixava de novo e começava a remexer a mão assim e dizia (inc) e gritava...aí ela corria pelo campo todinho e voltava ficava lá de novo aí corria de novo ficava lá↓...aí isso de:: ficamo cum medo e fumu logo dormi↓

P. mas era mermo a matinta perera↑

If. era:: o pessoal lá do lado tudo sabiam↓ aí::

[
P. existem várias matintas pereras↑

If. acho que existe aí tinha uma vizinha lá do lado que que a irmã dela era matinta perera ela dizendo lá

[
P. também era↑ como faz pra se transformá em matinta perera↑

If. ela::

[
If2 acho que eles mandu rezá aves maria rezum o pai nosso ((risos geral))

If. aí ela:: ela se transformAVA↓ ela fazia pacto acho com o diabo sei lá e ela se transformava...aí a vizinha falô que podia sê ela ela ficô até cum medo da irmã dela é podia sê ela aí...aí o pessoal iu:: iu sabendo assim ela ia pru banhero começava a fazê/ levava vela pru banhero de noite

P. fazê o quê↑

If. num sei↓ (inc) se ajoelhava lá de novo no banhero de noite

If2 (inc)

If. ela fez ajoelhava lá no banhero e começava a fazê de novo o que ela fazia no campo...aí o pessoal falaru que ela era só podia sê ela

P. quantas matintas perera↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. eu não conheço nenhuma...((risos)) eu já vi só duas↓

If2 lá perto de casa apareceu

P. tem matinta perera lá↑

If2 aqui na nossa rua sempre tinha aparecia por lá aparecia uma velha toda de preto
 [[

If. aquela velha que mora perto da tua casa

P. e como é que a/ porque tu dizes que é matinta perera↑

If2 porque ela:: sempre ela pedia cigarro lá pros vizinhos::
(vozes em coro) [tabaco::

P. quem fuma é matinta perera↑

If2 é:: porque uma vez sabe eu me lembro de uma história que o papai contô pra nós...que um home (inc) na mata assum de noite ele era guarda do mato...ai ele viu e:: ficou de frente a frente cum ela e pediu tabaco cigarro pra ele ele disse que num fumava...(6.0s)

If. conta da

11
12 vō contá do porco sabe era um vizinho lá perto de casa ele virava porco
toda noite aí ele co/ sempre ele se virava assim em porco aí ia:: sempre
ia (inc) lá no fundo do nosso quintal tinha um pé desses tajá verde aí
sempre dá sempre dá aquelas batatonas né↑ ele se virava...aí co/ sempre
ele ia pra lá comê as batata de manhã nós ia vê tava só a pegada
dele lá no chão↓

P. aí tu achas então que era ele[↑]

If2 era...aí mamãe disse assim mermo...aí é:: ela falô sabe porque eles virum ↑ porque mandu rezá sete ave maria sete pai nosso...todo tipo que tem ((risos))

((interrupção da gravação)) ((05 min.))

P. sexta fêra dia dez de dezembro de noventa e três ↓ quem vai falá é a ↑

If. Josenilda↓...era uma vez um:...um: era um: ma mulhé: e o marido dela...aí ela tava gestan:te...aí...o marido dela saiu:...pra: trabalhá pegá pexe aí quando ele...mas antes dele i...ele num: maltratava ela num fazia nada cum ela af ele foi...aí: o: boto: olhô assim dentro d'água e viu ela: o marido dela saindo...aí ela foi até lá na porta se...se despedi dele...aí quando ela voltou pra dormi...aí ela: sempre ela tinha o costume de: pegá um terçado e colocá debaixo da cama dela...e uma cabeça de alho↓ aí ela...segurava o alho e dormia...aí: o:...o boto viu o marido dela saindo...viu o jeito qu'ele tava tudinho...aí se transformô nele...a mesma ropa qu'ele tava sapato tudinho também↓ só que ele num tava era de sapato...aí acho qu'ele num viu o sapato dele aí: o boto foi aí quando ele chegô lá (inc) eh mulhé mulhé↓ abre a porta↓ aí ela disse assim mermo...eh marido tu num vai trabalhá↑ não↓ abre a porta aí↓...rápido↓ aí ela vai abre a porta vê assim aquela voz dele estranha...aí ele começa...falá assim mermo arreda pra lá↓ arreda pra lá↓...aí ela se arredava e dizia tu num vai trabalhá↑ não não meu amigo já foi↓...aí ele...dizia assim mesmo...arreda pra lá↓ arreda pra lá↓ aí começava...empurrá ela batia assim nela...aí ela dizia assim mermo...eh marido num faz isso tá vendo que tu vai machucá teu filho↓...aí ela falava assim mermo não não↓...vai t'embora↓ aí dizia assim mermo não↓ eu não vô↓ aí: ele já/ na hora qu'ele empurrava assim ela...pra cá na cama...ela se segurava...puxava o terçado...olhava pru pé dele puxava o terçado...aí ele deu ela deu uma:...porrada assim na costa dele com o terçado...e depois ele fez glu glu glu e: pegô: ela pegô:...um dente de alho mastigô e esfregô assim na cara dele...aí ele foi embora correu correu correu (inc) quando chegô lá...aí bu bu bu aí quando foi no outro dia...ele amanheceu morto só era o chapéu em cima dum:...dum: tipo um:...um:...tipo um pau daqueles grandão aí na bera do rio...aí nunca MAIS ela...ela abriu a porta pra ninguém de noite aí quando o

LEI DO DIREITO AUTORAL

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/1998.

Este arquivo não pode ser reproduzido ou transmitido sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou quaisquer outros.

marido dela chegô ela/ ela disse tudinho pra ele...aí ele ainda foi atrás dele
aí ele só achô aquele negócio só no na bera do rio...aí era o boto...que tava morto

((interrupção da gravação)) ((03 min.))

P. sexta fêra dia dez de dezembro de mil novecentos e noventa e três↓
quem vai falá é a↑

If. eliane...sabe↑ era um:: uma vez sabe↑...o::...o primo do meu do meu
pai que contô...aí o home que trabalhava sabe↑ ele trabalhava de madrugada
aí ele ia pegá o trem...aí tinha uma::...uma mansão grandona...com uma
escada né↑ uma escada uma escada grandona...aí ele pegô...ficô toda vez
qu'ele ia::...pegá o trem ele ficava lá embaixo...aí uma vez apareceu um
caxão lá tinha...um caxão no meio da sala cheio de...de vela assim ao redô
cheinho...aí::...aí ele se sentia assustado e nunca mais foi lá...aí depois ele foi
pegá de novo o:: o trem...aí aquele negócio estava de novo lá o caxão com
as velas...aí ele de curio de curiosidade ele pegô entrô lá e abriu o caxão
aí tinha...as vela apagaram e apareceu duas pessoa aí tinha um montão de
jóia dentro...do caxão...jóia assim:: assim colá::...um montão de coisa lá...
aí ele pegô...ele saiu correndo mas ele ficô com as coisa aí depois des
desd'esse dia...ele nunca mais foi lá mas ele ficô rico...aí as pessoa desapareceram

((interrupção da gravação)) ((02 min.))

P. sexta fêra dia dez de dezembro de mil novecentos e noventa e três quem
vai falá é a:: ↑

If. drianal...sabe↑ quando minha vó morava com a gente...tinha nós tinha
um pé de tajá preto perto de...é::...na frente de casa plantado...aí quando
sobrava resto de pe::xe de feijão:: de caldo de carne ela jogava lá...ela
curava o tajá aí quando era de noite virava serpen::te...virava home::...
aí quando meu pai chegava de serviço...serviço qu'ele trabalhava...de
i pra fora e viajava...aí sempre ele via...o home lá vigiando a casa aí a
minha vó disse que tá protegendo a casa e num dexa o ladrão robá

((interrupção da gravação)) ((01 min.))

If2 ah:: isso já foi manjado↑↑

P. sexta fêra dia dez de dezembro de mil novecentos e noventa e três
quem vai falá é↑

If2 conta tua estória não tem medo↓

If3 [con::ta

If2 conta

If3 CONTA

(5.0s)

If era uma vez

[[If2 conta tu contasse agorinha↑↑

If. era vila gaspar viana

If3 era o benguí↑

If. sabe↑ era uma vez uma família de japoneses que vieram pra cá pro
benguí...aí tinham dois filho chamado bento guí...aí depois de muito
tem::po eles juntaram...aí depois que o pai deles morreram aí eles
juntaram os nome e aí ficô esse e aí::...juntaram os nome e aí chamô::
é:: ficô benguí aí ficô o nome do::...do bairro benguí

((interrupção da gravação)) ((01 min.))

P. sexta fêra dia dez de dezembro de noventa e três quem vai falá é a↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. não é pra gravá não↓

If2 [mas fala teu nome

If. Josenilda

((interrupção da gravação))

P. falá é a↑

If. Josenilda...era:: um acampamento aí a gente tava::...tava de::tada na:: barraca aí ti::nha:: aí tinha dois meninos que queriam mijá...aí...elas falaram assim mermo bora lá↓ eu falei eu não↓ não umbora↓ aí eu falei tá legal↓ eu vô aí quando nós chegemo...nós saímo da barraca aí eu comecei:: escutá assim barulho de...de co::bra assim se mexendo no ma::to o fedô assim de pitiú aí...aí elas eu falei vocês vão mijá qu'eu não vô mais↓ aí ela falô assim mermo...não bora↓ não↓ não vô mais aí... tão vô mijá aqui↓ aí na hora que a menina se abaxô assim pra mijá aí ela veio uma mulhé toda de bran::co...com um:: pano branco na cabe::ça... dizendo mija↓ mijá enquanto tu pode porque agora eu vô te levá↓ aí ela até suspendeu/ nem suspendeu direito a ropa dela correu pra dentro da barra::ca...aí todo mundo...gritô:: aí nós es/ espantemo todo mundo o pessoal do acampamento...aí...nós...o pessoal forum fazê::...procurá forum procurá vê se achavam...aí quando...o::...o instrutô ele olha assim pro chão aí tem um pano bran::co aí tá escrito assim mesmo...saíam daqui que se não vocês vão morrê...vocês vão morrê aí fazia uma cruzinha...no fim da palavra aí vocês vão morrê...aí todo mundo ficaram cum medo...aí...começaram a procurá procurá mais aí:: encontraram um monte de pano branco...aí desd'esse dia todo mundo ficô cum medo não queriam mais saí de noite...aí ficaram:: cum medo aí...num forum mais pra canto nenhum e eu fazia meus treinamento mas não fazia de noite

((02 min.))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO III

FITA CL07CZcd130394

(tempo de gravação: 15 min.)

P. bairro de canudos...belém Pará...treze de março de mil novecentos e noventa e quatro...informante lindalva (inc.)

If. sim a história dela...olha eu vou contar mais ou menos assim...não tem era uma vez porque é...é fato real né↑

P. certo

P. sim lindalva

If. TODAS FÉRIAS...a gente se reunia uma turma uma turma assim...a gente fazia ran::cho...é:: uma comprava uma comprava frango outra comprava arroz e geralmente comprava mais enlatado porque em FÉRIAS você tem que levá mais enlatado mesmo pra aguentá lá o:: a broca né↑ porque é uma broca desgraçada ((risos)) e tá né↑ e:: a gente sempre ia pra algodoal todo mundo junto e nossa turma é tinha ti essa turma tinha:: era:: travesti... tinha...é gente que ti que:: num vocabulário entendido tinha gay...tinha a a gente que:: (inc.) tinha várias/ a nossa turma era formada a gente não tinha discriminação de cor de sexo de nada...então era uma turma assim super unida era eu...lindalva V A S...a irmã da S a S...dona G seu L...quem mais↑ era o::...S...tinha um:: rapaz lá que ele era era o S ele era ele era travesti...e tinha outro J também que era↓ e a gente era uma turma mesmo assim super unida a gente ia pra baderna mesmo pra amanhecer por aí dançando tal e seu L é casado com a dona G e eles são:: dono da casa que a gente fica em algodoal por sinal uma casa muito bonita (inc) e a gente fi/ aí a gente ficava sempre lá na casa dele todo mundo fazia sua parte no rancho todo mundo ajudava...e a S era uma menina...ela bonita de corpo lindíssima de rosto tu não via NADA de espinha cravo ela era linda de rosto linda de de corpo de tudo↓ ela tinha mania de pintá o cabelo dela de loiro ela pintava cortava redondinho lindíssima ela ela era extravagante adora::va usá bastante bijotaria...(inc) tudo que viesse assim ela se enfeitava parecia uma árvore de natal pintava o olho aqui em cima tal usava aqueles batons berrante... lindíssima e a gente sempre passeava junto...inclusive admirava ela porque ela era linda mesmo sentia assim certa inveja assim porque o quando ela botava o biquíni assim PÓXA↑↑ a S é tão bonita de corpo↓ eu sou tão magrinha tal... e a a...tinha outra menina mais outros amigos também teve a K A aí a gente faz aquela turma e a gente saía...nesse dia eu não fui pra praia eu fiquei cozinhando e ela foi ela com as menina se juntaram mais cinco e foram só mulher e os meninos foram pra pra outro lugá aí se dividiram aí ela foi...quando deu umas:: seis horas...isso ela já/ já já almoçado e tal tal né↑ chegaram almoçaram tinham ido pra praia de manhã e foram à tarde quando chegô a tarde ela chegô cum:: cuma::... um estojo de maquiagem...aqueles estojo lindíssimo que tem espelho todas SOMBRAS...todo ruge...todo...batom lindo lindo lindo↓ ela disse olha mãe↑↑ olha qu'eu achei na praia↑↑...aí a mãe dela disse ah isso aí é de alguém que que dexô lá↓ égua mais é muito bonito↑↑ ela disse égua lindo↑↑ égua acho que tava tava faltando chegá ah:: ganhá um negócio desse aí a mãe dela disse é bonito↓ (inc) todo mundo achô bonito té eu disse é lindo↑↑ quem dexô na praia↑ ela disse alguém que dexô por lá assim...foi pra praia de manhã e dexô↓ e ela começô usá↓ ela se pintô à noite assim...é bora bora... a gente vai lá pru...pru...pra...a praça se chamava praça do (inc) a gente vai pra lá↓ tá↓ chegamo lá...aí ela toda PINTADA (inc) a SOMBRA passô blush passô baton égua↑↑ ficô lin::do nela...mas só ela que usô porque ninguém usô a maquiagem ninguém... aí ela usô aí nós dançamo dançamo dançamo começô uma cocera nela...uma cocera uma cocera uma cocera...conclusão aí ela disse égua mãe↑↑ o meu rosto tá assim coçando aí passô (inc) ((uma criança grita ao fundo)) aí a gente foi tudo pra casa dormi ah vamô dormi aí dormimo quando chegô notro quando chegô uma semana...ela disse ah mãe↑↑ acho qu'eu já vô pra belém qu'eu vô pra mosquero... aí bora bora lindalva↑ bora pra mosquero num sei quê ela tava muito agitada ela não parava digo não tô afir a gente vai tudo embora eu vô pra belém porque:: eu tenho que estudá naquele tempo eu estudava né↑ eu tenho que estudá e tal...não vai dá pr'eu i↓ aí ela pegô tá↓ então vai eu a S e vai a a a quem era que tava mais↑ ah era a G↓ ah vai vai tudo junto a gente vai pra mosquero↓ aí quando ela chegô no mosquero...eu não estava lá↓ eu estava já aqui em belém...(inc) quando chegô aqui em mosquero começô piorá aquele

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

negoço no rosto dela...e fiô:: uma coisa assim horrível o rosto dela...começô
 a criá umas uns caroço umas uns caroço...os caroços que cresceram no rosto
 dela era assim aqueles que não/ tinha na não tinha bico não tinha nada começô
 vários...aí ela não ligô...ela começô achá que era da idade tal isso é da idade vai
sai num sei quê e aquilo sempre a tendência piorá...piorô piorô o rosto dela
 DEFORMÔ égua ↑↑ uma coisa horrível o rosto dela...ficô assim CHEIO MESMO
 sabe↑ aí a mãe dela veio (inc) égua ↑↑ mas o teu rosto tá muito feio ninguém se
 lembrava da tal maquiage né↑ todo mundo se lembrava...que o rosto dela era
 bonito ela era linda mesmo o rosto bem limpinho parecendo um bebê...aí a mãe
 dela disse vamô fazê tratamento ↓...levô ela no::...num demartologista...que gastô
 a grana mesmo fizeram tratamento e tal e nada dela ficá boa...e aquilo cada vez
 MAIS sabe↑ horrível o rosto dela todo mundo dizia égua ↑↑ do rosto qu'ela tinha
 pra' quele rosto aí depois foi fez outro tratamento foi pra ginecologista porque
 acharam que era problema de útero...operaram ela...aí foi o médico novo a mãe
 dela chegô até vendê várias coisas delas assim pra podê mantê o tratamento sabe↑
 e quando chegô no médico mesmo chegô com ela e disse olha dona só/ dona...dona
G...eu vô lhe contá uma coisa a senhora acredita em umbanda ↑ a senhora acredita em umbanda ↑ candomblé ↑ ela disse não ↓
 imagina ela super religiosa católica doente né↑
não ↓ não acredito nisso ↓ porque nem a medicina eu já fiz de tudo...pra...que sua
 filha fique boa OU MELHORE não sei...ela fiô com trauma tão grande essa
 menina qu'ela já não saía mais na porta ela abandonô o estudo...ela abandonô tudo...ela disse que não tinha mais vontade nem de
 vivê...e foi foi o médico disse a senhora...
ou a senhora leva ela no centro espírita ou numa casa de umbanda ou numa casa de candomblé porque eu sinceramente já fiz tudo
que...não tem mais nada...ela nem melhora nem piora...aí a mãe chegô a noite fiô martelando martelando será L que a gente leva a
S no (inc) ↑ aí ela foi...ela disse tá eu vô tentá ↓ seja o que deus quisê ↓ levô ela num:: numa casa de umbanda na br...aí quando chegô
 lá na br...aí porra ela toda nervosa ela nunca
 tinha ido no negoço todo mundo de branco sabe↑...aí ela entrô...ela entrô na casa
 assim aí o home incorporô lá...ah:: a entidade que eles incorporam né↑ aí disse
olha tem uma MOÇA BRANCA...assim assim assim trague ela aqui no meio ↓
 porra ela fiô apavorada e ela mamãe vum bora pôxa...dezesseis anos né↑...aí ela
 foi...não minha filha se fô pra teu bem vai aí ele baxô lá a entidade e disse olha ↓...
 babaxô a ENTIDADE...do que PERTENCIA o que ela pegô na praia...era...a
 iemanjá...na UMBANDA ela é uma coisa no candomblé ela é outra...então...a
 iemanjá...ela parece que na umbanda é iemanjá...mas no candomblé ela é::...
 (3.0s) meu deus ela é::... (3.0s) inhasá...ou inhasá ou ela é mamãe ogum...um
 dos dois eu não me lembro bem porque ela que me contô né↑ eu não me lembro
 e ela chegô...disse olha eu QUERO incorporar no home e disse EU QUERO que
ocê me devolva o que você pegô MEU na praia assim assim assim assim...eu vô
lhe dá um prazo pra você me devolvê...o que você pegô...eu que fiz isso no seu rosto
e vô fazê piô...pra você nunca mexê numa coisa que me deram que é a sereia do mar
 né↑ iemanjá a sereia do mar...só que ela tem vários nomes ela ela numa linha ela
 é o/ mamãe ogum outra linha ela é inhasá outra linha ela é::...nossa senhora da
 conceição num::...no catolicismo ela é nossa senhora da conceição...na...coisa ela
 é...na na umbanda ela é iemanjá...e várias linhas que segue...a a as tradições os
 costumes africanos ela pega um rumo...e ela incorporô no home com a voz de mulhê
 mermo diz que todo mundo coisô ela disse eu QUERO que tu me devolva...se tu não
me devolvê tu vais piorá TENS que me devolvê o que eu ganho ninguém pega...
ninguém pega o qu'eu ganho o qu'eu fica no mar...você pegô eu quero que você
devolva aí ela baxava assim e se batia todinha a...a entidade que tava no home né↑...
 se batia todinha no chão assim se batendo assim...tirando SANGUE...disse aquilo
foi um...aquilo ali qu'eu ganhei você NUNCA deveria ter pego você pegô você ↑↑
você iria ficá piô se você não viesse aqui eu ia fazê do rosto passá pro corpo...eras ↑↑
 aí foi uma coisa que todo mundo chocô...aí a mãe dela pelo amor de deus...foi o estojo
de maquiage que tu pegaste menina ↑↑...aí foram atrás do estojo de maquiage
 ela já não tinha mais nem usado que fiô tão feio o rosto dela que ela já nem usava...
 foi agora como entregá↑ teria que entregá...era num:: num:: ritual...com oferendas
 outras oferendas pra ela porque ela era do/ a a rainha do mar iemanjá ela é super
 vaidosa ela qué brincos ela qué tudo que você achá no mar você nunca deve pegá...
 então o que você achá de brinco anel colar...isso como tem gente que acha (inc) ou
 então alguma coisa assim...um colar de (inc.) ela adora essas coisas (inc) depois
 que saiu a entidade o home explicô pra ela (inc) olha você vai devolvê assim nesse
ritual ↓ e tal...se você não ficá boa...não tem mais jeito aí ela foi...isso faz mais ou
 menos uns seis anos a sete...foi oitenta e sete oitenta e seis pra oitenta e sete...aí
 levaram e eu participei...nessa eu participei levaram a farofa o caranguejo naqueles aguidar...levaram um monte de fruta levaram
 muitos colar só coisa assim bonita
 pra ela e levaram o estojo bem...visível no meio a gente leva no mar e todo mundo
 foi cantando uma música que o pai de santo tava acompanhando e várias pessoas foi
 e eu morrendo de medo...eu morrendo de medo APAVORADA segurando a vela
 porque isso foi à noite...e eu (inc) eu digo meu deus (inc) pra mim parece que aquela também aquela entidade ia baixá em mim
 alguma coisa ia acontecê né↑...e eu com suspense com suspense meu filho...segurando uma vela (inc)...passô mais ou
 menos::...um mês e pouco...tudo sumiu do rosto dela...sumiu TUDO tudo tudo

tudo o rosto dela ficou limpo limpo limpo limpo...c:: hoje ela tá grávida ela é mãe independente ela nunca casô↓ ela...ficô grávida dum rapaz...ela é mãe independente hoje em dia ela...vive bem pra caramba né↑ mas não quis sabê de home...porque:: a a iemanjá ela também/...mas o rosto dela ficou limpo limpo limpo...e essa praia ela é TÃO encantada que várias pessoas já me contaram...eu vi dois homes loiros...quando eu cheguei só tinha os biquinis de banho...eu eu tava tomando banho e...de repente eu fui tirá o meu biquini pra me coisá o biquini saiu assim parece que...alguém puxô...o então ah↑↑ tu não pode andá naquela praia tal hora naqueles morro que vai te acontecê uma coisa↓...tem uma princesa chamada princesa isaura...que ela morô muito tempo ela foi...escravizada essa princesa isaura e LÁ...aí a seis hora...aquela dunas aquela aquele...aquela praia ali tudo pertence a ela então quando você anda lá assim...seis horas (inc) dezoito horas aliás...aí acontece alguma coisa com você ô você...é empurrado...ô você amanhece...é com uma dor de cabeça horrível alguma coisa te acontece↓ essa praia é super encantada em algodoal (inc) uma vez/ mas...DELA FOI VERDADE porque ela mora bem aqui na na na::...na juvenil e eles se mudaram faz poco tempo agora e FOI VERDADE mesmo...de dessa menina FOI verdade qu'eu ASSISTI...acompanhei de perto assim a HISTÓRIA DELA...da S...cabô↓ ((risos))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO IV

FITA CL09CZsou180694

(tempo de gravação: 45 min.)

P. belém dezoito de junho de mil novecentos e noventa e quatro
 bairro do sôza informante dona marlene perera de matos

((interrupção da gravação))

If. minha sogra qu'ela era uma uma velha muito...corajo::sa...ela disse que
 vinha mesmo na por::ta da casa dela qu'ê bera d'igarapé né↑...af::...

P. hum hum
 e ela contava às veze a gente ia pro cul::to quando chegava já onze
 hora da noite ela contava ela dizia N – qu'era o marido dela todos
 dois já falecido né↑ – ela dizia N meu bem hoje...a a sem vergonha –
 ela chamava assim – a sem vergonha da matinta fez sucesso aqui na porta
 né↑...e era coisa feia mesmo né↑↑ vezes eu tô em casa deita/ à noite já
 deitada quando ela vinha assim assoviava na por::ta...tu jura qu'ê
 alguém↑↑...no interiô tu só tem uma casa otra com distância de um
 quilômetro né↑ quem já é a pessoa que vai/ pra fazê visage na porta do
 vizinho né↑...e ela vinha ali assoviava e rápido o cachorro se:: jogava
 pra cima pega não pega e:: era aquele barulho horrível depois...a gente
 já ovia assoviando na o::tra em otra parte do do da estrada né↑...e
 quando foi uma noite nós tinha ido para o culto quando chegamos aí
 ela disse né↑ assim N↑↑ hoje à noite foi a coisa horrível↑↑ –
 porqu'ela quase não saía de casa qu'ela...sofreu derrame né↑...mas
 ela era muito corajosa ela ficava em casa sozinha ela e os cachorros –
 aí:: ela disse assim (contado) ela disse que uma noite...ela disse
 que:: tava lá deitada de repente VEIO como se vinha uma bicicleta...
 começô (inc) aí fez aquele aquela roda no terrero né↑ aquela
 bicicleta...os cachorros correram atrás...voltô pelo mesmo rastro...
 e::...quando foi quando o:: dia amanheceu foram olhá no terrero
 não tinha rastro (inc) não tinha nada né↑ otra...neta dela né↑ também
 mui::to corajosa né↑ uma jovem já já (vai tê muito) quarenta anos né↑...
 tava distante da dela da da da neta pra a d'avó...mas ela pra ela a neta
 pra ela não tinha hora assim pra ela i na casa d'avó nem de dia (e no
 final da noite) e era duas hora da manhã tinha qu'i lá ela pegava uma
 lanterna e ia...e ela disse que quando foi uma noite ela deparô com uma
 mulhé e uma bicicleta com um cabelão comprido ainda perto da casa
 dela né↑...af (como nós somos) muito muito são crentes né↑ todos eles...
 eu também né↑ quando ela disse que aquilo passô por'ela assim qu'ela
 ela não viu não viu o rosto (inc) só viu a bicicleta e a mulhé na bicicleta
 com o cabelo cobrindo o rosto...aí ela sentiu um vento frio quando ela
 sentiu o vento frio aí...senhô jesus que te repreenda espírito imundo↑↑...
 passô quando ela chegô lá na na vô dela ela comentô ela disse ah minha
filha↑↑ essa bicicleta ronda (aqui) quase toda noite...na porta da da lá da da
casa da da minha...da minha sogra né↑ toda noite disque rondava...aí...
 foi passando os tempo foi passando passando (inc) DE NOVO a
 bicicleta rondando (inc) muita gente viam né↑ pessoas muita gente
 viam aquela bicicleta correndo via aquela pessoa em forma de uma
 mulhé mas o rosto mesmo...ninguém ninguém dava notícia do rosto
 daquela daquela daquela daquela visage né↑...e o::tra vez – agora eu
 me lembrei – outra vez (no rio)

P. (inc)

((interrupção da gravação))

P. marlene perera de matos

If. perera de matos

P. quantos anos a senhora tem↑

If. quarenta e quatro

P. quarenta e quatro↑ é natural de::↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
 Todos os direitos reservados e protegidos
 pela Lei 9.610/1998.
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou
 transmitido sejam quais forem os meios
 empregados: eletrônicos, mecânicos,
 fotográficos ou quaisquer outros.

If. piauí

P. do piauí↑ ai tá morando aqui↑

If. [hum hum

If. eu moro no pará desde sessenta e:: sete

P. [no pará

P. sessenta e sete↑ muito tempo↑...agora a senhora tá no interiô↑

If. [hum hum [já muitos anos::

If. é:: eu tô morando já no tauá...já sete...é:: já sete anos eu morava aqui

P. [santo antônio do tauá↑

nessa barraca aqui do lado qu'ê de uma irmã minha...af eu tô morando

P. [hum hum

lá no tauá já mais de sete anos...tenho gostado de lá lá me falaram

P. [hum hum

TAMBÉM na rua qu'eu morei era horrível↑↑ era uma travessa

P. [aí di/

P. aí de vez em quando a senhora vem por'aqui por belém::↑

If. [mana eu tô vindo aqui em belém qua::se toda semana porque antes d'eu me operá...eu andá/ tava andando sempre to::do todo mês e quase toda semana vinha passava dois três dias ali andando...atrás de médico né↑ eu tive um problema aí eu tinha que me operá agora qu'eu me operei em junho...tirei dia primero de junho foi tirado o meu útero:: meu ovário né↑ mesmo assim ainda continuo andando pra cá

P. [hum hum qu'eu pedi benefício tem que acompanhá:: tratamento médico né↑

P. sim mas a senhora mora mesmo em santo antônio↑

If. [moro lá em santo antônio do tauá tem algum nome de lugá é numa estrada ô é santo antônio do tauá mesmo↑

If. é:: é o nome de uma de um...de um pequeno município...lá↓ lá é um um município...quem vai pra vigia tem que passá por lá...depois do tauá vigia...é o fim da linha do do estrela do mar

P. mas lá no/ santo antônio do tauá tem assim alguma rua:: no::me↑

If. tem↓...tem:: tem a principal a a principal rua é a senadô lemos qu'ê onde a pista que os ônibus entram na cidade

P. aí a senhora mora↑

If. [qu'eu moro é numa travessa santa rita de cássia lá do mercado municipal (qu'ê) no fim lá no barro branco...e::...tem:: muitas travessa sabe↑ e ruas↓ tem a otra travessa qu'ê::...magalhães

P. [hum hum barata...a otra é::...majó cornélio...uma otra sebastião dantas até aí eu conheço

P. sim lá acontece também↑

If. aconteceu mana↓ uma vez e na:: primera casa que::...qu'eu morei lá no lá no no tauá...lá na travessa são...benedito...era horrível agora porque eu não sei↑↑...uma noite tava o cachorro latindo latindo latindo o J – qu'ê meu marido – se levanta no qu'ele levanta ele abre a janela que

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

sempre/ agora não que agora lá em casa:: a gente tem quarto né::↑ cada qual tem seu quarto mas eu sempre gostei de dormi em sala... porqu'eu COSTURO até TARDE da noite e quando eu largo a máquina era só armá a rede e já tava ali dormindo né↑...e::...eu sempre dormi na sala lá nessa primera casa qu'eu morei no tauá...quando...foi numa noite o J acordô pelo cachorro o alarido dos cachorros lá na em frente à casa sabe↑ ele se levantô só qu'eu tava dormindo...não vi esse lance ele se

P. hum

levantô abriu a janela...ele fechô quando ele tá fechando a janela aí eu me acordo ele diz assim nega↓ tem uma coisa tão grande aí em pé aí no/ bem na frente da casa no meio da rua... e tá assim os cachorros tudo todos em volta né↑ daquele daquele...daquela coisa tipo assim um monstro né↑...I tu fecha a janela↓ o V o meu filho inda dormia inda morava em casa né↑...ele disse mãe esse negócio já/ os cachorro já passaram com ele aqui pelo lado da casa... aí disse fecha a janela↓ aí ele fechô a janela aí tava comentando porque o meu marido ele... ele disse que via mermo essas coisa qu'ele...foi criado lá no interiô ele é do interiô mesmo justamente de lá de de onde os pai deles moravam né↑...ele disse que sempre ele via ele ele andando de bicicleta ela DEPARAVA com essas coisa assim né↑ ele falava com alguém pen/ falava com visage pensando qu'era alguém...mas aí:: ele não dá muito crédito né↑ e nessa noite quando ele abriu a janela qu'ele deparô com aquela aquela coisa tipo um monstro em pé no no em frente a casa assim na na travessa...aí ele fechô e veio e falô fecha a janela↓ fecha↓ aí o meu filho disse mãe esse negócio já rondô aqui ao lado da casa...cachorro tavam todo latindo... aí::... quando foi uma noite passô um filme tava passan/ terminô aquela novela rainha da sucata...aí entrô um um filme que é um filme assim tipo assim de de...de de... - com'ê que dá o nome↑ - qu'era a M e o V olhando o filme...terminô a no novela entrô o filme

P.

(inc)

qu'era tipo assim caretas uma coisa horrível assim

P.

hum hum de terrô

If.

é:: filme de terrô nisso eu já tava com a minha rede armada lá na sala pra dormi né↑ no qu'eu me deitei ficaram o V e a M olhando o filme...eu me deitei↓ olha↑↑ não demorô↑↑ pelo lado de fora no esteio...que dava acesso à parede assim do lado...veio um um toque tão grande naquele esteio mana que a minha rede - mas sem mentira nenhuma↑↑ - minha rede foi lá e voltô↑↑ e os menino tavam olhando...aí foi...lá e voltô A REDE eu me acordei eu ta::va:: querendo dormi eu me acordei e a rede balançando aí eu olhei o V e a M ficaram me olhando aí eu fiquei calada...aí eles disseram mãe a senhora viu↑...eu disse eu vi... aí eu só fiz adormecê dormi...quando eu me acordei...devia sê mais de meia-noite quando eu me acordei...aí::...tocô/ algo estranho tocô novamente no esteio no fundo da casa...quando aquilo tocô eu quis:: me acordá e eu me acordei quando eu fui pra PISÁ no chão...só cheguei colocá o pé da rede aí aquilo me adormeceu me jogô na rede mas eu tava acordada só que/ paralisô meu corpo...aí aquilo batia ao lado assim da casa...e parecia assim...alguém derrubando a casa...eu juro qu'eu via as telha caindo as tauba balançando tudinho eu criava um cachorrinho pequenês ele dormia numa poltrona ao lado da minha cabecera...qualqué barulho ele já tava de pé...e quando eu vi o CACHORRO PASSÔ ASSIM...cherando no pé da parede foi até pelo meio do corredô

P. ficou inquieto

If.

aí ficou inquieto com aquele com aquilo né↑ e eu adormecida na rede...sem podê me levantá...quando aquilo deu já do MEIO do corredô pra porta da cozinha qu'era assim barulho tipo assim uma tempestade né↑...aí aquilo foi me desprendendo aos poco aí eu pulei da rede quando eu pulei da rede eu achava que minha arma era um terçado eu passei-lhe a mão no terçado...fui de ponta de pé até na cozinha como era casa é de madeira tinha umas brechas assim eu olhava

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

pela brecha não quis nem abri a porta qu'eu olhei pela brecha eu não vi nada... só qu'eu tinha um::...uma área com cercado assim eu tinha muito/ muitas criações era pato...tinha um casal de peru muitas galinha eu tinha né↑ e o:: e o e::...lá...nessa área qu'era cercada (e dos bichos) eles fizeram o maior barulho...e eu OLHANDO pela brecha mas eu não via NADA NADA...aí aquilo entrô na porta assim do fundo do quintal no mato aí foi com tudo assim quebrando mana↑↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. a senhora sentia↑

If. [era:: eu ouvia o barulho né↑ e aquilo entrô quebrando assim eu comparando com com gado assim (inc) que vai levando tudo...quando o dia vinha clareando eu pulei fui olhá vê s'eu via rasto eu achava que pelo barulho ficô fi ficô um grande rasto assim em volta da casa...não tinha nada nada nada ((diminuindo o tom de voz))... aí depois eu comentando com a dona da casa lá...aí ela me disse é dona marlene...os primeiros dono dessa casa foram embora pra belém por causa disso porque a a ((barulho que impede a audição da gravação)) realmente ela É NORA da dessa senhora qu'eu comentei com ela...aí ela me disse que a nora dela quando ia pra pra sala tava na cozinha qu'ela chegava na sala ela começava ovi batia batia batia batia mermo...quando o marido saía então ela ela ela ela ouvia muito barulho estranho aí depois ela disse pro marido dela qu'ela não queria ficá mais lá qu'ela...qu'ela queria saf de lá aí eles vieram aí pra cidade nova...pois então dona dona T aqui tem um espírito muito imundo mermo nessa casa porque...tem noite...qu'eu me deito...tô deitada na rede olhando pras janelas e uma noite eu vi...aquele ferrolho que tem uma parte assim a outra assim aquilo ficava assim abrindo fechando abrindo fechando sabe↑ ((faz um barulho semelhante ao descrito)) e eu olhava e dizia *mas:: eu não tô vendo ninguém pego nesse nesse ferrolho com 'é que tá abrindo fechando* ↑ me deu uma coisa me levantei da rede *satanás tu vai t'embora é daqui agora* ↑↑ né↑ aí quando/ eu PEGUEI na janela abri olhei (inc) outra noite era o tipo...assim o J quando chegava porre...passava pelo lado né↑...dava pra ele...temperado mel de garganta né↑...aí eu disse *o J vem chegando* ↓ ele trabalhava aqui em belém...*o J vem chegando* ↓ aí eu corria abria a janela olhava não via né↑ mas era uma parte qu'era escura no lado da casa aí eu corria lá na cozinha abria a janela da cozinha não via ninguém...e era assim...e aconteceu tanta coisa horrível sabe↑ ((risos))

P. (inc) morô um tempão lá né↑

If. eu morei no trinta lá no quilômetro trinta né↑ no centro...os filho da R inda eram todos pequeno né↑ e era eu e meu sogro...viemos pr'um culto...e era...do/ e era um quilômetro...aí na volta quando nós ia descendo assim uma baixada que dava acesso pr'um igarapé...aí o meu sogro diz assim nós ia/ todos nós ia fazendo barulho conversando era eu era os os neto dele né↑ ia fazendo barulho na descida do igarapé quando o meu sogro disse pára pára pára cala a boca aí olha olha olha olha pra cima quando eu olhei era um em forma de um um morcego tão grande aquilo voando por cima da gente...ele ia baxo assim só que a noite tava escura...mas ela ele/ dava bem pra vê sob o clarão das estrelas - que interiô...mesmo que:: não não tenha o luá mas...a noite tando escura mas as as estrelas as estrelas ela clarea né↑ -

P. [hum hum quando:: nós vimos sob o clarão das estrelas aquele...bicho passô por cima em forma de morcego mas ele era grande sabe↑...aí o:: quando aquilo passô voando né↑ e o meu sogro (disse) olha a matinta ↓...mas eu vi nessa noite eu vi mesmo aquilo né↑ aí não demorô ela ela ela sentô lá no terrero de casa...aí ela gritô de lá... quando nós chegamos em casa a velha dizia assim mermo (inc) a matinta já teve aqui no terrero (inc) o cachorro botava pra corrê...era assim...mas (deus) diz que existe...eu se não ti/ se não na época eu não tivesse morando lá no interiô eu também não acreditava né↑ que existia essa coisa...qu'ê:: a gente:: na cidade quando alguém ove contá diz assim que↑↑ isso é história isso é papo furado né↑...não existe essas coisa isso é lenda mas eu...eu vi...

P. são coisas da nature::za né↑

If. [é:: eu vi nessa noite eu vi mermo o:: é é do do tamanho
d'uma pessoa...voando (inc) né↑ então lá o pessoal dizia

P. [hum
quem era a mulhé que virava matinta

P. tinha alguém que virava↑↑ ali todo mundo sabe né↑

If. [tem...tem [aí já sabe né↑ sabe porque às vezes na hora

P. [hum
as pessoa pegam assim...sabe↑ pessoas...eles
lá eles dizem que na hora da pessoa virá
matinta ele tem que se (despojá) no lugá
que o animal...se (despojá) né↑...o cavalo...
ai eles vão pr'ali - se pessoas mermo qu'eles
tem esse fá::do né↑ dessas coisa horrível - aí
eles vão pr'ali na hora (perto) de meia-noite
qu'ê hora de meia-noite que que (rola) ali no
lugá onde o animal...é despoja como eles
dizem que toma banho na na areia né↑ e
quando as pessoa gosta dessas coisa ruim
praticam assim né::↑ vão...no lugá que o
animal despoja a parti de onze horas da noite
na hora deles i pra virá bicho também...sai
voando

P. aí fica com esse fado↑

If. fica...fica com esse fado né↑ de de de de virá um bicho qualqué...
saí::...amendrontando os otros

((interrupção da gravação))

P. bairro do sôza ((interrupção da gravação)) marlene matos ((interrupção da
gravação)) sim dona dona marlene ((interrupção da gravação))

If. aí tinha e aparecia coisa horrível...teve uma noite que a a matinta vinha...
as janela da casa eram um saco ((risos)) e eu dormia na...na sala a velha
dormia lá no quarto matinta só chegava me levantava o sono assim APITAVA
dentro de casa quando ela APITAVA aí ela/ eu nem via dormindo mas a minha
sogra já não dormia quase ela o ovia tudo na noite...aí ela dizia assim...tu já
est' aí sem vergonha↑ quando foi uma noite ela tava só em casa...aí apitô no
meio da estrada entre a casa dela e tinha essa casa do ZB... - ZB é o pai...da
da da mocinha que tem essa filha com o J -...então era naquele meio ali aí ela
o/ a matinta comêdo apitá velha pegô uma espingarda botô na janela assim
e apertô no caminho direto...só que já era tarde né↑ da noite...aí (atirara)
ela deu esse tiro...aí de lá responderam amanhã eu quero vê esse filho de
matin::ta...aí quando o dia amanheceu ela comentando aí o J disse a senhora
parece que não bate bem mamãe↓ com'ê que a senhora dá um tiro assim
direto num caminho numa estrada↑ de repente vem alguém pega essa descarga
né↑ ah meu filho mas uma hora daquela só a matinta mermo virando visage
aí na...caminho ((risos)) e era assim mana

P. [((risos)) [e ela foi buscá mesmo↑

If. ãh↑

P. e ela foi buscá mesmo que::...que (inc) queria a matinta↑

If. o pessoal do lado de cá quando oviu o tiro né↑ e tavam ovindo mesmo a bicha
a::ssoviando aí o pessoal do lado de cá gritava...pra ela eh I amanhã eu quero
dois quilo de matin::ta que a minha sogra ela era muito desastrada né↑...ela

P. [hum
achava qu'ela dando um tiro assim espanta::va (inc)...lá também eu me lembro que
uma dessas noite...meu marido me dexava lá (fora)...aí ele trabalhava na casa
lá na na irmã dele quando chegava assim umas seis horinha ele ia pro porto
tomava banho...pegava a bicicleta e se:: mandava pra cá (inc) - qu'era longe↑↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

três quilômetro↑↑ - e eu ficava sozinha nessa dita casa velha com a minha filha com essa minha filha aí eu...filho pra onde tu vai:: J↑ tu já vai sai rapaz↑↑ tu me dexas aqui sozinha com essa criança↑ se é o cachorro que tem não presta - que tem cachorro qu'ê esperto né↑ mas ele traz um cachorro velho que quando anoitecia ele se metia debaixo do fogão em cima dos monte de carvão menina...ali:: chegava

P.

{
(inc)

quem quisesse ele nem::...- eu J não vai J↓...poxa↑↑...tu vai me dexas:: aqui sozinha que::↑↑ não faz medo...ia:: embora mana me dexava lá...aí eu não cheguei a vê a visagem...quando foi uma noite apareceu pra ele também na boquinha da noite... criavam porco galinha então dormia tudo fora no lado da casa quando não demorô nós ovimos aquele porco brigando do lado da casa no escuro sem tê uma lanterna pra vê...pegavam uma lamparina - que lá no interiô eles usam uma (moporonga) né↑ pra i pescá à noite - ele levava a lamparina (inc) mas a gente só via o porco brigando correndo...dali ninguém sabe o que é...porque aquele negoço corria até dentro do mato voltava no terrero o porco ia até LÁ era uma briga feia

P. era invisível↓

If. é:: só que ali ninguém chegô vê o que era mesmo se tivesse uma bio/ uma uma lanterna talvez até a gente não visse qu'era que tava brigando com aquele porco né↑...e era assim...que:: a gente ovía só o barulho né↑ mas a gente...nunca eu mesmo nunca cheguei a vê porque...o pessoal lá no interiô mesmo é que sabe é que conta ANOITECEU...cabô-se se vai vai vai ovi/ o meu marido via (era) pra vê mesmo

P.

{
o::o J N↑

ele disse que uma vez vinha muito doidão do do (campo ferraz) tinha que pará/ passá pel'um/ atravessá um igarapé mas era um igarapé tão grande que tem ponte...aí quando ele chegô ali disque viu aquele homem sentado de chapeuzinho na cabeça ali...de coca na bera da ponte...ele foi inda bateu disse olha eu vô tomá um banho aqui eu não vô te incomodá - porque pensava que o cara tava pescando né↑ - ele disse eu vô tomá um banho aqui mas eu não vô te incomodá...tava muito alto né↑ bebido↓ aí pulô na água fez barulho disque quando ele olhô...lugá mais limpo não viu mais aquilo...aí ele disse hum hum isso é visage↓ pegô a bicicleta não demorô ele escutô o barulho...aí ele não seguiu viagem dormiu lá na casa do tio dele...e era assim...lá dá mermo lá TEM...((risos))

P.

{
ele tava falando uma vez que

((interrupção da gravação))

P. o que foi que aconteceu↑

If. ele vinha da casa d'uma namorada lá de vila de santa rosa perto da vigia...aí ele vem vindo...quando ele...chegô em...em frente o cemitério mesmo lá de vila de santa rosa aí aquilo montô...aquilo PESO na garupa da bicicleta dele como se fosse...uma pessoa né↑...mas ele disse qu'era um peso tão estranho...qu'ele fez tanta força nesta noite pra chegá até o vinte e nove inda era muito longe ainda...da onde ele morava...quando ele chegô no vinte e nove passa em frente otro cemitério ele passô Aí foi que aquilo parece que dobrô os espírito na garupa da bicicleta né↑ os espírito imundo aí entrô numa taberna assim ô rapaz eu não vô aguentá chegá em casa...aí o comerciante por qu'ê porque desde os desde em frente o cemitério de santa rosa tem uma coisa montô PESO na garupa da minha bicicleta...qu'eu tô quase rebe/ tô todo reventado qu'eu não posso pedalá nessa bicicleta eu acho qu'eu vô pará é por'aquí...ficá por'aquí até o dia amanhecê...aí:: o o home disse mas como↑↑ tu tu não notô nada↑ tu não viu nada↑ ele disse não↓ só pesô na garupa da bicicleta estalando aí ele disse sabe d'uma coisa eu vô é m'embora...eu não vô dormi aqui eu vô embora...elc:: montô na bicicleta não demorô...e vai pesando de novo...aí quando ele chegô numa travessia dum garapé...pra i pra casa dele pra dentro da mata...aí ele viu que pulô um bicho dentro do mato na frente dele...aí (inc) primero pulo qu'ele deu foi no banco qu'ele disse que arrancô...arrancô e ele era crente na época...era crente...desd' aí ele se desviô...- tu viu como era a vida dele né↑ nós morávamos aqui do lado né↑ foi só ele tocá na bebida

P.

{
hum

(fico endemoniado) - aí ele disse que aquilo era muito pequeno aquilo tomô a frente dele quando tomô a frente dele assim de dentro do mato...aí foi pulando... (inc) aí disse égua foi muito feio↑↑ era pe-que-no...o troço sabe↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. um bicho esquisito

If. [é:: uma coisa muito...que não não era tão grande era pequenino mas aquilo pulava muito alto

P. não era (cristão)↑

If. não não disse qu'era em forma d'um bicho assim fazia o maiô barulho aquilo ron::ca::va pintava o sete na frente dele...e ele disse qu'ele sacô d'uma d'um canivete assim lutô (inc)...ai::...nisso passa um colega dele diz assim::...é falô com ele...ai o colega dele vendo aquela agonia dele pulô na frente chegô lá na casa do pai dele avisô ai a velha vem com os cachorros...quando chegô (inc) rezando rezando (inc) o bicho estranho notô né↑ (inc) quando ele chegô lá to::do rasgado a ropa dele TODO...todo deformado de tapa mermo de unha... e olha que quando ele era novo...pra botá nele não era nem um nem dois...botá nele mas este este é esse...animal estranho...botô nele mermo pra matá...ele conta qu'ele:: ele brigô fciô com coisas as:: estranhas sabe↑ nesse caminho à noite quando (vem) lá da vigia

P. pra banda da vigia↑ esse quilômetro vinte e nove trinta é tudo pra lá↑

If. [é:: [é:: já:: pertence já...mais pra vigia do que pra tauá...(inc) o município mais próximo é vila de santa rosa...da vigia...ai de lá pra cá nem (inc)...e era assim mana...sei que a a até no tauá eu inda cheguei a vê essas marmota...já depois qu'eu me mudei lá pra casa...lá pra santa rita...ai desapareceu (o

P. hum hum negoço) mas ali naquela travessinha ali...e agora eu acho que aparece mesmo porque...prefeito...não tá nem ai o pessoal da prefeitura fizeram limpeza fizeram...uma torre de babel de lixo lá...que quando a pivetada se danam brigá:: ai aquele que tá perdendo a briga corre pro coisa atrás do monte de lixo lá...ficô coisa horrível de ((interferência na gravação)) morava ali um mon::te (no dia que tu não tá lá) (inc) olha tá tão antigo aquele monte de lixo...que o mato já tá em cima...é...ali ali que aparece quanto mais esconderijo assim::...partes escura né↑ que nem lá é uma parte escura mesmo

P. [locais escu::ros isola::dos

If. [é:: ai que se aproximam essas coisas sabe↑...os espíritos das trevas...é isso mana

((interrupção da gravação))

If. (inc) ia lá pro (atinga) né↑...ai disse que aquilo trans/ aquilo se formô igual um boi na frente dele com chifre gran::de assim muito furioso né↑...e ai ele disse agora é qu'está qu'eu tenho que passá'li...ele via tudo isso também né↑ era uma forma de

P. [foi se transformando né↑

If. [é::...esse do:: do homem...peludo né↑...foi quando nós moramos

P. [sim↑↑ lá no atingia que (n'otra) casa que:: ele saía boca da noite che/ que quando ele saía se a lua tava...tava no meio do céu...quando ele chegava a lua tava se pondo porque não tinha relojo na época né↑... ai:: eu digo que o dia já tava pr'amanhecê quando ele saía tava no

P. hum hum meio do céu quando ele chegava a lua tava sentando né↑...ai ele... ele toda noite ele fazia isso me dexava so-zi-nha lá com a menina...na hora d'eu de de um socorro não tinha pra quem gritá mana...pra ninguém era uma casa dentro do sítio quando anoitecia assim era escuro que só...ai ele com::/ depois que nós fomos embora de lá pra o trinta...foi que lá ele contô né↑ abriu o jogo...(tã) nega tu sabe porque qu'eu::...eu m'apressei pra:: a gente vim m'embora de/ logo lá do (inc) atingia pra cá↑...é porque uma

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

noite – qu'era assim...tinha uma cama que a gente dormia na cama eu dormia na cama ao lado da parede no quarto...A REDE DA M era bem no meio...qu'era minha filha mais velha porque tava recém-nascida bem no meio...a dele era'qui ao lado da porta...do quarto...a porta do quarto era um plástico qualqué pegada ali fazia barulho... – diz ele que uma noite...quando aquilo...tocô no plástico...ele olhó né↑ e::le ele acordô rapidinho olhó quando ele olhó ele viu aquele home muito branco...(inc) tava de olho pra ele mas ele tava mais olhando era pra menina na rede...tão toda noite ele botava o terçado ele botava ele quando ele vinha pro quarto ele trazia o terçado o meu marido trazia o terçado colocava na entrada do quarto...e eu dizia *J não é aí o lugá de colocá este terçado tem que colocá ele num lugá escondido pra na hora só tu que sabe onde está dexa aí* ↓ *qué dizê que o inimigo se o inimigo chegá ele se arma logo* ↑↑...*que::↑↑ tu só pensa tudo:: tudo errado né↑* aí ele disse que nessa noite quando ele se despertô mexendo no plástico ele abriu o olho...era esta pessoa em forma de um homem...entrando dentro (inc) aí ele inda/ ele abriu assim afastô o braço e meteu a mão assim...mas a primera rede era do J...e a segunda era da da minha filha

P.

hum

né↑ e eu tava lá pro lado da parede...aí o J quando viu aquilo se espantô e aquilo foi desaparecendo lentamente...aí quando/ também ele não me comentô nada ele já me comentô isso quando nós já tínhamos se mudado lá pro::...pro trinta

P. ele não disse se ele foi vê↑

If.

↑ não não não:: ele disse que se levantô...quando aquilo foi se afastando da porta e o plástico foi voltando ao normal...ele pegô o terçado se levantô mas tudo escu::ro menina lá fora né↑ tava até perigoso a pessoa saí pra encará alguma coisa...do lado de fora...aí ele se levantô com o terçado na mão olhó CACHORRO NEM↑↑ ((risos)) olhó olhó não viu nada mas ele ficô com medo...me disse não era nem tanto por' ele...mas era por mim o a menina desd' aí ele não saiu mais à boca da noite...tinha horrô quando eu via ele se aprontando pra í LÁ...pro vinte e nove que era parece três quilômetros de lá de casa pra fora

P. tava com uma criança pequena né↑

If.

↑ PEQUENA é:: sem tê/ na hora do de de...qualqué perigo não se tê assim por quem gritá socorro já pensô↑ eu pensava muito nisso↑↑ meu deus de dia tudo bonito você olha tudo limpo tudo bonito...com um grande pimental no lado assim deles né↑ mas anoiteceu era

((A fita precisa ser trocada. Provavelmente perde-se alguma parte da entrevista.))

If. chegô a morá numa casinha de madeira que fica em frente lá da da minha casa onde eu moro né↑...e ela contá que uma noite ela tinha uma cachorrinha – que até hoje ela

P.

hum

tem ainda essa cachorra ela é viva - ...ela disse que a cachorra latia latia parti de meia-noite a cachorra LATIA assim...ao lado da casa e ela mas o que que a mama – que o nome da cadela dela é mama – o que que a mana tá vendo ↑ ela disse que teve uma noite – qu'eu lembrei - ...tinha uma brecha da casa ela disse que viu aquele porco muito grande andando porque ali ainda não era pista era piçarra e era mais

P.

hum

esconderijo na época agora não...mas ela disse que ovio aquele/ vinha aquele porcão na na na estrada roncando fazendo o maiô barulho e a cachorrinha ia em cima né↑ e ele vinha com tudo pra mor/ pra pegá a cadela e a cadela a salvação dela que a casa do P tem uma parte assim da tábuia...tava quebrada e tava o buraco quando a cachorrinha via que o porcão vinha em cima dela ela...mergulhava rápido naquele buraco e entrava a S mas por que que essa cachorra tá assim tão tão estranha ↑ né↑ qu'ela vai na rua late volta correndo ela passô a brechá e ela viu...e nessa hora que o por/ que o monstro porco vinha (inc) ele vinha com tudo mermo (inc) aí::...ele passô foi embora (inc) bem pra longe né↑ aí com pocos dias ela disse que descobriu quem era o home que virava bicho virava lobisome

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. que virava esse porco↑

If. [sim é que virava esse porco...ai...só descobriram porque disse que um dia e ele encontrô alguém que deu uma terçadada nele...deu mermo uma terçadada nele pra matá...ai desvirô...pode até sê mentira né↑ mas o pessoal ela comentô né↑

P. (inc)

P. (inc) sabe↑

If. ela sabe quem é essa pessoa sabe↑ aí na hora do golpe que deram nele de terçado no

P. [hum
porco né↑ ai ele:...desvirô rápido aí reconheceram quem era a pessoa ela falô pra mim isso porque...verdade ou não né↑...mas eu creio que...tem pessoas mesmo que têm e::sse espírito imundo né mana↑...mulhé vira matinta home vira lobisome né↑ e é assim

((interrupção da gravação))

If. a T foi uma qu'ela disse qu'era quase toda meia-noite a parti de meia-noite era aquela tentação aquele bicho (inc) gritando na estrada e o cachorro pega pega...a cachorrinha dela corria em cima mas quando o bicho (inc) pra pegá ela corria entrava no buraco (inc) té que nessa noite ela brechô e viu o que era...aí depois ela me disse mermo que teve alguém que meteu o terçado nesse porco...é porque uma pessoa que vê...jamais vai dizê que um um uma pessoa que virô bicho né↑ que em forma de um porco aquilo tá perfeito igual um porco...a pessoa vê lá ninguém:: lá vê...ninguém cria esses animais solto na rua...e achava que ia MATÁ pra comê né↑ só que...era pe/ era era gente...e (assim) são tanta otras histórias né↑ que a gente nem lembra (no momento)↓

P. pra lá↑

If. quem mora (nasce) dentro daqueles ma::tos (pr'ali é que sabe)...eu...uma vez quando eu ia passá/ já depois qu'eu tô morando aqui eu eu tinha mania de passá quinze dias pra lá né↑ e lá onde eles moravam era bera de igarapé mas bem (inc) tu chegô a vê

If2 (inc)↑ ((dirigindo-se a uma terceira pessoa)) lá no mujui...tu ainda conheceu aquele i

If2 (inc) igarapé...tem o mujui e o matupiri né↑ o matupiri aquele que passa ao lado da casa dentro da mata...aí menina olha nesse dia não sei se foi o medo...eu não gostava de i

If2 (inc) pro igarapé a parti de seis hora...aí eu fui eu fui tomá banho fui só...sempre eu convidava a as neta dele pra i comigo (inc) seis horinha eu fui tomá o banho tinha um pau assim - tem lá não sei se ainda/ não não tem que ele quando ele era vivo ele serrô quando ele ainda tava bom serrô aquele pau o pau que caiu...de um lado e atravessô pra o otro né↑ aí qué dizê dava'té quando o igarapé tava seco a gente atravessava pr'um lado e pr'otro naquele pau - ...aí nesse nesse nessa tardezinha digo *vô já tomá um banho volto rápido* mas era logo assim é:: logo assim tu tava vendo o terrero da casa...aí eu fui eu cheguei lá com tanto medo acho (inc) - o medo faz tudo né↑ - eu tirei a roupa e comecei olhava pr'um lado pra otro pulava na água e olhava pr'um lado e pra otro aí nisso peguei a roupa me vesti inda molhada e vô andando e olhando pra trás né↑ pra vê/ mana eu te juro qu'EU vi em forma de uma lontra porque lá no igarapé tem↓ tem lontra...eu vi em forma de uma lontra aquele animal correndo (inc) do lado da mata no pau...correndo atrás de mim...eu só dei um carrerão quando (eu cheguei)...*eu vi eu vi eu vi um bicho correndo atrás de mim em forma de uma lontra eu vi seu N* isso não foi o medo *menina que fez↑ eu não sei eu sei qu'eu vi eu não sei se foi medo eu não sei o que foi eu vi aquele bicho não vô mais no igarapé a parti de seis hora* mana eles lá (iam) no igarapé de noite...é sempre que tinha culto lá quando terminava umas nove hora nove e meia da noite *bora tomá banho no igarapé bora*...aí aquela mulherada que tava lá cada uma tira a sua roupa e pula na água...eu tinha mais medo era da cobra...tinha cobra grande lá...sucuriju... (inc) enquanto dá pra ela se movimentá na água na areia...ela tá andando né↑ lá é uma parte profunda mermo...mas mermo mas mesmo assim ninguém tinha medo a gente ia assim à noite nove dez hora da noite muitas mulhé PULAVA na água ((risos)) pulava na água e...tomava banho tomava banho até (acabá) se vestia ia embora né↑ gente tem muita coragem↑↑ pulá em cima da cobra dentro da água né↑↑ mas nesse dia eu eu juro qu'eu vi aquela era uma lontra

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

correndo atrás de mim...será que a lontra corre mermo atrás da pessoa↑

((interrupção da gravação))

P. belém nove de julho de mil novecentos e noventa e quatro bairro do sôza informante dona marlene matos

((interrupção da gravação))

If. (inc) me perguntô assim::...quando vem a gente via:: matinta não perguntava o que era que ela queria↑

P. nunca tiveste curiosidade↑

If. quando...nós víamos lá na época andando assim à noite de repente aquilo aparecia... como crente né↑ a gente dizia só assim *senhô jesús que te repreenda satanás espírito das trevas...*(aí) pronto...que tudo isso é espírito das trevas né↑ o diabo tem podê gente pra transformá...o ser humano...o o animal que a gente cria assim em casa né↑ (inc) o satanás tem podê pra transformá num espírito imundo né↑ então:: veja bem como a pessoa que é GENTE é um ser humano...de repente ele se transforma num animal né↑...num cavalo num porco...num num em forma de um pássaro muito grande voando né↑...uma pessoa dessa...não tem parte com deus né↑...uma pessoa totalmente usada pelo demônio...tudo isso são obras das trevas né↑ obra do maligno...eu vejo aqui com a gente quando::...a gente sente assim um negócio desse...a gente sente né↑ que algo estranho...quê amedrontá a gente de repente se você fô fraca mermo caí olha como na noite de de o espírito...imundo tocô...na parede no esteio lá:: da minha casa quando aquilo BATEU TOCÔ AÍ VEM DERRU/ querendo derrubá tudo eu achava que a casa ia caí...e de repente rápido eu me levantei só que me derrubô na rede fiquei adormecida caí lentamente fiquei com (os pés) pendurado...né↑ (inc)...jesus tem misericórdia de mim (inc) o espírito das trevas o espírito imundo que quê que quê me derrubá né↑...demorô assim pegô mermo demorô adormecida mas em pocos minutos me levantei...e eu achava qu'eu pegasse um terçado eu tinha que caí atrás e matá o bicho né↑...tão prova que aí eu falei pro meu sogro e ele disse minha filha abra a bíblia no salmo noventa e um deixa ela aberta e na noite pa/ na no na na próxima noite...eu peguei abri a bíblia no salmo noventa e um coloquei ela em pé encostei ela na parede deixei ela bem inclinada na parede...e quando foi umas hora aquilo ((imita o barulho)) a bíblia caiu...quando eu me acordei (inc) caiu com tudo qu'eu olhei a bíblia tava caída...aí eu contei pro meu sogro *satanás tá furioso comigo até a bíblia ele/ aberta inclinada na parede ele jogô ela...da parede lá de fora ele tocô na parede e jogô ela qu'ela caiu emborcada...no assoalho*↓ disse ore ore minha filha ore muito mermo qu'ele vai querê lhe derrubá ele qué lhe feri...é:: é isso eu não creio né↑ que:: essas pessoas que se transformam em coisas ruins...eles querem pedi alguma coisa...eu creio que aquilo é um fado qu'ele tem:: (de servi) o diabo né↑ se torná uma pessoa...são DEPENDENTE MERMO da...das obras satânica né↑ e por esse motivo eu não tenho medo mesmo inda digo assim (rindo) *satanás tu não brinca comigo que tu vai sai daqui envergonhado* ↑↑((risos))

((interrupção da gravação))

If. o meu sogro ele era um um evangélico há mui::tos a::nos quase quarenta anos...e ele me disse...uma vez...que até o banho do crente (tem que sê santo)...porque você chegá num rio num igarapé pra tomá banho...você tem que entrá com ordem e decência naquela água...e ele me falô assim que tem os espírito...os espírito imundo nas profundezas dos mares né↑ das águas...né↑...e:: se você como uma pe/ um cristão entra numa água/ num num num igarapé pulando gritando...(inc) qu'é muito fácil a pessoa sê tomada...pel'um espírito...que a bíblia fala que tem os espírito das profundezas dos mares né↑...e ele aí::...sempre quando eu tinha:: dúvida assim qu'eu queria sabê seu N tal coisa na bíblia ↑ ele dizia é minha filha é no livro tal versículo tal...mas nem todas as coisa qu'ele orien/ qu'ele ele me orientava eu procurava sabê uma vez ele me falô qu'ele falava muito sobre as neta dele as neta quando ia pro igarapé a gente só ouvia os grito dela pulando gritando...aí ele dizia ele sempre dizia olha menino vocês tenham cuidado quando fô no igarapé tomá banho...que vocês são crente como (serva) de deus vão pra água pulando desse jeito↑↑...vocês vão serem tomada rapidamente os espírito das profundezas dos mares...eu disse é bíblico seu N ↑ disse é bíblico↓ tá na bíblia↓ só qu'eu não cheguei a confirmá...aquilo aquele aquele home era um anjo...(inc) a gente vai procurando lê a:: bíblia né↑ se aprofundando até encontrá essas parte assim partes que a gente encontra...que a gente nem espera a gente encontra aquelas partes na bíblia né↑ e é assim por isso eu digo né↑ que existe mesmo os espírito né↑...agora fica os otro diz assim fulano fulano ((interferência na gravação)) fulano morreu tá baxando um espírito...do fulano (inc) a bíblia diz qu'é o diabo que vem em nome daquela pessoa...porque JAMAIS alguém que morre tem o

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

direito de vim in incorporá em otro nos seres vivos e dizê que tá querendo vela tá querendo água tá com fome morreu com sede né↑...não↓ a vida (inc) satanás ele também tem podê né↑...ele vem...a/ ele fala naquela pessoa...até a voz da pessoa é parecida...(inc) em nome da pessoa que morreu...por isso qu'eu digo né↑...tá na bíblia tudo são obras malignas...(inc) e é assim QUE EXISTE EXISTE↑↑ né↑ (inc) espíritos imundos que andam perseguindo a vida dos otros incomodando a dormida...às veze ele vem e pega no dedo uns diz que puxa no dedo grande no pé né↑ puxa nos cabelo

((interrupção da gravação))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO V

FITA CM03CZsb191093

(tempo de gravação: 35 min.)

If. (inc)

P. tudo que o senhô...pudé...belém terça-fera...dia dezenove de outubro de mil novecentos e noventa e três quem vai falá é o seu raimundo raimundo de quê seu nome↑

If. (inc) (inc) dos santos

P. vamos lá então

If. bom...é o seguinte eu quando era moleque...lá em são bernado...(inc)...é:::tem lá uma planta no mato que chama-se guabiraba né↑ você não conhece aqui...uma frutinha pretinha...naquela época um lugá que tem o nome (saco) o pessoal diz bora pra lá (apanhá guabiraba amarela) que lá tem...aí saímos - eu era moleque eu era inda me lembro tá com meus nove ano oito ano por'aí assim - (e fui também)...era o o três três mulhé e dois home...tá...quando chegô no meio da mata tinha um cemitério sabe↑ - ainda me lembro como se fosse hoje...até me arrepiava os cabelo ainda - aí eu comecei chegá na porta do cemitério na na IDA pra lá...aí eles pegaram...fazê...gaiofa do...pessoal que tinha morrido qu'eles conheciam (inc) qu'eu não conhecia...(inc) fazê gaiofa do pessoal gaiofa mermo↑↑ - (inc) chateá

P. (também)...é:: um nome assim...qu'ê dizê chateá a pessoa...fazê aquela

P. isso
moleca::ge...com a pessoa que tinha morrido - bom...fomo embora...e quando nós viemos voltamos...era mais ô meno uma meio-dia pr'uma hora...oh oh↑↑...não deu outra coisa...(foi)...quando chegô na porta do cemitério aquela voz ((imitam o som da voz)) oh oh↑↑ olha o pessoal com medo↑↑...todo mundo apavorado (inc) ((imita novamente o som daquela voz))...aquela fala estranha não sei o quê...não se via nada só aquela voz...esse pessoal veio me dexá perto já de casa...olha o pessoal com medo↑↑...inda me lembro disso como se fosse hoje...olha cemitério é uma coisa santa num se num se deve abusá de cemitério...num se deve abusá porque cemitério é uma coisa SANTA...tem um caso também de um senhô que morava no...(lá) em são bernado

P. são bernado fica onde↑

If. são bernado é (ond'eu morava)

P. onde é↑

If. maranhão...aí tinha um é:: - maranhão (inc) - então o resultado...que o finado A...

P. maranhão↑
ele...morava num lugá por nome:::barra do longá...aí::

P. com'ê o nome↑

If. barra do longá↓

P. fica no maranhão↑

If. maranhão também...daí pra lá era uma doze légua mais ô meno qu'ê dizê uma légua...qu'ê dizê cada uma légua dá seis dá seis quilômetros né↑...(inc) saiu à noite de volta pra são bernado...ele saiu...quando ele chegô...no meio da mata assim...a a:: luz com'ê↑ da da lua clara e tal...ele sentiu um sono (vindo) tão pesado...qu'ele não aguentô...aí tinha um cemiteriozinho assim aí ele entrô...(inc) deitô e dormiu...se acordô n'otro dia mais ô meno umas oito hora pra nove hora ele se acordô...sabe o que veio atrás dele↑ uma onça...(pra comê-lo)...e aberto o cemitério e ela não entrô ela ficô lá...correndo com o rabo e não entrô por quê↑ porque cemitério é coisa santa quem não dexô↑...as alma os espírito de...é de luz...otro caso também lá em:::num lugá por nome...(currais)...lá o

P. currais↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. currais↓ perto de são bernado também...tinha um cidadão – meu deus o que são desgraçados – todo dia ele via:....ele ia trabalhá na bera do rio na:....na vazante dele lá (inc) e só saía à noite quando chegava na porta do cemitério ele fechava os olhos... em cima d'um burro...quando foi um dia (num deu) aquela coisa...à noite era uma dez hora da noite por' aí assim...ele viu o (burro) pará ficá em pé ali que diabo esse burro tem↑↑ (vô te dexá)...medroso...sabe que: sabe que tava↑ o burro tava ((risos)) dentro do cemitério com a cabeça lá dentro da...da capelazinha ah↑↑...quando esse home abriu os olho qu'ele poxa vida↑↑ já pensô↑ ficô doido de medo (quase) esqueceu a sombra↑↑...saiu puxando tudo...(montô) e veio embora...t' aí não se abusa de cemitério...olha eu res eu respeito cemitério eu respeito...eu durmo dentro d'um cemitério e não durmo dentro d'uma igreja...nem na porta da igreja eu chego...tô falando...cemitério é uma casa santa minha filha tô te falando...você pode chegá qualqué hora da noite entrá dentro do cemitério se deitá...e dormi à vontade não lhe pega NADA...nada nada nada lhe pega...tô falando...cemitério é coisa é:: é:: terra santa é:: casa santa mermo ela é santa por deus mermo que tem os espírito ali de deus né↑...não vai dexá lhe:: fazê nada...então é verdade...eu vi as coisa que aconteceu qu'essa foi comigo e EU VI...e essa foi com o fina::do...E...A...e ele...contava isso pra gente eu era moleque e me lembro muito bem ele contá isso...quem me defendeu foi os espírito que senão a onça me comia...comia mermo...esse seu M aqui...qu'era dono dessa:: mercearia aí – tu conhecesse ele né↑...tu conheceu – ele contava pra nós aqui...contava pra mim e pra todo mundo aí...que tinha:: aparecia disque às quinta-fera...aparecia disque um cavalo correndo de lá pra cá...cavalo BRANCO...vinha com o diabo↑↑ (inc)...aí um dia ele disse assim rapaz eu vô vê que diabo desse cavalo é esse...ele abriu a janela quando viu o cavalo branco ((imita o barulho que o animal fazia)) nisso quando o bicho passô...na janela qu'ele tava pra lá...pareceu um gato deste tamanho (inc) ah↑↑ disque ele passô ((imita um outro barulho))...nunca mais foi vê...satanás né↑ tá doido↑↑ (inc)...foi:: ele contô isso pra gente...todo tempo ele

P.

[hum ((risos))

contava isso pra gente...qu'ê dizê eu não sei se foi verdade mas ele contava isso pra gente...agora essa qu'eu tô contando é (qu'ê assim)...o cemitério↑↑ isso foi verdade mermo...e outra coisa...na ocasião – já contei o negoço do cachorro↑ não né↑ - eu gostava de uma de uma moça lá em são bernado lá na bera do rio lá:: em são bernado...e...((a gente ia) na casa dela até::...umas:: dez hora onze hora da noite né↑ batendo papo lá – sabe que naquele tempo a rapaziada...achava a menina pra gente conversá e batia papo e tal sabe naquele tempo não tinha negoço de AGARRAMENTO não não tinha – bom...aí eu quando foi assim umas onze hora mais ô meno ia dá meia-noite vô m'embora↓...aí eu vi quand'eu cheguei perto de casa...tinha um cercado muito grande aqui agora pra cá era só mato...mato fechado mermo...eu vim andando tá quando aquele negoço fazendo na minha costa ((imita o som de algo ou alguém ofegante)) (inc)...tornei andá ((imita novamente o mesmo som)) minha costa de novo...(inc) que diabo será isso né↑ tornei...tornei andá que...qu'eu olho pra trás olha o cachorrão↑↑...(inc) olhando pra minha cara aqui ah↑↑...você sabe que me deu um medo tão desgraçado do cacho UM CACHORRO↑↑ um cachorro...mas eu...eu tava armado bati a ar/ a faca...bati pra cima dele ((imita sons de batidas)) tudo qu'eu fazia pra cima dele ele fazia pra cima de mim...não me mordeu não rosnô não fez nada só bateu (inc)...aí eu já tava cansado...aí uma hora eu disse assim desgraçado (da próxima vez) eu vô te matá quando eu disse isso...meti a faca no bicho assim ele...ele rolô pra dentro do mato...eu fui m'embora...quando eu cheguei em casa qu'eu abri a porta...e me deitei aí me deu um medo tão grande (impressão) que aquele cachorro tava lá na porta me olhando...medo foi tanto qu'eu tremia mas eu tremia assim (inc) parecia qu'eu tava com uma febre...olha...essas coisa qu'eu já vi...e outra vez...lá tinha um::...uns camarada ((risos))...tinha um camarada que::...((inc) também foi medo...morava no santo eugênio – uma vilazinha o santo eugênio – aí (teve lá) até uma meia-noite mais ô meno e veio...época de inverno escuro...quando chegô perto já de casa tinha uma passaginha d'água assim...escuro chovendo...aí ele

P.

[(inc)

If. hum↑

P. (inc)

If. eu não sei tinha um riacho assim d'água assim ele tinha a arregaçá a calça pra podê atravessá...tinha lá dois pau d'água muito grande – pau que tem lá...chama pau d'água – aí qu'ele – disque lá apareceu um camarada com (camero) que dava pancada na gente – quando ele chegô na passagizinha d'água pr'atravessá...(inc) ...aí disque égua↑↑ parô eh danô-se...danô-se aí...medo desgraçado pra voltá era muito longe...pra segui (já era) perto de casa aí...(inc)...disse o home tá me chamando vai me matá – rapa o qu'ê medo medo – até que resolveu disse bom eu vô enfrentá

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

(inc)... chegou lá sabe o que era ↑ era um cavalo o bichinho tava (inc) dos dos pés...o cara ba/ dava nele assim ele batia com o rabo assim ele im impressão qu'era uma pessoa que chama/ ele assim mentira ↑↑ era o cavalo coitado ((risos)) rapaz o medo (inc) é sério o medo é uma desgraça...você não queira sabê o qu' é um medo...é...medo...a gente as vez fica com medo corre...por bestera...até...olha a bananera...é uma planta qu'ela...assim à noite (inc) quem vê diz qu' é uma pessoa que tá que nada ↑↑ é bananera não vô atrás disso é bananera é bestera é bestera merino...o medo (a gente faz do tamanho que qué)...é sim...porque...agora eu já vi um negoço...qu' eu...lá tinha um:::(inc)...lá tinha umas árvore muito alta...lá disque aparecia um::: um uma pessoa que dava pancada na pessoa assim...sô vocês vendo...e o finado do (A) (mexia) com um cavalo tocando uma carga...umas...sete hora da noite...aquele negoço dava um bocado de pancada nele...ai quando foi um dia...a gente ia pr'uma festa – era eu tava rapazinho já (inc) na casa qu' eu morava – ai quando chegamo lá na... (na frente do pau)...ai nós dissemos (inc) vem dá pancada na gente aqui ô sem vergonha...ai pegamo...sabe d'uma coisa ↑ minha filha...daqui a pouco eu vi um (inc)...eu vi aquele negoço fazendo tipo macaco aquelas (inc) de macaco...(rapaz) nós ficamo parado (nós era) nós ficamo parado ali...e aquele negoço parece que...que ia vinha embaxo aquilo caíndo em cima ((imita o som da batida)) fazia um estoro desgraçado...e lá vem no nosso lombo olha ↑↑...mas passô só aquele vento FORTE assim...ai ficamo calado...quando aquele negoço parô aí nós (dissemos) um um pelo otro e ((imita o som da corrida que os personagens deram)) até chegá...numas casa ai que nós fomo falá (inc) olha ↑↑...num se dexa...nunca a gente deve fazê aquilo que não deve fazê porque nós fechamo o caminho...a estrada pra vim por'aqui...por qu'ê...pra mexê com quem está quieto ↑...quando nós voltamo veio mais por'ali uma droga veio por'otra estrada nunca mais passei por lá...(inc) aparece muita visage muita coisa...qu' é dizê é:: mas é:: é:: é medo da pessoa sei lá...a pessoa muito medroso a gente fica:: sei lá (com'ê)...não sei...eu...eu acredito eu acreditava que acontecia mermo coisa...(inc) tem mais gente do que...do que visage

((interrupção da gravação))

If. eu trabalhava no maranhão na numa roça – (inc) trinta e três (parece) – então eu era um bocado (levava) uns vinte e pouco ano trabalhando lá – bom e tinha um cidadão lá por nome S né ↑...então um dia ele contô isso pra nós...disque ele morava na...na casa de um cidadão...que naquele tempo tinha aqueles (coronel) de barranco né ↑ - (inc) – bom...resultado...ai a mulhê desse cidadão adoeceu...e mandô ele comprá um remédio...era longe ↑↑ mais de duas légua de distância...ele montô no cavalo dele e foi comprá...quando ele volta...de lá pra cá disque ele viu...aquela pessoa com otro na costa – ele CONTÔ...eu tô contando porqu' eu não sei...s' é verdade dele ô mentira eu não sei – bom...resultado...que quando o cara (chegô) perto do cavalo...pulava (tanto) não queria passá de jeito nenhum...ai ele foi o jeito ele se se desapeá do cavalo...garrá a cabeça segurá o cavalo pi pulava de todo o jeito...disque era um camarada com a com otro na costa...quando chegô perto dele disque arriô aquilo (inc) ((imita o som de algo que é jogado no chão))...ai disque o cara disse assim pra ele...triste vida de quem mata os otro – ele CONTANDO eu é:: (inc) são vinte e pocos ano...escutando ele contando essa mentira eu não sei – tá...disque ele conheceu todos dois...um tinha morto o otro...e ele conheceu os dois...um tinha morto o otro e depois o otro morreu de doença mermo comum...ai disque ele disse me ajuda a botá aqui na minha costa rapaz ↑↑...disse qu' ele agarrô...botô...pegô na carne do cara...disque aquilo era gelo parecia GELO...ai disque ele...ajudô o cara botá na costa dele...ai o cavalo disque pulava de todo jeito que cavalo é medroso mermo cavalo é bicho medroso...ele montô nesse cavalo disque esse cavalo desembestô (inc) com o DIABO...até chegá no...(inc) diz ele...quando chegô para o...para a o coronel e disse olha numa mais vô...aconteceu assim assim assim é rapaz isso é comum ↑↑ isso é::...é coisa comum sempre aparece essas coisa diz ele...agora...eu acreditei não acreditei porque pô ↑↑ com' é que uma alma um espírito vem assim ↑↑...otro na costa (inc) ajuda a levantá ↑↑ não ↑↑ (inc) eu tô contando porque o cara me contô...contô isso não foi só pra mim foi pra muita gente né ↑...a gente tem que acreditá né ↑ ((risos)) não é verdade ↑...é verdade eu (tô contando) qu' eu vi o o:: cara contá esse negoço de:: (inc)...eu não sei não não sei pode...pode tê sido verdade pode tam também não tê sido verdade né ↑ não sei...agora que...antigamente existia mermo essas coisa...(essa bestera)...(hoje não tem mais)...hoje o pessoal de hoje em dia...é::...já vive...sei lá...você sabe que antigamente...ovi contá um caso...ovi contá disque foi aqui em belém ovi contá esse caso eu não sei...bom...tinha uma moça'qui...que sempre ela pegava o carro de chofê aí à noite...e ela ela vinha pagá...quando ela chegava...lá donde ela ficava ela dizia vô pagá a amanhã vá recebê na casa do meu pai esse dinheiro...disque fez isso diversas aqui foi verdade isso FOI VERDADE MERMO...morava aqui parece que na::...são jerônimo...(inc)...resultado...o último rapaz que::...qu' ela pegô o carro dele...dexô ela parece qu' ele dexô ela não sei parece que perto do cemitério por' ai assim...disse olha o senhô vai recebê esse dinheiro lá na casa do meu pai porque...eu não tenho dinheiro aqui amanhã o senhô vai...ai ele foi...no otro dia ele chegô na casa

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

do pai...dela e...(senhô) eu quero recebê o dinheiro d'uma moça que pegô uma carona comigo ontem à noite tal eu vim recebê esse dinheiro...é minha filha↑ ele disse é↓...não é possível↑↑...ai ele mostrô o retrato disse é aquela qu'está'li↑ ele disse é aquela merma↑↑...ela já tinha morrido há muitos ano – disque (inc) isso aqui o pessoal tudo de belém sabe disso...disque foi verdade merma DIZEM...disque foi verdade – resultado...ai o rapaz ficô de fora...ficô apavorado com aquilo...ele tinha carregado um espírito...no carro...e a mulhé era bonitona é↑...resultado...qu'ele...(inc) disque foi não foi só ele foi diversos...agora o ano passado...af deu-se um caso aqui...eu vi eu vi não↑↑ eu vi qu'ê dizê...eu vi no: - com'ê↑ no fantástico né↑ - foi...no rio grande do sul...tinha um rapaz lá...toda noite ele sonhava com uma moça uma senhora...qu'ele visse qu'ele viesse em minas gerais num cemitério...na casa desse parente dela da da mãe dela do pai dela...eles irem lá eles iam arrancá a cabeça dela...qu'ela tinha uma moeda na: na boca e ela tava sofrendo por causa daquilo...ela tinha sido morta e tinham colocado aquela moeda na boca dela...qu'era pra: o ca/ o: assassino aparecê...e ela tava sofrendo fazia vinte anos qu'ela tava sofrendo com aquilo...até que um dia o cara veio...(chegô) direitinho na casa dos dos pai...chegô lá – isso deu no fantástico (inc) umas duas vezes↑↑ eu não sei se vocês viram né↑...deu no fantástico aquilo...e eu vi o (cabra)...recebendo lá – bom...resultado ele veio...chegô na casa dos pai dela contô a história...(inc) (bom) vamo no cemitério qu'eu vô vô vê...se você tem um retrato lá disse tem um retrato↓ tem o retrato tá lá na sepultura ele chegô lá...(inc) é essa merma que tá'qui...pode cavá...pode mandá cavá e tirá...cabeça dela qu'ela...que tem uma moeda na boca dela não deu outra coisa...cavaram a sepultura...tava ela com a moeda na boca só tava só tava a cabeça né↑ (inc) e tiraram a moeda ele disse assim outra coisa...essa moeda o senhô leve pra você...você vai sê muito feliz com essa moeda...não dê pra ninguém você vai sê muito feliz...e eu vi os caboco tavam a a arrancando...tirando ti tirando a moeda dando pra ele ele foi embora...isso deu no fantástico ano passado uma deu DUAS VEZES no fantástico...eu vi no fantástico...eles cavando lá a sepultura...(inc) como o caboco caboco matô ela pra: querê...querê é: - com'ê...com'ê↑ - querê seduzi ela e ela mo/ ela era casada e ela...não aceitô (inc) e matô deu...DEZ facada nela...ela morreu...eles puseram uma moeda por causa do assassino aparecê e nunca apareceu resultado ela tava sofrendo vinte ano...ela...ela – com'ê que se diz↑ - ele...ai foi embora...ai não apareceu mais ele...são coisa boa essa foi verídica merma↑↑...outra também no no piauí...tu conhecesse um lugá lugá por nome jandira↑

P. é um lugá↑

If. lugá no piauí na bera do rio parna/ chama-se jandira...jandira...(inc) agora eu não vi...eu tô contando qu'eu ovi falá...eu só conto aquilo qu'eu: eu::...morava lá um:: cidadão...pobre né↑ na bera do rio perto d'uma – que lá o rio parnaíba passa'qui...e lá era tam

[
P. (o quê↑)

If. o rio parnaíba↓ chama rio parnaíba...como era (antes) rio parnaíba hoje (inc) – bom...então ele sonhava to::da noite...chegava um cara dizia (olha)...vai lá na zona perto de tutoia que tem uma fortuna lá pra ti na bera da praia

P. tem praia lá↑

If. na bera da praia...no no maranhão no lado do maranhão...em tutoia perto do...na bera da praia...que lá tinha uma fortuna pra ele...sonhava to::da noite ai um dia ele disse (mas) mulhé já tô qu'eu não sei mais o qu'eu faça a mulhé disse por que tu não vai rapaz↑↑...tu não vai↑↑...ai...conversando com (inc) na numa canoa foi batê lá (inc) uns cinco dia chegô lá...(ficô hospedado) na casa dum cidadão...af...de manhã ele saiu pra (inc) é não tem nada'qui↓...nisso ele avista um cidadão lon::ge...todo de preto aquele fraque – naquele tempo usava aquele fraque aquelas cartola

[
P. (inc)

If. FRAQUE qu'ê dizê é uma:: ropa que se usava antigamente né↑ aquela cartola um chapéu...era tipo: (dotô) sabe↑ - bom...resultado...ai quando (vê) tal tá perto dele disse qu'ê que o senhô tá (procurando) meu amigo↑ disse meu amigo tô pro::/ eu não sei rapaz eu...eu sonho toda noite qu'eu viesse aqui qu'eu encontrava uma for fortuna pra mim aqui eu não vejo nada vô m'embora...disse ah↑↑ não vai atrás disso↑↑ ah isso é bestera↑↑ (isso) não vai atrás disso↑↑ (inc) pode i embora (faz) o seguinte eu também sonho...qu'eu vô no piauí num lugá chamado jandira...tem uma casinha lá qu'ê dum dum dum morro...e tem lá uma pedra muito grande e em cima dessa pedra (dorme) uma cabra preta...que adonde a pedra terminá ô (rachando a bera) às quatro hora da tarde...qu'eu vô lá e cato que tem uma fortuna pra mim eu num vô atrás

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

disso↑↑isso é mentira↑↑...o cabra dizendo pra ele - isso ovi contá...lá:: e muita gente...que conheceu o cara - bom...af ele...ele volta (inc) lá na minha casa poxa vida↑↑...na minha casa...mas será↑↑ (inc) ele ficou calado não disse nada...tá bem↑↑ despediu... (inc)...chegô pegô o (carro) veio embora...quando chegô na casa dele...notro dia ele::...disse mulhé...vamo vê aqui quero vê agora...af pegô uma...a picareta...uma enxada e foi pra lá...((imita o som das ferramentas)) (inc) tocô num tacho de oro...um tacho de de cobre...sabe qu'e tacho↑...tachozinho assim... cheio de moeda de oro...cordão de oro...tava tava até a boca

[
tacho é o quê↑

P.

If. ah↑↑tacho é um negoço de::...de cobre é...chama-se tacho ele antigamente usava pra fazê::...fazê mingau fazê:: doce essas coisa tudo - bom...tava até a (topa) de moeda de oro prata e::...cordão de oro aí:: disse é aqui↑↑...af ele arrancô tudo quando chegô...quando foi à noite ele sonhô com o cara de novo af disse meu amigo muito obrigado...eu fiz isso pra você i lá pra mim dá porque só podia doá esse dinheiro pra você porque aqui eu não podia dizê pra você mas só lá...muito obrigado e até um dia...af o cara...quando foi uns uns três dia depois...voltô pra (inc)...af foi...lá/ trocô um dinherozinho e foi pr'um lugá por nome - esse eu conheço mais é:: conheço demais é::...com'ê o nome↑... (5.0s) com'ê o nome do lugá meu deus qu'ele foi↑... (inc) cocal↑↑ - cocal...é qu'eu vô comprá um...uma redinha um bodezinho um porco e tal e tal e plantá minha (inc) e foi indo...o cabra ficou rico...ficô rico mermo...ovi falá isso disque foi verdade...também...esse negoço de dinheiro enterrado existe mermo...existe muito↑↑...é porque em são bernado lá (inc) tinha um seu J com com...uma fortuna de dinheiro...ficô riquíssimo...ficô riquíssimo

[
são bernado↑

P.

If. são bernado on::de eu morava lá onde nasci...qu'ê dizê existe esse negoço de dinheiro enterrado existe mermo inda existe hoje inda existe...porque naquele tempo da guerra do paraguai...pessoal que tinha o dinheiro...eles ficavam com medo que o (inc)...por causa do soldado da guerra...eles enterravam o dinheiro né↑... (inc) perdia o lugá aí qué dizê que aí morria ficava tudo dinheiro enterrado ali...resultado...e hoje inda tem inda inda TEM MUITO dinheiro enterrado até hoje tem sim...tem porque...porque::...eu já vi muitas moeda de oro que gente tirô enterrada...e tem outra coisa foi em sessenta↑ cinquenta e nove foi...veio um camarada de de de cameté pra cá...com um bocado de moeda de oro qu'ele tinha arrancado...e o abestado foi mostrá...quando chegô aqui no cais do porto a policia tomô o di dinheiro dele já pensô↑...tomô mermo a policia federal...tomô o dinheiro dele todinho a moeda de oro olha↑↑...porque...o abestado...disse que não qu'ele qu'ele não podia usá' quilo porque era não sei o quê...mentira↑↑...ficaram foi com o dinheiro do abestado...foi sim↑↑...existe muito dinheiro enterrado ainda...até hoje inda existe

((interrupção da gravação))

P. começá

If. (inc) quando eu me mudei pr'essa casa'qui...rapaz era TODA noite... (inc) tinha uma senhora...que dava em cima de mim...aqueles cabelos comprido...e dizia não sei o quê no meu ovido mas eu não compreendia o qu'ela dizia (inc) mas não pude compreendê o que aquela dona dizia...resultado...eu tava que não aguentava mais era quase toda noite...até a mulhé já tinha pavô...já tinha JÁ - qu'ê vê pergunte pra ela aí...ela sabe disso...qué vê pergunte pra ela - até ela já tinha pavô perguntava digo *olha eu não posso dormi é a mulhé tá'qui em cima de mim e tal...*a mulhé se agarrava comigo...com medo...resultado...até qu'eu fui pra::... (inc) foi indo foi indo foi indo foi indo FOI INDO...graças a deus desapareceu nunca mais GRAÇAS a deus nunca mais...é...está com deus (inc) está com deus deus lhe pertence você...tá pecando aqui alguma coisa você fez então vá pra deus deus lhe deus lhe dá a cobertura vá vá com deus vá com::/...graças a deus GRAÇAS a deus...quando falô isso até me arrupio é sério↑↑...tô lhe falando minha filha pergunte pra mulhé qu'ela sabe disso pergunte pra ela...num tô mentindo...ela...ficava apavorada (inc)...mas a mulhé era era...sentia qu'ela/ ela era bonita mulhé (inc) olhava assim é:: uma mulhé bonita eu...aqueles cabelos compri::do...rosto... (inc) mulhé bonita mermo (inc) aí me dizendo mas num com/ mas num compreendi mermo↑↑...eu não sei s'era inglesa né↑...que aquela voz ((imita o som da voz)) eu lá sei↑↑...eu não sei eu não sei falá inglês né↑... resultado...até que graças a deus com a palvra do senhô deus ela...desapareceu nunca mais graças a deus nunca mais...qu'ê vê pergunte pra mulhé qu'ela sabe disso... pergunte pra ela qu'ela lhe diz não é mentira...é não...é::...são essas coisa rapaz... tudo isso a gente

((interrupção da gravação))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. também vô contá lá de são bernado mermo disque:...dois caçadores...foram caçá...
(inc) caçá tatur: a paca essas coisa...aí estavam

P. {
caçá tatu e::↑

If. e paca (inc) caçando no mato (inc) à noite...caçando bicho pra matá pr'eles comê - bom...resultado...aí um dia uma pessoa (inc) lon::ge e eu respondi pensei que era caçadô também...e aquela voz veio veio aquele espírito e ele também respondia né↑...e quando chegô mais ô meno numa distância digamos como daqui:...ali pra José Bonifácio... (se conheceu) que aquilo não era vindo de gente...que chega se estremece a terra assim...aí se esconderam dentro do mato assim...(inc) aí a lua estava a lua tava clara...até os cachorro ficaram (inc) perto deles...os cachorro tremiam de medo...a::quele negoço veio veio veio quando chegô bem defronte deles assim disque era um peru↑↑...disque era um peru qu'era descomunal uma coisa estúpido de grande...até aquele bicho inchava inchava ficava igual (inc) enorme↑↑...arrancava aquele grito assim que chega estremece a terra...(teve teve teve) eles ficaram cala::dos ali...e num se sabe NADA...bom s' eles mexessem com aquele bicho - qu'era o satanás né↑ - eles iam brigá muito com ele ele ele até matá ele né↑ aí eles (tiveram tiveram) pe pegaram rezá rezá rezá e até que o bicho foi embora...aí desapareceu...aí eles voltaram eles vieram embora até os cachorro ficaram com medo...que cachorro (inc) os cachorro tremiam-se de medo assim...já viu↑...se

P. ((risos))
oviu contá muito isso na na... e os dois cara qu'eu::qu'eu conhecia eles eles contaram (compadre) o medo que nós tivemo desse bicho aí↑↑ peru qu'era uma estupidez de peru...aquilo era o diabo↑↑...porque que que só podia sê né↑...que o bicho dava aquele grito...(inc) chega estremece tudo...eles ficaram apavorado de medo que quase eles morreram de medo...resultado...aí eles vieram embora não caçaram mais nada não pegaram foi bicho nenhum eles vieram embora...é:: rapaz...só que...tem muita coisa...sei lá é::isso aí eu não vi...conto eu tô contando qu'eu:: me contaram isso contaram isso no bá::i...agora...dizê que...naquele tempo existia (inc)...não existe mais não mais não...que quando eu cheguei aqui em belém...aqui em belém a gente podia dormi até na rua aí...à vontade...nada mexia com a gente vá dormi hoje↑↑...é...uma ocasião eu...eu fui...ali na:: zona...fui assisti um...um negoço de um jogo (inc) um time de fora...um lá no botequim do finado::S...aí quando terminô quando terminô vô pel'uma rua eu disse *poxa*↑↑ - eu mo morava na na cremação - eu digo *poxa vida*↑↑ e *agora sozinho*↑↑...ah meu filho tinha medo sabe do quê↑ cachorro doido...o jacaré me pegá uma cobra que que tinha mermo...cobra na rua jacaré tinha mermo...(aquilo) era deserto...aí eu ((risos)) eu eu me (saquei) não

P. ((risos))
tinha mais ônibus...bonde naquele tempo do bonde...não tinha mais bonde aí eu me (saquei)

P. que ano era↑

If. ah isso foi em::quarenta e sete por' aí assim...é

P. segunda guerra

If. é segunda guerra...quarenta quarenta e cinco (inc) da guerra né↑ - aí quando eu cheguei (inc)

((A fita precisa ser trocada. Provavelmente, perde-se alguma parte da entrevista.))

If. lá pra cremação ele disse também vô pra lá rapaz lá pra condo eu disse então então vam' bora aí (ele embarcô)...aí passô o medo égua↑↑ já penso escuro escuro mermo↑↑...naquele tempo a luz era só:: uma...coisinha...quando era meia-noite ela apagava...em toda a cidade...só ficava mermo (inc) ficava aquela luzinha...a gente é:: no...no subúrbio...era escuro mermo...(inc) esse cidadão fomo conversando e tal até chegá em casa...é...naquele tempo era ruim minha filha aqui era::isso aí essa essa condo aqui...até você chegá na cremação...isso era só mato...uma casinha aqui outra lá::...escuro...não tinha luz não tinha nada...então que...podia aparecê um bicho ali mordê a gente um jacaré uma cobra (inc) aparecia mermo...(inc)...(4.0s) eu morava numa casa com...nós éramos quatro companheiro era eu...maranhense...dois piauiense...um alagoano...um cearense...bom...tinha lá um vizinho o seu::... (4.0s) - tinha um vizinho com'era o nome dele meu deus↑ - toda tarde passava uma velhi::nhã...(inc) velinha ma::gra...(inc)...amare::la...quando foi uma noite ela...ovi ela tá gritando seu seu M - o nome dele era M - seu M me acuda seu M me acuda seu M...eu disse seu M tão lhe chamando ali...é socorro ah não vô lá sei lá o que é↑↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

eu digo *mas olha é uma é uma mulhé que tá'li gritando lhe chamando seu M vam' bora lá seu M... não vô nada sei lá o que é - caboco froxo* eu fiquei com tanta raiva daquele cara - eu eu digo já não *bora lá seu vam' bora ↑... socorrê aquela aquela pessoa... bora seu BORA SEU BORA ↑↑... levamo terçado (levamo) lamparina tava escuro lamparina... (pega teu) fôsforo e lamparina... (inc) cheio de espinho diabo a quatro... cheguei lá a mulhezinha coitada... ela morava num numa casinha velha em cima dum sei lá com' é... tipo ca tipo casa de índio né ↑*

P. palha ↑

If. pa:ilha bichinha pobrezinha da mulhezinha quando eu cheguei na porta... a mulhezinha gritando mas gritando mermo aí... eu meti logo o terçado na porta e derrubei a porta e *que diabo será isso ↑*... qu'eu olhei assim escuro... a luz apagô eu digo *acenda a luz...* eu joguei dois foco de luz assim (lá dentro)... e a bicha lá... *sei lá o que diabo é isso...* eu disse *seu J acenda a luz aí a lamparina* ele acendeu mas era uma cobra ↑↑... era uma sucuriçu qu'era dessa grossura assim a bicha... (inc)... já tinha morto a galinhazinha os pinto... a galinha tava com as perna quebrada a bichinha... os pinto já tudo morto... ela tinha um garotozinho assim o bichinho amareli::nho deitado na rede... agora antes qu'ela não pegô a criança s'ela pega a criança era:: era o fim... digo tá... aí rasguei o terçado pra cima da cobra ((imita o som das batidas do terçado))... taquei-lhe até que acabei de matá... (inc) uns dois metro a cobra... (inc) uns dois metro... resultado... puxei pra fora... aí *pronto tia vam' bora... coitadinha da pobrezinha (não queria) i lá pra fora...* o menino ficô (bem) graças a deus bichinho tava tudo morto... aqueles bichinho da velha... só tinha uma galinhazinha pobrezinha coitada toda a (tarde) passava pra lá... eu não sei porque morava dentro daquele mato... que (aquilo) era só mato só água... e tinha cobra lá a bicha é um/ pegô o bichinho da da pobre da mulhé... resultado... aí quando eu cheguei... em casa eu digo *seu M... infelizmente o senhô... não deu pra fazê porqu'eu me admiro do senhô pobrezinha da mulhé o senhô conhece aquela pobre é mas eu não vô sei lá o qu' é era:: o que era uma cobra muito grande... e eu matei junto com o seu J aqui aí o J disse o senhô tem um bocado de corage não é corage isso é um ato de caridade que a gente vai fazendo... é um ato de caridade... não é não é... qu' é dizê... é um favô que a gente faz é obrigação da gente... agora um cara desse... num serve pra nada... num socorreu a pobre da mulhé... e eu fui so/ sem conhecê ela fui socorri socorri mermo graças a deus... não é não ↑*

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO VI

FITA CM05AUcoq270494

(tempo de gravação: 35 min.)

P. é↓ belém dia:: vinte sete de abril de mil novecentos e noventa e quatro quem

If. [noventa e quatro

vai falá é a dona↑

If. itália

P. pode falá tudo que a senhora sobé↓

If. olha...ela era...é ela era uma pessoa desde menina notava nela uma certa...

P. [dêxa eu (inc) pra senhora
fora do comum fora de (inc) fora de séri muito boazinha muito...muito boni/...
aliás depois ela foi crescendo tão simple aquele jeito dela muito bom
apreciava a a música gostava de música gos

P. [é aquela moça ali↑

If. é aquela moça qu'está'li...agora ela tava/ se estivesse viva estava com
setenta e nove anos né↑...qu'eu só...três anos mais fes/ mais velha do que ela
né↑...de manera qu'ela tes/ teria uns setenta e nove anos hoje né↑ se fosse
isso agora com a/ aí ela ficô moça e tudo ficô mocinha...(tu) sempre
mostrando...uma...di di diferente da das pessoas porque ela era...muito boa
muito não tinha vaidade nenhuma apesá de sê muito bonita...((surge um barulho de
batidas bem fortes)) mui::to bonita

P. ela era alta↑

If. alta magrinha...esbelta mermo um tipo de beleza...essa fotografia já é já
reproduzida né↑ ela era muito bonita...muito estudiosa muito inteligente...
ela (estudava) no colégio santo antônio cursando a terceira séri do:: curso
co/- que naquele tempo era curso comercial qu'era o comércio era o curso
de::...de de...com'ê qu'eu digo meu deus↑...(3.0s) hoje é contabilista naquele
tempo era guarda livros - guarda livros é qu'ela estava fazendo o curso deP. [contabilidade
guarda livros - qu'eu só formada em guarda livros que naquele tempo era
guarda livros agora é contabilista né↑...contabilidade técnico em con/
contabilidade...- de manera qu'eu...aí ela começô...e tava estudan::do tudo
(e eu) sentô-se

P. quantos anos ela tinha↑

If. tinha:: ela morreu com dezesseis anos↓ ela morreu

P. ali ela tinha dezesseis anos↑

If. dezesseis anos

P. nem parece né↑

If. é...parece mais né↑...é mas é porque foi reproduzida né↑ tá' qui a
a olha a verdadeira...fotografia dela ((afasta-se do gravador para buscar a
fotografia))...olha

P. dexa eu vê

If. é essa' qui olha...aqui qu'ela está bem mostrando...(3.0s) dezesseis anos qu'ela
tinha...isso aqui foi já tirado do jornal que foi publicado que uma devota
dela mandô plastificá pra mim...e e (tem que tido muitas) olha tem muitas...
e ela tem feito muitas graças muitas graças

P. mas essa história dela pegá táxi por quê↑

If. [bom isso é i isso aqui porque meu pai tinha um

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

tinha um au/ carro né↑ tinha automóvel...nós
gostávamos muito de passeá de carro
de passeá

P. [a senhora e ela↑ vocês eram amigas↑
If. [é ELA

If. é ah muito nós/ eu me dava muito bem com ela muito nós éramos muito
amigas nunca tivemos a menó discussão éramos muito amiga então nós
passeávamos muito de carro ela gostava muito de carro então porqu'ela
tem até...aqui...nessa um um retrato tem um um brochezinho de um automóvel
é aí que surge

P. [ela usava um brochinho↑

If. ela usava...era isso que deu a deu a notícia né↑ qu'ê assim começô a
propalá a notícia de que ela tinha morrido de desastre de carro mas não
foi...foi tuberculose

P. [vocês já moravam aqui↑

If. não:: eu É:: era eu morava na na gaspá viana nos altos da fábrica de
calçados boa fama...que meu pai era

P. [rofama↑

If. BOA FAMA

P. boa fama↓

If. fábrica de calçados – não é do seu tempo (inc) as pessoas antigas...se lembram
da fábrica de calçados boa fama melho cal/ fábrica de calçados do norte do
brasil...era boa fama...papai era dono da fábrica de calçados e tinha três
sapatarias uma na joão alfredo otra no reduto e otra na independência e uma
em manaus aliás quatro – então meu pai/ nós tínhamos carro e passeávamos
muito de carro mas isso é que deu a notícia dela tê um automovelzinho que foi
desastre de carro NEM foi desastre de carro...foi qu'ela enfraqueceu eu acho...
qu'ela tinha...ela cresceu muito ficô muito alta e de mais a mais...ela/ no colégio
santo antônio onde ela estudava...tinha uma moça colega da/ que sentava ao
lado dela...na na mesma carterá ao lado dela...qu'era doente

P. do pulmão↑

If. do pulmão↓ que até naquele tempo chamavam TÍSICA

P. antigamente as pessoas morriam bastante né↑

If. [bastante↑↑ não tinha (inc)

P. [não tinha...antibiótico

If. [não tinha...eu tenho eu
penso qu'ela se contaminô...ô então...como
na opinião do meu irmão médico - que já
morreu há dois anos dotô R G - ela teria
leucemia...em vez de tuberculose... leucemia...
porque ela não apresentava sintoma nenhuma
de tuberculose...ela nunca não apresentava
nenhum sinto/ não tinha tosse não teve (inc)
quando ela morreu o qu'ela tinha era febre
ALTA muita febre alta

P. [ela morreu em casa↑

If. ela morreu no hospital domingos freire...porque já o médico tinha declarado
ela tuberculosa e naquele

P. [aqui em belém↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. aqui em belém↓ e naquele tempo tu sabes nós éramos tudo jovem né↑
eu tinha meus

P. [tinha muitos recursos financeiros↑

If. heim↑ ah:: papai era tinha papai tinha...(inc) estávamos muito bem de vida e mermo nós todos éramos jovens meus irmãos -- eu tinha quatro irmãos -- tudo novinho então o médico com receio que nós nos contagiássemos é↑ (inc) com a morte dela porque na hora da morte você sabe ela...disque é é perigoso né↑ na hora da morte a pessoa se abraça com ela e:: se ela podia contagiá a pessoa mas num... mas num era ela não teve (inc) não teve nada só passô três dias no hospital no terceiro dia ela morreu...ah morreu às nove e quinze da noite no dia dezesseis de agosto de mil novecentos e trinta e um

P. e por que como foi que surgiu...essa história↑...dela pegá táxi por que isso

If. [agora [bom isso foi (depois)
acontece↑

If. [ah eu eu não sei...eu sei que

P. [isso é inventado ô isso é verdade↑

If. isso é verdade...porque...uma vez e foi um um motorista...motorista...ela ela disque

P. [mas por que isso↑
todo dia de aniversário dela que é dezenove de abril...ela sai a passeá de carro

P. dia dezenove de abril↑

If. de abril↓ fez há poco tempo fez anos agora dia dezenove↓ ela diz que sai pra passeá de carro...e tanto é verdade...que dois motoristas...um deles foi lá em casa do meu irmão...pra sa/ pra recebê...e...o meu irmão mostrô a fotografia dela e disse pra pra ele e ele disse é esta moça↑↑ e aí meu irmão disse ela já morreu↓...aí que surgiu a história dela...(inc)

P. [aí foi se espalhando se espalhando

If. [foi se espalhando se espalhando e agora há poco tempo...
uma amiga minha conheceu dois motoristas que já
levaram ela pra passeá...ela não/ na frente do cemitério
ela mais pra cá um poco ela chamô

P. [cemitério santa izabel↑

If. santa izabel qu'ela tá lá no santa izabel ela vai...chama o táxi aí ela toma...e dá voltas pela cidade...QUANDO chega na porta do cemitério...ela antes disso ela agradece o o o motorista...não paga...e ele aí desaparece na frente dele...ela desaparece tanto que um ficô até meio perturbado...e não quis mais dirigi carro nunca mais ele dirigiu táxi...ESSE e o outro não ficô perturbado mas contô pr'esta senhora minha amiga - que são dois motoristas tão vivo ainda agora (que contam essa história) que passearam com ela de carro na na cidade qu'ela gosta de ro/ de passeá de carro

P. por que ela faz isso↑

If. isso eu não sei te dizê só se porque ela gostava de passeá de carro...e ela gosta de/
qué dá um passeio de carro agora mermo morta

P. e ela já pareceu aqui na sua casa↑

If. bom uma vez a minha filha viu...aqui na sala

If2 (ela viu) sentada bem ali

If. sentada eu eu:: sentá lá na sala não não (inc) sofá da sala

If2 cheguei aqui era meia-noite assim meia hora quase...aí quando dá bem aqui aí chegando aí sentei bem aqui no meio da sala aí vi aquela moça sentada no sofá... assim pá:lida ma::gra...aí fiquei olhando aí ela disse não diz quem eu sô aí desapareceu

If. agora ela tem feito muitas graças porque inda on/ inda on/ hoje de manhã recebi uma devota dela - que justamente que mandô plastifi/ plastificá -...que recebeu uma graça qu'ela estava casada...com três dois filhos pequeno...o marido dela ABANDONÓ ela...e ela...ficô em dificuldade aí ela se/ oviu a história da MÃE DELA falando sobre a J que fazia muitas graças...e então ela se pegô com a J...conseguiu...trabalho...conseguiu...se recuperá financieramente tá muito bem e hoje ela é DEVOTA dela (traz) vela dá vela acessa pra ela traz vela pra ela pr'acendê pra ela vai no cemitério bota flores traz flores vermelhas rosas vermelhas qu'ela gosta muito de rosas vermelhas né↑ - até eu tinha agora que já...ficô velha a rosa - e e ela essa que é uma devota dela que se deu até...a fotografia pro filho dela usá...pro filho dela usá...porque ele ele é e ele trabalha à noite...e ele tem naturalmente ela com medo de assalto...ela tem medo...e...deu pra ele pra ele usá...(inc) ELE TRABALHA ELE TRABALHA no

P. [ela protege↑
no no iguatermi...qu'ele é segurança do iguatermi...ontem...um dia desses foram dispe/ foram:: dispensado disque uns cinco ô seis seguranças...ele tava com medo de i no meio desses não foi porque...a J protege ele qu'ela tem...e e ele tem ela...sempre na carterá dele

P. ela protege então↑

If. ela protege↓ e esta senhora então qu'ê devota dela...pronto tem conseguido inúmeras graças com ela quando ela está agoniada qu'ela está do/ tudo ela se pega com a J e EU MESMO quando eu estô agoniada com aqui/ eu consigo é só/ eu peço J me ajuda↑↑...e é e consigo as co/ me melhorá a situação de qualque:: manera...era é agora era

P. [a senhora acha qu'ela é uma santa↑

If. eu acho...qu'ela não não tinha gênio nenhum nunca vi ela brigá COM NINGUÉM...NEM COMIGO NUNCA...ela teve a mínima discussão num

P. [era calma↑

If. calma paciente bondosa não era não não pra ela branco preto tudo e era igual...era fora de séri

P. ela namorô↑

If. ela chegô a tê uns flertes mas...não...porque foi justamente com dezesseis anos ela muito bonita né↑ mas a questão que aí foi quando ela adoeceu...e morreu...ela adoeceu e morreu...daí pra cá (inc) tem pe/ tem uma senhora que manda lavá a sepultura dela não só eu que mando lavá...tem graça uma que passô no vestibulá...uma moça que foi passô no vestibulá...agradeceu a ela lá...tem num num num numa coisa que lá agradecendo... mandô uma rosa ver/ uma rosa de prata pra ela na sepultura dela se é que já não robaram tem uma rosa amarrada uma rosa de prata tem inúmeras fitinha muitos quadro agradecendo a ela as graças qu'ela faz...pra mim...só falta agora naturalmente mais tarde será que o vaticano vai naturalmente ante de tantas graças qu'ela faz...lá na capela de santo antônio de lisboa de vez em quando tem uma pessoa que manda agradecê manda dizê a missa pra ela...J pra J G - é o nome dela é J G qu'eu só (inc)

P. [são várias...graças↑

If. várias graças↓...qu'ela

P. [e ela não tem mais passeado por'aí↑

If. não↑↑ de quê↑↑ ah ultimamente esses dois há poco tempo que falaram...(não sei) não foi eu que falei com eles foi esta minha amiga que falô com esses dois motoristas e eu gostaria até de um dia conversá com esses dois motoristas mermo...gostaria

P. [eles nunca vieram
aqui↑ cobrá↑ nunca veio ninguém aqui↑

If. não não vieram não porque eles não sabem

If. não aqui não...na minha/ casa do meu irmão sim foram uma vez

P. ah então ela vai na casa do seu irmão↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. é mas o meu irmão já morreu já esse qu'ela foi lá...já morreu

P. aí depois ela nunca mais apareceu↑

If. não...qué dizê qu'ela tem passeio tem porque esses dois motorista de poco tempo↓
são gen/ é gente nova↓ não é não é não é gente

P. [que nem conhecia↑

If. não conhecia ela...nunca nunca viram...é é são gente nova inda são...motoristas novos...(4.0s) ela ela estudava piano...ela (esteve) até:: estudô até o quarto ano de piano três pra quarto ano de piano...era muito inteligente...tinha uma boa voz...(4.0s) agora o qu'eu sei muita gente me conta muitas histórias...ah:: otro dia por'exemplo um um...um seguran/ um segurança não um VIGIA do supermercado americano ((há a partir deste momento um barulho que interfere na gravação)) tava muito doente...então esta senhora qu' é do supermercado qu' é casa do supermercado (inc) disse pra ele te pega (com a J) chama a J ele não tinha (inc) tava muito mal muito/ (inc) ((a gravação volta ao normal)) ele não ficou curado sem remédio sem nada↑↑...chamô por'ela...ficô curado otra coisa qu'essa senhora devota me contô inda ontem...ela ia no ônibus

P. ontem↑

If. ontem ela me disse aliás ela me contô essa história foi ontem foi...ela ia no ônibus...teve um assalto ela ia pra casa dela - qu'ela mora na cidade na cidade nova - ela ia no ônibus...ai...hóve um assalto...motorista o o o assaltante botô o revólve no motorista ô no cobradô tirô todos os pertences de todos qu'estavam lá (as pessoa) qu'estavam no ônibus e não mexeu com ela...ela disse que sentiu assim como se ela tivesse adormecida assim...ai perguntaram mas não mexeu o ladrão não mexeu com a senhora↑...e:: ela disse não comigo não↓ robô todos e não robô ela e ela

P. tava com a foto foto↑

If. [tava com a foto dela↓ ela não LARGA a foto da J

P. não larga↑

If. é é assim qu'ela contô...a a:: assim otro dia um teve otro assalto dois...vigi/ dois vigilantes foi...já iam sê assaltados...eles vinham em direção deles...ai disque... e e eles...imploraram J - qu'eles são devotos da J - eles voltaram...disque nem ata/ nem mexeram com eles eles voltaram...a merma coisa foi com esta senhora qu'ela é devota dela que me contô essa história...que no no ônibus mexeu com todos e não mexeu com ela...tu acredita nisso↑

P. acredito

If. não olha tem tem um coisa de verdade...e antes também uma vez...quando ela era da/ não estava nem doente ainda tava bem ainda de saúde - foi de repente qu'ela ficou doente - então ela me disse conversando comigo na no terraço da minha casa - porque a minha casa era...tinha dois terraços

P. [era grande↓

If. era uma man/ grande...tinha os altos da casa nós morávamos era uma casa muito bonita muito e embaixo era a fábrica de calçados e tinha dois terraços um do lado otro do otro - eu conversando com ela no terraço ela me disse que não era deste mundo...qu'este mundo é cheio de muita maldade muita...muita... - como é↑ - muita qué dizê...muita gente que só tem gente ruim:: gente...egois::mo é inve::ja

P. [egoísmo [inveja

P. muita ela me disse pra mim

P. esse mundo aqui↑

If. deste mundo↓...qu'ela não era deste mundo...isso ela me disse

P. [ela não se adaptava a esse mundo↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. não↓ não merino qu'ela sentia qu'ela não era desse mundo de fato não demorô

P.

[
por que ela lhe
falô isso↑

If. olha ela não faltava nada que meu pai era rico heim↑ meu pai (era) um home de
posses...tinha tudo...não sei porque ela disse isto...alguma coisa ela viu né↑...alguma
coisa (de) entristeceu ela né↑...não sei

P. ela não era triste↑

If. não não era não era até uma moça ale::gre...comunicativa

P.

[
mas ela não gostava das maldades↑

If. é ela achava qu'este mundo era cheio de maldade...cheio de de inveja de egoismo
tudo...(tudo) muito mal muito ela não gostava disso não...ela disse isto isso TRÊS
meses depois ô quatro meses mais aí ela foi quando ela adoeceu...agora o qu'ela
tinha era dô de cabeça...febre alta...quarenta graus...dô na batata da perna...estes são
os sintomas...que dizem...da leucemia...meu irmão médico dizia – que nesse tempo
ele era novinho quando ela morreu né↑ todos nós éramos novos – ele (assistiu) a
morte dela e tudo...e depois ele estudô medicina se formô...ele era cardio era
cardiologista R G é irmão dela...tio dela – e na opinião dele...ela tinha era leucemia e
não tuberculose mas o médico tinha atestado tuberculose apesá que naquele tempo
dava muito tifo (paratifo)...e o médico estava tratando ela como tifo

P. tifo é o nome dum remédio↑

If. não tifo é o nome da doença...paratifo e tifo...é o nome da da doença...o tifo deu é ele

P.

[
ah é↑

deu uma:: uma dieta muito grande pra ela naturalmente aí ela enfraqueceu
mesmo...porque ele disse que tinha se enganado mermo...o médico disse que
s'enganô com ela...que não admitia tuberculose numa numa família como a nossa
abastada que estava bem que todo mundo todos estavam bem de saúde tudo e de
repente como ela a:: apareceu tuberculosa↑...como↑...foi contágio...na certa foi
contágio ô então ela enfraqueceu mesmo né↑ devido à altura qu'ela cresceu muito

(2.0s)

P. a senhora é católica↑

If. sô católica praticante sô CATÓLICA mas eu acredito nessa parte de...do do
espiritismo nesse ponto aí nisso acredito...porqu'eu...eu tenho:: tenho (inc)

P.

[
qu'ela aparece↑

If. é:: ela aparece...

((interrupção da gravação))

If. uma médio vidente que (inc)

P.

[
ela gosta de flores↑

If. de flores

P. de todas as cores↑

If. todas as cores em especial as rosas vermelhas

P. mas por quê↑ com'é que a senhora sabe qu'ela gosta↑

If. eu não sei...nesse ponto ela gostava muito de flores mas nunca pra mim eu sôbe
qu'ela era preferia as rosas vermelha mas (inc) interessante qu'eu tenho uma prima...
disque mora em são paulo qu'ê média vidente...uma vez ela teve uma vi/ ela teve
uma/ se incorporô na J a J apa apareceu pra ela ô falô pra ela e disse...que gostaria
que quem fosse no cemitério levasse umas rosas vermelhas pra ela...e nós quando
vamos lá levamos sempre...branca mas sempre levamos (inc) as rosas vermelhas...e

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

otro dia essa devota que vem sempre aqui ela – já tem vindo várias - ...traz...troxe
rosa vermelha que ficou até ontem (agora)

P. [que que a senhora acha que significa as rosas
vermelhas pra ela↑...o amô::↑ o que que a senhora
acha↑

If. o amô qu'eu acho...o amô pela a:: humanidade né↑ o amô pelo...o amô...qu'ela está
fazendo tanta graça né↑...eu acho

P. a senhora acha que simboliza o amô↑

If. que simboliza o amô...qu'ela gosta de rosa ela disse nessa essa moça assim...qu'ê
médio vidente ela é uma pessoa de distinta não é qualque uma...ela mora em são
paulo...ê:: a filha dela é juíza...ela é...ele está muito bem em são paulo...(inc) muito
bonita muito in::teligente viu↑ a filha dela é formada e ela disque foi que que me
disse a mim olha↓ quando tu fores no cemitério leva rosas vermelhas porque

P. [que mais qu'ela
falô↑

If. heim↑

P. que mais qu'ela falô↑...(2.0) quando ela incorporô nessa moça↑

If. ah↑↑ num ela só falô ela só me falô falô isso só não foi pra mim foi até pr'uma
prima minha qu'ela falô isto...que levasse rosas vermelhas...(interferência na
gravação)) de preferência levá rosas (pela) música gostava muito da música

P. [música↑...que qu'ela
gostava↑ de que qu'ela
gostava↑

If. da música clássica...romântica...romântica

P. [clássica [romântica

P. tá bom

((interrupção da gravação))

P. com'ê que a senhora sente qu'ela tá perto da senhora↑

If. não sei eu sinto uma::...uma influência boa (inc) como se tivesse uma pessoa boa
junto de mim um santo uma:: um um assim...que me protege

P. pressente o ar assim pesado↑ uma energia↑...pressente isso↑

If. [é [uma energia

If. sinto...e olha qu'eu tenho...(tenho) graças olha meu marido morreu...ele estava muito
bem...(detinha) um...tinha uma um um escritório de representações dos calçados
samelo...uma das melhores representações de calçados (inc) qu'ê uma das
melhores...pois o meu marido morreu...ele ficou a o o escritório na mão d'um d'um
funcionário que NÃO POR MALDADE por:: por não ter TINO comercial...não
continuô...ai já eu fiquei em mais em dificuldade né↑...não como eu estava bem
naquele tempo né↑...mas graças a deus o meu filho é um...é um funcionário do banco
está bem eu também tenho uma boa aposentadoria...tenho a casa (tô bem)...assim eu
não sinto nada dificuldade...não tá tão bem como quando o meu marido estava vivo
né↑ não tão bem né↑ mas

P. dá pra levá↑

If. dá pra levá dá dá pé

((interrupção da gravação))

If. espor::te (inc) eu gosto muito de esporte

P. de que a senhora gosta↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. futebol

P. a senhora gosta de futebol↑↑

If. futebol basquetebol voleibol futebol de salão...(inc) eu assisto todos os jogos

P. [é heim↑↑

P. e a senhora teve oportunidade (quando nova) praticá↑

If. não (inc) tanto qu'eu tô todo o jogo hoje vai tê vai tê um jogo...vai hoje à noite

P. [(inc) vai tê (inc) libertadores d'américa...vai sê...palmeras e:: (parece que) são paulo

P. [((risos)) vai não sei s'esses dois mas eu...vai sê do do:: libertadores d'américa...eu vô acompanhá a copa do mundo...vai eu não perco UM um jogo NEM de fora nem daqui

P. [ah vai↑↑ [senhora torce por quem↑

If. eu torço ah eu/ pelo brasil lógico né↑ agora meu pai (inc) toda minha família era italiana né↑...é:: eu sô filha de italiano...meu mari meu marido era italiano...(inc)

P. [(inc) eu nasci aqui (inc)

P. me diga uma coisa com'ê que a senhora mo mora sozinha...aqui nessa casa SUPERgrande...a senhora já está com uma certa idade com'ê que a senhora consegue...controlá tudo isso↑

If. é porque

P. porque a senhora é tão segura né↑↑ tão determinada↑↑

If. eu não tenho medo↑↑ eu graças a deus uma vez tentaram – olha isso é qu'eu digo que a J (protegeu) – olha tentaram arrombá...olha fizeram um buraco lá está (inc) com pé de cabra↑↑

P. [ah↑↑ [esse buraco aqui↑

If. [esse buraco aqui tá era da da de fora pra cá pra lá já foi rebo rebocado

P. aqui também↑

If. não...ali embaxo só naquele buraco lá embaxo...ele não entrô

P. [hum

P. por que ele não entrô↑

If. [porque porque ô é porque é bem seguro qu'eu tenho seis trancas...uma duas tem três trancas...ô então pela proteção da J

P. [e a senhora ouviu o barulho dos ladrões aqui↑

If. [não não ovi não

P. nossa↑↑ que coisa↑↑

If. quando de manhã olhei estava o buraco...só o buraco qu'ê dizê que à noite/ e aqui já dormiram...duas ô três pessoas dormem aqui...de vez em quando...nesse

P. [aqui nesse pátio↑↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

pátio...nesse pátio pivete...e e ...e um dia eu fui abri a porta - eu tava escutando jogo né↑...- era mais de meia meia-noite eu abri a porta peguei home dentro aí dentro

P. [ah↑↑ meu deus↑↑ e aí que que a senhora fez↑

If. [aí (inc) não sei que força me deu eu disse vá s'embora...
(inc) ele pegô não foi embora mermo↑↑...ô era um

P. [ah↑↑ ((risos))
mendigo desses que talvez (inc) foi embora outra vez...
eu abro a porta...uma menina uma mocinha...de manhã
assim qu'eu abro a porta né↑ (inc) são três coisas e
agora uma vez foi perigoso esse era perigoso...olha e
agora eu não abro mais viu↑...quando é dá onze horas eu
tranco...não abro mais

P. [a porta↑

If. é lá fora e aqui...(inc)

P. [[nem à noite↑ a senhora fica trancada aqui↑

If. eu fico trancada das das (inc) por causa que...qu'esse aí que dormiu aí avançô pra cima de mim quando eu abri a porta ele avançô...aí eu mais (inc) fechei a porta...(foi) [hum↑↑

P. corage que me deu (inc)

P. [ele queria entrá↑

If. ele queria entrá...ele (inc) em cima de mim

P. e como ele foi embora↑

If. aí:: como eu:: fechei a porta (inc) ele foi embora

P. ele (inc) tentá (arrombá) a porta↑

If. não↓ não sei s'ele ficô aí eu sei qu'eu tranquei a porta e não abri mais

P. a senhora tem telefone aqui↑

If. eu tenho eu tenho s'eu qualqué coisa é só telefoná pra minha vizinha...que a minha vizinha o filho dela é da aronáutica...é só...telefoná qu'eles mandam logo a pa patrulha da d'aronáutica

P. que horrô↑↑ é perigoso né↑↑

If. perigoso↓ é é te/ é:: meu filho tá preocupado que queria que encontrá uma pessoa... que dormisse também né↑...é mas (inc) uma moça muito boa a minha empregada é

P. [de confiança [(inc)
ótima...ela tá trabalhando (inc) mas não pode dormi porque ela tem duas filhas

P. mas a sua irmã lhe protege

If. é ela me protege...porque com'é que não se já não entraram↑ furaram com PÉ DE CABRA - porque meu filho disse que aquilo foi pé de cabra...pé de cabra abre qualqué porta - ele não conseguiu abri (inc) agora eu tenho uma essa planta que você vê aí...me disseram qu'essa...aminga...me protege contra os ladrões disque...a pessoa

P. [aminga
que:: disque se fô/ que:: se:: transforma nun home

P. essa planta↑↑

If. essa planta↓ essa aí

P. se transforma em home↑↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. o ladrão (inc) não sei s'ê verdade...é o que falam

P. quem contô isso↑

If. ah todo mundo (inc)...ai...é essa disque protege toda a pessoa que tem essa

P. [é heim↑↑
plan planta disque o ladrão não entra

P. essa planta se a gente tocá ela cor::ta↑↑

If. [ah↑↑ deus te livre↑↑ é horrível↑↑ ninguém toca nela

P. deve sê isso com certeza né↑

If é↓

((interrupção da gravação))

P. a senhora não tem nenhum problema de saúde↑

If. olha...quando...du durante a menopausa eu tive uma pre pressão alta né↑
estava com pressão alta MAS...d'uns anos pra cá...não sei nem a minha
pressão quanto é...porque nunca mais eu (inc) a última vez qu'eu tirei tava
ótima...tava com ca com quinze...pra minha idade tá ótima...não tomo

P. [oitenta e um anos↑

If. oitenta e um anos↑↑ agora eu tomo só estugiron...é o remédio qu'eu tomo...

P. [estugiron
estugiron qu'ê pra...circulação...é pra circulação...eu só tomo mais nada os

P. [ah
os remédios de pressão eu tomava...(inc)...tomava (cerpazol)...vários
remédios...mas já parei...só que meu irmão me indicô estugirom – qu'ele era médico
cardiologista...médico do coração – qu'eu tenho problema de coração...nunca...eu fiz
sempre eletro tudo nunca deu nada...no meu coração... e eu sô a ÚLTIMA...todos
meus irmãos morreram TODOS...e eu estô sozinha...no mundo...eu só e a minha
filha e meu filho e os parentes cunhada primos...MAS DA FAMÍLIA...morreram
tudinho meus irmãos morreram relativamente jovens (inc) o mais velho foi esse qu'ê
médico...que morreu com (setenta e um) (inc) qu'era médico cardiologista R G

((interrupção da gravação))

If. (inc) um pouco nervosa ela...então ela estava estudando mas ficou reprovada na
matemática e...ai não quis mais continuá...pois ela inda foi com professô fora
estudá...francês fora...(da) ela ela é:: compre/ ela::...não fala italiano mas ela
comprende italiano

P. a senhora fala italiano↑

If. falo italiano↓

P. e ela falava↑

If. ela

((A fita precisa ser trocada. Provavelmente, perde-se alguma parte da entrevista.))

P. lasanha pizza

If. [pizza...e o macarrão mermo a a napolitano la/ o o o o o co
conhecido macarrão a maca a célebre macarronada

P. a...a J gostava muito↑

If. [gosta::va...mas ela não era muito gulosa sabe↑...
ela não era

P. [ela era uma moça bem diferente↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. bem diferente...ela não era gulosa...interessante eu:: era mais gulosa eu era mais gorda quando eu era mais nova eu era mais gorda...mas ela sempre foi... delicada sabe↑...sempre...delicada

P. [delicada↑

P. fina né↑

If. é↓...sempre foi delicada...fora de séri...todas pessoas adoravam ela ah↑↑ quando ela morreu o colégio santo antônio em peso foi ((uma música interfere na gravação)) vendeu mil discos e ofereceu...disco de oro pra ela (inc) ele vendeu mil discos e subiu agora ele está no...no...no ele tá bem mermo vendendo disco a torto a torto

P. [graças a ela↑

If. graças a ela↓...ele ofereceu pra ela dezessete – não sei s'ê verdade – que que tem um...um...um disco lá no cemitério lá na na secretaria...o disco qu'ele ofereceu isso eu não sei te dizê s'ê verdade...qu'eu inda não vi não fui no cemitério (depois disso)

P. e essa moça que tirô uma uma fotografia...do rosto da sua irmã↑

If. [é...outra moça
ess'ái...também...ela foi tirá fotografia...e aí ela sombreô...quando ela viu a fotografia ela disse olha↑↑ (não só eu↑↑) aí uma média vidente amiga dela...disse ah↑↑...essa é a J↑↑ J (inc)...saiu a fotografia da J sombreando ela...isto está no já numa entrevista qu'eu dei...pro na liberal...saiu no jornal...foi gente isso foi ele quem sôbe...ele qu'esteve também conversando com várias pessoas que tem contado pra ele várias...coisas dela

((interrupção da gravação))

If. (inc) ITÁLIA DOMÊNICA

P. [quando

P. me diga uma coisa quando foi a primera VEZ...qu'ela come/ qu'ela apareceu↑ em táxi...a primera manifestação↑

If. (inc) [ah isso foi logo depois da morte dela poco depois...não sei lhe dizê os anos né↑ que tem muitos anos

P. a senhora não lembra↑

If. não lembro...mas foi poco depois qu'ela morreu (se viu) logo qu'ela...passeava de carro...esses dois motoristas

P. [(mas) porque passeá de carro né↑

If. porque e::ela gostava muito de passeá de carro nós tínhamos um carro né↑ naquele tempo pocas pessoas TINHAM carro né↑...então nós/ ela gostava demais de passeá

P. [ela gostava↑
de carro então qui na fotografia ela tem...um um um brochezinho qu'ê um:: automovelzinho

P. [ela passeia à noite ô de dia↑ mais↑

If. [de noite...ela vai de noite...olha ela sai do ela fica perto do cemitério não na porta mais pra cá...agora ela chama o táxi...toma o táxi...passeia pela cidade...quando chega perto assim do (prédio) qu'ela disse ela dá ela agradece o motorista e desce e desaparece...na frente dele...ele ficô um ficô pirado...NUNCA MAIS ele quis dirigi carro...um desses que qu'essa

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

moça senhora me contô (E)...o outro não o outro
dirige e e passeô com ela também disse...que
passeô com ela...e dexô ela na porta do cemitério

P. e eles vêm aqui cobrá↑ já vieram::↑

If. não aqui não mas foram cobrá na casa do meu irmão...o meu irmão E...foram cobrá
lá...ai ele disse...mas com'ê essa moça heim↑ ai o motorista disse ela é...é alta
magrinha...muito bonita e e disse assim...mas é mos/ pegô a fotografia dela e
mostrô...ele ele...pro pro motorista o motorista disse assim é essa mermo ele disse já
morreu...(4.0s) ela já morreu

((interrupção da gravação))

If3 severa romana

P. da severa romana

If. severa romana que deu morreu pra defendê a sua honra...porque o o soldado quis...usá...e ela

P. (inc)
se...ela re rebelô-se não quis...e ele matô...ficô com raiva e matô...pra defendê a
honra dela

P. parece qu'ela tava grávida↑

If. isso eu não sei (menina) s'ela tava grávida

P. e ela faz milagres↑

If. hum↑

P. ela morreu quando↑

If. ah isso já faz muitos anos

P. [junto com a sua irmã↑

If. não...não sei

P. [depois↑

If. talvez até antes...não isso foi antes

P. foi antes da sua irmã↑

If. acho que sim...não sei bem essa história da S R só sei qu'ela morreu...pra defendê a
honra dela

(2.0s)

P. ele matô↑

If. ele matô

(2.0s)

P. ele matô com quê↑

(2.0s)

If. ah nem sei com que foi...ela era soldado ele era soldado

((interrupção da gravação))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO VII

FITA E03CZter231093

(tempo de gravação: 27 min.)

P. a entrevista é com:: seu chico↓ qual seu nome completo seu chico↑

If. é francisco...francisco alves (de lima)

If2¹ [posso dizê↑

P. sei:: chi:: francisco↑

If. ALVES DE LIMA

P. alves de lima↑ a sua idade↑

If. sessenta e cinco ano

P. sessenta e cinco anos↑ e:: o senhô sempre viveu aqui na terra firme↑²

If. (inc.) trinta e lá vai coisa

P. o senhô é nascido:: em belém↑

If. sô:: nascido em belém↓ mas eu já moro aqui há...trinta e pocos trinta e::
acho trinta e pocos anosP. é:: desde o início do bairro o senhô mora aqui↑ ah não↑↑ claro que não né↑
If. [quase isso
quase isso

P. é::↑

If. é

P. e:: quando o senhô veio pra terra firme↑

If. isso eu não sei nem nem te explicá agora

If2. [olha eu vô abri a geladera cuidado
para não gravá isso aí heim↑

P. tá ((sussurra ao dirigir-se a If2))

If. a::cho que há:: há uns trinta e...uns trinta ano mais ô menos

P. uns trinta anos↑

If. é

P. e como era a:: terra firme nessa época↑...poderia dizê
pra gente↑If. ...é:: havia um via um é:: nessa época é:: era:: desabitada sabe...
não era TOTALMENTE desabitada mas...(4.0s) mas era quase

P. hum...era quase desabitada↑ era era um bairro pequeno ainda↑

If. e::ra um bairro pequeno ainda

(5.0s)³

¹ O que chamo de If2 trata-se de uma criança que, embora não participe efetivamente da entrevista, está sempre interferindo na condução da dinâmica interativa.

² Neste caso, "terra firme" refere-se a um bairro da cidade de Belém. As letras maiúsculas foram suprimidas devido às convenções seguidas para transcrição.

³ A entrevista é sempre marcada por longas pausas entre as tomadas de turno.

P. ...hum...sim seu chico↓ seu chico estaca né↑ que o senhô é conhecido por aqui
 If. [é [é

por que esse nome estaca↑ chico estaca↑
 If. [((risos)) sei lá ((risos))

If2. (inc.) continua rodando↑

P. claro↑↑

If. (inc.) ((falando com If2))

P. quem lhe apelidô assim seu chico↑

If. (sei lá)
 If2. [ele tá rebobinando é↑
 If. [esse esse apelido
 P. [tá ((respondendo a If2))

If. esse apelido eu tenho...desde quando morava em canudos

P. hum...o senhô carregava muita estaca↑

If. é:: desde os primeros filho é que...é...

P. desde os primeros filhos↑...como assim↑...ah sim↑↑

If. desde os primeros filho...que eu tinha...

P. hum...e:: seu:: por que o nome daqui é terra firme↑ seu chico...
 se a gente vê por aí...ei↑ ei moço↑ psiu ei ((falando com If2))
 If. [não mexa não mexa
 não mexa não mexa...não mexa

P. oh↑ o vovô briga oh↑ teu avô briga

If. não mexa nisso aí

If2. ih::

P. sim seu chico...por que que o nome daqui é terra firme↑ otro dia o:: seu:: seu
 If. [a
 T falô sobre isso mas aí ele falô no seu nome que o senhô explicava melho↑↑

If. agora ((risos)) isso aí...isso aí tu:: enraseô

If2. eu tenho uma dessa
 If./P. [psiu

If. e:: eles só:: chama:: terra firme pra cá...isso...
 é o nome do BAÍrro

P. hum::

If. sabe↑...você pode procurá o bairro por aí tudinho...
 TERRA firme terra firme terra firme...é

P. e a terra daqui era firme é↑ pra eles darem esse nome

If. mais ou menos essa:: essa proazinha que aparece aqui
 If2. [(inc.)
 [hum::
 P.

LEI DO DIREITO AUTORAL
 Todos os direitos reservados e protegidos
 pela Lei 9.610/1998.
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou
 transmitido sejam quais forem os meios
 empregados: eletrônicos, mecânicos,
 fotográficos ou quaisquer outros.

If. era...terra firme mas o resto não era terra firme não o resto
era/ só igapó:: essas coisa

P. tinha muito igapó pra cá era↑

If. [ixi:: isso isso que a gente vê por aqui
assim...tudo era igapó

P. e o senhô tem conhecimento seu:: seu chico de:: algumas lendas
por aqui pela terra firme↑ já que tinha tanto igapó né↑ de repente
uma matinta perêra↑ ((risos))

If. ((risos)) não:: matinta perêra não tem...nessa época...(3.0s)que eu ovisse
falá...(4.0)negócio de matinta perêra não...(4.0)o que:: aparecia por aí assim
era uma cobra...((barulhos)) (inc.) fora do comum

P. era:: cobra grande↑

If. é...fora do comum

If2 tchau (tia)

P. tchau

If. já vai↑

P. sucu/ é:: encontrava muita cobra pra cá seu:: chico↑

If. quando eu...quando eu comecei a...a trabalhá aqui no...nesse
bairro da terra:: firme...isso aqui...era::...tudo era mato...

P. hum

If. eu eu trabalhei...trabalhei aqui...(6.0s)na época de...hum:: não faça
barulho((dirigindo-se a outra pessoa que varria))...(6.0s)na época
que era MAto sabe↑...(6.0s)é tan tanta coisa...que a gente qué qué
lembra e não pode

(7.0s)

P. hum::...o seu seu A por ali que:: nos falô que sempre passava
assoviando uma:: matinta

If. [ah ah isso é/

P. isso é lenda é↑ ((risos))

If. [isso é lenda ((risos))...eu nunca vi...nunca vi
negócio asso so soviando nada aqui

P. o senhô nunca viu nenhuma assombração por aqui↑

If. eu não

P. mas tinha tanto mato né↑ qué dizê que essa terra firme
só:: só tinha cobra grande então↑

If2 (inc.)

If. cobra grande só tinha nos rio mermo

P. hum::

If. no rio

P. tem um rio por aqui é↑

If2 olha↑ sandalinha mudô de cor↑

If. tem o:: o rio o rio guamá passa por aqui

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. ham::

If. tudo...acircula tudo isso por aqui

P. mas não/ é:: mas tinha um:: poço pra cá não tinha seu↑

If. ah:: o poço preto eles chamavam o poço preto o pessoal tinha muito medo dele ((risos))

If2 (inc.)

[
If esse bicho tinha pura QUÊ não sei o QUÊ que tinha cobra que tinha cobra sucuriçu lá dentro...mas isso já era que::... (inc.)

If2 olha↑↑ lá vem uma baita de uma chuva↑↑

If. não vem chuva não

P. é vento

If2. (inc.)

[
P. mas por que que era preto esse poço já↑ era preto era↑

If. eles chamavam o poço preto

If2 (inc.)

[
If. era...em virtude do...em virtude de::...existi esse poço...o pessoal dizia que ali tinha...assombração mais ((risos)) negócio de cobra essas coisa

If2 cruces↑↑

P. as cobras que assombavam lá↑

If2. ali não dá nem pra ouvi

[
P. tão te chamando bem ali oh↑ ((risos))

If. vai lá meu filho vai não faça barulho aqui não ((dirigindo-se a If2))

P. ((risos))

If2 mulhé de chapéu

P. pois é tinha muita cobra no poço preto então

If. não:: tinha:: algumas sabe↑...alguma que aparecia o pessoal SE assom assombrou...EU pelo menos fui um um que caiu umas duas vezes de madrugada

P. era um poço aberto era↑

If. não:: aquele poço gran::de sabe↑

P. hum::

If. era um poço gran::de

P. aí o senhô lá caiu caiu no poço

If. é:: então a gente passava por cima dum dum de umas ponte assim...

P. hum::

If. quem vinha aqui pra terra firme passava...por cima daquelas ponte

P. hum

If. chamava-se a:: a ponte do do poço preto

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

(6.0s)

P. tinha também uma capelinha pra cá não tinha↑
sempre tem né↑ ((risos))

If. hum:: essa essa capela sempre teve

P. hum::

If. sempre foi são domingo né↓

(4.0s)

P. a capela de são domingos o nome é↑

If. [é::... (4.0s) desde desde quando eu me
entendi... (5.0s) já já existia... existia:: uma
besterinha... era::... quase uma taperazinha sabe↑

(8.0s)

P. hum::...o que é tapera seu (inc.)

If. heim↑ o que é uma casi::nha de palha

P. hum:: e como foi pra eles colocarem assim essa...capela aí
teve algum motivo↑

If. isso aí...eu não sei nem te te dizê...porque já foi...muito tempo
muitos ano

P. hum::

If. não sei nem explicá

(5.0s)

P. pra cá era mata era seu↑

If. tudo isso aí era

P. e:: vocês nunca:: viram um:: curupira↑ ((risos)) vocês nunca
se perderam pelas matas não↑

If. perdê perdi...diversas vezes

P. ((risos))

If. oi zeca↑↑((fala com alguém que chega))...perdê eu me perdi umas diversas vezes
sabe↑ curupi::ra...co::bra sabe↑

P. curupira↑

If. curupira...diziam que diziam que era cobra...ne nessa época meus filho...
eram pequeno e:: eu tinha muito (inc.) nem nascido era...(inc.)

P. hum::... (5.0s) era o curupira que:: fazia o senhô se perdê↑

If. era a curupira curupira é um...um um bicho...a pessoa...diz...
que é uma curupira e coisa que faz a gente se perdê...mas
aquilo é uma coisa que...que eu tive que que...cnxergá não↑
vi mais ou menos um semblante...de um...mas isso foi...meus filho
eram pequeno ainda...é ainda tinha uns filho pequeno de...oito anos dez anos...

(11.0s)

If. (inc.) a gente andava por aí coisa...disque era curupira curupira mas não
tinha nada de curupira a gente nunca viu a gente viu::...um semblante
assim...como...pensô ia...ia vê uma COIsa...mas eu nunca coisa
positiva...só só só vim...já depois de:: uns anos aí...um negócio dum...
dum de uma tal de curupira...aí dentro desses matos aí (inc.) tá

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

perdido...era eu e mais otros...nos perdemos dentro de desse mato era...
era onze horas mais ou menos...ma maioria era mato isso aí tudinho...
nessa universidade (inc.) vocês vem por aí...tudo era...era mato...sei que
apareceu lá um:: uma (inc.) o pessoal disse que era curupira...mas no
no final...não sa sabia o que era que era

P. vocês não sabiam no final↑

If. heim↑

P. vocês não sabiam se era↓ como era o curupira↑ aquele que tem a/

If. o tal do curupira ((risos))...ah o curupira é um bicho que não aparece sabe↑...
a curupira não aparece

If 2. minha tia já me falou sobre isso

P. [ah::mas aí como é que vocês sabiam se era ou não
curupira↑

If. tem que vê pelo...pelo mormaço dela...né↑

P. como pelo mormaço↑ dá algum barulho assim

If. é barulho sabe↑ ((imita o barulho)) como bicho do mato (inc.)

(7.0s)

P. como o como o apito da matinta perêra↑

If. não:: esse...esse da da curupira não dá...não dá negócio de apito não...eu vi::

P. [hum::
no mato...eu vi lá no mato quando eu tava com:: com uns amigo meu...na::...
devia ser onze horas mais ou menos...quando apareceu

(13s)

P. hei↑↑ tua mãe tá te chamando olha ((fala com If2))

If3.⁴ mãe vem pra cá vem↑↑ saia daí vem...venha pra cá (nome)

P. [quando apareceu↑

If. quando apareceu apareceu um negócio de um um barulho coisa...aí uns
amigos que tava comigo...umas umas onze horas da noite...teve um que inda
gritô ei...isso é o bicho que (risos) que vem atrás de vocês...isso que
é a curupira não sei o quê...(inc)

P. era tarde da noite não↑ (inc.)

If. [era (inc.) onze horas...mais ou menos...era umas onze
horas da noite

P. porque já ele disse que era curupira↑ ele ouviu algum barulho↑

If. não porque ele viu...o:: aliás tu tudo todos nós vimos...tinha um...tinha
um negócio lá do...desse de...eu acho quando os camarada gritaram
lá...pelo meu nome né...eh fulano tal tal...aí foi quando eu res
respondi...e quando eu respondi...foi saí um bicho...de trás do...de lá dos
companheiro todo que tavam lá na frente mais ou menos...aquilo saiu
numa quebradera de pau ((risos)) tudo pela mata aí...ainda teve um que gritô
ei dia::bo que bicho é esse↑↑ ((risos))

(6.0s)

P. eles chegaram a vê o bicho↑

⁴ Alguém que apresenta somente esta intervenção

If. não

P. [ou só só o barulho né↑

If. [não não vê não vê só o barulho

P. [é interessante

If. é só o barulho...agora EXISTIA antigamente existia...eu não sei se ainda tem algum alguma aí pelo mato...que já tão já tão acabando essa pont::ta de mato já pra cá assim

P. [é né

If. já tão liquidando

P. invasão né↑

If. já tão liquidando com ela...se tivé já é...por outro (inc.) pro outros lado

P. é:: nesse tempo vocês caçavam muito↑ caçavam bichos↑

If. [caçava

If. caçava muito cada um com uma espingarda às veze duas

P. com espingarda mesmo né↑

If. [era

P. tinha muito tatu↑

If. tinha tatu

(5.0s)

P. muita cobra também↑

If. ah:: cobra isso/ isso aí...de vez em quando...aparecia uma duas

P. era normal né↑

If. ah:: isso era normal cobra era nor normal...aqui dentro de desse buraco ali...eu cheguei a matar uma cobra aí de...que tinha::...uns quatro metros e meio de comprimento

P. oh::

If. uma pico de jaca surucucu pico de jaca mais venenosa (inc.)

P. [credo:: o senhô foi caçá e::
daí o senhô (inc.)

If. [não:: nesse nesse
dia...nós tava:: trabalhando...nesse
dia nós tava trabalhando... quando
eu descubri lá uma tocera que...uma
tocera grande assim oh:: existia...pa
pa parece assim uma jaca sabe↑

[hum::
aqui::lo enroladinho

P. hum::

If. e e era a tal tal de cobra...a pico de jaca que tava...adormindo

P. hum::

(8.0s)

If. (inc.) aqui dentro...do:: do agrônômico nesse tempo era agrônômico...que

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

chamava pra ele...na:: época (inc.)

P. [o senhô trabalhava lá↑

If. é

P. hum::...at o senhô viu ela enrolada...foi lá

If. ah:: nós vimo enrolada (inc.)...ai af (inc.) os
amigo eh rapaz que negócio é esse esse negócio
aqui (inc.) uma jaca uma jaca aqui não tem
jaqueira e coisa...ai falei pra ele (olha) chico
RAPAZ sai daí que isso é uma cobra que é uma
monstra ((risos)) ai mataram

P. hum:: e:: e lobisomem:: aqui o senhô já ovuiu falá↑

If. (inc.)

P. que lobisome também né:: muito daqui né↑

If. não sei quem foi que ovi tá falando de de lobisome já mas
já já foi lá o...o pessoal não fui eu não

P. hum:: a mamãe que conta de um de um pessoal ela morava em parintins
né...e:: de umas mulheres lá que viravam bicho assim tipo virá por::ca

If. [ah:: aqui ovi ovi
falá desse negócio
mas nunca vi

P. o senhô só ovuiu falá né↑

If. vi ovi falá mas...vê o bicho assim...nunca me assombrei por causa dele não

P. ((risos))...sim:: dexa eu vê...é:: e:: e a igreja daqui seu:: chico↑ o senhô
participô da construção dela (inc.) da outra↑

If. menina...pra fa falá...de construção só a da antiga mermo

P. [hum::
do tempo quando...existia só a...a taperazinha

P. hum::...o senhô:: ajudou a construi né↑

If. não ajudei não

P. NãO↑↑ ((risos))

If. [não

P. ah:: pensei que seu T falô né↑

If. não qué dizê mas eu não não cheguei ajudá

P. ah::...o senhô assistiu a construção

If. [só assisti

P. ah:: sim

If. agora o o T é que é por dentro dentro desse negoço

P. ((risos)) e:: seu chico:: o senhô estudô até:: que que data assim↑...a sua formação

If. [estu estudei muito
poco

P. hum::

If. muito poco mesmo...(inc.)

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. era mais difícil antigamente né↑

If. [era

If2 mãe

P. psiu

If. terce::ra sé::ri ou quarta sé::ri por aí assim

P. e pra efeito de informação que o endereço daqui seu chico↑...é:: nem sei o nome dessa rua aqui

If. aqui↑

P. é aqui o endereço seu endereço

If. isso aqui é são pedro

P. travessa são pedro é↑

If. [é

P. são pedro...o número né

If. DOIS...ah:: isso aí:: só quando tu sai tu bota ((risos))

P. tá legal

If. [até me esqueci ((risos))

P. [é:: isso é só:: é só:: formalidade ((risos))

If. é

P. é:: então:: aí o senhô já:: viveu assim/ oi (pablo)

If4⁵ [(inc.)

If. [oi:: filhi::nha (inc.)

P. então as suas vidas de caçadô esse:: essas coisas estão (inc.)

If. [é

P. [tão mais pra:: o curupira

If. (inc.)

P. sim então foi...foi com o curupira né↑ o senhô nunca viu uma matin::ta nem::

If. (inc.) esse negócio de dizê/ matin::ta e/ essas coisa assim...eu nunca vi can...cansei de ver apitá...passá apitá MATINTA PERÊRA

P. o senhô nunca prometeu tabaco

If. [EU
pra vê se tinha mesmo ((risos))

If. não:: eu eu prometi sim...prometi uma vez...tabaco...cansei de...quando:: meu filho era pequeno inda...era cinco mil réis...isso aí inda era mata... às veze saia e me perdia...(inc.) perdia quando dava fé...aí pra pra sai era preciso prometê uma::...vou fazê uma:: uma roda de cipó

P. hum::

If. e jogava pra trás depois ((risos))

⁵ Mais uma pessoa que surge e interrompe o percurso interativo

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. ah:: aquela história né↑ do joga pra trás pra...enquanto ela está desamarrando né↑

If. [é [é [é enquanto
enquanto ela tá tá dessamarrando

P. aí era assim que:: vocês saiam da mata

If. é

P. hum:: tá bom seu chico foi ótimo brigada tá

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO VIII

FITA E05AQmur141194

(tempo de gravação: 58 min.)

P. de mederos e lima...(3.0s) idade↑ o senhô falô ind'agora

If. idade eu tive oitenta anos

P. oitenta↑

If. [é:: oitenta e dois

P. hum::...o senhô:: foi sinero aqui né↑ na vigia

If. [eu:: eh:: eu tam:: eu foi eu foi sinero vinte e três anos...da igreja...da vigia...essa igreja era uma igreja mui::to:: frequentada né↑

P. hum:: o senhô foi sinero daquela ali de pedra↑

If. também

P. dar duas↑

If. é mas (inc) o velho A falando que era o pároco...ele já não tinha:: as condição

P. [hum:: pra fazê o serviço então qu'ele me entregô to-do-o-ser-vi-ço da igreja...os momento de festa TODO mundo (inc) passá pela minha mão LIMPEZA tudo mais e com isso eu fazia limpeza na igreja né↑ e trabalhava só...era caboco de corpo novo e trabalhava só QUEM inda me ajudava era M a minha filha mais velha que já tá velhona professora...caboca pro trabalho também né↑...bom...dos que o pessoal

P. [hum:: tem medo sabe de quê↑ não sei porque mas olha eu nun::ca vi:: na::da

P. de de assombração::↑

If. hum↑

P. de assombração::↑

If. nada nada nada nada olha...eu entrava QUALQUER hora da noite naquela igreja nesse tempo não havia...luz elétrica lá...a lanterna

do santíssimo era um COPO...que botava uns três dedo de areia...

P. [hum:: enchia o resto de azeite fazia um pavio do:: cabo da vassora - era uma vassora:: de piaçava né↑ - fazia um pavio pra quando en/ essa essa areia era pra segurá o pavio e acendia a ponta dele aí ficava a luz acessa pro santíssimo né↑ a noite inteira acessa pro santíssimo mas havia

P. [hum:: muito morcego...eu ia toda hora qu'eu me acordava eu ia na igreja que às veze o morcego apagava né↑ eu ia acendê...mas morcego

P. [hum:: tinha...muito...tinha muito que avançava em cima da gente mas eu... eu:: fui no mato cortei um um:: um (inc) tirei a folha e...botei a (inc) na cabeça amarrei a cara e entrei no corredô e comecei (inc) o morcego tudo enchi panero ((risos)) (inc) acabei c'os morcego ((risos)) mas bom...

P. [((risos)) mas assombração não olhe qu'eu eu morava LÁ:: na estrada...eu vinha de lá quatro horas chegava na igreja cinco horas...às veze

LEI DO DIREITO AUTORAL
 Todos os direitos reservados e protegidos
 pela Lei 9.610/1998.
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou
 transmitido sejam quais forem os meios
 empregados: eletrônicos, mecânicos,
 fotográficos ou quaisquer outros.

chegava cedo inda deitava lá no banco (inc)...nunca me puxaram
pelo pé pelo pé nem pela mão (inc) nada nada nada nada

P. [é dizem que disque na igreja de noite...que dá mais
alma

[
(inc) mas...nun::ca:: vi::...nada que assombra::sse
essa coisa não pelo contrário eu chegava na porta
da igreja dava muita corage...nunca vi::...a a
visage qu'eu vi justamente...foi o os morcegos que...
faziam visage no tempo do monsenhor F quando o

P. [à noite ((risos)) If2 bom dia
mon F o monsenhor F veio que não tinha casa pra ele::
morá...ele mandô qu'eu fizesse um quarto pra ele lá na

P. [hum
sacri/ lá nos no salão em cima né↑...eu fiz um quarto pra

P. [hum
ele aliás dois pro colega dele quando viesse né↑...bom...
e...quando foi...é...

If2 [pra que isso↑ P. uma pesquisa qu'eu estô fazendo lá pra
universidade

If2 [tá gravando ele falá↑

P. tô gravando

If. aí ele::...um dia ele ele se assombrô né↑ veio se queixá pra mim...
mas seu Moacir não dá pra dormi tem muita visage jogam
pedra lá pra dentro...digo:: o senhô o senhô qué sabê de uma coisa...
a visage que faz é o morcego o senhô qué vê ↑ venha cá...quando é
seis horas da tarde

If2 [onde é qu'ela mora↑

P. eu sou de belém

If. ela (inc) ela tá fazendo pesquisa na...na vigia – mas bem...e fui

P. [na vigia
mostrei pra ela pra ele...digo olha tá num (inc) olha eles trazem
piquiá a fruta dos mato devem roê a (inc) e botam o caroço no assoalho ((risos))
é a predada que o senhô vê ((risos)) boa tirei o medo dele né↑

P. [((risos))
depois eu comecei fazê fumaça de::...da pimenta...num:: fugarero
dexava lá e:: é danado pra acabá pra eles se afastarem fica a fumaça ali né↑ ((risos))
[hum::

e era isso minha irmã onde tinha essas coisa de visage (inc)

P. o senhô já já conheceu alguma matinta perêra↑

If. s'eu conheci alguma matinta perêra↑

P. é↑ que a gente ouve muito falá né↑

If. não matinta perêra eu...eu conheci uma quantas dela aliás teve
matinta perêra...que nós até...eu e mais um camarada pegamos
uma

P. hum:: com'ê que foi↑

If. hum↑

P. com'ê que foi↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

- lá o jeito ela ficava aqui ele ia apanhá laranja pra lá sozinho ((risos))
- P. hum hum::
 (inc) tão as coisa que:: da vida que contam né↑...passado...e e:: assim uma ocasião...aqui no canto apitô uma...eu fui pra - ((parece falar com outra pessoa)) - nós corremo pelo canto prum lado pro otro e cercamos... e um monte de gente agora...entrô na caçada (inc) cabelo grande assim cabelo pra frente...não teve quem assuspendesse a cabeça dela o o cabelo pr'ela mostrá a cabeça mostrá a cara...uma força danada olha↑ sim senhora...e
- P. hum:: é↑
 otros caso assim importante
- P. eh:: com'ê que foi↑ pegaram ela ela jogô o cabelo↑
- If. não aí o:: o:: fu:: ela sentô aí o pessoal começaram a...a alguns começaram a mexê mexê até que quisseram levanta e ela ela acabô mostrando mermo a cara e conheceram...quem era né↑
- P. hum:: era daqui da vigia↑
- If. era daqui mesmo mandaram ela embora ela foi embora inda...teve uns qu'inda deram umas palmada nela ((risos)) mandaram ela embora dexa de sê vadia vai procurá o que fazê tá↓ é assim porque a ma a matinta perêra é uma pessoa mermo de...de casa como se diz...
- P. hum::
 e::...otros caso de matinta perêra assim eu me lembro coisa contada né↑...que visse bem poca né↑ agora tem uma um:: um:: caso qu'eu foi testemunha...eu lanchava nessa berada aí camarão...é na bera do
- P. ah::
 mar...eu dexava LÁ...perto do (inc) pra não entrá água na...(inc) era eu e mais um (inc) nesse tempo não tinha a ganância que tem hoje
- hum
 hoje um entra na rede ((risos)) capaz de um entrá dentro da rede do otro...e nós ia...qu'eu chega/ eu ia andando aqui...aí eles dexaram eu passá ia buscá lá:: d'onde eu desci pra eles vi andando a merna coisa fazia e era assim que trabalhava normalmente todo mundo pegava... muito camarão...quando foi uma madrugada devia sê umas três hora nós vinha...e:: o camarada vinha na minha frente e eu vinha atrás uma... boa distância...quando se passô:: por cima do mato ((imita o apito)) (inc) ela apita assim mermo né a gente compreende matinta perêra...
- P. hum::
 aí ele disse dexa de sê sem vergonha↓ vai dormi↓ tu não tem o que fazê↑ vai procurá↓ ele falando aquilo né↑ vai dormi↓ de manhã eu levo esse camarão lá no mercado pra ti comê↓...vai descansá↓ (inc) (inc) e continuamos com o serviço...aí chegamo (inc) botamo o camarão num banco espalhado...inda tomamo café...primero...depois
- P. hum
 ia esperá pra vigia né↑...e nessa manhã...ele chegô primero do que eu...encostô primero...ti tinha um camarão dele da da:: canoa (inc) espalhô no banco dele...no caso cheguei espalhei no meu...disse companheiro vamu espera aí qu'eu vô tomá um café (inc) era umas seis horas...se aparecê alguém vai atendê... eu tava no banco quando chegô uma uma fulana...cadê o C↑ - o companheiro dele - foi ali tomá um café↓ já vem... aí ela ele...no caso chegô...ele disse...ela disse::... disse bom dia↓ o qu'ê que tu tá fazendo↑ - ele conhecia ela né↑...
- P. hum::
 ela disse tô cavando o que tu me prometeste↓...ele falô eu não te
- P. ah::↑↑
prometi nada↑↑ (inc) prometeste tu não disseste
de madrugada que viesse buscá um camarão aqui pra mim comê↑ ((risos))
 era matinta perêra ((risos))
- P. e:: ele ele não tinha prometido né↑

- qu'ele só fez xingá
- If. [não:: ele tinha ((risos)) ele disse que era pra ela
i vai buscá camarão pra ti comê amanhã na minha casa
ele disse ((risos)) (inc)...ai ele pegô toma sem vergonha ↓ dexa
- P. [ah::
de sê vadia e acaba com essa história que não presta ↓ cê inda vai
morrê ((risos)) ai (inc) lá um bocado era conhecida dele olha ↑↑
- P. [((risos))
dizem qu' é as coisa né↑
- P. é:: ((risos))
- If. a matinta perêra é:: anda no meio da gente né↑ então os caso de matinta
perêra qu' eu conheço né↑ que a senhora pode depois arrumá fazê...mas::
assim que vê essas coisas
- P. [o senhô mesmo nunca prometeu tabaco↑
assim pra uma
- If. [não:: eu nunca prometi que a gente promete mesmo
que seja tabaco (inc) um cigarro qualque coisa...
disque a gente promete ela...ela vem disque
- P. [ela vem aqui
buscá
[é::...porque aqui tem-se
um caso aqui deu-se um caso
muito importante...tavam do/
dois pescando...lá na boca do
igarapé (inc)...na madrugada...
ele:: apitô matinta perêra (inc)
boca...do igarapé...o otro disse...
(inc) disse um bocado de coisa pra
ela o otro disse eu vô já prendê ela
qué vê↑...fiz uma oração qualque que
- P. [hum::
isso é deus (inc) no banco da
montaria...fiz lá um um um um
(inc) qualque no banco da montaria
fazendo a coloração...ficô nisso...
quando foi de manhã ele...fui buscá
linha lá fora dizendo que qu'era assim
uma boa distância da bera...quando
chamaram por' ele pelo rapaz que fiz o
negoço...(inc) que fiz a oração fulano...
- P. [que fez uma oração
eh fulano...qu' ele olhô...era mãe dele ↑↑...
qu' é que a senhora tá fazendo por' aqui uma
hora dessa↑...tu me prendestes quando eu passei
essa noite aqui...a bandida desapareceu daqui com
- P. [ah:: ah::
vergonha ((risos)) sim senhora só esse e o camarada
que sabia ((risos)) ele desapareceu...foi embora
daqui...pra macapá não sei onde trabalhá
- P. [ele ele e a
mãe↑
- If. foi ele e dexô a mãe aqui não quis sabê da mãe ((risos)) ele foi só ((risos))
- P. [hum:: [hum:: ((risos)) ficô
com medo da mãe
ficô com medo também da mãe dele...pois é o caso da matinta perêra quanto o
da igreja mana...essa igreja da vigia...tem::...uma história comprida uma história
grande...porque a vigia no tempo dos:: cabanos::...uns tempo aí tempo passado...

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

no tempo que não tinha telefone...não tinha:: (inc) essas coisa eles se comunicavam com sino...e::ra...esse sino dessa igreja a gente via no canal do navio aí fora...(inc)

P. [hum::
aqui pra colônia via

P. [muruti↑

If. aqui pro aqui pro pro mujuim via lon::ge era um barco que tinha bonito um barco sonoro barco...era bonito assim...mas porque tinha o (inc) da igreja nas duas torres tem um buraco que vai na-á-gua...dai tem um buraco atrás do altar mor – eu vô contá pra senhora isso – atrás do altar mor...que... tudo que o padre falava aqui no altar mor a gente ovia lá:: na torre...entendeu↑ era um um um tipo um telefone n'era↑ uma comunicação

P. [hum:: [sim:: [um uma comunicação

sim senhora e da igreja...da da torre por tudo que se batia que

P. [é::
se fazia vinha'qui (inc)

P. [hum:: aquela aquela outra

igreja ali ovi falá que (inc)

If. [essa é a:: a:: a:: a:: paróquia
né↑

P. [é
(inc) essa é a do bom jesus essa
a mais antiga é esta aqui

P. e tem muitos subterrâneos por'ela↑

If. [tem:: tem subterrâneos que se comunicavam (inc)
também é sim senhora...e:: tinha essas coisa toda

P. [ah:: sim::
aí então quando foi uma vez...eu como um rapaz::
curioso...eu era valente nesse ano caboco forte...
eu digo eu vô vê aqui nesse negócio...eu peguei montei
na era era chão de assoalho peguei montei na perna
manca daqui pr'ali por cima do buraco da da porta...da largura
parece um poço né↑ aquilo muito bem feito pra dentro...

P. [hum::
eu botei uma cera amarrei uma cera levei levei levei levei
leveí até qu'ela apagô...onde ela apagô...eu...marquei aqui
puxei...perto da...jogava uma pedra assim...ovia o barulho
dela cai na água...uma das tábuas se comunicava com o

P. [hum::
mar...o barco saía (inc) era limpo isso aí (inc) tá bom...
aí eu...na curiosidade quis i lá embaixo...peguei a corda
(inc)...tirei a medida daqui da...onde a cera apagô...tirei a a

P. [(tirá↑)
medida da cera com'ê a medida da corda grande na na na quina

[hum
qu'eu arriei onde tava a ponta da cera né↑ a cera amarrada...

P. [hum
tirei essa distância medida né↑ da ponta da cera na na na n'aqui/

P. [sei [hum
onde eu estava né↑... (inc) e essa merma distância tirei na corda
grande né↑ pr'acabá de fazê a lida né↑...aí eu eu amarrei aqui
nessa distância (inc) na outra ponta – tá vendo↑ - eu tirei a

P. [hum::

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

- merma distância e me amarrei...me amarrei aqui também
[
P. ((risos))
né↑...s'eu morrê pra lá eles me puxam por'aqui mas eu não
[
P. hum
morri...tudo que a pessoa quando não tem eu não tinha::
compromisso com ninguém eu era um
rapaz soltero ((risos))...arrisquei sim senhora...eu fui...quando
[
P. ((risos)) o senhô se arriscô lá
é si/ levei deixei...amarrei na ponta da va/ da da linha aquele
(inc) amarrei no pau pra mi chegá ali...e sentá naquele pau né↑
de atravessado ali a cord'aqui eu amarrei...quando eu cheguei ali
a luz da a luz da cera apagô...aí o ar também...é...foi
[
P. ah::
desaparecendo e antes dele desaparecê ((risos)) eu eu eu me
[
P. o senhô su/
amarrei porque se eu morresse pra lá e:: quando dessem por falta
de mim quando procurassem aquela manobra ali iam descobri o
que era né↑ ai metiam a mão puxavam (inc) me puxá de
atravessado de onde qu'eu tivesse ((risos)) mas nós era caboco
[
P. ((risos))
forte...puxei o ar respiração ((imita o som de puxar a respiração))
peguei o ar...pronto peguei o ar...aí qu'eu vi no nível da rua...tem
[
P. o senhô subiu com tudo
umas uma uma porta assim como essa baixinha assim...qu'ê
justamente a comunicação do do do do do do do né↑...
[
P. hum
subterrâneo de uma pra otra...de uma pra otra...que
[
P. subterrâneo
quando fizeram aquela...tiveram denúncia por lá aquela capela
(inc) foram carrera lá...e aqui nenhum padre desse foram lá na
capela...não tiveram corage queriam sabê não soberam não tinham
corage mermo (inc) ((risos)) nunca foi então tava bem mas depois
[
P. não tinha corage de i lá ((risos))
que começaram a fazê...reparos na igreja...os trabalhadores da igreja
tinham preguiça de carregá o lixo...de pare/ (inc) de parede...essa
[
hum::
coisa toda ca/ pra fora jogavam braço no no buraco...já tinha uns
[
P. hum::
três ou quatro quilos taparam o túnel da igreja...tá certo no nível da
rua taparam...ninguém se recorda...ninguém se recorda
[
P. hum:: tudo
mais...da igreja taparam...pra tudo desde a da da torre pronto...tudo
vedado pro senhô vê com'ê a coisa vedô...e os padre vem comigo e
acontece isso eles querem cavá (inc) querem cavá vão ((risos)) vão o
quê↑↑ certo no nível da rua tá entupido certo no nível da rua que fazê
tudo do jeito (inc)
[
P. aí não dá mais pra andá por dentro↑
If. não dá mais pra i pra lá não não dá...aquilo (inc) americano né↑ que
[
P. pôxa
que tem aparelho né↑ era que podia cavá aquilo e botá pr'acólá mas
[
P. hum
isso aí quem é que vai fazê é dinheiro muito né↑...é isso minha santa o
negoço é esse como eu tava dizendo...é tanta coisa né↑ porque eu eu
era eu era não eu só um operário...era conhecido em quase todo o país...
eu fui é é era empreteiro de obras eu trabalho de de de é é de carpintero

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

civil carpinteiro naval sô marcinero e sô:: torne::ro olha que me apelidam até sete ofício...(inc)

P. [hum:: o senhô aprendeu na escola ô na prática↑

If. olha minha filha uma ad/ admiração maior é esta...eu fui criado numa

P. [hum
ilha...uma ilha...que fica muitas milhas fora...da boca do rio curuça por nome (areal) a ilha...eu fui criado pra lá

P. com'ê o nome↑

If. areupa

P. a↑

If. a-re-u-pa

P. [areua

If. papai...era civil era capitão alferes...segundo tenente da guarda nacional... meu pai...em mil novecentos e catorze (inc) numa dessas guerras – de dezesseis pra catorze houve muita guerra – ele foi chamado de novo pra... pra aguardá ordem né↑ pra incorporá né↑ ele era capitão alferes né↑ era

P. [hum::
era operário pra tudo quanto era serviço...ele veio pra belém...estava aí já com com uma (amiqué) o meu avô...não gostava da mamãe...qu'ele casô contra a vontade deles ((risos)) o pai casô contra a vontade deles

P. [hum:: ((risos))
a minha mãe era filha do (inc) professô professô professora (inc) ela era também uma professora...quando ti/ quando:: o papai tinha...duzentas cabeças de de camelo...e a oficina dele era completa de tu-do...desse interim pra lá o velho achô que devia dá fim de tudo que era do do do filho né↑ começô a vendê a oficina...começô a vendê os camelos ((risos))

P. [hum::
e tudo e o meu padrinho qu' escreveu pra ele dizendo gumpadre...venha vê sua oficina seus camelos que o velho tá acabando dizendo ele...e o velho

P. [hum
(inc) aí...chorô...achô meia dúzia de ferro uma uma bigorna e uma (inc) ((risos)) e e:: então ele falô com as autoridades – qu'ele era muito bem

P. [((risos))
quistou conhecido pelas autoridades – eu fui na casa do meu pai ele não tava... fui tirá tudo qu'ê meu...só vô tirá o qu'ê meu aí concordaram com ele fez até foi força

P. [hum::
pr'ajudá ele...(inc) a companhera dele já não era a mãe dele né↑ ele disse olha (inc) a senhora volta (inc) vô tirá só qu'ê meu num num vô levá nada do meu pai... (e partiu) só a ferramenta dele...e de lá com receio do pai quando chegasse fosse brigá com (inc) levô pr'essa ilha do areua...ele lá ele montô otra

P. [hum
oficinazinha em ponta pequena e:: fazia o trechinho de pesca porque lá era uma colônia de pescadores e lá nós passamo ele passô oito anos nós tudo meninos

P. [hum::

P. o senhô já tinha nascido ô o senhô nasceu lá↑

If. eu já tinha nascido na cidade

P. [ah:: o senhô nasceu aqui na vigia↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. não nasci na cida/ em curuça:: eu sô filho de curuça...eu fui pra lá

P. [ah:: sim
com::...meses...(inc)

P. [hum:: o senhô foi criado lá né↑

If. é...fumo criado lá oito filho...lá qu'eu fui criado eu nunca ocupei...
(escola) escolá nem nem nem do governo nem particulá...a mamãe

P. [hum::
qu'era professora com toda aquela mina de criança sabe qu'ela fez↑
ela foi na cidade comprô um abc...pra ensiná criança (inc) ensinava
essas criança ela:: as criança gostava qu'ela levava tomá ela levava
turma pra praia depois que a gente (inc) na praia ela dava lição do
horizonte dava lição de tudo qu'era bonito pra gente a gente (inc)

P. [hum::
quando uns oito ano muita gente foi desenvolvida no meio daquela
mulecada mui::ta gente uma rapaziada né↑...modo qu'eu já vim...
entendendo alguma coisa também né↑ mas não...(inc) mas mas mas

P. [hum
de importante não até porque eu já conhecia fulano já conhecia sicrano
já sabia meu nome assim como muitos né↑ durante muitos estão nessa
aproveitaram também foram pra marinha pro exército como se diz foram
pra frente porque já tinham um começo né↑...como eu também no no meu

P. [hum
começo fui acabá no pegando também indo pra frente tá bom...ai...foi
isso...bom...aqui...aqui ela::...ela dava essas aula tudo muito bem...quando/ eles já
tinham conversado...(parti) de lá...a mamãe disse olha vamo pra vigia...que fazem
dezesesseis anos qu'eu não vejo meus parentes...- ela era daqui...natural daqui

P. [ah ela era daqui↑
ela de lá ele de lá - ...ele disse então vamos...então vamo (inc) vô dexá tudo
dá pros pescadores qu'ele também animado na colônia do pescadô ele tinha
também linha de (inc) tinha canoa de pesca era:: verdadeiro pescadô ((risos))

P. [hum::
ele era trabalhado tá bom...e nesse interim chega um cidadão lá...que que

P. [hum
levava mercadorias pra vendê na ilha qu'era difícil pra lá (aquelas) lancha de/
mercadoria e lá fazem tudo (inc) pexe...era tão difícil essas coisa né↑...e...
nomearam o papai lá como CAPATAZ da colônia...e lá só entrava uma canoa...
só ia fazê negócio acolá depois que falasse com o capataz...pedi licença pro
capataz...e o capataz era o papai...papai bronquiava porque era preciso pra pra

P. [hum

tudo que não tinha né↑ bronquiava pra venderem...e ele não fazia questão de

P. [hum
de de pexe desse desse uma (arroba) meia (arroba) um pexe ele ta/ tava aceitando
porque pra cá fazia dinheiro completo desespere lá dele...bom

P. [era arrubra↑

If. era...ai foi quando...com um ano ele foi...uma das vezes ele foi em mil novecentos e

P. [arrubra↓
vinte e:: quatro parece:: é...ele foi...e...disse (inc) do papai qu'era o capataz papai deu licença (inc) e conversa...ele disse mestre
porque o senhô não não vai daqui...o senhô...é um homê de presença seus filhos tão querendo estudá com eles aqui (inc) sem
estudo nenhum (inc) eu já falei com a mulhé...pra nós i pra cidade...e nós
vamo pra vigia...porque lá parente dela tá fazendo dezesesseis anos qu'eles não
vê qu'ela não vê...ele disse olha mestre (se não fô) pra vigia vamo pra porto
sal - ele era de porto sal - papai é dono de estaleros...o.e::...a vigia tem (inc)

P. [hum

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

a gente procura ferrage não acha vai até em belém comprá...é caro tá vai

P. [hum
pra lá que lá você monta sua oficina você ganha dinheiro...bom se fô assim eu vô...e disse olha eu vô falá com papai pra semana eu venho cá numa maiô pra lhe levá...com a família...e tira o laço da canoa dele e levô quando foi no

P. [hum
otro mês ele chegô numa canoa grande...qu'eu me alembro bem o nome por nome DEFENSIVA...o nome da canoa do camarada pronto seu aqui tá pra levá a sua família pra pra oficina e tudo ((risos))

P. [((risos))

((A fita precisa ser trocada. Provavelmente, perde-se uma parte da entrevista))

If. cinco horas da tarde...quando foi meio-dia no dia seguinte...a canoa arriô a vela aqui dez pras onze horas pra encostá na ponte pra comprá a guriuba pro almoço que nós ia ia ficá em porto sal né↑...nós ia pra lá...af um (inc) tripulante saltô foi...foi:: comprá o peixe e voltô pro barco suspendeu vela pra porto sal...chegô em porto sal faltavam cinco pro meio-dia...em porto sal aí com fome de

P. [hum [hum
viage fomos prepará a bóia ((risos))

P. [meio-dia todo mundo pára aqui ((risos))

If. ((risos))...quando chegamo lá o::...ele saltô conosco...todos nós com papai e mamãe (inc) chegô foi apresentá pro pai disse olha pai esse aqui é o ferrero que lhe avisei o cidadão e tal já tinha arrumado a casa pra nós↑↑...foi levá na casa que já estava pronta pra nós ((risos)) e era conclusão da história...papai pa/

P. [hum::
nós passamo CATORZE anos papai passô trabalhando lá (inc) papai morreu já

P. [porto sal↑
com sessenta e seis anos...lá em porto sal...depois...tudo ficava na paz nós...

P. [hum::
trabalhando...por fora e tudo...pelo menos...metade foi procurá mulhé né↑

P. [hum::
todos casados

P. ah inclusive o senhô ((risos))

If. todos graças a deus todos casaram bem...tudo casado...com com tiveram a sua mulhé tiveram filhos e tudo bem de forma que mana que eu que era o:: quarto...e era o que mais gostava...gostava do produto né↑ quando foi no fim aquela história DEZESESSEIS pessoas tô só eu...esperando a minha

P. [é
vez (inc) estô com a passage comprada e a mala arrumada você procura

P. [((risos)) (inc)
que de qualqué hora (posso) i ((risos)) bom mana aí é qu'ê o negoço foi

P. [((risos))
assim...de formas que...(a gente) começô a trabalhá lá e cada um começamo a procurá em/ serviço...aprendemo nossos ofícios e...quando eu voltei da da farda em trin/ parece qu'eu fui procurá mulhé já (inc) trinta e oito

P. [hum disque aqui aqui que tem uma::
uma tradição assim de apeli::dos
né↑ e o senhô

If. [é estamos com:: eu levei pra casa
uma menina de dezesseis anos...

P. [hum::
trabalhadora...filha de de lavradô
caboca do trabalho...se olhava pra

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ela não dizia qu'ela tinha dezesseis
ano...moça bonita

P.

qual↑ a sua esposa
aquela↑

If. é essa é...tá com setenta e três anos...bom estamos com cinquenta e sete ano de

P.

ah

hum

casado ((risos)) graças a deus se casá o a o mistério do casal é a compreensão...

P.

nossa↑↑ meus parabéns

hum hum

se compreenderam pronto não tem vida melhó...se o: o marido chega e a
mulhé encontra com barulho porque sobre isso chegastes fizeste aquilo é
bestera...chega já chega gritando...quando tiverem todos dois conversando
com amor e tal olha tu fizeste isso tu fizeste aquilo é sobre isso aí poderá
resolvê de outro jeito né↑ que foi que te aconteceu↑ e às vezes nem é (inc)

P.

hum::

pode chegá aqui e pode perguntá se...eu não chegava brigando com ela↑
(mas quanto que)

P. ((risos))

If. ((risos))...porque eu disse *tu queres que te dê fulano tu queres que dê fulano*
ô fulano como tua mulhé como tua tua mulhé...pra num num num – num diz
esta senhora não é tua mulhé né↑ tua mulhé como ela diz o teu marido né↑...-
pra querê bem na saúde n'alegria e e e...e:: na tristeza até a morte ora essa
se tu qué vai cumpri com (inc) tudo qu'ele diz...força no começo até no

P.

hum::

fim...na saúde n'alegria no e tudo na tristeza na doença (inc) criamos tivemos

P.

é::

dez filhos criamos dez (ainda) queria que tivemo dez filho criamos oito...
todos se criaram cada cabocão só no leite materno e na carimã (inc)

P.

na carimã↑

If. leite daquilo nem daquilo é só o leite materno e a carimã

P. a carimã como é que é↑

If. a a da mandioca...é...uma mandioca boa pro própria pra isso né↑...

P.

ah::

hum::

e ela...nesse tempo havia aquele vinho (inc) parece qu'inda tem...
parece qu'ela tomava quando tava amamentando...alimento pra (inc)

P.

hum::

a parturiente e pra criança pra senhora vê cad'um caboco grande (inc)
tenho uma filha que/ ela tá pra entrá...só gente grande ((risos))

P.

é:: o senhô casô aqui
na igreja da vigia↑

If. foi:: porqu'eu já fui com o padre A (inc) nove horas da manhã...de vinte

P.

alí na matriz↑

hum::

vinte::...e três de maio de mil novecentos e trinta e oito...isso (mesmo)...
que::

P.

aquí é cidade da pesca né↑

If. e agora ficamos nisso trabalhando...eu trabalhava de tudo...não tinha
serviço de de de tal de madeira eu ia pescá...é...ia pescá de todo jeito tinha

P.

ah::

curral tinha arreja de de de tarrafa toda...mc falhava me falhava o

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

- peixe eu ia pro mangal tirá caranguejo e::...me falhava aqui ia pro (inc)
- P. [hum::
ia fazê porronco...(inc)
- P. [onde era o mangal↑ pr'ali↑
- If. [mangal é pra cá...aqui é o rio é...pr'aquela (direção)...
ia cortá lenha de:: (mogno) como se
trata aqui pra vendê a DEZ MIL RÉIS
O CENTO pras padarias olha dez mil
réis naquele tempo sim sim senhora...pegava
- P. [hum::
o camarão...aí tudo pra vem vendia...à vontade...
(inc) quando eu deixei de pegá camarão aqui...
- P. [hum::
já dava trezentos réis o quilo...quando eu
[nossa↑↑
deixei de fazê carvão...estava tre ((risos))
tava também trezentos réis a lata olha
((risos))...é...e/ e aí olha e depois eu...
- P. [[a latinha↑ e vem cá seu
quando eu fui em bragança eu tive tomando
otro rumo né↑...eu fiquei trabalhando assim
por'aqui...os filhos cresceram...quem poderia
- P. [hum
i pra farda foram se ajeitaram tão tudo trabalharam de
gabarito (inc) tão tudo eles tão tudo tão tudo promovido
cabo sargento e tenente...(inc) e aqui tem dois sargentos .
- P. [hum::
um cabo...o qu'ê certo é qu'eu...trabalhei quarenta e cinco
anos...quarenta e cinco morando em casa alugada dos
otro...ela se levantava três hora da madrugada comigo ela
ia pro fogão...fazia o beju...e o mingau de arroz pra vendê
- P. [hum::
o beju a duzentos réis...e o mingau a duzentos réis o copo
também ((risos)) não era nem o copo era
- P. [((risos))
aquela lata de leite moça né↑ e o papai botava a mão na tarrafa
- P. [ah sim
pra procurá comida ((risos)) acabava de manhã quarenta e
- P. [((risos))
cinco ano pra criá filho e educá mas
- P. [é::
eu ia fazê com força de vontade o nosso sacrificio é a vontade
de deus em primero lugá né↑...nos deu essa proteção se criaram
- P. [certo
tudo to::dos:: se aprovaram no estudo pra tirá o seu diplomazinho
- P. [(inc)
isso tudo é neto tenho trinta e oito netos...é trinta e oito netos e
- P. [nossa↑↑
oito bisnetos...isso é meu neto não isso é bisneto
- P. bisneto↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. é e já tão grande olha (inc) e assim qu'ê a vida mana...eu estô aqui

P. [é::
nesse jeito assim aguardando então só:: a ordem do velho quando
disse vamo não tem jeito ((risos)) já disse pro pessoal não se

P. [a ordem do velho ((risos))
preocupe não

P. [é:: vem cá nessas suas viagens assim de

If. [como↑

P. nessas suas viagens que o senhô dá de pescadô:: tudo o senhô já viveu
assim histórias de cobra gran::de↑

If. olha...vô lhe contá...(4.0s) pro pro viajante...de muito perigo...essa coisa

P. [hum hum
que aconteceu comigo d'eu eu:: um perigo lá fora não pensava em voltá
pra casa...(inc) e:: ...bom...a gente encontra muitos perigo aí fora né↑...
tempestade...peixe perigoso...e::...(inc) botei a rede...quando bateu o
peixe que nós fomos vê era tubarão...o tubarão a gente inda chega perto
dele...pra...pra:: cortá pra caceté pra sangrá o quê pra matá né↑...mas

P. [hum:: [hum
o espadate...é um peixe grande aquele pr'acolé aquilo é perigoso quando eu pegava um
espadate desse numa rede...a...pescaria tava tava terminado porque
quando chegava a matá com aquele peixe já tinha passado...tinha
passado a hora já de de pescá né↑...e a gente...a gente::...fazia assim...

P. [hum
bom numa ocasião...numa ocasião - assim como acon aconteceu
comigo aconteceu com muitos né↑ - ...numa ocasião...a gente atravessando
aí...tentei ficá aí aí fora só se enxerga seriado...na travessia do do do

P. [aqui pela::
norte↑↑ do norte pra cá...(inc)...(inc) e acontece que::...um dia eu vim...

P. [hum
embora quando eu cheguei aqui em casa da vigia...um cumpadre meu
me disse vamo...vamo dá (uma arredada) aqui - como a gente fala né↑ -
pra levá bóia fresca...peixe fresco né↑...aí bom...era umas três horas

P. [hum
da madrugada (inc) vinha saindo...noite bonita de verão... - a a noite bonita alegre
pro pescadô sabe↑ - (inc) eu botei a rede...também...fomos até na boca (inc)
quando...(inc) a correnteza de dentro pra maré não levá pra fora...é é tão::

P. [hum::
a chalerazinha latinha tá começando a borbullhá pra fervê quando ele
(assim) faz sinal pra mim...ele disse ô cumpadre pegô uma piraíba

P. piraíba↑

If. piraíba né↑...conhece a piraíba peixe/ filhote que chama né↑ piraíba né↑...

P. [hum [hum hum
é um peixe grande (inc)...gro grosso (inc) né↑...aí tornô a batê...taí perai nem
dexe ele (chegá perto) passei pra cá depressa (inc)...quando eu eu botei
o café pra ele tomei também (inc) tornô a ba/ puxá...eu digo toma cuidado
eu fui pra proa tomá conta da canoa...(quando foi um bocado tava viajando
ali sentado) eu disse olha seu colega cuidado com a piraíba...mas é piraíba
cuidado...aí ele disse é↑ eu digo não é↑...aí a ponta da rede parô assim...
puxei a canoa assim pra pegá a ponta da rede vamo pegá a ponta da rede e
e e matá esse resto de rede porque esse esse peixe é espadate que está'i (inc)
ninguém chega perto dele tem que cortá a rede...a canoa não aguenta ele...aí
(inc) um puxão (inc) embarcamos uma dorada que tinha muito grande...
quando ficô assim na frente...eu digo dê uma puxada assim na...na corda ele
puxô...apareceu minha senhora uma capana (inc) dessa largura
capana do espadate conhece a capana do espadate↑ que tem uns dentes assim↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. como é o nome↑ catana↑

If. [capana que chamam capana do espadate...mas a a senhora

P. [hum::
vai sabê...ai olha...eu...cuidado...ai foi quando...ele
ficô com medo...digo *venha pra cá ca poco eu vô pra lá ai*

P. [hum
eu passei pra lá pra popa comecei a puxá puxá puxá puxá...
até qu'eu dei um jeito de pô ele em pé do lado da montaria mas
minha senhora eu em pé...(inc) da canoa e a capana dessa altura
assim...nesta largura com dente assim mais de quatro dedo

P. [nossa↑↑
um do longe do outro...dente do/ era↓ um espadate↑↑ o

P. [era um tubarão↑ [um espadate
dente da capana que chama do espadate parece um pente né↑

P. [ah::
...ai eu...eu::...descei...(inc) ponta do polegá...agarrei laçei a
capana...e preendi aqui por baixo da rédea da da ca da ca da
canoa até no meio da canoa assim da canoa...que a gente bota
assim no no tampo da capana não mata a linha né↑...balancci

P. [hum::
quando eu soltei ((imita o barulho da batida na água)) deu uma
porrada que quase alaga (a canoa)...ai ele ficô (inc)

P. [foi↑↑
*fiz certo mermo (inc) se quisé conti/ se nós nós não dê conta
dele ele vai dá conta de nós...alaga a (inc) o que nós vamo fazê...
não tem mais onde aguentá ((risos)) ai eu...dei a segunda...ele
bateu menos...dei a terceira...amarramo bem vai agora pra bera
vamo matá matá ele na praia...a maré nos puxô e ele pegô a praia
(inc) que na boca do (inc) aqui perto então (inc) do garapé chamado::
tucumandeu... (inc) maré grande ainda (inc) disse *vamo aqui por essa
bera...procurei uma serin/ uma (inc) por lá eu agarrei...marrei a canoa
a ponta da corda qu'estava amarrada na capana no galho...e::...disse
pra ele agora vamo tirá rede...vo vo vo você segura com o farol...
qu'eu vô descê vô matá o pexê...disse não faça isso não desça...eu meti o
rumo dava água por'aqui em mim né↑...eu disse eu vô matá o pexe↓...ai**

P. [hum::
passamo o (inc) pra cá *segure a ca a ca a canoa aqui e segure o farol
...e pro procurando jeito até que (inc) ((imita o barulho)) o bicho deu
uma rebanada grande senti pr'outro lado ((imita o barulho)) ficô preso*

P. ficô preso↑

If. cortei a capana né↑...a capana ficô pendurada o pe o pexe (sentô) né↑

P. [hum::
...*agora perai vô tirá o o a rede do do ventre dele de cima dele...eu
mergulhei comecei a puxá por ali a rede pra tirá do galho - não tinha
mais perigo tirô a capana não tinha mais perigo o pexe já tava morto -
ai tirei a (barba) dele tirei (inc)...eu digo:: *agora vamos embora com o
peixe...vamo tirei uma perto do na na cara dele...adiante do (inc) meti a
ponta do cabo meti a corda por baixo da aba dele e otra pelo rabo
mandei amarra na na montaria e e mandei ele puxá e descei (inc) o pexe
aqui...(inc) quando ele não aguentô a canoa não aguentô**

P. virô↑

If. ele não aguentô...eu digo *olha não dá pra nós levá vamo levá ele no
lado...amarramos ele no lado...e viemos embora remando pelo (inc)
chegamo aqui já de manhã...um pexe grande daquele↑↑ a a a...um*

P. [hum::

peixe muito (violento) muito perigoso...e aí otras e otras coisa que

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

- nós encontramos perigosa aí...mas é isso a vida né↑...a gente vai vai
- P. [é::...aí cobra grande o senhô nunca viu↑
- If. já↑↑
- P. já↑
- If. vi uma aqui na boca da vigia...uma:: madrugada que foi...foi:: pegá isca de
- P. [hum
um pescadô que ia pro maguari...e tinha que pegá a rede do com com reboque junto qu'era...*(inc)* *((parece falar com outra pessoa))* seis horas da tarde...cinco e meia desceram n'água pra tirá o *(muré)* e eu fiquei da canoa...catando a bóia como o caboco diz né↑...aí preparando a
- P. [hum::
bóia muito bem formô um tem::po *(inc)* um tempo muito grande...eu pensando em vortá e *(inc)* e dexá a força da maré do inverno eu vô morré por aí o barco vai virá *(inc)* o barquinho vai virá *(inc)* qu'era perigoso...mas eu vô ficá amarrado na bera eu não vô *(inc)* quando um
- P. [hum
bocado deles entraram na canoa subiram ta tiraram a quantidade dai qu'eles queriam entraram carregado ele disse olha...você não vai agora pra vigia...pra porto sai...*(inc)* eu sei eu já pensei nisso...eu vô ficá com o pessoal *(inc)* porqu'eu já calculei...e sai daqui e amarrá ali na bera... até passá esse tempo todo...disse olha nós vamo sai duas horas da madrugada... quando fomos daqui...que nós *(inc)* for embora você vai lá pra bera...se tivê
- P. [hum
bom de viajá você vai viajando pela bera se não você espera clareá o tempo como eu era caboco de corage...aí quando foi uma pra perto da da preamá vinha
- P. [*((risos))*
passando um reboque me de/ me conhecia assim ô coró↑↑ ele conhecia ô piriquito↑↑ era o encarregado da canoa
- P. coró↑
- If. carola era o apelido daquele né↑ e desse aqui era piriquito era o M
- P. [carola↓ hum ah↑↑ o seu era *((risos))*
((risos)) *(inc)* era J *((risos))* mas bom...pra onde tu vai↑ eu vô ali pra bera dexta a maré baxá mais a força pr'eu torná linhá...aí ele disse olha leva o f pr'andá contigo pr'apoiá a canoa *(inc)* *((risos))* leva o
- P. [*((risos))*
F pr'andá contigo até:: maré baxá pra i embora *(inc)* vamo encostô ele passô pra lá...o casquinho que só só aguentava assim equilibrando o corpo...*(inc)* amarramo no reboque dele *(inc)* logo que chegamo na bera o temporal...a tolda era pequenina que não deu pra todos nós entramo tudo junto um do lado do outro ficamo daqui pra fora pra pra chuva
- P. [hum::
((risos)) até a chuva passá pra nós voltá...a chuva passô melhorô o tempo *(inc)* o seu seu seu seu J eu já vô olha lá tá bom de i↑ tá bom era umas quatro pra cinco horas...embora...quando passa pela boca do açai acolá...*(inc)* passei aqui pela frente da vigia chegô lá na nos estaleros a chuva vinha chegando *(chegô)* o último estalero já perto do igarapé do sul já...eu vô tirá a camisa pra metê na lata qu'eu tinha levado pra enxu/ pra não molhá né↑ *(inc)* encostei o casquinho numa numa *(sebebera)*
- P. [hum
...ela a *(sebebera)* *(inc)* dá pra água né↑...quando eu tirei a camisa aqui
- P. [hum
por ci/ - tava chuva grossa - ...quando eu tirei a camisa assim uma camisa uma camisa branca parece de marujo tirei a camisa por cima da cabeça

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

quando...(quando o rebujo) lá no meio do igarapé...é a co::bra...(inc)

P. [como é que é rebujo↑

If. hum↑

P. como é que é rebujo↑

If. ela rebujo quando boiô...sentô faz aquele pa parece um rebujo né↑

P. [hum:: [ah:: sei::↑↑ [hum hum
aí eu eu disse é a co::bra:: mas já tava acostumado a robá...mas já tava
acostumado a robá::...viscera lá da ((risos)) bucho lá da ponte do do
home do do do estalero do matadoro do home...aí eu...tirando...(atolô
o (inc) por lá) eu digo é ela – olha a cabeça dela↑↑ -

P. [ai↑↑

(6.0 s)

If. passando fundei o reboque tu pega o reboque mas eu tu não pega...
botei o reboque assim pra fora e fiquei certo com...com o pau que
se ela desse (assim) pra cima d'eu pulava pro pro (inc)...quando

P. [hum
boiô mais lá fora...eu digo (inc) olha minha senhora eu ia andando
aqui no na berada quase (pro meio do barro (inc) mais um pouquinho)
ela ia boiando aqui na minha frente umas dez barcas a mais aqui pra
cima...aí tava brincando na chuva passeando na chuva

P. [hum:: cabeça↑

If. é é...e ela (ria) pra nós ela (inc) a cabeça dela olha a cabeça dela↑↑ a a
cobra grande que chamam que tem chifre não é é a (pedra) dela que
passa aqui assim...o bicho é (perigoso)↑↑ é feio...aí mas o caboco de

P. [hum::
corage como eu era que significa até hoje não sei o qu' é medo...- como diz
o cara o o (marido) qu'eu tenho o coração de pedra ((risos)) – aí ó...

P. [((risos))
foi embora quando chegô lá (na estrada) tinha uns tiradores de muré...
tira muré no fundo né↑...aí gritam é seu (inc) de onde vem↑
cadê a mana↑ como vai a mana↑ (inc) aí eu disse eu vô pra casa
almoça olha cuidado com a cobra que a cobra tá boiada aí mas que nada
youê que vai primero quando ela bóia...((risos)) (inc) ((risos)) e eu foi

P. [lá no meio ela boiô↑

m'embora

P. [aí o senhô se mandô↑

If. fui embora olha durante...catorze anos qu'eu trabalhei nesse rio...
pescando foi a única cobra qu'eu vi...mas (inc) mas era grande

P. [[era maiô do que
hum:: aquela sucuriyu é↑

If. hum↑

P. ela é maiô do que aquela sucuriyu↑

If. ah:: a sucuriyu é menô...essa aqui co/ é boiúna é boiúna que

P. [é:: essa é grande mermo
chamam...é:: a sucuriyu é é é...uma grossurazinha assim (de

P. [boiú::na sim:: [hum::

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

acordo) assim mas essa era uma cobra grande

P. [grande mermo↑↑ e:: aqui na vigia
o senhô já ouviu falá de de histórias
de lobisome↑

If. não é lobisome sempre teve...aqui na vigia...sempre teve...aqui na vigia tinha

P. [sempre teve↑
um que aparecia (inc)...um porco...daquele porco...que enxergava a gente
que vinha andando e começava a (pastá) que a gente ia pra cá ele ia pra lá
a gente ia pra cá ele ia pra cá (inc) é contrário contrário pra gente não passá...

P. [pelo contrário↑
o camarada...aparecia por aí corria atrás ele abria a boca fazia barulho (inc)
((risos))

P. [eles corriam não viam nada↑

If. é e se escondia...e:: depois entenderam de procurá ele eu trabalhava lá

P. [hum::
pro centro...uma noite uma madrugada eu (inc) boca da noite às vezes
pra lá até onze horas meia-noite...uma noite ele me encontra lá...(inc)...
coberto né↑...(inc) qu'eu não tinha medo mana andava de noite com medo
de assalto – qu'eu só tinha medo de de feras né↑ que tinha aí nessa estrada

P. [hum
onça esse tipo de bicho – então (inc) encontrá com outro home (inc)
contrário quando se encontrava com outro dava corage ((risos))

P. [((risos)) cês tinham medo era dos bichos
é medo era dos bichos...quando chegô (inc) parô tudo como quem pergunta
alguma coisa digo *ah rapaz deixa eu passá senão te atiro...te meto chumbo*
aqui nessa tua cara pra tu criá vergonha (inc) também olha baxô a cabeça...era
um conhecido↑↑...((risos)) era um conhecido↑↑

P. [hum::

Q. ele virava porco↑

If. [ele virava porco o lobisome virava porco

P. [ah:: tinha um que virava
cachorro↑

If. cachorro cavalo↑↑ sim senhora assim viravam todos...aqui ti/ era um

P. [cavalo↑↑
comércio...esse canto aqui...e esse camarada chegô lá um dia pedi pediu

P. [hum
um gole de cana o comerciante disse pra ele - ...chamam pra ele:: papa
ovo – papa ovo me diz uma coisa (que tut e gera) lobisome rapaz↑
quem te disse↑ ah...me disseram ah penso que/ é é a coisa mais difícil↑↑
faz isso vai lá no no na rua (inc) ((imita o relincho de um cavalo)) o
cavalo tomando banho ((risos)) relinchando se virando tomando banho

P. [((risos))

P. o cavalo↑

If. cavalo ((risos))

P. [ele ele não virava à noite não↑

If. virava ele virava à noite de dia qualqué hora ele virava
((risos))...e assim (inc)...essas coisas qu'eu posso lhe contá

P. [ah:: ((risos)) [hum:: eu acho que
o senhô qué almoçá

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. hum↑

P. é...se o senhô quisé senhô eu posso voltá mais tarde eu tô aqui perto na casa das pedras

If. na casa de quem↑

P. das pedras...assim que tem uma casa ali que tem só

If.

[
ah:: onde é aquela que o pessoal chamam
folha folha com'ê...bicho folharal
((risos)) aquelas pedras da frente
né↑

P.

[
é com'ê bicho folharado↑

If. chamam o pessoal apelida...de folharal ((risos)) porque é tudo parece folha né↑
[
hum::

P.

é na casa de um cumpadre meu uma cumadre

P.

[
é:: sim brigada seu moacir

If.

[
pois é mana

((interrupção da gravação))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ANEXO IX

FITA KK05220397¹(tempo de gravação: 13 min.)²

P. kk zero cinco...vinte dois do três de noventa e sete...qual é seu nome↑

If. zé (dequias)

P. pode contá

If. ah:...ah o qu'eu vô contá é sobre o caso acontecido lá...no caracará...interiô ond'eu moro...é:: que se deu lá com o caçadô...que...saiu pra caçá às sete horas da manhã... levava três cachorro...e uma espingarda cartuchera...e era costume dele...voltá pra casa meio-dia e quando foi nesse dia...deu uma hora da tarde duas hora e ele não chegou...aí três horas da tarde voltô um cachorro dele...aí a família começou a eismá que alguma coisa devia tê acontecido com ele...aí foram atrás dele...mas não encontraram aí chegou a noite aí...voltaram pra casa e não foram atrás dele de noite... e quando foi de manhã qu'eles foram atrás dele...é procuraram até umas dez hora da manhã não encontraram...e quando foi...meio-dia...um cachorro dele que tava com ele acompanhando ele...onde ele tava voltô na casa eles foram atrás do cachorro...aí o cachorro foi direto aonde ele tava...é ele tinha...os cachorro tinha corrido...um tatu... a mata lá é cheia de altos e baixo e então o tatu entrô num buraco...aonde...tinha uma cobra...e (carcô-se) pelo jeito qu'ele tava qu'ele cavô pra tirá o tatu...aí...nessa... (pegado) qu'ele tava em serviço tirando o tatu...é uma cobra tava no mesmo buraco que o tatu se meteu...aí pegô ele...então ele tava com (grandes) mordida pelo pelo rosto...e tava todo quebrado...e inclusive os braços dele a pá o peito...c:: acharam ele... os meio-dia...mas...(carcô-se) pela situação qu'ele tava - tava morto já - que fazia pocos minutos qu'ele tinha morrido...qu'ele tava quente ainda...e a cobra tava bem perto dele cortada e pela situação qu'ele tava estragado todo quebrado...(carcô-se) também que...ele...cortô a cobra já quando ela tava segura com ele...e...foi levaram o corpo dele pra casa...aí tiraram a cabeça da cobra...e só a cabeça dela...aí espicharam a boca dela deu dois palmos e meio de largura aberta...e nessa situação ele tava

P. mas aí quando foi mais ô menos isso↑ te lembrás↑

If. tá fazendo uns dois meses atrás

P. e e:: qual o tamanho assim mais ô menos da cobra↑ mediram::...pra sabê↑

If. é mediram inclusive eu tava lá...e nós medimo a cobra deu trinta e dois pés

If2. (conta da visage pra) (inc)

If. bom::...da visage...meus irmãos saíram pra caçá era doze irmão meu...e um primo meu...era uma mata distante de casa...eles tavam esperando no mutá - no mutá é onde...se tem uma se tinha uma comedia onde as caça vinham comê de noite - aí eles foram esperá...aí cada um ficô num mutá aí quando foi umas...nove horas da noite...o meu primo tava no mutá aí...ele viu uma zoada veio andando pra ban/ banda do mutá qu'ele tava...aí focô a lanterna não viu nada e apagô a lanterna... aí apagô a lanterna...aí...depois e...escutô uma voz falô com ele perguntô qu'ê que tu faz aí↑...aí focô a lanterna não viu nada té pensava qu'era o companheiro que tava lá...aí focô a lanterna não viu...aí ficô com medo desceu foi pro mutá que meu irmão tava...aí chegou lá contô pra ele...que tinha ido uma pessoa lá falaram com ele focô a lanterna e não enxergô...aí meu irmão pensava qu'ele tava com medo disse mermo assim...fica'qui comigo que tu tá com medo...fica'qui↓...aí só que depois dessa hora em diante ele ficô inquieto...aí queria vim embora começou a insisti pra vim embora...aí meu irmão...ficô um poco brabo com ele...aí disse um hora lá vê↓... essa visage que tu viste...aí foram pra lá chegaram lá...não viram nada aí meu irmão disse mermo assim com essas palavra e se falô alguma coisa contigo por que não se aparece agora↑...aí quando ele disse isso deram uma::...pancada nele na nuca aí ele caiu aí...inda tava pensando qu'era gente botaram a lanterna pra todo lado não viram ninguém...aí pr'eles irem pra lá pra eles vararem pra comedia onde eles tavam eles tinham que i picando o mato pra quando voltassem irem se guiando pela picada...

¹ O código da entrevista está incompleto. Não há registro do lugar em que foi feita a gravação. Sabe-se apenas que a entrevista faz parte do acervo do Marajó, mas não exatamente em que município foi recolhida.

² Na fita há duas entrevistas. Ao final da transcrição de cada uma delas, estará registrado também o tempo de cada entrevista.

e nessa hora em diante eles voltaram não queriam sabê de picada de nada eles vieram correndo e apanhando...aí...mas/ aqui e acolá eles paravam e humiavam pensando qu'era gente mas não era ninguém...eles só pararam de apanhá quando chegaram no estradão...nessa época eles tavam desviado distanciado dos caminho de deus – são religioso – aí nessas hora no mato eles cantavam hino oravam...pregavam com medo da visage...mas não teve jeito apanharam mermo umas porrada valendo

P. e eles acham que aconteceu isso porque eles tavam desviados↑

If. não:: eles não imaginaram só que na hora eles se alembraram eles achavam qu'eles cantando e orando...fosse fazê com que a visage se afastasse né↑

P. mas aí depois eles não ficaram com nenhuma doen::ça↑ nada↑

If. não eles chegaram em em casa chegaram muito agitado é...lo logo qu'eles chegaram não puderam contá que tinha acontecido aí chegaram apavorado...aí nós também não sabia o que era cuidemo deles umas horas depois qu'eles puderam contá...inclusive tava o sinal mermo da...da mão na nuca dele...na costa

P. como era esse sinal↑

If. era tava o sinal dos cinco dedo né↑...de mão de home

((interrupção da gravação)) ((05 min.))

((A partir daqui inicia-se uma nova entrevista com um novo informante))

P. com'ê seu nome↑

If. (inc)

P. pode contá

If. mas sim...contá o quê a:: história da...da cobra↑

P. [cobra

P. é que o senhô viu né↑

If. [olha a...a cobra é o seguinte a cobra nós/ o:: vocês já entrevistaram o rapaz que viu ela não já↑

P. não nós inda vamos entrevistá

[If. não

If. pois'ê a cobra é um é um di/ um tempo disso a gente vai pra cachoeira do arari...aí saindo aqui na boca do rio gurupá...era cin::co e::...e dez né↑ a gente viu brilhá uma luzinha lá:: no lugá (inc) que vocês vão conhecê depois – acho que o B vai levá vocês pra lá – aí quando...aí nós fomo fomo quando chegamo lá:: mais em cima quando a gente viu aquele monstro assim boiado...mais ô menos uns vinte metro longe da da canoinha né↑...aí::...a gente viu aquilo aí eu peguei no/ numa lanterna qu'eu tenho qu'era pra focá aí uma senhora que ia no meu lado disse olha sentô aquilo...eu disse se sentô é a cobra né↑...aí a menina jogô a canoa pr'otro lado aí ela olhô pra trás disse olha boiô aqui atrás↑↑ ela (relô) de comprido...aquilo monstro mermo↑↑ grande mermo↑↑ aí foi veio embora pra pra baxo e nós saímos...e nós embora pra cima...então essa cobra o pessoal dizem que não existe mas existe sim...é verdade porque a gente já viu e diversas pessoas já viram...inclusive correu atrás desse rapaz...ele viu ela de PERTO mermo↑↑ que:: ela:: ela...só fartô sartá atrás dele...então:: é:: verdade mermo

P. mas ela não atacô o seu barquinho↑

If. não não atacô porque a:: ela té aqui eu acho qu'ela inda não ataca essa esse motorzinho pequeno...porque faz muito barulho sabe↑...então ela tava boiada então no caso que...ela viu que o motô ia passá muito perto dela ela sentô...

P. [hum hum
sentô e passô mas num/ inda'gora tava dizendo pro rapaz se ela tivesse...sentada no (lume d'água) por'exemplo...ela:: a gente passava por cima dela arriscava até'la...estorá com o barquinho...então é isso aí

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. mas o senhô sabe dizê assim mais ô menos o tamanho dela↑

If. [ah:: é é enorme...ninguém pode carculá...
porque o tamanho que a gente viu...lá...
de noite era mais ô meno um:: uns dois ô
três metros né↑ mas de artura parecia mais

P. [hum hum
ô menos um metro de artura fora d'água↑↑
agora o que tá pra pro fundo d'água↑...é::↑↑

P. [hum hum
aquilo parecia um búfalo do tamanho dum
búfalo assim...mas preto enorme assim...
então aquilo

P. [ela é preta é↑

If. [é...é preta...aquilo não era pau
porque a maré tava parada tava bem seca
bem baixa mermo parada...qu'ê dizê não
tava (inc) nem nada...aquilo sentô de
repente...e boiô pra trás da lancha...então aí
a gente?...diz qu'era a cobra

P. e o senhô viu assim os olhos::↑

If. [não não os olhos não porque:: a gente só viu mermo
quem::...viu os olhos foi o rapaz que...que viu ela e otro
senhô que...mora lá em cima que viu...os olho dela...nós
só vimo brilhá essa luzinha lá longe né↑ a gente não sabia
nem o que era...a senhora qu'ê a dona da lanchinha...quando
ela viu aquela luzinha brilhá lá:: longe mermo lá:: longe...
aí ela...pensô logo na cobra e quis mandá o rapaz pará o motô
e nós ficá lá na boca até o dia amanhecê né↑ mas aí ela::...
só com ela...aí nós seguimo...e fomo dá...dá certo com
a bicha...e é só o qu'eu tenho de contá da cobra...o o mais velho

P. [hum hum
contavam e tinham...aqui no gurupá tinha muito...tinha...agora::...
por...d'um certos anos pra cá depois que cresceu essa juventude
que não acredita em nada...aí sumiu tudo...é...mas que existia

P. [((risos))
existia (deus'ô livre↑↑) é até um lugá aí...aqui em terra...se
chamava portera era uma encruzilhada de estrada né↑...nessa
encruzilhada ninguém passava das seis horas em diante...se
passava jogavam pedra ô dava uma bofetada no camarada...e
deus'ô livre os velho contava minha mãe contava meu pai...
mas eu já não cheguei a conhecê...não cheguei a conhecê não...
e agora daqui pra frente aí é que não aparece se dissé pr'uma
criança ali tem uma visage ele qué i lá vê...é...olha labisome
por'exemplo eles di/ dizem qu'existe labisome...então o pessoal/
se dissé pr'uma criança ele qué i vê se::...qué vê o filho do labisome
((risos))

P. ((risos)) aí o o as visage ficaram até com medo

If. [eu:: a::cho que ficaram com medo...olha esse
negoço de encan::to também...isso existia
antigamente agora não existe mais qué dizê a gente
não sabe...se traspassô:: de:: porque o encanto é o
seguinte quando dobrava o encanto é pra cem
ano...ô mir'ano né↑...vamo vê que sabe se

P. [hum
agora nesse nesse milênio que vem...num vai
aparecê tudo de novo...porque a minha mãe

P. [hum::

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

conversava eu não sei se vocês já ouviram contá
muito do noratinho...um encantado qu'existia...
a mulhé teve duas cobrinha...foi sartado no rio
essas cobra cresceram um era o no o norato e o
otro era maria...mas como ela era muito ruim...
metia um:: um certo tempo metia muita embarcação
no fundo o irmão matô ela né↑...aí ficô só ele...então
isso:: a/ um tempo disso eu inda vi tarem contando...
qu'ele mora em cameté...em cameté tá quase pra
jogá:: a cidade toda no...no fundo porque é lá qu'ele
mora

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

P. e:: ele inda vive↑

If. [é disque vive...ainda existe esse noratinho...e tem muitos

P. [mas o qu'ele é↑

If. é uma cobra...é uma cobra...e:: foi:: nasceu d'uma mulhé né↑...e disque existe
esse noratinho ainda ele...fez muita coisa...tem um lugá por nome de canta galo
foi ele qu'encantô...porque tinha uma festa ele tava na festa...e::...namorô uma
moça depois d'uma certa hora ele...procurô aquerê dormi né↑...aí deu o dono da
casa deu um quarto pra ele e ele entrô pro quarto e a moça danada por causa dele
foi já olhá pelo...pelo fechadura da:: da porta tava só aquele monte de cobra...aí
ela deu um grito...e ele sê espantô se meteu tudo no fundo...aí encantô lá esse lugá...
lá disque (inc) vê o galo cantá:: vê o zoadá de música...quando faz a festa que foi a
festa qu'ele encantô...então é a história que a gente tem pra

P. [hum

P. mas aí o senhô acha né↑ que sumiu:: o senhô acha qu'essas histórias vão
voltá::↑

If. [bom esse esse encanto com certeza vorta...porque s'ele encantô com mir'ano...
vai dobrá agora mir'ano ele tem que aparecê...aqui no no marajó nós temo a
fazenda guajará...qu'é encantada...lá minha mãe morô lá:: era::...morô lá na
na fortaleza ela foi empregada muitos ano na fortaleza e fica próximo do guajará...
e lá ela contava que lá:: (tu vê) tudo...tudo tudo vê mermo - via nessa época né↑...
agora não vê mais...mas nessa época via - lá disque é uma fazenda uma grande
fazenda encantada...quem descobri essa fazenda vai ficá rico mas é lá lá tem otra
fazenda qu'e dum fazendero hoje em dia né↑...é do do senhô L...e:: então esse
guajará é muito famoso...existe esse negoço disque foi...uma vez lá::...apareceu...
uma uma moça né↑ pediu pro cara prum vaquero...desencantá ela...aí ele contô
qu'ela ia...era um um garrote qu'era o pai dela a vaca qu'era a mãe dela e ela
qu'era pra só pra ele (estocá) com a vara de ferrão...nela...ele ficava subido...
numa árvore...e quando foi na numa certa hora qu'eles venham...(inc) ele não teve
corage de...de fazê...aí passô aí ela disse qu'ele tinha dobrado os encanto dela não
sei com quantos...ano...e até aqui não apareceu mais né↑...então isso aí se:: se

P. [hum
existe vai aparecê daqui pra frente...é com certeza quando dobrá o::...o século...aí
deve aparecê... então é:: só né↑ isso quem contava era minha mãe e eu acho que::...
ela não mentia pra gente né↑

((interrupção da gravação)) ((08 min.))

ANEXO X

FITA KK06CL220397

(tempo de gravação: 16 min.)¹

P. k k zero seis vinte e dois do três de noventa e sete...pode falá seu (inc)

If. não eh:: eh:: o qu'eu ia falá era sobre a o começo e antes do de:: aparecê em casa a visão do boto né↑...dele mexê com a...família...ele já tinha um::...um passado qu'ele vinha saltava aí num porto que tem aqui...de lá ele ia embora então essa vizinhança aqui toda sempre cria assim negoço de des cachorro (né↑)...mas quando era (inc) nesse caminho que não é fácil...é o pessoal diz qu'ê ele que salta vai pr' aí começá (surrá) os cachorro...de lá ele vinha se enfiava n'água a gente via ele a zoadá dele n'água...mas ainda não tinha acontecido dele mexê com outras pessoa assim sabe↑ só ia surrando os...cachorro qu'ele topava por' aí e vortava...agora não depois desse tempo ele foi essa viagem qu'ele acertô lá em casa comigo...que se a gente não mata ele acho que a gente tinha morrido também né↑...e mais ô menos é isso né↑ que a gente tem pra dizê sobre o boto (ainda) né↑...ele chega lá no porto ele assobia e:: e::...faz aquelas...(gatimanha) dele né↑ mas ainda num inda num surgiu um caso como esse um...foi feito em casa né↑ que aconteceu mermo que...a gente não tinha sossego não↑↑...se nós não dá mermo tẽ pra...pra matá ele eu acho que:: o a mulhé tinha morrido pra mim era ela que tinha morrido (prímiero)...ô ela morria ô ela endoidava não sei mas alguma coisa não tava certo (o certo) qu'ela já tava ficando pálida pálida que não tinha jeito...tinha não tinha prazê na vida a vida era só chorá...já depois no dia qu'eu atirei o bicho quando ele saiu correndo...foi um desespero qu'ela quase cai da rede...sabe↑ foi acho que com aquela afrição né↑ ela dizia que modo que iam levando ela também assim sabe↑...af deus ajudô qu'eu vim de lá aí passei CACHAÇA nela e...deus ajudô que foi sentando aquilo e depois eu levei ela pr'uma outra pessoa aí começaram a benzê e::...ensinaram uns banho aí ela melhorô graças a deus e agora

P. [quantos anos ela tinha seu francisco↑

If. ela tá parece que nessa (inc) ela tava com...uns trin::ta:: e cin::co por' aí assim né↑ é

P. e que idade mais ô menos o senhô acha que tem...tinha o boto↑

If. eu o boto que a idade quê↑ dele↑ ah::

P. [sim If2 isso a gente não pode controlá porque a image

If. [não isso aí...é do boto era mermo que sê a dele

If. é eu não posso não posso calculá isso aí porque...é o qu'eu tô dizendo né↑ é uma pessoa...é uma pessoa...agora só qu'ele não fica de frente...eu...eu é:: quando eu dei com ele assim eh:: qu'eu atirei ele...mas eu atirei ele de costa... que quando eu foquei a lanterna ele tava de costa né↑

If2 [seu francisco e ele estava com algum chapéu na cabeça assim↑ deu pro senhô repará esse detalhe↑

If. não deu pra mim repará não porque é aquilo qu'eu tava falando pra vocês eu já tava também meio...sabe↑ porque s'eu tô s'eu tô no meu normal...é aquilo qu'eu disse quando eu saí qu'eu vinha no meu normal eu cheguei lá na na...perto da sala eu tenho que voltá porque não deu pra mim chegá mais na porta né↑...aí pra mim foi quando eu foi já foi preparado e...(na ocasião) qu'eu foquei a lanterna qu'ela clareô eu disparei porque com certeza ele ia também...sumi n'era↑ então não deu pra mim (verificá) bem agora eu tenho

P. [hum certeza qu'eu atirei um home...e era um home e era um home e tenho certeza qu'eu não errei...atirei...atirei cheio até porque eu tava perto mermo né↑↑ não tinha porqu'eu errá (tava no limpo)...e eu fiquei com medo mas eu eu depois eu fiquei com corage porqu'eu foquei a lanterna no lugá e não tava se fosse

¹ Na fita há duas entrevistas. Ao final da transcrição de cada uma delas, estará registrado também o tempo de cada entrevista.

um home não saía de lá...fosse uma pessoa...não saía não tinha porque saí

If2 [(inc)

P. seu francisco um home normal↑

If. normal sim sim

P2 seu francisco que que segurava o senhô quando o senhô ia entrá no quarto e que fez o senhô bebê cachaça↑

If. é é espece assim eu não sei ma/...tinha (modo de) um negoço que m'encontrava assim né↑ com medo com medo é:: um medo assim se/ é:: tô dizendo meu cabelo

P2 [(inc) If2 [(inc)

ficava assim que/ eu não eu perdi a o equilíbrio assim de mudá o passo...sabe↑
ficava assim modo...presa minha minhas pernas né↑ aí só sentia aquilo (inc)

P. [hum
m'encontrava aquilo

If2 parece tipo uma parede né↑

If. isso↑↑ só qu'eu queria i mas não tinha condição de mudá o passo aí pronto
ficava todo arrepiado né↑ aí com isso eu...pensei logo aquilo qu'eu falei
com certeza até eu vô apanhá hoje aqui dentro de casa né↑ aí foi obrigado

If2 [((risos))

eu...vim lá e me vingá d'uma...birita que tinha

P. [seu francisco

P. hum seu francisco me diga uma coisa o senhô diz que a sua esposa...o qu'ela
via era uma image igual a sua...e o senhô no momento que atirô nele o que que
o senhô viu↑ fo fora qu'era um home o senhô se viu↑

If. não

P. não↑

If. nele não

P. nele não↑

If. nele não...não porque é:: aquilo qu'eu falei porque ele tava de costa...agora...num

P. [(inc) If2 ele tava P. ah:: ↑↑
de costa

deveria sê mais alto que eu...não deveria sê mais alto do que eu

P. [não↑

P. mas era da sua cor↑ o senhô não lembra↑

If. é não lembro porque não ele tava vestido↑↑ ele tava vestido↑↑

P. [(inc) If2 tava todo de branco P. todo de branco↑

If. a vestimenta dele tava branca é...tava branca então a gente num num sabe s'era

P. [hum

moreno s'era claro né↑ porque tá vestido né↑ só enxerga...só branco né↑...aí
eu atirei...mas eu atirei assim...de costa e eu não sei dizê se o nariz dele era
comprido ô se não tinha nariz porque tava de costa né↑ agora qu'era um home...
era um home sem defeito algum com cabeça braço perna...e ropa...é...garanto

P. [e ropa ((risos))
porque foi o que aconteceu comigo se tí/ era meia-noite...quando isso aconteceu...
mas já decorrendo deze/ é:: dezesseis noite...qu'eu tava naquela peleja não dormia

LEIDO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

toda noite só querendo vê s'eu conseguia vê aquele negócio...já foi consegui na dezesseis noite

If2 [tu acha que isso faz mais ô menos uns vinte ano↑

If. é tá fazendo uns vinte ano sim porque a minha filha mais velha ela tá...já com vinte e dois...né↑...ê...e ela tava nessa época com um ano mais ô menos...ê... vinte e um é vinte e um ela já tá com vinte e dois...vinte e um anos...é vinte

If2 [vinte e um anos e um anos...então isso já já decorreu muito tempo também né↑ mas é o qu'eu tô dizendo inda custô muito depois qu'eu atirei ele custô muito pra gente se recuperá voltá como a gente era de primero em casa né↑ como a gente está:: agora graças a deus já vive bem...que a mulhé não ficava mais sozinha não↑↑... não tinha jeito não tinha jeito não

P. e onde era o nome do local exato que vocês moravam (quando) aconteceu esse fato↑

If. era aqui mesmo nesse

P. [aqui na região do acari é...gurupá↑

If2 [do gurupá

If. do gurupá era logo aqui é é no mermo...é na merma área...né↑ só que não era essa casa era uma outra

P. [era outra (habitação) ↑

If. era outra casa sabe↑ mas era'qui nessa merma área não tem vinte metro daqui pra lá qu'essa área aqui é nossa né↑...é então a gente sempre...morou aqui mermo sabe↑ nós só trocamo de de casa porque:: essa de lá...a gente passô pra cá um poquinho

P. [porque↑ If2 só trocô de lugá mais pra frente...é...mas é logo aqui pertinho mermo...na merma distância daqui pro porto num num tem nada de diferença mais de que isso não...porque é aquilo qu'eu tô falando porque é noite né↑ senão eu ia mostrá pra vocês...mostrava o lugá...aonde foi qu'eu atirei...podia mostrá pra vocês né↑ a distância...que agora á noite fica difícil da gente i lá né↑ mas se vocês...se interessarem vocês quiserem vi de dia...vocês me avisam - porque a gente quase não para né↑ - aí vocês me avisam pra vocês não darem um uma viagem em vão...eu espero e vô mostrá pra vocês com'ê...aonde foi

If2 o local que tu atirô

If. [aond'eu atirei eu posso mostrá pra vocês...posso

((interrupção da gravação)) ((07 min.))

KK06CL230397

P. garapê da roça vinte e três do três de noventa e sete...qual é seu nome↑

If. alfredo neto batista da cunha

P. pode contá

If. alfredo/ quem pra mim contá o que aconteceu↑

P. hum hum

If. foi no...no porto santo né↑ município de de ponta de pedras...eu saía...das oito das oito pras nove horas da noite...(pr'arredá) e aí quando...eu já tinha dado (bem redada)...e quando eu...fui olhá pro lado de cima aí eu pressenti aquela luz que vinha dentro d'água né↑...aí...eu peguei virei o casco pra bera e cismeí que devia sê a cobra...fui pra bera...foi na hora qu'ela me atacô aí eu remei remei quando eu cheguei na...ia chegando na bera o casco ia dando de encontrado na pedra aí eu peguei...desviei e saltei na hora qu'eu saltei aí ela chegô...próximo da bera...aí eu...eu peguei...fiquei olhando pra ela aí focava a lanterna na...na

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

(face) dela e apagava e aí duas vezes...aí eu peguei resolvi sai pra terra peguei sai pra terra correndo...cheguei lá...na casa dum rapaz lá...aí eu fui na casa do meu primo ele não tava...aí eu a fim de pegá uma arma né pra mim dispará um tiro nela por causa que...a minha intenção era matá ela mas só que aí num... num tinha aquele aquele meio pra mim matá ela peguei vim quando eu eu a menina chegô a me dá...a S chegô a me dá a arma e aí eu eu destrocei quando eu cheguei na bera ela já tinha sentido

P. e como ela é↑ assim o tama::nho↑ o senhô pode dizê assim mais ô menos↑

If. olha ela (regolava) a minha grossura no pescoço agora...agora...eu eu tenho a certeza que...no meio ela deve tê (regularmente) da grossura do minitizero

P. assim mais ô menos quantos palmos assim↑ não sabe dizê↑

If. não isso daí a gente fica difícil de acertá por causa que não a gente não vai vê um bicho desse assim seco né↑

P. hum hum...mas ela era grande↑

If. é grande a cobra

P. e o que o senhô viu primero foi os olhos↑

If. foi ela dá o olho (na natureza) sem sê preciso luz.

P. hum hum...e como era assim mais ô menos o tamanho desses olhos dela↑

If. olha parece sê igual um vagalume

P. mas era grande↑

If. não não é muito grande não é bem pequenino os olho dela de noite aparece na escuridão

P. mas (ai) ela foi pra lhe atacá:: ↑

If. não ela...ela veio com vontade de me atacá mesmo porque s'eu não vô pra

P. ô só viu assim↑
bera acho qu'eu não era mais sobrevivente

If2 alfredo tu tava quantos metros da bera mais ô menos↑

If. eu

[[
If2 cem metros duzentos metros da bera↑

If. eu acho qu'eu tava uma faxa d'uns...uns vinte metro se tivesse...s'eu tivesse mais longe ela tinha me atacado mesmo...(inc) não tinha jeito

If2 (inc)

P. e que horas mais ô menos foi que que aconteceu isso↑

If. olhe depois qu'eu entreguei a arma pra...pra S passava oito minuto da meia-noite... depois que aconteceu (o fato)

P. e o senhô...ê:: como o senhô diz foi no rio mesmo aqui perto foi numa parte funda
ô numa parte assim↑

If. é foi no no baxo arari no município de ponta de pedras né↑...parte funda...parte de pedras

P. hum...e depois disso o senhô num num viu mais↑

If. não eu não vi mais porque vim m'embora pra cá né↑ pra donde eu eu moro aí...
e só fui lá praticamente já por passeio já fui duas vezes só lá

P2 ela faz algum ruido↑

If, ruido $\uparrow$

P2 é ela faz algum tipo de barulho quando aparece↑

If. não...ela vem em silêncio

P2 hum

P. aí a pessoa que vê de noite só aqueles olhos brilhá:: ↑

If. é na hora que:: a gente pressente qu'ela tá perto mesmo aí a gente vê ela na escuridão né↑

P. e ela ficô assim o senhô só viu na água ô ela ela se levan::tô:: ↑

If. se levantô uma faxa...duns dois pr'os três metros fora d'água o pescoço dela

P. só ficô olhando vocês↑

lf, foi

P. e o senhô sabe assim fazê com o braço assim mais ô menos a grossura dela do da parte qu'ela se levantô↑

If. ah deve tê minha grossura né↑...do pescoço

P. e assim deu pro senhô vê assim a a o rosto dela assim como e:ra↑...assim
s'ela tinha presa alguma coisa↑

If. não isso daí não dava pra diferença porque era de noite...e além de tudo a a lanterna qu'eu tinha era de dois elemento não tava uma pilha forte

P. mas o senhô tem certeza qu'era a cobra↑

If. era a cobra...não era brincadeira não porque...é verdadeira não é mentira...e eu peço

If2 verdadeira mermo
 pras pessoa que...andam pela bera do arari que mariscam de noite que prestem
 atenção que...s'eu estô vivo é porque deus é bom

P2 e o espaço entre os olho dela↑...qual é↑

If. (inc) um palmo e uma chave...de:: um olho pro otro

P2 pro otro

P. que cor é esses olhos↑

P2 (inc)

If. eram bem verde

P. e quanto tempo assim o senhô acha que mais ô menos ela passô assim lhe obse/
porque ela já vinha lhe be bese observando lon::ge né↑ e o senhô...foi que viu depois

If. eu digo que desde quando eu foi pra parte de fora ela já tinha me...me...me observado há muitos....praticamente eu digo que desde da volta do do arari ela já tinha me me beservado...né↑ d'eu tá lá fora de noite na escuridão ela já tinha me enxergado que tempo já

P. e o senhô estava sozinho pescando↑

If. estava sozinho...porqu'eu sô um ser humano qu'eu só tremo a deus eu...ando de noite pela passo lan lanterna... não...não tenho medo de nada agora só que nesse dia eu já senti um poco de nervoso foi quando...a S não queria me dá arma por causa que aí eu...minha vontade era...acabá com

I12
 arma por causa que a eu...
 (inc)
 ela mas só que ela num...num queria me dá por causa
 qu'ela tinha medo de acontecê alguma coisa comigo era isso

P. a S é sua esposa↑

If. não é::

[
If2 esposa do V

P. hum

If. esposa do V do meu primo

P. e o senhô tava perto dessa casa do seu primo↑

If. tava bem defronte

P. dentro do barco quem estava↑ o senhô↑ a esposa do V↑

If2 não só ele aí saltô pra terra pra procurá arma

[
If. não P. ah:: tá:: ↑↑...o senhô tava sozinho
no barco mariscando↑

If. no casco

If2 no casco (inc)

If. é naquele mesmo casco...que (inc) agora

[
P. hum hum

P. e e além disso o senhô já tinha visto assim alguma outra coisa no rio↑

If. eu já tinha visto por causa que qu'eu tinha tirado palmito...lá no (tacuã)...
e com mais de meia-noite eu foi passá por causa da (totalidade) da maré...
com um irmão meu e quando nós vimo eu também vi essa luz...no meio
do rio né↑ por debaixo de trovão...e eu chamei todos os companheiro
que tavam lá...e eles chegaram vê e aí quando apareceu uma embarcação...
aqui na volta do arari aí aquela luz foi foi...aí sentô a gente não vimo mais
depois que a canoa passô

P. e além do senhô outras pessoas já viram↑...o senhô tem notícia disso↑

If. olha aconteceu depois de mim...qu'eu já falei mesmo que realmente
foi a minha mãe que contô né↑ aqui em casa pra gente foi um tio meu qu'ela
ia atacando lá em cima de noite

P. mas agora esses dias↑

If. foi depois de de mim que aconteceu o fato né↑ qu'ele saiu um um porquinho
do chiquero...e ele foi...pegá o o animal e com a (inc) qu'ele caiu n'água quando
ele chegô em cima da ponte qu'ele foi olhá pro lado de cima aí ele viu aquela luzinha
de novo (vindo) né↑ aí então...os sobrinho dele tavam pra cima pra casa dum...do
tio dele...e quando eles...ele quis falá assim é quando vocês chegarem na bera...
pegam a minha canoa e tragam pra bera – que tava lá fora no (mará) né↑ - mas

[
P. hum
só que aí ele...não chegô falá aí quando ele foi olhá ele já viu a a luz tá...alta de novo
na bera...ele pegô...voltô...ele cismô qu'era cobra ele voltô pegô a lanterna que
quando ele chegô na bera de volta...aí foi na hora qu'ela tava esperando ele soltô
pitiú em cima dele...aí ele ficô...querendo baldiá...aí ele voltô pra casa...e de lá

[
P. ah↑↑
de dentro da casa ele focava a lanterna – qu'ê perto né↑ - aí e::...a (inc) qu'ele ficô
querendo baldiá lá na casa aí ele pegô não veio mais pra bera...aí ela...foi embora

P. e você sentiu esse mesmo pitiú também↑

If. não eu não cheguei a senti porque:: eu analisei antes...os pensamento né↑

[
P. hum hum

P. aí não deu pra chegá muito perto pra senti o chero dela↑

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

If. é na realidade ela quando ela veio de fora atrás de mim ela parô mais ô menos uns dez metro...longe da bera mas só que aí eu:...acho que meus pensamento tavam mais forte do que o dela porque aí eu...não fiquei...parado por'acaso pra ela me mundiá eu...distorci logo e fui m'embora

P.

[
hum hum...nem olhô pra trás↑ nem viu
s'ela continuô lá:: ô s'ela tinha ido embora↑

If.

[
não porque aí eu sai
correndo né↑

P. hum hum

((interrupção da gravação)) ((09 min.))

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.